

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

BRUNO JOSÉ GABRIEL

**O FUTEBOL DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA: UMA ANÁLISE DAS
COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO (1991 – 2016)**

**PONTA GROSSA
2020**

BRUNO JOSÉ GABRIEL

O FUTEBOL DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA: UMA ANÁLISE DAS
COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO (1991 – 2016)

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais
Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta
Grossa (UEPG).

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas
Junior.

PONTA GROSSA
2020

G117 Gabriel, Bruno José

O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da Folha de S.Paulo (1991 - 2016) / Bruno José Gabriel. Ponta Grossa, 2020.

221 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior.

I. Futebol feminino. 2. Jornalismo esportivo. 3. Folha de S.Paulo. I. Freitas Junior, Miguel Archanjo de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 070.4

TERMO DE APROVAÇÃO

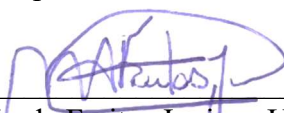
BRUNO JOSÉ GABRIEL

“Sexistas ou não, eis a questão? Análise das coberturas esportivas da Folha de S.Paulo sobre o futebol feminino (1991-2016)”.

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 20 de novembro de 2020.

Assinatura pelos Membros da Banca:



Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior - UEPG - PR - Presidente

Prof. Dr. André Mendes Capraro - UFPR – PR - Membro Externo

Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti – UTFPR – PR - Membro Externo

Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo – UEPG – PR - Membro Interno

Prof^{ta}. Dr^a. Karina Janz Woitowicz - UEPG – PR - Membro Interno

Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli – UFPR – PR - Suplente Externo

Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes – UEPG - PR - Suplente Interno

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos na minha trajetória.

Às políticas afirmativas que contribuíram para que um homem humilde pudesse se tornar doutor.

À minha família, especialmente ao meu pai, Marcos Gabriel, pela estrutura, amor e paciência.

À minha companheira, Adriany Barboza Martins, por sonhar o meu sonho e pela compreensão nos momentos de angústia.

Ao professor doutor Miguel Archanjo de Freitas Junior, pela boa orientação.

Às professoras doutoras Silvana Vilodre Goellner e Karina Janz Woitowicz, pelas significativas contribuições.

Aos professores doutores André Mendes Capraro, Luiz Alberto Pilatti, Gonçalo Cassins Moreira do Carmo e Jorge Dorfman Knijnik, pelas significativas contribuições.

A todos os funcionários da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pelo carinho.

Ao Colégio Emília Erichsen, pelo apoio, carinho e exemplo na gestão de pessoas.

À Fundação Araucária, pela bolsa concedida.

RESUMO

Os objetivos deste estudo foram descrever e analisar como a seleção brasileira feminina e as suas jogadoras foram representadas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, entre os anos de 1991 e 2016; assim como a visibilidade do futebol feminino e a sua relação com essa equipe. Para tanto, utilizou-se o método nomeado Análise de Conteúdo, pois esse é um guia para análises de vários tipos de discursos, dentre esses o jornalístico. Os resultados mostraram que as convocações, os treinos e os jogos foram abordados. As descrições dessas abordagens enfatizaram as lógicas dos treinos, os *status* e as identidades coletivas e individuais, as divulgações e os resultados dos jogos, as dificuldades das jogadoras e a sobreposição delas aos homens. O futebol feminino foi publicado em 632 textos, o terceiro esporte com mais visibilidade entre os 47 esportes femininos que apareceram, apenas sobrepujado pelo basquetebol (1290) e pelo voleibol (2423). Com base nesses dados, conclui-se que o foco da cobertura esportiva do jornal é o desempenho coletivo e individual, e não a aparência física das jogadoras, que também não são inferiorizadas perante os futebolistas. O futebol feminino não é pouco visível, e o período de maior aparição do esporte, na segunda década dos anos 2000, está relacionado com a ascensão performática da seleção brasileira e a presença de ídolos e polêmicas na equipe.

Palavras-chave: Futebol feminino. Jornalismo esportivo. Folha de S.Paulo.

ABSTRACT

The aims of this study were to describe and analyze how the Brazilian female team and its players were represented in the Sports section of Folha de S.Paulo, between the years 1991 and 2016; as well as the visibility of the women's soccer and its relationship with this team. For this purpose, the method called Content Analysis was used, as this is a guide for analyzing various types of discourses, among them the journalistic one. The results showed that the call-ups, the trainings and the matches were covered. The descriptions of these approaches emphasized the logic of training, the status and collective and individual identities, the disclosures and results of the matches, the players' difficulties and their overlapping with men. Women's soccer was published in 632 texts, the third sport with the most visibility among the 47 women's sports that appeared, only surpassed by basketball (1290) and volleyball (2423). Based on these data, it is concluded that the focus of sports coverage of the newspaper is the individual and team performance, and not the players' physical appearance, who are also not inferior to footballers. Women's soccer is not hardly visible, and the period of greatest appearance of the sport, in the second decade of the 2000s, is related to the performance rise of the Brazilian team and the presence of idols and controversies in the team.

Keywords: Women's soccer, Sports journalism, Folha de S.Paulo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorização dos textos publicados em 1991	34
Tabela 2 – Categorização dos textos publicados em 1995	39
Tabela 3 – Categorização dos textos publicados em 1996	52
Tabela 4 – Categorização dos textos publicados em 1999	61
Tabela 5 – Categorização dos textos publicados em 2000	69
Tabela 6 – Categorização dos textos publicados em 2003	83
Tabela 7 – Categorização dos textos publicados em 2004	99
Tabela 8 – Categorização dos textos publicados em 2007	117
Tabela 9 – Categorização dos textos publicados em 2008	133
Tabela 10 – Categorização dos textos publicados em 2011	146
Tabela 11 – Categorização dos textos publicados em 2012	159
Tabela 12 – Categorização dos textos publicados em 2015	166
Tabela 13 – Categorização dos textos publicados em 2016	172
Tabela 14 – Textos publicados e as suas percentagens no caderno Esporte da Folha de S.Paulo sobre futebol feminino (1991 – 2016)	182
Tabela 15 – Números e percentagens dos textos publicados no caderno Esporte da Folha S. Paulo sobre esportes femininos de 1991 a 2016	185

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	A DELIMITAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	14
2	PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	15
2.1	ARTICULAÇÕES TEÓRICAS: AS TEORIAS DOS CAMPOS, DO JORNALISMO E AS PARTICULARIDADES DA FOLHA DE S.PAULO	15
2.1.1	Sociedade, campo, capital e <i>habitus</i>	15
2.1.2	Jornalismo e as particularidades da Folha de S.Paulo	22
2.2	APONTAMENTOS SOBRE A APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	27
3	AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990	34
4	AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA DÉCADA DOS ANOS 2000	69
5	AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA DÉCADA DOS ANOS 2000, E A VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO	146
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
	REFERÊNCIAS	196

1 INTRODUÇÃO

Os esportes claramente sobrepujam os limites territoriais dos espaços nos quais os confrontos acontecem por meio de práticas sobre esses realizadas, como pode ser constatado nas coberturas jornalísticas dos diversos veículos de comunicação. O jornalismo que as produzem é muito condicionado por disposições da sociedade e do campo jornalístico, não sendo, consequentemente, isento, imparcial, neutro. Esse constrói realidades sociais, as revestindo com sentidos, e as oferta aos leitores, aos ouvintes e aos telespectadores. Ademais, os distintos jornais têm particularidades produtivas, construindo, então, acontecimentos singulares a partir de fatos únicos. (BORELLI, 2001, 2005; RODRIGO ALSINA, 1989; TRAQUINA, 2005).

O jornalismo esportivo, uma das especializações do campo jornalístico, constituiu um estilo próprio, desdobrado em uma linguagem atrativa, com manifestações subjetivas acentuadas, comum e acessível a todos os públicos. Essa especificidade tornou o discurso do jornalista esportivo, manifestação prática do seu *habitus*, mais passível de expor elementos simbólicos da cultura na qual esse agente está inserido – machismo, racismo, sexismo. (BORELLI, 2002; GASTALDO; LEISTNER, 2006; ROJAS TORRIJOS, 2012).

Os discursos jornalísticos são poderosas influências pedagógicas, que variam em função dos capitais simbólicos dos agentes que os manifestaram, na legitimação das realidades criadas por eles, sejam essas concernentes ou transcendentais aos esportes. Tais realidades sociais são desdobradas em crenças, cultura, identificações, identidades, mitos, opiniões, representações, significados, significantes, *status*, valores. (ABRAHÃO, DI BLASI; SALVADOR, 2007; CROSSMAN; VICENT; SPEED, 2007; GABRIEL, 2015; GASTALDO, 2000, 2003; LUMPKIN, 2009; SILVEIRA, 2007; SOUZA; KNIJNIK, 2003; TUGGLE; HUFFMAN; ROSENGARD, 2007).

Neste sentido, as coberturas esportivas do futebol feminino tiveram três perfis temáticos, ambos observados nos estudos que as definiram como objeto. Quais sejam: 1) discursos mistos; 2) discursos não sexistas; e 3) baixa visibilidade.

Ao analisarem como essas coberturas de veículos de comunicação descreveram o futebol feminino, alguns autores constataram que os textos oscilaram entre focar a sexualização¹ das jogadoras, e os desempenhos delas, as inferiorizar ou as valorizar.

¹ A aparência, em geral, e a beleza, especificamente, constituem essa categoria, conforme Duncan e Messner (1998).

Salvini e Marchi Júnior (2013a) observaram que, entre 1980 e 1990, a Placar tinha uma seção dedicada à opinião dos leitores, na qual as simpatizantes do futebol falaram das possibilidades esportivas femininas, do direito em o praticar, da homossexualidade e da masculinização. Por outro lado, a estruturação desse esporte, no Brasil, demorou a ganhar espaço nas páginas da revista. Já as Globetes, cujo objetivo precípua era a estética das futebolistas e a feminilização delas precedentes aos jogos, foram enfatizadas, embora as imagens que acompanharam os textos tenham sido de desempenhos.

Martins e Moraes (2007) detectaram que, antes dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, a Folha de S.Paulo publicou uma coluna, intitulada “O tedioso futebol feminino”, considerada preconceituosa. O colunista disse que a participação da seleção feminina nessa competição não proporcionaria efeitos sociais semelhantes aos da seleção masculina. Entretanto, esse jornal e o O Estado de São Paulo divulgaram a futura participação olímpica dela.

Durante o torneio, as coberturas dos dois jornais pareceram enfatizar os corpos das mulheres, as adjetivando negativamente e as comparando com os homens. No entanto, conforme as brasileiras venciam os jogos, a ênfase dos textos foi sendo direcionada aos desempenhos técnico, tático e disciplinar, e aos *status*, articulados às adjetivações positivas além das direções classificatórias e profissionais futuras.

Ferretti et al. (2011) notaram que, durante os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, algumas publicações do caderno Pequim secundarizaram o desempenho e o esforço da seleção brasileira. Em uma delas, a emotividade feminina foi enfatizada. As fotos dos textos as erotizaram, mas menos do que as atletas de outros esportes. Em oposição, *performances* técnicas, táticas e disciplinares da equipe, elogios pelos resultados, mesmo sem apoios institucionais, elementos biográficos de Marta e a valorização das mulheres em relação aos homens foram enfatizados.

Januário, Veloso e Cardoso (2016) observaram que as coberturas dos portais de notícias Globoesporte.com, NE 10, Diário de Pernambuco, Folha PE e Leia Já sobre a Copa do Mundo de 2015 abordaram os jogos e os seus efeitos (lances, gols, placares, classificação). Nessas descrições, sexismos e estereótipos de gênero não foram observados, mas houve falta de análises performáticas, presentes nas coberturas do futebol masculino. Marta foi a protagonista de alguns textos, sendo apontada como estrela, o que invisibilizou as outras jogadoras. As vitórias das seleções foram positivadas, mas a apresentação de elogios de homens a esses resultados retirou o destaque das mulheres. Por fim, as equipes e as atletas foram

também inferiorizadas, sendo desvalorizadas perante os futebolistas, ou enfatizada a estética corporal ao invés do desempenho delas.

Januário (2017) notou que as coberturas dos portais de notícias Globo Esporte, torcedores.com, SporTV, ESPN e Esportes UOL sobre a Copa do Mundo de 2015 informaram sobre os jogos (lances, gols, classificação). Em algumas dessas informações, Marta foi apontada como a representante da seleção. Os recordes, a tietagem dos fãs e os treinos dela foram também descritos. Todavia, os *status* de celebridade, aspiração e inspiração não foram atrelados à jogadora, igualmente a vida pessoal dela não foi abordada, ao contrário do que aconteceu com Neymar. Em outros textos, a realidade do futebol feminino no Brasil foi criticada.

Os seguintes autores constataram que os textos das coberturas analisadas enfatizaram os desempenhos e os seus adendos, os quais não diminuíram as jogadoras, majoritariamente. Salvini e Marchi Júnior (2013b) detectaram que, entre 2000 e 2010, a revista Placar abordou vários aspectos da trajetória da Marta: a dificuldade econômica no início da carreira, as atuações nos clubes e na seleção, as competições disputadas, o documentário biográfico, a habilidade, as premiações da FIFA, os patrocínios, os *status* (idolatria, sobreposição aos homens) e a representação dela no subcampo futebolístico.

Gabriel e Freitas Junior (2016) notaram que a cobertura do caderno Esporte da Folha de S.Paulo da seleção brasileira e das jogadoras, em 2011, abordou os treinos, a divulgação e os resultados dos jogos, e os desempenhos das atletas. Ademais, as premiações, os *status* e a superioridade das futebolistas sobre os jogadores foram também abordados.

Já Lourenço et al. (2019) constataram que a cobertura do caderno Esportes da Gazeta do Povo sobre a Copa do Mundo de 2015, em maio, junho e julho, informou sobre os jogos do Brasil, antes e depois das realizações, descrevendo os adversários, os resultados, as direções classificatórias da equipe, e a significância de três futebolistas, Cristiane, Marta e Formiga. Marta foi também enfatizada por ter assumido a artilharia de todos os Mundiais femininos. Por fim, eles ressaltaram que a seleção brasileira e as jogadoras não foram depreciadas e a estética destas não foi enfatizada.

A partir desses resultados, uma lacuna foi destacada, entre outras existentes, justificada, em parte, pelas delimitações espaciais e pelos escopos dos artigos. Essa foi a organização linear das coberturas analisadas,² enfatizando o que e como as equipes e as

² Mais especificamente, descrever e analisar os textos publicados cronologicamente, tendo anos específicos como referências.

jogadoras foram descritas ao longo dos períodos, ressaltando as continuidades e as rupturas,³ sem priorizações.⁴

Já alguns autores constataram que o futebol feminino teve baixa visibilidade nas coberturas dos veículos de comunicação analisados. Martins e Moraes (2007) notaram que, em maio, a Folha de S.Paulo fez duas publicações sobre futebol feminino, e O Estado de São Paulo nenhuma, visibilidade muito distinta da proporcionada ao futebol masculino. Em junho, a variação não foi significativa. Aquele jornal publicou um texto, e este dois. Já em agosto, mês dos Jogos Olímpicos de 2004, a Folha de S.Paulo efetivou 34 publicações, e O Estado de São Paulo 29, aumento decorrente, segundo os autores, do desempenho exitoso da seleção, vice-campeã.

Ferretti et al. (2011) observaram que a seleção feminina teve menos visibilidade do que a masculina no caderno Pequim da Folha de S.Paulo, de 05 a 25 de agosto de 2008, diferença que não foi apresentada. Ademais, os textos desta equipe tiveram mais palavras do que os daquela, 13.093 (52,1%) *versus* 10.267 (40,9%). As dimensões das fotografias foram inversas, 7.918 cm² (47,9%) e 7.775,5 cm² (46,9%). Os autores também apontaram, complementando, que a seção Esporte desse jornal, no mesmo período, não publicou textos sobre o futebol feminino clubístico. Já o masculino foi preponderante, sobretudo o futebol das séries A e B do Campeonato Brasileiro.

Gabriel e Freitas Junior (2016) detectaram que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo publicou 37 textos relacionados à seleção feminina, entre 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2011. Esse número foi considerado muito baixo, representando uma média de 3,08 publicações mensais. O seu período de maior visibilidade foi durante a Copa do Mundo (26 de junho a 17 de julho), com 13 textos. Os Jogos Pan-Americanos, em outubro, e o Torneio Internacional Cidade de São Paulo, em dezembro, também foram disputados, gerando nove e três publicações, respectivamente. Assim, no geral, a visibilidade do futebol feminino foi preponderante nos períodos competitivos - 67,57% do total.

A partir desses resultados, duas lacunas emergiram em formatos indagativos, entre outras existentes. Os dados desses estudos demonstraram que o futebol feminino teve baixa visibilidade nos veículos de comunicação, de fato? Essa condição pode ser ratificada sem comparações com outros esportes?

³ Assim, ao mesmo tempo o sexismo é considerado e transcendido.

⁴ Até um estudo maior condensou algumas abordagens. Gabriel (2015) priorizou as coberturas dos jogos eliminatórios disputados pela seleção feminina entre 1991 e 2011, condensando as abordagens precedentes.

A partir desta contextualização, dois problemas emergiram: 1) Qual foi a visibilidade do futebol feminino⁵ e a sua relação com a seleção brasileira no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, de 1991 a 2016? 2) Como essa equipe e as suas jogadoras foram representadas?

Os objetivos deste estudo foram descrever e analisar como a seleção brasileira e as suas jogadoras foram representadas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo,⁶ entre os anos de 1991 e 2016; assim como a visibilidade do futebol feminino e a sua relação com essa equipe.

A justificativa para a realização deste estudo esteve alicerçada em quatro pilares sustentadores interdependentes. O primeiro foi a correspondência entre o estudo do esporte no subcampo⁷ das Ciências Sociais na América Latina e uma reflexão das sociedades dessa região. (ALABARCES, 2000). Por quê? Porque estudiosos afirmaram que existe uma simbiose entre o esporte e a sociedade. Dito de outro modo, eles rechaçaram a ideia de que essas estruturas são contrastantes.

DaMatta (1982) disse que, quando certa compreensão sociológica do esporte performático e adulto do Brasil é efetivada, a possibilidade de interpretar melhor a sociedade brasileira aumenta sincronicamente. Para tanto, a posição sociológica tradicional, que constratou as “faces” “esporte/sociedade” e disse que aquele é o ópio do povo, precisa ser descartada, aceitando o seguinte:

O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou plano de atividades), sem referência à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa. Suas relações não são de <<estratificação>> [...], mas relações expressivas, dramáticas, onde começo e fim se rebatem um no outro; onde as regras [...] transformam-se em atores. Pois a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma dessas esferas é uma espécie de <<filtro>> ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se, num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa.

Cada uma dessas esferas é uma espécie de <<filtro>> ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se, num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa. (DAMATTA, 1982, p. 23-24).

Como uma atividade da sociedade, “o esporte é a própria sociedade” sendo exprimida “por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado”, o do esporte e do jogo. Neste contexto,

⁵ Para tanto, todos os textos que abordaram o futebol feminino de seleções nacionais foram coletados.

⁶ A grafia correta do nome do jornal é Folha de S.Paulo, com a abreviatura S. sem espaço antes de Paulo. Ver MANUAL de redação (2013).

⁷ Subcampo refere-se a uma dimensão subsumida de outra superior. A título de exemplificação, o subcampo futebolístico em relação ao campo esportivo. Sobre isso, ver Bourdieu (1983).

Rubio e Simões (1999, p. 51) disseram que o esporte é como uma “tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas peculiaridades sociais.”

De fato, os significados, as representações, as normas e as tradições e os valores da cultura brasileira, têm sido projetados no campo esportivo, e práticas interiores a esse corroboraram os antagonismos dos gêneros feminino e masculino. Knijnik e Souza (2004) argumentaram que esses foram reafirmados e redimensionados em diversos momentos, sobretudo com a penetração do esporte nos veículos de comunicação mundiais e a transformação desse na principal audiência midiática.

O segundo pilar foram os poderes dispostos pelos veículos de comunicação, conforme Gastaldo (2000; 2003), sobretudo os mais significantes do Brasil, como a Folha de S.Paulo. Então, esses são influentes na modelação da visão da sociedade sobre os esportes, as atletas, as mulheres e os tipos de participação esportivas aceitáveis para elas, tal como Crossman, Vicent e Speed (2007), Lumpkin (2009) e Tuggle, Huffman e Rosengard (2007) complementaram. Ademais, esses são influentes na remodelação de realidades, *habitus* e na cidadania.

O terceiro pilar sustentador foi a consideração do jornalismo como promotor da cidadania. As *práxis* dele foram convertidas em mecanismo privilegiado na formação de cidadãos conscientes com seus direitos e deveres no *locus* onde habitam. Além das técnicas, o conteúdo (o que se diz) e a forma (como se diz) das produções jornalísticas constituem a essência da objetivação ou não em a estimular, Assis (2012) completou.

O quarto foi a harmonização entre o objeto desta tese e os preceitos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (PPGCSA), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A área de concentração é Cidadania e Políticas Públicas, que está subdividida em duas linhas de pesquisa, quais sejam Estado, Direitos e Políticas Públicas e História, Cultura e Cidadania.⁸ Já os focos são a estruturação histórica e cultural das sociedades nacional e regional; a inter-relação entre estrutura social, cultura popular, identidades, linguagem, mídia e cidadania; e as práticas de sujeitos de grupos sociais, considerando as múltiplas das representações, das apropriações da cidadania e das participações (ou não) nas políticas públicas.⁹ Todos esses transversais a interdisciplinaridade.

⁸ Esta tese está alocada nesta linha de pesquisa.

⁹ Sobre isso, ver o site do PPGCSA.

1.1 A DELIMITAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DA TESE

Para alcançar os objetivos gerais, apresentados na seção anterior, o relatório desta tese foi delimitado em quatro capítulos distintos, entretanto interdependentes. Já a organização foi primeiro o capítulo titulado “Proposições teóricas e metodológicas”, no qual as teorias e o método adotados foram explicados.

Os outros foram empíricos. No segundo capítulo, titulado “As coberturas esportivas da Folha de S.Paulo da seleção brasileira na década de 1990”, os textos do jornal que representaram a seleção brasileira e as suas jogadoras nesse período foram descritos e analisados.

No terceiro, titulado “As coberturas esportivas da Folha de S.Paulo da seleção brasileira na primeira década dos anos 2000”, os textos do jornal que representaram a seleção brasileira e as suas jogadoras nesse período foram descritos e analisados.

Por fim, no quarto capítulo, titulado “As coberturas esportivas da Folha de S.Paulo da seleção brasileira na segunda década dos anos 2000, e a visibilidade do futebol feminino”, os textos do jornal que representaram a seleção brasileira e as suas jogadoras nesse período foram descritos e analisados, assim como as aparições desse esporte nas três décadas objetivadas.

2 PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

O objetivo deste capítulo foi explicar as proposições teóricas e metodológicas deste estudo. Para tanto, o relatório foi organizado em duas subseções.

Na primeira, a teoria dos campos,¹⁰ de Pierre Félix Bourdieu, foi articulada com as teorias do jornalismo e as particularidades Folha de S.Paulo. Na segunda subseção, a aplicação do método Análise de Conteúdo (AC), especificamente o sistematizado por Bardin (2011) neste estudo foi descrito.

2.1 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS: AS TEORIAS DOS CAMPOS, DO JORNALISMO E AS PARTICULARIDADES DA FOLHA DE S.PAULO

2.1.1 Sociedade, campo, capital e *habitus*

A teoria dos campos, escrita por Pierre Félix Bourdieu, designou a sociedade como um espaço global multidimensional, hierarquizado e conflituoso.¹¹ Essa também mostrou a dimensão relacional das diferentes posições ocupadas pelos agentes (individuais e coletivos) nesse *locus*. (BONNEWITZ, 2003). Sobre isso, Bourdieu (1996a, p. 18-19) afirmou que a diferença e a separação estão no fundamento da noção de espaço, “conjunto de posições” distintas, mas coexistentes, “exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento, e também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre; [...]”

De modo efetivo, quatro tipos de capital influenciam na hierarquização do espaço global multidimensional. Bonnewitz (2003, p. 53) esclareceu os capitais econômico, cultural, social e simbólico, e as propriedades distintivas deles da seguinte maneira:

- O capital econômico, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábrica, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais.
- O capital cultural, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Este capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadros, de obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como os títulos acadêmicos).
- O capital social, que se define essencialmente como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção deste capital implica um trabalho

¹⁰ Teoria dos campos de Pierre Félix Bourdieu. Tal designação é frequentemente adotada por diversos pesquisadores alocados em distintos subcampos científicos. Sobre isso, ver Pilatti (2000, 2006).

¹¹ Segundo Pilatti (2006, p. 1), de forma genérica, é possível dizer que “Bourdieu substitui a idéia de sociedade por ‘campos sociais’”.

de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum, etc.

- O capital simbólico, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com consequências efetivas.

Especificamente, essa organização é construída empiricamente por meio de uma diferenciação de distribuição criteriosa dos agentes, correspondente a dois princípios que consideram os capitais econômico e cultural. Esses são os mais eficientes para tanto, em sociedades desenvolvidas (Estados Unidos, Japão, França). (BOURDIEU, 1996a). As semelhanças e as dessemelhanças dos agentes estão relacionadas à proximidade nessas duas dimensões.

O primeiro princípio é o mais importante, distribuindo os agentes na vertical, considerando o volume global desses capitais disposto por eles. Aplicado na prática, os empresários e os professores universitários são opostos aos operários desqualificados e aos assalariados agrícolas, extremidades superior e inferior.

O segundo princípio distribui os agentes na horizontal, considerando as estruturas específicas dos capitais econômico e cultural, isto é, a relatividade desses no volume total de capital. Este diferenciador secundário permite explicar as clivagens internas entre aqueles que ocupam a mesma posição na dimensão vertical do espaço social. Aplicado na prática, os empresários (predominantes em economia) são opostos aos professores universitários (predominantes em cultura).

Essas duas diferenciações estruturam diferenças nos *habitus* e, por conseguinte, nos bens e nas práticas dos agentes. De maneira geral, o espaço de posições se retraduz em tomadas de posição pela intermediação dos *habitus*. Neste sentido, Bourdieu (1996a, p. 21, grifo do autor) disse:

[...] ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.

Uma das incumbências do *habitus* é dar conta dessa unidade de estilo que vincula os bens e as práticas e dos agentes. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as

características inerentes e relacionais das posições em estilos de vida uníssonos. Ou seja, em conjuntos uníssonos de escolhas pessoais, de bens, de práticas, de gostos, este autor suplementou.

Os *habitus* das classes são distintos e distintivos, praticando princípios de diferenciação diferentes ou utilizando de maneira diferencial os princípios de diferenciação comuns. Bourdieu (1996a, p. 22, grifo do autor) completou esta asserção dizendo o seguinte:

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas - o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro.

Os *habitus* individuais dos agentes são apenas variantes estruturais dos *habitus* classistas, expressando as singularidades das posições interiores das classes e das trajetórias sociais. O princípio das diferenças entre esses reside nas particularidades das trajetórias, que correspondem a séries de determinações cronologicamente ordenadas e irredutíveis umas às outras.

Habitus é, então, um conceito central da teoria dos campos, o que garante coerência entre as concepções da sociedade e do agente, e fornece mediação entre o individual e o coletivo. Por meio desta noção, surgiu uma teoria específica da produção social dos agentes e das lógicas de ação dele, conforme substanciaram Bonnewitz (2003) e Mosko (2007).

A socialização, realizando a incorporação do *habitus* de classe, produz a filiação classista dos agentes, a reproduzindo de modo sincrônico como grupo compartilhador do mesmo *habitus*. Todavia, além de base reprodutora da ordem social, princípio conservatório, o sistema de disposições pode tornar-se um mecanismo de invenção e, conseqüentemente, de mudança. (BONNEWITZ, 2003).

O *habitus* é estruturado e reestruturado continuamente pelas socializações que caracterizam as condições objetivas de existência e a faixa etária do agente,¹² mostrando que esse não é congelado. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, pensar e fazer, interiorizadas, funcionando como princípios inconscientes perceptíveis, refletivos e ativos. A interiorização é um mecanismo essencial, pois os aprendizados são considerados

¹² Neste caso para agentes individuais humanos.

óbvios, naturais, quase instintivos, permitindo a ação sem a obrigação de lembrar explicitamente as regras necessárias a observar para agir. (BONNEWITZ, 2003).

Entre as ações pedagógicas que os agentes podem sofrer, as mais decisivas são as precoces, aquelas efetivadas na infância, tendo como produto a incorporação de um *habitus* primário, duradouro. A família desempenha um papel predominante neste processo, e como essa ocupa uma posição na sociedade, a recepção da educação é, em geral, classista. Portanto, o *habitus* pode ser considerado um mecanismo de interiorização do exterior e de reprodução dessa exterioridade.

O *habitus* primário, então constituído, é a base perceptiva das experiências subsequentes dos agentes, condicionando a aquisição de novas disposições. Ao longo da história de vida são enxertados nesse *habitus* secundários, entre os quais é preciso destacar a importância particular do escolar, que tende a continuar e redobrar o familiar. Dito de outro modo, as novas disposições adquiridas são integradas às antigas, formando um único *habitus*, que se adaptará em função das necessidades inerentes às situações seguintes.

Neste sentido, Bonnewitz (2003) apresentou duas ressalvas importantes. A primeira ressalva foi que as características mencionadas implicam que as práticas e as representações dos agentes não são totalmente determinadas nem integralmente livres. Já a segunda ressalva foi que embora o *habitus* não seja congelado, esse não é formado e deformado incessantemente, apresentando forte inércia.

A teoria bourdieusiana considera que sociedade é multidimensional porque essa é constituída por vários campos, os quais têm homologias com aquele *locus*. Por isso, estes espaços são caracterizados por clivagens semelhantes às que opõem as diferentes classes.

Todos os campos (o artístico, o científico, o esportivo, o literário, o jornalístico, o político) estão alocados entre a sociedade e as produções culturais. Tais intermediários, onde estão inseridos os agentes e as instituições, produtores, reprodutores e difusores da arte, da ciência, do esporte, da literatura, do jornalismo, da política, são mundos como os outros, mas que obedecem a leis mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004).

Os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades são dependentes das posições nesses, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por eles). Tais espaços são caracterizados por propriedades específicas, mas também por leis gerais. Ou seja, leis de funcionamento invariantes, especificadas em virtude de variáveis secundárias (países, *locus*) fazendo com que as lutas pretendentes *versus* dominantes assumam formas diferentes.

Os campos designam espaços com relativas autonomias, microcosmos que têm leis próprias, não reducionistas às leis sociais externas.¹³ Se esses são submetidos às leis sociais, como o macrocosmo, essas não são as mesmas. Se aqueles jamais escapam às imposições deste, dispõem de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada, tal como Bourdieu (2004) completou.

Uma das dificuldades alusivas aos campos (ou subcampos) é precisar o grau de autonomia que ambos dispõem. Igualmente sobre as instituições. Outra dificuldade conexa é saber a natureza das pressões exteriores, a forma sob a qual essas são exercidas (créditos, ordens, instruções, contratos), e, por conseguinte, como as resistências que caracterizam a autonomia do campo são manifestadas. Ou seja, “[...] quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas.” (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Portanto, as alternativas “pura”, 100% livre de quaisquer necessidades sociais, e “escrava”, 100% sujeito a todas as demandas políticas e econômicas, são falsas. Os campos também fazem imposições, solicitações, que têm relativa independência das pressões da sociedade que os envolvem.

O grau de autonomia do campo tem como principal indicador o poder de refração dele, de retradução, sob forma específica, das pressões exteriores, tornando-as irreconhecíveis. Quanto maior for a autonomia, mais esse escapa das leis sociais exteriores. Inversamente, a heteronomia do campo é manifestada, em essencial, pelo fato de os problemas exteriores, especialmente os políticos, se exprimirem diretamente nesse espaço. Isso significa que as politizações dos campos, das instituições, não são indícios de grandes autonomias.

Quanto maior for a heteronomia do campo, mais a concorrência no interior dele é imperfeita, sendo mais lícito para os agentes intervirem com forças inespecíficas nas lutas específicas. Por outro lado, quanto maior for a autonomia campal, mais próximo de uma concorrência pura e perfeita, e mais a censura é absolutamente específica, excluindo a intervenção de forças puramente sociais. (BOURDIEU, 2004).

Os campos são também caracterizados pelas definições de objetos de disputas e de interesses específicos, irredutíveis aos alheios, e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nos espaços particulares. Para um campo funcionar, são precisas pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa.

¹³ Reduzir as leis de funcionamento de um campo às leis sociais exteriores significa cometer um erro de curto-circuito, conforme a teoria bourdieusiana. Sobre isso, ver Bourdieu (2004).

Outra propriedade dos campos (menos visível) é o fato de que todas os agentes engajados nos espaços particulares têm alguns interesses fundamentais em comum, a saber, todos os aspectos ligados à existência do campo. Ou seja, o acordo entre os antagonistas sobre o que merece ser disputado (deixado em estado de *doxa*), o jogo, os objetos de disputas, a crença no valor do que está sendo disputado, os pressupostos que são tacitamente aceitos, mesmo sem consciência, pelo simples fato de jogar, de entrar no jogo.

Todo campo é constituído por dominantes e dominados, forças e lutas para conservar ou transformar essas condições e a estrutura do espaço. Os agentes o criam, e este somente existe por eles e pelas relações objetivas estabelecidas entre eles. A estrutura dessas relações são os princípios dos campos, influenciando nas ações possibilitadas e impossibilitadas. Ou, com maior precisão, as tomadas de posição dos agentes são determinadas ou orientadas pelas posições ocupadas por eles no campo.

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes engajados na luta ou, “[...] se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores.” (BOURDIEU, 1983, p. 90). Essa estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, está também sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico.¹⁴

Os agentes que monopolizam o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade particular, característica do campo, em um estado da relação de força, tendem a estratégias de conservação do *status quo* – defesa da ortodoxia. Já aqueles que possuem menos capital (os recém-chegados, frequentemente) tendem a estratégias de subversão – as da heresia. A heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica, comumente ligada à crise, junto com a *doxa*, faz com que os dominantes saiam do silêncio deles, lhes impondo a produção do discurso defensivo da ortodoxia, objetivando restaurar o equivalente da adesão silenciosa da *doxa*.

Os recém-chegados devem pagar o direito de entrada, que consiste em reconhecer o valor do jogo e os seus princípios fundamentais. Eles são direcionados às estratégias de subversão que, entretanto, sob a pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites.

De fato, as revoluções parciais que são incessantemente efetivadas no campo não colocam em questão os fundamentos do jogo, a axiomática essencial dele, o alicerce das crenças últimas sobre as quais repousa o jogo inteiro. Ao contrário, nos campos de produção de bens

¹⁴ O capital específico tem valor em relação a certo campo, dentro dos limites desse, e é somente convertível em outra espécie de capital sob certas condições. Sobre isso, ver Bourdieu (1983).

culturais, a subversão herética reivindica o retorno às fontes, às origens, aos espíritos, às verdades do jogo, contra a banalização e a degradação que esses sofreram. (BOURDIEU, 1983).

Pelo conhecimento prático dos princípios do jogo, que é tacitamente exigido dos recém-chegados, a história dele está presente nas práticas referentes. Então, um dos índices mais seguros de constituição dos campos é, juntamente com a inter-relação entre as obras, a aparição de um corpo de conservadores de vida (biógrafos) e de obras (filólogos, historiadores) – “todas essas pessoas compactuam com a conservação do que é produzido no campo, tendo interesse em conservar e a se conservar conservando.” (BOURDIEU, 1983, p. 91-92).

Outro índice é a marca do campo na obra e na vida do produtor. Quando a obra é incompreensível sem o conhecimento da história do campo no qual foi produzida, existe efeito espacial. A sociologia que relaciona as obras diretamente às posições dos produtores ou dos clientes na sociedade, desconsiderando as posições deles no campo de produção, escamoteia as dívidas daquela ao campo e a história desse. Isto é, aquilo que a faz obra, seja essa artística, científica, jornalística. Um problema científico legítimo é um problema que os cientistas reconhecem (porque esse está inscrito na lógica histórica do campo) e que, devido ao reconhecimento da respectiva autoridade específica, tem todas as chances de ser reconhecido como legítimo.

A transformação sistemática dos problemas não é o produto de uma pesquisa consciente (e calculada, cínica), mas um efeito automático de vinculação ao campo e do domínio da história específica dele que essa implica. Ser cientista é dominar o que deve ser dominado na história da ciência para saber agir assim no espaço científico.

Bourdieu (1983) insistiu que o princípio das estratégias dos agentes não é o cálculo cínico, a procura consciente da maximização do lucro específico, mas uma relação inconsciente entre *habitus* e campo. As estratégias são ações objetivamente orientadas em relação a fins que podem não ser os fins subjetivamente almejados. A teoria do *habitus* objetivou fundar a possibilidade de uma ciência das práticas que escape à alternativa do finalismo ou do mecanicismo. Porém, a sociologia não pode ignorar o axioma do interesse, entendido como o investimento específico nas lutas, que é ao mesmo tempo a condição e o produto da vinculação a um campo.

O *habitus* é um sistema de disposições adquiridas pelas aprendizagens implícitas ou explícitas que funciona como um sistema de esquemas geradores. O sistema é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos dos autores delas sem terem sido concebidas para este fim.

O *habitus* é o produto da filiação social, sendo também estruturado, reestruturado e unificado em relação aos campos, constituindo a sua face profissional. O campo jornalístico supõe a existência de agentes dotados de *habitus* diferentes dos agentes inseridos ao científico, ao educacional, ao esportivo, ao político. Todos os campos exercem ações pedagógicas multiformes neles, que têm como efeitos os fazer adquirir os saberes indispensáveis a uma inserção correta nas relações sociais.

O *habitus* profissional é um ‘ofício’, um capital de técnicas, de referências, um conjunto de ‘crenças’, propriedades que se atêm às histórias (nacional e internacional) e às posições hierárquicas, ambas específicas, e que são ao mesmo tempo as condições de funcionamento dos campos e os produtos deles. Todavia, não integralmente, pois os campos podem se contentar em acolher e em consagrar certos tipos de *habitus* já mais ou menos integralmente construídos. (BOURDIEU, 1983).

2.1.2 Jornalismo e as particularidades da Folha de S.Paulo

O que é jornalismo, essência do campo jornalístico? Traquina (2005) formulou uma resposta para essa indagação, fragmentando-a em duas partes distintas, entretanto interdependentes. A primeira foi embasada em representações poéticas, já a segunda parte, nos pressupostos ideológicos dos jornalistas.

Poeticamente pode-se dizer que jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, [ao esporte], aos livros, aos *media*, à televisão, cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*. Os jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a realidade. Há verdade nesta afirmação. Existe um acordo tácito entre os que escolhem essa profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas [...] dever-se-ia acrescentar rapidamente que muitas vezes essa ‘realidad’ é contada como uma telenovela, e aparece quase sempre em pedaços, em acontecimentos, uma avalanche de acontecimentos perante a qual os jornalistas sentem como primeira obrigação dar resposta com notícias, rigorosas e se possível confirmadas, o mais rapidamente possível, perante a tirania do fator tempo. (TRAQUINA, 2005, p. 19-20, grifo do autor).

O jornalismo é um conjunto de histórias, sejam essas das vidas, das estrelas, dos triunfos e das tragédias. Isso porque, ainda segundo o autor, os jornalistas veem os acontecimentos como histórias e constroem as notícias com essa configuração.

Traquina (2005) também disse que o jornalismo tem relativa autonomia, sendo bastante condicionado por condições internas e externas ao campo jornalístico, como o tempo, os formatos, os dominantes das empresas, os negócios e a cultura transversal aos jornalistas. Neste contexto, Motta (1997, p. 318) afirmou que a “construção da notícia vai muito além dos fatos, envolve a arbitrariedade da criação pessoal do repórter, transcende mesmo a atividade jornalística para chegar até os mitos da sociedade.”

Berger (1997, p. 279) disse, ao reconhecer as influências externas e internas exercidas sobre o jornalismo, que o paradoxo está na justaposição da autodescrição da imprensa: abrangência, ética, independência, imparcialidade, isenção, neutralidade, objetividade, responsabilidade. Todos leitores que acompanharam alguma cobertura de reivindicação na qual eles estiveram envolvidos sabem por experiência que o jornal não foi isento. O veículo pode até ter trazido diferentes versões, mas a legenda na foto, o número de manifestantes, a palavra que designa o movimento e a edição nas páginas tomam posição. A autora completou: “E a posição negada em nome do princípio liberal de jornalismo – a imparcialidade – é que confirma a função que a história reservou à imprensa. A ela cabe, em última instância, organizar discursivamente o mundo como convém a quem o domina.”

O Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2013, p. 47) reconheceu que não “existe objetividade em jornalismo.” Ao escolher assuntos, escrever textos e os editar, o jornalista pratica decisões bastante subjetivas, “influenciadas por suas decisões pessoais, hábitos e emoções. Porém, isso não o exime da ‘obrigação de ser o mais objetivo possível’.”

Sobre ética, esse documento designou que o jornalista da **Folha** deve orientar a conduta dele pelos “mais altos princípios éticos da profissão”, que incluem nunca usar a profissão para ter vantagens pessoais e não escrever sobre assuntos de interesse particular. Ademais, ele deve recusar pautas de instituições com as quais tenha algum tipo de relação. O jornal não se compromete em publicar textos sobre assuntos de interesses alheios, utilizando “critérios exclusivamente jornalísticos”. O seu jornalista também não pode “participar de anúncio comercial”, “aceitar presentes de nenhuma espécie ou valor”, e pedir ingressos em eventos culturais. (MANUAL..., 2013, p. 42-43).

Essa discussão pode ser estendida para a construção dos acontecimentos pelo jornalismo. Borelli (2005) esclareceu que as teorias do jornalismo são ramificadas, basicamente, em duas direções. Uma que o reconhece somente como transmissor, defendendo

que esse, chamado canal ou suporte, é puramente neutro, um simples veiculador de realidades. Para esta direção, o jornalismo é apenas um lugar de passagem, fazendo simplesmente a mediação entre os campos da sociedade. Assim, basta o jornalista praticar algumas normas (objetividade,¹⁵ neutralidade, imparcialidade¹⁶),¹⁷ descritas nos manuais de redação, para ele efetivar o trabalho produtivo dele.

A outra direção, constituída por teorias desenvolvidas nas últimas décadas, reconhece o jornalismo como uma prática simbólica que não é neutra. A tarefa dele seria apontar as realidades por meio de pontos de vista específicos. Nesta, essa prática é entendida como construtora e ofertante de realidades, revestidas de sentidos.¹⁸ Os jornais, também considerando as suas particularidades, constroem então acontecimentos singulares a partir de fatos únicos.

Borelli (2001) coaduna com esta proposição, salientando que os veículos de comunicação produzem os acontecimentos sociais. As produções, ao apreenderem e interpretarem os fatos mobilizando rituais singulares, acabam os impregnando com os sentidos desejados. Por conseguinte, a autora valida a proposição de que as coberturas jornalísticas podem construir múltiplos acontecimentos a partir de fatos únicos.

Alsina (1989) também coaduna, salientando que os *mass media* tornaram-se um dos principais instrumentos de construção social da realidade. Segundo o autor, as coberturas dos jornais não se limitam a mediar a realidade para o público, pois atuam sobre ela, a direcionando ao fim objetivado, realizando ações, omissões, falas e silêncios conscientes ou inconscientes. Igualmente Bourdieu (1997, p. 28, grifo do autor), afirmando que “a simples narração, o fato de relatar, *to record*, como repórter implica sempre uma construção social da realidade”. Essa é capaz de exercer efeitos na sociedade de mobilização ou desmobilização.

A construção social da realidade é, então, efetivada pela aplicação de propriedades gerais do campo jornalístico, conforme Borelli (2002). Os gêneros jornalísticos e os seus constituintes são exemplares.¹⁹ Segundo Melo (1985), esses gêneros são as maneiras

¹⁵ Segundo Borelli (2005), uma das principais solicitações dos manuais de redação para os profissionais dos veículos de comunicação é a objetividade.

¹⁶ “Ainda que os veículos indiquem imparcialidade, é possível identificar seus perfis a partir do histórico de cada um, de suas inserções em conglomerados de mídia ou indústrias, das vinculações de seus proprietários com partidos e grupos empresariais e, inclusive, verificando esse aspecto nas sucessivas manifestações de suas ideias em editoriais e artigos opinativos.” (PONTES; SILVA, 2012, p. 58).

¹⁷ Sobre a abordagem dessas propriedades durante a história do campo jornalístico, ver Borelli (2005).

¹⁸ A produção de sentidos é efetivada pelo “estatuto da linguagem”, que não pode reproduzir a realidade, mas a construir, conforme Borelli (2005, p. 6) afirmou.

¹⁹ A autora também acrescentou a estruturação dos constituintes dos gêneros jornalísticos, especificamente a diagramação de páginas, o *lead*, os títulos, subtítulos, ao retratar as propriedades gerais do jornalismo e especificidades do jornalismo esportivo. Ela disse o seguinte: “Assim como o trabalho jornalístico como um todo tem suas próprias regras, com a cobertura esportiva não é diferente. Neste sentido, a cobertura esportiva é realizada com ferramentas gerais, do próprio jornalismo, e com ferramentas específicas do esporte. Isto é, as regras gerais

discursivas dos textos abordarem as realidades, estando subdivididos em dois tipos, o informativo e o opinativo.²⁰

No jornalismo impresso, a entrevista, a nota, a notícia, a reportagem e a reportagem especial/dossiê constituem o gênero informativo. A caricatura, as cartas do leitor, a charge, a coluna, a crítica, a crônica constituem o gênero opinativo, segundo Pontes e Silva (2012) explicaram.²¹

Já a singularidade da realidade construída é efeito da aplicação de particularidades daquele espaço social. (BORELLI, 2002). Os cadernos que conformam os jornais impressos e o tipo de jornalismo praticado por essas seções são exemplares.²² Os mais comuns são Política, Economia, Cultura, Esportes, Local/Cidade, Policial, Internacional,²³ no Brasil. Os autores completaram dizendo que esses também representam a organização dos jornalistas para construir a realidade. Dito de outro modo, aplicando a teoria bourdieusiana, eles têm *habitus* distintos, específicos, especializados.

O Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2013, p. 111) disse que o jornal “publica seu material jornalístico organizado em cadernos temáticos.” A seção esportiva, espaço de interesse, já o constituía em 1991, ano inicial da baliza temporal deste estudo.

Neste sentido, Rojas Torrijos (2012, p. 79, tradução nossa) salientou que o jornalismo esportivo ao longo da sua evolução está marcando tendências, criando um estilo próprio – “[...] baseado na cor, na originalidade e na espetacularidade de suas propostas – e proporcionando um novo modelo de apresentação das informações através de uma linguagem que é visualmente atrativa e é comum e acessível para todos os públicos.”²⁴ O autor ainda acrescentou que mediante essa fórmula, combinando informação com espetáculo, dados com emoções, através

(entrevistas com fontes, formas de apreensão, construção do lead, apresentação do título, texto claro e conciso, composição da página e outros valores exigidos pelos manuais de redação) valem para todas as editorias. Porém, o jornalismo acaba incorporando fatores característicos do esporte, como a descrição da ficha técnica em jogos, o uso de expressões características do campo competitivo (linguagem agonizante, de combate, mais despojada, em função do campo ser, sobretudo, entretenimento, etc.)” (BORELLI, 2002, p. 10).

²⁰ A classificação de Melo (1985) foi utilizada porque essa é uma das mais referenciadas no Brasil e tradicionais para representar o jornalismo no mundo, e simboliza, de alguma forma, os gêneros jornalísticos em todos os meios, Pontes e Silva (2012) completaram.

²¹ Todas as propriedades que constituem os gêneros informativo e opinativo foram definidas pelos autores. Ver especificamente o subtópico “(e) Diferentes gêneros” em Pontes e Silva (2012).

²² Pontes e Silva (2012, p. 60) utilizaram o termo editoria. Segundo eles, as “editorias são agrupamentos de textos jornalísticos voltados para um determinado assunto.”

Já o Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2013, p. 114) definiu editoria da seguinte maneira: “Unidade organizacional básica da Redação, responsável pela produção e edição do material noticioso de um determinado campo temático.

²³ Essas subdivisões independem das abrangências (local, regional, estadual e nacional). Sobre isso, ver Reis (2018).

²⁴ “[...] baseado en el color, la originalidade y la espectacularidad de sus propuestas – y aportando un nuevo modelo de presentación de las informaciones a través de un lenguaje que es visualmente atractivo y resulta común y accesible para todos los públicos.” (ROJAS TORRIJOS, 2012, p. 79).

de uma linguagem universal, consegue maior aproximação com o público. E que o sensacionalismo é um dos traços associados às práticas de grande parte dos veículos esportivos do sul da Europa, com formatos proximais aos tabloides.

Borelli (2002) afirmou que o caderno Esportes, na hierarquia dos jornais impressos, é o que tem maior relativa autonomia, havendo menos resistência nas suas coberturas do que nas coberturas dos cadernos Política e Economia. Por isso, o jornalista esportivo relativiza a utilização do manual de redação, documento que traduz em normas propriedades gerais do campo jornalístico. Essa prática é efetivada mediante a menor exigência de objetividade pelas instituições, permitindo mais manifestações subjetivas.

Gastaldo e Leistner (2006) destacaram que o discurso do jornalismo esportivo é constituído por especificidades, que precisam ser especificadas. Essa prática aborda um conjunto de fatos considerados menos importantes, os dos jogos, opostos à seriedade da vida cotidiana, do trabalho, da economia e da política. Os fatos esportivos pertencem à esfera do entretenimento, e a uma hierarquização secundária em relação às editorias nobres do jornalismo, refletindo na produção discursiva sobre esses. A subjetividade do jornalista esportivo é menos regulada pelas instituições, tornando os discursos dele mais passíveis de manifestar elementos simbólicos da cultura na qual esse agente está inserido²⁵ – machismo, racismo, sexismo.

As especificidades produtivas dos veículos de comunicação também singularizam a realidade construída. O Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2013) disse que o jornal produz informação e análise jornalísticas baseadas em quatro princípios editoriais, além de ética, objetividade. O princípio crítico designa que as realidades dos fatos são construídas de um ponto de vista crítico, comparando fatos, estabelecendo analogias, identificando atitudes contraditórias e veiculando diferentes versões sobre o mesmo acontecimento. O pluralista significa que as múltiplas interpretações provenientes de uma sociedade complexa devem ser publicadas no jornal. O princípio apartidário designa que o jornal não se atrela a grupo, tendência ideológica ou partido político, e procura adotar posição clara nas questões controversas. Já o moderno significa introduzir na discussão pública temas que não tinham ingressado nela, novos enfoques, preocupações e tendências.²⁶

²⁵ Manifestações eventuais de passionalidade na construção das realidades das colunas são constituintes desse gênero, Gastaldo e Leistner (2006) salientaram. Sobre isso, ver também Gastaldo (2005).

²⁶ A Folha de S.Paulo implantou o seu Projeto editorial em 1984, tendo como um dos objetivos produzir jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário. O Manual da redação foi criado no mesmo ano. Sobre isso, ver Cabral (2013).

Contudo, Cabral (2013, p. 130) salientou que é “possível identificar a assunção de determinados posicionamentos” nas matérias da Folha de S.Paulo, embora isso não seja indicado pelo manual de redação do jornal.

Neste contexto, Bourdieu (1996b) afirmou que os discursos dos agentes têm poderes para instituir realidades sociais e, por conseguinte, influenciar as possíveis interiorizações dessas. As internalizações acontecem quando credibilidade é atribuída aos discursistas, embasada nos capitais simbólicos deles, os autorizando nesse efeito.

Esses poderes, conforme Gastaldo (2000; 2003), estão localizados, em grande parte, no Brasil contemporâneo, nos discursos jornalísticos, sendo então relevantes influências pedagógicas secundárias, principalmente os discursos das coberturas²⁷ dos veículos de comunicação que possuem os maiores volumes de capital simbólico, como os da Folha de S.Paulo.

2.2 APONTAMENTOS SOBRE A APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Optou-se pela AC porque essa é um guia para análises de vários tipos de discursos, entre esses o jornalístico. O método²⁸ está organizado em torno de três polos cronológicos: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; e 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Segundo Bardin (2011), a pré-análise é a fase de organização propriamente dita, normalmente constituída por três missões, que não são sucedidas, obrigatoriamente, em uma ordem cronológica. Quais sejam, a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Essas missões são realizadas mediante os procedimentos das cinco subfases pré-analíticas. A primeira é a leitura flutuante, designação atribuída ao contato inicial e ao conseguinte conhecimento textual do documento a analisar pelo estudioso, o qual se deixa invadir por impressões e orientações.

Ao objetivar descrever e analisar como a seleção brasileira e as suas jogadoras foram representadas pelas coberturas dos veículos de comunicação impressos, de 1991 a 2016, o jornal Folha de S.Paulo foi escolhido como o único documento a ser analisado. A justificativa da

²⁷ Cobertura jornalística é o trabalho de apuração de um fato, o transformando em produto do jornalismo. Sobre isso, ver D.com - Dicionário de Comunicação Social.

²⁸ Bardin (2011) afirmou que a AC é um método. Por isso, adotou-se tal designação.

escolha foi alicerçada na legitimidade desse veículo, um dos diários de abrangência nacional mais influentes nesse período.

A legitimidade da Folha de S.Paulo foi constatada nos *rankings* de circulação de jornais feitos pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). O jornal assumiu a primeira posição do ranking em 1986, a mantendo durante 24 anos.²⁹ O Super Notícia, tabloide mineiro, o superpuiu em 2010, 2011, 2012, 2013. Já em 2014, 2015 e 2016, a Folha de S.Paulo retomou a liderança, considerando os números totais (impresso + digital).³⁰

Além dos dados de circulação, Santos et al. (2019, p. 191) ressaltaram que a Folha de S.Paulo é “um potente formador de opinião de pessoas formadoras de opiniões”. Por conseguinte, esse jornal está entre os veículos de comunicação com influência dominante no Brasil, tipo que é determinante no condicionamento da opinião pública nos diferentes países, conforme Pardo e Bodin (2012).

O contato inicial e o conhecimento textual da Folha de S.Paulo ocorreram por intermédio do seu acervo virtual, que disponibiliza todas as versões impressas do jornal digitalizadas para assinantes. Inicialmente, várias edições dos anos objetivados foram lidas na íntegra, direcionando as decisões da segunda subfase pré-analítica, denominada de escolha dos documentos.

Com a ratificação dessa escolha, optou-se por definir um *corpus*, conceituado por Bardin (2011) como o conjunto dos documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos, para este estudo. Por meio dos conhecimentos gerados pela leitura flutuante, e dos cadernos temáticos que constituíram o jornal, essa definição foi as colunas, entrevistas, notas, notícias e reportagens publicadas no caderno Esporte, textos constituintes dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo, de 01 de janeiro de 1991 a 31 de dezembro de 2016. Doravante, apenas esse caderno foi lido para a coleta dos dados.

Os critérios de inclusão foram os textos que abordaram a seleção brasileira, as suas jogadoras ou os assuntos correlatos (as seleções adversárias, comissão técnica, competições, dirigentes) de modo específico. Já as abordagens de clubes ou mistas (clube e seleção ou vários esportes) foram excluídas.

A justificativa da baliza temporal foi alicerçada em efetivações significantes da estruturação do subcampo futebolístico feminino no mundo, nos continentes e no Brasil. Em

²⁹ Sobre isso, ver também Cabral (2013).

³⁰ O IVC começou a também considerar as assinaturas das versões digitais dos jornais impressos a partir de 2014. Em 2015, a Folha de S.Paulo liderou a circulação total e a digital, mas perdeu a impressa. Nesta, o Super Notícia e O Globo, primeiro e segundo, respectivamente, a superaram. Sobre isso, consultar o IVC.

1991, ano inicial dessa delimitação, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) organizou a primeira edição da Copa do Mundo, na China. O Brasil a disputou, igualmente todas as edições seguintes, em 1995, 1999, 2003, 2007, 2011 e 2015.³¹

Nesse ano, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) também realizou o primeiro Sul-Americano,³² em Maringá, no Brasil. A seleção brasileira participou dessa edição, e de todas as edições seguintes, em 1995, 1998, 2003, 2006, 2010 e 2014, sendo hexacampeã.

Em 1999, a Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) incluiu o futebol feminino nos Jogos Pan-Americanos. O Brasil disputou todas as edições subsequentes, em 2003, 2007, está sediada pelo Rio de Janeiro, 2011 e 2015.³³

Em 1996, o Comitê Olímpico Internacional (COI) incluiu o futebol feminino no programa olímpico desse ano. O Brasil disputou as Olimpíadas, realizadas em Atlanta, nos Estados Unidos, igualmente as edições seguintes, em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.³⁴

Em 2016, os Jogos tiveram significância cultural adicional no Brasil, tendo o Rio de Janeiro como sede da XXXI Olimpíada, finalizando a limitação temporal. Obviamente, o prazo de realização deste estudo também influenciou nesta prática.

Vale acrescentar que, entre 1991 e 2016, a seleção brasileira também disputou outras competições menos significantes culturalmente, como a Copa Ouro, em 2000, e o Torneio Internacional de Futebol Feminino, em 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016.³⁵

A delimitação do caderno Esporte do jornal foi definida por dois motivos interdependentes. O primeiro foi o seu escopo, o esporte, ao menos em teoria, sendo então nutrido pelo jornalismo esportivo, que estruturou um estilo próprio no campo jornalístico, caracterizado, sobretudo, pelas manifestações subjetivas, conforme foi destacado por Rojas Torrijos (2012), Borelli (2002) e Gastaldo e Leistner (2006).

Já o segundo motivo foi o alto capital simbólico do caderno Esporte da Folha de S. Paulo perante os leitores e o campo jornalístico, reforçando a sua influência pedagógica nos

³¹ O Brasil também disputou a Copa do Mundo de 2019, realizada na França.

³² O Sul-Americano passou a ser chamado de Copa América a partir da edição de 2014.

³³ A seleção brasileira também disputou os Jogos Pan-Americanos de 2019, realizados em Lima, no Peru.

³⁴ A seleção brasileira conquistou a classificação para os Jogos Olímpicos de Tóquio, que seriam realizados em 2020, mas foram adiados para 2021 devido a COVID-19.

³⁵ O Torneio não foi organizado em 2017 e 2018, retornando em 2019 como Torneio Uber Internacional de Futebol Feminino.

habitus individuais e sociais dos brasileiros. Essa seção era uma das mais lidas³⁶ e premiadas³⁷ entre todas as que constituíam o jornal.

A constituição desse *corpus* implicou, como frequentemente acontece, regras, especificamente cinco, as que foram indicadas por Bardin (2011). A primeira foi a da exaustividade, a qual determina que todos os constituintes do *corpus* devem ser considerados após a sua definição. Portanto, nenhum texto deixou de ser coletado para não prejudicar a análise. Essa foi complementada pela segunda regra, a não seletividade, então todos os textos que corresponderam aos critérios definidos foram incluídos no *corpus*.

A terceira foi a representatividade, a qual determina que a análise pode ser realizada em uma amostra desde que o documento possibilite isso. A amostra é considerada rigorosa quando é representativa do universo inicial, permitindo generalizações dos resultados. Neste sentido, optou-se pela coleta de 100% dos textos, e não pela amostragem.

A quarta regra foi a da homogeneidade, a qual determina que a coleta dos dados empíricos deve obedecer a critérios precisos e não apresentar demasiada singularidade exterior a esses. Por isso, critérios de inclusão e exclusão foram definidos, os textos foram coletados mediante técnicas idênticas, e as coletas foram realizadas pela mesma pessoa, o autor deste estudo.

A quinta foi a da pertinência, a qual determina que os dados coletados devem ser adequados, como fonte de informação, correspondendo ao objetivo suscitado pela análise. Assim, todas as definições metodológicas foram articuladas à problemática.

As práticas precedentes, em associação com a literatura do objeto em questão,³⁸ influíram na terceira subfase pré-analítica, quando o objetivo geral deste estudo, descrito na seção introdutória, e duas hipóteses foram efetivados.³⁹

A 1ª H foi que os textos das coberturas do caderno Esporte da Folha de S.Paulo, de 1991 a 2016, abordaram os desempenhos das brasileiras, e não a aparência física delas, as inferiorizando perante os futebolistas. Já a 2ª H foi que o futebol feminino não teve baixa visibilidade nessa seção.

³⁶ A Folha de S.Paulo publicizou por meio do seu site, durante muito tempo, que o caderno Esporte era um dos mais lidos. Sobre isso, ver Cavalcanti e Capraro (2014).

³⁷ O site PublicidadeFolha afirmou que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo era um dos veículos de jornalismo esportivo mais premiados do país. Todavia, esse não revelou quais foram os prêmios conquistados.

³⁸ Sobre a literatura nacional das coberturas jornalísticas esportivas impressas do futebol feminino, ver Gabriel et al. (2020).

³⁹ Hipóteses são afirmações provisórias, embasadas na intuição, a serem verificadas (confirmadas ou infirmadas), recorrendo aos procedimentos de análise. Já o objetivo é a finalidade geral proposta na pesquisa social. Sobre isso, ver Bardin (2011), Franco (2008), Gabriel (2015) e Gabriel (2018).

Para Bardin (2011), se os textos forem considerados manifestações discursivas constituídas por índices, a serem evidenciados pela análise, esses precisam ser escolhidos e depois organizados em indicadores. Por isso, na quarta subfase, o índice, temáticas, e os indicadores, presença (ou ausência) e frequência foram definidos.

Para finalizar a quinta subfase, as coletas dos textos, sem auxílio de mecanismos auxiliares, e as preparações desses foram realizadas.

Se as definições da Pré-Análise forem efetivadas corretamente, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, fases seguintes, serão apenas a administração sistemática dessas práticas.

Para explorar documentos é preciso os tratar. Tratar os dados empíricos significa os codificar. Segundo Bardin (2011), a codificação corresponde às transformações dos dados brutos do texto, alicerçadas em regras. Transformações que, recortando, enumerando e agregando, permitem que a representação do conteúdo ou da sua expressão, suscetíveis de esclarecer as características textuais, que podem servir de índices, sejam atingidas.

A organização da codificação corresponde a três definições: 1) O recorte: determinar a unidade de registro (UR) e a unidade de contexto (UC); 2) A enumeração: estabelecer as regras de contagem; 3) A classificação e a agregação: estipular as categorias analíticas.

A UR é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento do conteúdo textual considerado basilar, objetivando a contagem frequencial e a categorização. A natureza e as dimensões da UR são variáveis, mas essa normalmente representa um recorte semântico, que pode ser estabelecido antes ou durante a leitura dos textos constituintes do *corpus* da pesquisa, Bardin (2011) explicou. A partir dessa explicação e das UR possíveis,⁴⁰ o tema foi definido como UR⁴¹ deste estudo. Em aplicação, os temas nucleares abordados pelos textos jornalísticos delimitados.⁴²

Já a UC é o espaço de compreensão para codificar a UR e corresponde ao segmento da mensagem, cuja dimensão (superior à da UR) é também necessária para compreender a significação exata da UR.⁴³ Então, os corpos dos textos jornalísticos delimitados foram definidos como UC da UR.

⁴⁰ Além do tema, a palavra, o objeto ou referente, o acontecimento e o documento são as UR mais utilizadas. Sobre as suas explicações, ver Bardin (2011), Franco (2008) e Herscovitz (2007).

⁴¹ “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.” (BARDIN, 2011, p. 135).

⁴² Os títulos, sobretudo, foram basilares para apontar os temas nucleares abordados pelos textos jornalísticos delimitados. “Os títulos e os subtítulos têm a finalidade de destacar o núcleo da informação, aquilo que, na perspectiva da edição, deve ser valorizado no momento em que se lê um texto.” (PONTES; SILVA, 2012, p. 68).

⁴³ Frase, parágrafo e texto completo são exemplos de UC. Sobre isso, ver Bardin (2011) e Franco (2008).

Definidas a UR e a UC, aquela foi contada (a UR é normalmente contada), embasada nas regras enumerativas (os modos de contagem) chamadas presença (ou ausência)⁴⁴ e frequência,⁴⁵ e alocada em categorias.

A criação de categorias⁴⁶ é uma operação de classificação dos elementos que constituem um conjunto, diferenciando, inicialmente, e reagrupando segundo o gênero (analogia), na sequência, com base em critérios previamente definidos. Bardin (2011) completou dizendo que as categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (UR, nas análises de conteúdo), em razão das suas características comuns, sob um título genérico.

O critério semântico⁴⁷ (categorias temáticas), não apriorístico, ou seja, as categorias não foram estabelecidas *a priori*, foi adotado. Por conseguinte, os títulos das categorias foram definidos a partir dos temas das UR.

Segundo Bardin (2011), as categorias boas possuem cinco qualidades, consideradas na categorização deste estudo. A primeira, exclusão mútua, condiciona que as UR não sejam alocadas em mais de uma categoria.⁴⁸ A segunda, homogeneidade, dependente da anterior, condiciona a utilização de um princípio classificatório único. A terceira, pertinência, estabelece que as categorias sejam adaptadas ao material analítico escolhido e pertencentes ao quadro teórico definido. A quarta, objetividade e fidelidade, determina que as diferentes partes do mesmo material sejam codificadas igualmente, mesmo quando submetidas a várias análises. A quinta, produtividade, estabelece que as categorias forneçam resultados férteis.

Todas as categorizações fornecem, por condensações, simplificadas representações dos dados brutos, auxiliando os tratamentos, as inferências e as interpretações, a terceira fase da AC. O tratamento dos resultados refere-se à descrição analítica, que funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos.

⁴⁴ Segundo Bardin (2011), a presença pode ser significativa, funcionando como um indicador. No entanto, a ausência de elementos pode, em certos casos, veicular um sentido. Com efeito, para algumas mensagens e alguns objetivos, a ausência constitui a variável importante, a autora completou.

⁴⁵ Frequência simples, ou seja, todas as aparições tiveram o mesmo valor. A escolha de tal regra não deve ser automática, pois essa está assentada em um pressuposto implícito, qual seja, a aparição de um item de sentido ou de uma expressão será mais significativa quanto maior for a frequência, Bardin (2011) explicou. A frequência ponderada, a ordem e a coocorrência são outras regras enunciativas.

⁴⁶ A categorização não é obrigatória, mas a maioria das práticas das análises de conteúdo utiliza esta operação. Sobre isso, ver Bardin (2011) e Franco (2008).

⁴⁷ Sintático, léxico e expressivo são os outros critérios. Sobre isso, ver Bardin (2011) e Franco (2008).

⁴⁸ Por isso, a categoria chamada “múltiplas” foi criada, agregando textos que abordaram mais de uma temática.

A inferência, possível a partir da descrição analítica, é a dedução de conhecimentos sobre a fonte (o emissor da mensagem e o contexto dele) ou os efeitos da sua mensagem.⁴⁹ A dedução é lógica, pois resulta desse raciocínio específico, pelo qual uma proposição é aceita em razão da sua ligação com outras já aceitas como verdadeiras.

Essa prática confere relevância teórica ao método, porque implica ao menos uma comparação, já que a informação puramente descritiva do conteúdo tem pequeno valor. O vínculo comparativo é representado por alguma forma de teoria, Franco (2008) completou. E permite a passagem, explícita e controlada, à interpretação, referente à significação das características das mensagens, conforme Bardin (2011) esclareceu.

A materialização das aplicações dessa fase foi efetivada nos três capítulos seguintes. Os corpos dos textos das UC referentes às UR seleção brasileira e jogadoras, alocadas na categoria **equipe**, foram analisados. Todavia, essa delimitação não impediu que textos específicos de outras categorias complementassem as análises.

As análises foram subdivididas por décadas, em geral, e em anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, especificamente. Vale ainda ressaltar que a cronologia das publicações, “pedaços” da realidade, segundo Traquina (2005, p. 20), foram respeitadas objetivando a inteligibilidade integral das coberturas.

O número de aparições das publicações, de 1991 a 2016, foram também analisados, por meio da frequência simples, abrangendo o objetivo geral deste estudo integralmente.

⁴⁹ Bardin (2011) falou, de outro modo, que as inferências (ou deduções lógicas) podem responder a dois tipos de problemas: O que levou a determinado enunciado? Quais as consequências que esse provavelmente provocará? Franco (2008) disse que a inferência pode ser realizada sobre qualquer um dos elementos do processo de codificação. Sobre a inferência na AC, ver também López Noguero (2002).

3 AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990

Os objetivos deste capítulo foram descrever e analisar como a seleção brasileira e as suas jogadoras foram representadas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, na década de 1990. Para tanto, o relatório foi organizado em uma seção única, considerando os anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos (1991, 1995, 1996, 1999), na qual os textos alocados nas categorias **equipe** foram analisados.

Em 1991, o Brasil disputou o Sul-Americano, realizado em Maringá - Paraná, entre os dias 28 de **abril** e 05 de **maio**, e a Copa do Mundo, de 16 de **novembro** a 01 de **dezembro**, sediada na China. Durante esse ano, 19 textos foram publicados, alocados em sete categorias. (TABELA 1).

Tabela 1 – Categorização dos textos publicados em 1991

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	7
Arbitragem	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Competições	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Equipe	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	6	-	7
Esporte	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Instituições	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	1	0	1	0	0	0	0	0	2	0	13	2	19

Fonte: O autor

Em **setembro**, no dia 17, um texto, titulado “Copa feminina de futebol tem seus grupos definidos”, informou que a seleção brasileira já sabia quais seriam os seus adversários no “1º Campeonato Mundial de Futebol Feminino. O Brasil está no grupo B com Estados Unidos, Japão e Suécia.” (COPA..., 1991, p. 8).

Esse torneio seria realizado de 16 novembro a 01 de dezembro, em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira organizada no processo rodízio em séries, subdividida em três grupos, o A (China, Dinamarca, Noruega e Nova Zelândia, o B e o C (Alemanha, Itália, Nigéria e Taiwan). As duas melhores equipes desses grupos e os dois melhores terceiros se classificariam para a fase seguinte, que

seria disputada em processo eliminatório simples.⁵⁰ Nesta, os vencedores avançariam e continuariam jogando entre eles até a final.

Em **novembro**, no dia 10, um texto, titulado “Brasileiras vão à China para disputar Mundial”, novamente informou que o Brasil enfrentaria os EUA, o Japão e a Suécia na fase grupal do Mundial. (BRASILEIRAS..., 1991, p. 4).

No dia 16, um texto, titulado “Falta de torneios ajuda treinos de seleção”,⁵¹ informou que a realidade do “futebol feminino” clubístico nacional “facilitou” os treinos da seleção brasileira para a Copa do Mundo. Torres (1991a, p. 8) escreveu:

O futebol feminino no Brasil acumula em nove anos sete prêmios internacionais, mas a atividade no país se resume hoje à seleção. Os clubes praticamente desativaram suas equipes. Os campeonatos deixaram de ser montados. A base da seleção é o pioneiro Esporte Clube Radar, do Rio.

A falta de um calendário e de interesse dos clubes em manterem os deficitários departamentos de futebol feminino facilitou o trabalho da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A entidade teve como treinar as jogadoras durante dois meses seguidos, a maior parte deles na concentração de Teresópolis (região serrana do Estado do Rio).

As vitórias conseguidas a partir de 1982, quando o Radar foi campeão na Espanha de uma copa não-oficial de clubes, dão ao Brasil a condição de favorito no 1º Campeonato Mundial de Futebol Feminino. A conquista neste ano do Campeonato Sul-americano, reconhecido pela Fifa, aumenta o favoritismo.

[...]

Nesta competição, destacaram-se as meias Marilza Silva, a ‘Pelé’, 27, e Maria Lúcia Lima, a ‘Fia’, 25. No ataque, a sensação foi a centroavante Adriana Viola, a ‘Adri’, 22. As três jogam no Radar.

A delegação brasileira que viajou para a China é composta por 18 atletas (16 do Radar, uma do Vasco e uma da Liga Desportiva de Nova Iguaçu, município no Estado do Rio). Dois dirigentes, massagista, roupeiro e quatro integrantes da comissão técnica. O treinador é Fernando Luiz Brederodes Pires.

De fato, o futebol feminino brasileiro estava em declínio nesse momento. O *boom* desse esporte no país foi na década de 1980, conforme salientaram Poli e Carmona (2006). Clubes como Saad, Bangu, Vasco, São Paulo e, principalmente, o Radar investiram em times fortes. Competições nacionais, estaduais e outras foram criadas. No entanto, esse aumento durou até os anos 1990, quando as algumas equipes, incluindo o Radar, foram desativadas, igualmente as competições.

A Taça Brasil, considerada a primeira competição nacional da modalidade, foi disputada entre 1983 e 1989.⁵² O Radar ganhou todas as edições. Ademais, o time foi

⁵⁰ Sobre as formas das competições e os processos de disputa delas, ver Capinussú (1986).

⁵¹ Este texto não foi considerado na tabulação dos dados por abordar os futebolis femininos dos clubes e da seleção nacional.

⁵² A Taça Brasil não foi disputada em 1988. Ver Poli e Carmona (2006).

pentacampeão carioca e teria perdido apenas quatro partidas em mais de trezentas disputadas em sua história,⁵³ sendo então o que acumulou mais capital simbólico na época.

Essa realidade facilitou então os treinos da seleção brasileira, que tinha a base do multacampeão Radar (88,89%), porque as jogadoras tinham disponibilidade. Com base no histórico desse clube e no título da primeira edição do Sul-Americano, o Brasil foi apontado como o favorito ao título da Copa do Mundo de 1991.

A prática de apontar favoritos era uma das manifestações frequentes dos *habitus* dos jornalistas esportivos, sobretudo dos que cobriam futebol masculino. Eles se alicerçavam em variáveis colhidas nos subcampos esportivos específicos, como estrutura, sede, qualidade técnica individual e coletiva e *performances* precedentes e então atuais⁵⁴ das equipes e dos seus jogadores.

A primeira edição do Sul-Americano, aliás, foi normatizada pela CONMEBOL como classificatória direta e única para a Copa do Mundo de 1991, conforme Gabriel (2015). O torneio foi realizado no Brasil, em Maringá, de 28 de abril a 05 de maio de 1991, em processo de rodízio simples, com três seleções. O anfitrião foi campeão invicto, vencendo a Venezuela por 6 a 0 e o Chile por 6 a 1.

No dia 18, um texto, titulado “Moças do Brasil vencem no Mundial de futebol”, informou que o Brasil “estreou com vitória por 1 a 0 sobre o Japão” nessa competição. No dia seguinte (19), as brasileiras jogariam contra a “seleção dos EUA”, o texto completou (MOÇAS..., 1991, p. 5), que também estreou vencendo, 3 a 2 na Suécia.

No dia 19, um texto, titulado “Brasil enfrenta hoje os EUA na 2ª rodada do Mundial”, informou sobre esse confronto. Vejamos:

O Brasil faz hoje em Foshan, na China, sua segunda partida pelo 1º Campeonato Mundial Feminino de Futebol. O adversário das brasileiras será o time dos EUA que, depois da estréia, passou a ser considerado um dos favoritos ao título. A partida terá início às 19h45 (9h45 em Brasília).

As norte-americanas estrearam com uma vitória de 3 a 2 sobre a Suécia, uma das seleções mais fortes do Mundial. O Brasil, por sua vez, também venceu: 1 a 0 sobre o Japão, atual vice-campeão asiático. Quem vencer o jogo de hoje assume a liderança do grupo 2 e praticamente garante vaga nas quartas-de-final. (BRASIL..., 1991, p. 5).

Os Estados Unidos também foram alocados entre os favoritos, certamente pelo desempenho na vitória por 3 a 2 sobre a forte Suécia. As alocações de outras equipes entre

⁵³ Ver Poli e Carmona (2006).

⁵⁴ As *performances* então atuais são aquelas efetivadas nos anos nos quais as competições são disputadas. Já as *performances* precedentes são aquelas efetivadas em anos anteriores, constituintes dos históricos das equipes. Sobre os veículos de comunicação apontarem favoritos no futebol masculino, ver Helal (1998) e Amaro (2014).

concorrentes ao título e a mudança dos favoritos durante a competição, alicerçada nas *performances* então atuais das equipes e dos seus jogadores, era também praticada ocasionalmente pelos *habitus* dos jornalistas esportivos que cobriam o futebol masculino.⁵⁵

Após a primeira rodada, a hierarquia do Grupo B tinha Estados Unidos (2 pontos), Brasil (2 pontos), Suécia (0 ponto) e Japão (0 ponto). Como o vencedor desse jogo divulgado teria quatro pontos, a liderança e ainda a possibilidade de disputar uma das duas vagas adicionais, esse estaria “praticamente” garantido na fase final competição.

No dia 20, um texto, titulado “Brasil perde para os EUA no Mundial feminino”, informou que a seleção brasileira tinha sido goleada pela americana, 5 a 0, resultado que “praticamente” tinha a eliminado da fase eliminatória da competição. (BRASIL..., 1991, p. 11). Infere-se que realidade de “praticamente” eliminada da outrora favorita ao título foi possivelmente construída com base nos desempenhos da equipe e do adversário seguinte, a Suécia, pois uma simples vitória a classificaria como segunda colocada do grupo. As suecas perderam para as americanas por um gol de diferença (2 a 3) e venceram as japonesas por goleada (8 a 0), ao contrário das brasileiras.

No dia 22, um texto, titulado “Brasil é eliminado do 1º Mundial Feminino”, informou que a seleção brasileira perdeu da Suécia (0 a 2) e foi eliminada do torneio. Vejamos:

O Brasil foi eliminado ontem do 1º Campeonato Mundial Feminino de Futebol, após a derrota de 2 a 0 para a seleção da Suécia, pela 3ª rodada da fase de classificação. O time terminou em 3º lugar no grupo B com apenas 2 pontos, atrás dos EUA (6) e da Suécia (4), e à frente do Japão, que perdeu seus três jogos.

Apenas os dois primeiros colocados de cada grupo, além de outras duas seleções escolhidas por índice técnico, se classificaram para as quartas-de-final do torneio. No grupo A, os classificados foram China e Noruega. No C, as vagas ficaram para Alemanha e Itália. Pelo índice técnico, os classificados foram a Dinamarca (3º lugar no grupo A com 3 pontos) e Taiwan (3º do C com 2 pontos).

O Brasil perdeu a disputa com Taiwan nos critérios de desempate. As duas seleções empataram no saldo de gols (menos 6 gols), mas a equipe asiática ficou com a vaga no ‘goal average’ (gols pró dividido por gols contra). O Brasil teve índice 0,14 contra 0,25 de Taiwan. Os jogos das quartas-de-final acontecem no próximo domingo. (BRASIL..., 1991, p. 9).

O Brasil terminou em terceiro lugar do Grupo B (2 pontos), apenas à frente do Japão (sem pontuação), mas sem uma das duas vagas adicionais para a eliminatória. Essas foram conquistadas por Dinamarca e Taiwan, que superaram o país no *gol avagere*, lei de funcionamento do desempate. Assim, os confrontos das quartas de final foram definidos.

⁵⁵ A imprensa internacional, alicerçada no título da Copa do Mundo de 1994 e nas premiações de Ronaldo, o fenômeno, como o melhor jogador de futebol do mundo, em 1996 e 1997, apontou o Brasil como favorito da edição seguinte dessa competição, em 1998. Ambos, seleção e Ronaldo, tiveram fracas atuações durante a competição, o que modificou essa condição. Sobre esse tema, Ver Helal (1998).

Estados Unidos (1^{os} do Grupo B) *versus* Taiwan (3^o do Grupo C), China (1^a do Grupo A) *versus* Suécia (2^a do Grupo B), Noruega (2^a do Grupo A) *versus* Itália (2^a do Grupo C) e Alemanha (1^a do Grupo C) *versus* Dinamarca (3^a do Grupo A).

Os resultados das quartas de final foram Estados Unidos (7) *versus* (0) Taiwan, China (0) *versus* (1) Suécia, Noruega (3) *versus* (2) Itália e Alemanha (2) *versus* (1) Dinamarca. Então, os jogos das semifinais seriam alemãs *versus* americanas e suecas x norueguesas, no dia 27.

No dia 26, um texto, titulado “Retorno das brasileiras demora três dias”, informou que as jogadoras da seleção feminina já tinham desembarcado no Brasil após uma viagem desorganizada, o que as irritou.

As jogadoras da seleção brasileira feminina eliminada no Mundial da China chegaram de manhã ao aeroporto internacional do Rio de Janeiro após três dias de uma viagem em que não trocaram de roupa sequer uma vez. As malas foram despachadas direto para o Brasil e os integrantes da delegação não tiveram como mudar de roupa. Irritadas com a desorganização, as jogadoras evitaram falar muito nas entrevistas. O grupo se dividiu durante a péssima campanha na China. A seleção ganhou do Japão na estréia, por 1 a 0, e perdeu para os EUA (5 a 0) e Suécia (2 a 0). Durante a competição, parte da equipe passou a desobedecer às ordens do técnico Fernando Pires. Os dissidentes se aliaram ao coordenador de futebol feminino da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Eurico Lira. Lira e Pires não se falavam. (RETORNO..., 1991, p. 6).

Ademais, os conflitos entre elas durante a competição, que constituiriam a identidade da equipe, e podem ter influído na campanha, considerada “péssima”, foram enfatizados. Esse adjetivo crítico fortaleceu a significação de que a qualidade da equipe foi considerada incompatível com a sua eliminação na fase grupal.

Em 1992 e 1993, o número de publicações decresceu significativamente. Um e dois textos, respectivamente.

Em 1995, o Brasil disputou o Sul-Americano, realizado em Uberlândia – Minas Gerais, entre os dias 08 e 22 de **janeiro**, e a Copa do Mundo, de 05 a 18 de **junho**, sediada na Suécia. Durante esse ano, 45 textos foram publicados, colocados em sete categorias. (TABELA 2).

Tabela 2 – Categorização dos textos publicados em 1995

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	2	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	5
Com. Técnica	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Competições	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Equipamentos	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Equipe	14	1	-	2	3	6	-	-	-	-	-	-	26
Múltiplas	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Transmissões	2	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	6
Total	25	1	-	5	3	11	-	-	-	-	-	-	45

Fonte: O autor

Em **janeiro**, no dia 7, um texto, titulado “Seleção feminina evita a tática do tetra”, informou que essa equipe era muito dessemelhante da seleção masculina, campeã Mundial em 1994. Bertolotto (1995a, p. 4) escreveu:

Se depender dos torcedores que acompanham os treinos da seleção feminina do Brasil em Uberlândia (MG), este time é a versão mulher da equipe tetracampeã. As jogadoras brasileiras disputam a partir de amanhã na cidade mineira o Campeonato Sul-Americano, valendo uma vaga para o Mundial da Suécia, em junho.

[...]

Na verdade, as semelhanças são poucas e as diferenças são muitas, como o esquema tático, mais ofensivo que o armado por Carlos Alberto Parreira no ano passado. Com três jogadoras no meio-de-campo e três no ataque, a seleção feminina preserva o antigo modo de jogar no Brasil.

Duas das semelhanças entre as seleções estão relacionadas às idades. Como no time de Parreira, a seleção feminina tem alta média de idade (27 anos) e a diferença de idade entre atletas.

[...]

A equipe feminina, como a tetracampeã, tem a mesma base das competições passadas [...]

Há mais diferenças além do futebol ofensivo das mulheres. Ao contrário dos homens, as mulheres jogam no Brasil - menos a atacante Duda, que disputa o Campeonato Italiano pelo Verona.

O desempenho físico das mulheres no campo é pior que o dos homens. ‘Em média, as atletas têm o tórax e coração menor que os homens, o que cria uma menor resistência e velocidade’, afirma o preparador físico da seleção, Ricardo Pereira Rosa.

‘Outra diferença é a taxa de gordura. A mulher tem 10% a mais de gordura na massa corpórea’, diz.

Segundo Rosa, um homem possui 40% de seu peso em músculo - na mulher, a massa muscular representa, em média, 35% do total.

Com isso, a mulher tem que carregar um peso a mais em gordura auxiliada por músculos de menor tamanho.

O repórter contraditou os torcedores que estavam acompanhando os treinos, em Uberlândia, ressaltando que a principal dessemelhança entre as seleções era o esquema tático mais ofensivo da feminina. O 4-3-3 preserva o estilo de jogo antigo do Brasil, designado de

futebol arte, denotando crítica à equipe tetracampeã, considerada pragmática pela imprensa brasileira.⁵⁶ Por isso, essa é a equipe campeã menos amada da história esportiva nacional, conforme Amaro (2014).

A seleção estrearia no Sul-Americano no dia seguinte. A segunda edição dessa competição seria realizada em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira organizada no processo de rodízio em série, grupo único, com cinco seleções. As duas melhores equipes se classificariam para a final, que seria disputada em processo eliminatório simples.

A Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) manteve a normatização da competição como classificatória direta e única para a Copa do Mundo. A edição de 1995 desse torneio seria realizada na Suécia, em junho.

No dia 08, um texto, titulado “Brasileiras estréiam em busca de vaga no Mundial”, informou que a equipe do Brasil, que enfrentaria o Equador na estreia do Sul-Americano, enfrentou uma dura adversidade na preparação. Bertolotto (1995b, p. 8) escreveu:

A equipe feminina do Brasil, que estréia hoje às 16h30, em Uberlândia (MG), contra o Equador, passou por um teste duro em sua preparação para disputar o Campeonato Sul-Americano.

A seleção brasileira fez três amistosos - uma vitória, um empate e uma derrota - contra equipes masculinas em Paraíba do Sul, cidade do interior fluminense.

No último, a equipe enfrentou o time local do Vila Nova, que distribuiu cotoveladas, empurrões e carrinhos contra as jogadoras.

Os homens perdiam por 1 a 0 e, até empatarem, não cansaram de agredir a seleção feminina. No final, as jogadoras tiveram que sair escoltadas pela polícia [...]

O jornalista enfatizou, então, denunciando, a violências física e psicológica que as brasileiras sofreram dos jogadores do Vila Nova, durante e após o amistoso. Ambas as violências foram práticas machistas específicas do subcampo futebolístico, reativas, onde os homens consideravam que as derrotas para as mulheres resultariam em perdas de poder.⁵⁷ Altmann (1999) afirmou, especificamente, que o confronto entre os gêneros masculino e

⁵⁶ A imprensa brasileira já havia criticado o estilo de jogo da seleção masculina nas eliminatórios para a Copa do Mundo de 1994. Para ela, as derrotas da seleção foram efetivadas porque a equipe não jogava o “verdadeiro futebol brasileiro - ofensivo, baseado no toque de bola e na habilidade individual” (AMARO, 2014, p. 198). Segundo esse autor, as críticas foram mantidas pela imprensa durante e após essa competição. “Na letra impressa, aquela seleção era a pior representação possível do estilo de jogar brasileiro, à excessão de um ou outro jogador [...]” (AMARO, 2014, p. 221). Por exemplo, Romário.

⁵⁷ Essa situação coaduna com a definição de gênero que Scott (1995, p. 86) apresentou. O núcleo dessa definição conecta integralmente duas proposições: “(1) O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.”

feminino nos esportes, principalmente no futebol, representa uma ameaça a hegemonia masculina, em função da probabilidade de derrota em qualquer confronto esportivo.

Nesse dia, o outro texto, titulado “Atacante acha que o time está organizado”, foi uma entrevista com a atacante Roseli. Ela respondeu a cinco questões para Bertolotto (1995c, p. 8), que abordaram a carreira dela, o técnico Ademar Júnior, e a seleção brasileira, das quais uma foi destacada.

Folha - Este time vai conseguir erguer o Brasil em competições, depois do nono lugar no Mundial de 91?

Roseli - A expectativa é grande. O time em 91 não tinha organização em campo e se preparou em pouco tempo. Com a entrada do novo técnico (Ademar Júnior), a equipe ganhou um padrão.

Essa foi sobre as chances de títulos. Ela tinha grande expectativa, sobretudo pela mudança de técnico, que padronizou a equipe, e o maior tempo de preparação, justificando então a campanha de 1991 por esses fatores, e não pelos méritos dos adversários, prática que caracteriza a cultura da desculpa, conceituada por Freitas Junior (2012).

No dia 09, um texto, titulado “Brasil bate o Equador por 13 a 0”, informou sobre esse jogo. Bertolotto (1995d, p. 6) escreveu:⁵⁸

O Brasil fez 13 gols (seis no primeiro tempo e sete no segundo) na vitória sobre o Equador, ontem, na abertura do campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, em Uberlândia (MG).

O jogo aconteceu praticamente em uma metade do campo, sempre no campo de ataque do Brasil.

O Equador, física e tecnicamente inferior, perdia a posse de bola antes de atingir o meio campo.

O Brasil perdeu seis chances de gol e teve um anulado antes de Pretinha abrir o placar, aos [...] do primeiro tempo, aproveitando assistência de Sissi.

No primeiro minuto do segundo tempo, Cenira fez um gol anulado pelo juiz.

[...]

Nessa metade do jogo, o ritmo de ataque do Brasil diminuiu e a equipe teve menos chances de marcar [...]

Pretinha fez seu terceiro gol aos 18min, chutando de dentro da pequena área.

Um minuto depois, Roseli foi derrubada na área e o juiz marcou pênalti. Pretinha bateu e perdeu.

Mas o oitavo viria com a meia Russa, que acabava de entrar em campo. Ela completou de cabeça um cruzamento da esquerda.

Aos 26 min, foi a vez da atacante Michael Jackson fazer seu gol. Dois minutos depois, Russa marcou de novo com um chute fraco.

Oito minutos depois, foi anulado um gol de Pretinha por haver impedimento.

As duas atacantes fizeram a mesma jogada no minuto seguinte e Pretinha aumentou o placar para o Brasil, 11 a 0.

Passado um minuto, Russa marcou mais um, chutando forte de fora da área.

⁵⁸ Algumas partes do texto estavam ilegíveis. Por isso, o minuto no qual o Brasil fez o primeiro e o décimo terceiro gols da equipe não foram descritos. O segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e o décimo terceiro gols também não foram descritos.

O Brasil, superior física e tecnicamente, venceu por méritos. O jogo aconteceu praticamente nas metades referentes aos campos de ataque da equipe, por imposição das jogadoras, que, mesmo alternando a intensidade ofensiva e desperdiçando oportunidades, fizeram 13 gols.

No dia 10, um texto, titulado “Capitã brasileira é a ‘mãe’ do time”, informou que Cenira Sampaio era a única atleta da seleção brasileira que tinha filhos. Bertolotto (1995e, p. 4) escreveu:

A carioca Cenira Sampaio do Prado divide suas tarefas de mãe com a de capitã do selecionado brasileiro feminino.
Ela é a única casada entre as jogadoras da seleção brasileira no Sul-Americano.
A jogadora de 27 anos é mãe de um casal de filhos: Guilherme, 7 anos, e Nathalia, 3.
A meia Cenira não teve problemas em conciliar o casamento com a profissão.
Três meses depois do nascimento de sua filha, a número 8 do Brasil se reuniu ao grupo que jogaria o 1º Sul-Americano e o Mundial da China, em 1991.
‘Ter sido mãe não atrapalhou minha carreira’, disse.
Cenira está casada há oito anos - na época jogava no Radar, do Rio de Janeiro.

O jornalista enfatizou o êxito da capitã em conciliar a carreira com o matrimônio e a maternidade, o que a diferenciava das outras jogadoras da equipe, uma manifestação prática falha do *habitus* dele. Isso porque a ênfase na orientação sexual, especificamente nos *status* de esposas e mães, é um dos tipos de dominação simbólica de gênero propagado pela mídia, que efetivamente banaliza as realizações esportivas delas, conforme Duncan e Messner (1998).

Nesse dia, outro texto, titulado, “Brasil faz jogo mais difícil contra chilenas”, informou que aquela equipe enfrentaria o Chile, seu “principal” adversário na competição. Bertolotto (1995f, p. 4) escreveu:

As jogadoras do Brasil enfrentam hoje, às 20h, o Chile, principal adversário do 2º Sul-Americano de futebol feminino, disputado em Uberlândia (MG).
Brasil e Chile são as equipes com mais experiência internacional na competição, que vale um lugar entre os 12 times do Mundial da Suécia, em julho.
As duas seleções, junto com a Venezuela, disputaram a primeira versão do Sul-Americano, em 1991, na cidade de Maringá, norte do Paraná.
Em 1991, as brasileiras venceram as chilenas por 6 a 1 - depois golearam a Venezuela por 6 a 1, levando o título do torneio.
Na mesma competição, a equipe chilena superou a Venezuela por 3 a 1 e ficou com o segundo lugar.
Mas a equipe sofreu uma renovação e só três jogadoras de 1991 fazem parte da delegação em Uberlândia.
A vantagem do Chile sobre o Brasil é o tempo de preparação. O time chileno está há 18 meses treinando, enquanto o brasileiro iniciou seus trabalhos há um mês e meio.
A média de idade do Chile é de 23 anos - o Brasil tem média de 27 anos.
As duas equipes estrearam bem na competição. O Brasil fez 13 a 0 sobre o Equador. O Chile marcou 11 sobre a Bolívia.

[...]

As Argentinas, que só têm uma partida de retrospecto (uma derrota para o Chile), fazem sua estréia contra o Equador, derrotado por 13 a 0 pelo Brasil.

O *status* atribuído ao Chile foi alicerçado no cruzamento de fatos, quais sejam a “experiência internacional”, a constituição do elenco, a preparação para o Sul-Americano, as *performances* precedentes e as então atuais dele, do Brasil e dos adversários. A Argentina era uma incógnita, pois essa, tinha disputado apenas um jogo (derrota para o Chile, em 1993). Isenta da primeira rodada, a seleção argentina não poderia ser apontada como a principal adversária da brasileira.

Se os placares da fase grupal forem utilizados como critério, as chilenas foram realmente as adversárias mais difíceis das brasileiras. Aquelas perderam por 6 a 1, a menor diferença de gols conseguida por estas na competição.

No dia 14, um texto, titulado “Brasileiras e argentinas revivem rivalidade”, informou que Brasil e Argentina reviveriam a rivalidade entre os países no futebol feminino. Bertolotto (1995g, p. 4) escreveu:

As seleções femininas do Brasil e Argentina jogam hoje, às 16h, pelo 2º Campeonato Sul-Americano e revivem a rivalidade entre os dois times, agora na versão feminina.

[...]

As argentinas foram alvo de vaias da torcida em Uberlândia (MG) desde a abertura do torneio.

A rivalidade aumentou com os bons resultados da equipe. A Argentina venceu por 5 a 1 o Equador e, anteontem, derrotou a fraca Bolívia por 12 a 0.

Brasil e Argentina dividem a liderança da competição, com 6 pontos (duas vitórias). O Brasil marcou mais: 19 gols contra 17. As duas equipes só sofreram um gol até agora.

[...]

A seleção feminina da Argentina praticamente partiu do zero para essa competição. Antes, só tinha feito um jogo em 1993, quando perdeu para o Chile.

O time teve um período de preparação de um mês em Buenos Aires e chegou três dias antes da abertura do Sul-Americano.

Um reflexo do pouco tempo de treinamento é o desentrosamento das jogadoras. O resultado é a dependência de valores individuais da equipe.

O destaque técnico da Argentina é Carina Morales, a número 10 da equipe, que joga no River Plate.

A rivalidade entre esses países foi transposta para o futebol feminino pela torcida em Uberlândia e reforçada pelo jornalista, que a enfatizou. Essa oposição inflou em função dos resultados da tenra equipe argentina, semelhantes aos da experiente brasileira, denotando a sua dependência, sobretudo, ao nivelamento dos concorrentes.

No dia 16, um texto, titulado “Seleção feminina já estuda preparação para Mundial”, informou que o Brasil, praticamente classificado, já estava planejando os treinos para a Copa do Mundo. Bertolotto (1995h, p. 4) escreveu:

Com a classificação praticamente garantida, a seleção feminina do Brasil já planeja a preparação para a Copa do Mundo da Suécia, em junho.
 Segundo o técnico brasileiro, Ademar Júnior, 31, o grupo deve se reunir novamente no início de março.
 A preparação inclui uma viagem com jogos no exterior.
 Só uma improvável derrota das brasileiras para a última colocada Bolívia e uma supergoleada da Argentina sobre o Chile tiram uma vaga do Brasil entre as 12 seleções do Mundial.
 As argentinas precisam, além da combinação de resultados, tirar a vantagem de 18 gols que o Brasil tem no saldo de gols.
 Chile, Bolívia e Equador já não têm chances de classificação.
 A liderança folgada da equipe brasileira é resultado da vitória por 8 a 0 de anteontem sobre a equipe argentina.
 O Brasil dominou as ações da partida desde o começo.
 O destaque da partida, como de todo o torneio, foi a meio-campista Sissi.
 A número 10 do Brasil fez quatro gols e lidera agora a artilharia do 2º Campeonato Sul-Americano, com nove gols.
 Sissi, 27, é a jogadora mais completa do Brasil. Além de coordenar as jogadas de ataque, ela tem o melhor preparo físico da equipe e é a cobradora oficial de pênaltis.
 Foi ela quem fez os dois primeiros gols na partida contra a Argentina, aos 16min e 31min. Roseli fechou o placar do primeiro tempo com um gol aos 43min.
 No segundo tempo, Pretinha marcou aos 2min [...]
 Dez minutos depois, Sissi converteu o pênalti sofrido por Pretinha. Aos 19min, a zagueira Elane, a mais alta jogadora da equipe titular (1,74), marcou de cabeça.
 Os dois últimos gols vieram em sequência: Sissi, aos 38min, e Pretinha, aos 39min.

O Brasil venceu a Argentina (8 a 0) por mérito, dominando o jogo, com atuação relevante de Sissi, que fez quatro gols, assumindo a artilharia da competição na qual ela já era o principal destaque, o que efetivou as condições supracitadas. Aquela equipe tinha nove pontos, e 26 gols de saldo, já esta, seis pontos e oito gols de saldo. Então, com três pontos e 16 gols de vantagem, as brasileiras não se classificariam, se elas perdessem e as argentinas vencessem, revertendo o saldo de gols,⁵⁹ na última rodada da fase grupal.

A Argentina venceu o Chile por 1 a 0, mas o Brasil derrotou a Bolívia, 15 a 0. Essas duas seleções ainda disputariam o título, como as leis de funcionamento dessa competição determinavam.

No dia 20, o texto, titulado “Sissi acha que preconceito diminuiu”, foi uma entrevista com Sissi. Ela respondeu a 14 questões para Assumpção (1995a, p. 5), que abordaram a trajetória dela no futebol, o Sul-Americano, a seleção brasileira, das quais uma foi destacada como representativa.

⁵⁹ O saldo de gols era o primeiro critério de desempate.

Folha - E existe preconceito?

Sissi - Antes havia sim. Principalmente por parte das próprias mulheres. Elas às vezes nos xingavam, diziam que lugar de mulher não é no campo de futebol, ainda mais jogando. Hoje acho que o preconceito está diminuindo.

Essa foi sobre o preconceito contra as jogadoras. Ela destacou que as mulheres, sobretudo, o praticavam outrora, clarificando que a oposição ao futebol feminino transcendia os homens machistas. Sissi achava que essa prática estava diminuindo nesse momento, algo que era difícil de mensurar.

No dia 21, um texto, titulado “Brasil busca confirmar favoritismo”, informou que o país era “o franco favorito” na final, contra a Argentina. Assumpção (1995b, p. 6) escreveu:

O Brasil é o franco favorito para vencer o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino. A decisão será contra a Argentina às 16 horas, no estádio João Havelange, em Uberlândia (MG).

A seleção brasileira venceu os quatro jogos que disputou na fase de classificação, marcando 42 gols e sofrendo apenas 1.

Na estréia, a equipe derrotou o Equador (13 a 0). Depois vieram as goleadas sobre o Chile (6 a 1), a Argentina (8 a 0) e a Bolívia (15 a 0).

Vitória hoje dá o bicampeonato sul-americano para o Brasil.

Ao atribuir esse *status* às brasileiras, o jornalista considerou que a chance de as argentinas serem campeãs era mínima, praticamente desconsiderando o imponderável do futebol. Nessa situação, as *performances* então atuais das brasileiras, detalhadas, foram os alicerces dessa prática profissional.

No dia 22, um texto, titulado “Brasileiras são bicampeãs sul-americanas”, informou que o Brasil foi novamente campeão do Sul-Americano (BRASILEIRAS..., 1995, p. 9).⁶⁰ A equipe confirmou o seu favoritismo vencendo por 2 a 0, mas o resultado denota que o jogo da final foi muito mais duro do que Assumpção (1995b) esperava.

No dia 23, um texto, titulado “Brasileiras desconhecem adversárias no mundial”, informou que a “desinformação” seria um dos “principais adversários” do Brasil no Mundial. Bertolotto (1995i, p. 8) escreveu:

A desinformação é um dos principais adversários da seleção brasileira de futebol feminino no Mundial da Suécia, em julho.

O técnico da seleção brasileira, Ademar Júnior, 31, admite que desconhece a preparação que vem sendo feita pelos futuros adversários.

‘É difícil conhecer detalhes sobre as outras seleções pela imprensa’, afirma.

‘E a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) não tem ‘olheiros’ para acompanhar as equipes femininas no exterior’.

⁶⁰ O texto, alocado na página 9, está ilegível.

No Sul-Americano que acabou sábado, em Uberlândia (MG), as brasileiras mostraram o melhor futebol da América do Sul, mas as equipes mais fortes do mundo são as européias e os EUA.

O Brasil experimentou a força dessas seleções no Mundial passado, em 1991, na China, ficando na nona posição.

[...]

Os Estados Unidos iniciaram, no mesmo grupo das brasileiras, a caminhada ao título - na final derrotaram a Noruega por 2 a 1.

Para o Mundial deste ano, além das norte-americanas, já classificadas para o Mundial deste ano, os principais adversários do Brasil serão as seleções da península escandinava (Suécia, Noruega e Finlândia).

Alemanha, Portugal e Itália também têm seleções competitivas.

No Mundial, o Brasil também terá que enfrentar a falta de estrutura do futebol feminino no país. Seus principais adversários têm campeonatos femininos nacionais, o que não acontece aqui.

Tal situação era efeito do desconhecimento brasileiro sobre a preparação das outras seleções. A precária estrutura do futebol feminino nacional dificultaria mais a trajetória das brasileiras, que, apesar do melhor futebol da América do Sul, eram mais fracas do que as americanas e as européias. Isso claramente significou que o Brasil tinha perdido o *status* de favorito, o atribuído em 1991.

Nesse dia, o outro texto, titulado “Pretinha pede reconhecimento”, foi uma entrevista com Pretinha. Ela respondeu a 18 questões, que abordaram o futebol feminino, a seleção brasileira e a privacidade dela, das quais duas foram destacadas como representativas. Vejamos:

Folha - O sucesso da seleção feminina no Sul-Americano vai dar uma guinada na modalidade e na profissionalização das jogadoras?

Pretinha - Por enquanto, eu não vi nenhuma mudança na minha carreira. Mas tenho esperança que o futebol feminino ganhe espaço e as jogadoras sejam reconhecidas, com melhores salários para as atletas e infra-estrutura para o futebol feminino.

[...]

Folha - O seu namorado estranha que você seja jogadora de futebol?

Pretinha - Não tenho namorado. Mas já tive namorados e nenhum reclamou. Eles eram do bairro e sempre jogam bola comigo. (PRETINHA..., 1995, p. 8).

A primeira indagação foi sobre os efeitos do título do Brasil para o futebol feminino local. A resposta dela destacou uma das crenças que constituíam os *habitus* das jogadoras brasileiras, a de que os resultados significantes resultassem em melhorias estruturais para esse esporte.

A segunda indagação especulou sobre a orientação sexual dela. Um dos tipos de dominação simbólica de gênero propagado pela mídia, segundo Duncan e Messner (1998), reforçando a masculinidade do futebol, outra prática falha dessa cobertura.

Nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Preparação terá 3 meses de treino”, informou que o Brasil iniciaria em março os treinos preparatórios para o Mundial. Bertolotto (1995j, p. 8) escreveu:

O Brasil começa em março sua preparação para o Mundial e terá três meses de treinamento antes de iniciar sua segunda participação em Copas do Mundo.
[...]
O técnico Ademar Júnior assegura que o programa de preparação incluíra uma viagem com jogos no exterior.
‘É essencial que cheguemos ao Mundial em ritmo. Os amistosos internacionais são a melhor forma de conseguir isso’, disse Ademar.
Ele começou seu trabalho com a seleção brasileira no final de novembro passado, iniciando a preparação para o Campeonato Sul-Americano.
[...]
O trabalho deste ano diferiu muito dos antigos. A CBF (Confederação Brasileira de Futebol), conseguiu um patrocinador para a seleção feminina, a Maisena, e investiu na modalidade.
Em 1991, a seleção brasileira viu passar pelo seu comando três técnicos diferentes. No Sul-Americano de Maringá foi dirigido por Edil. Depois assumiu Lula Paiva, que deixou o cargo em um mês.
Fernando Pires foi o técnico brasileiro no Mundial da China.

Os amistosos e também os torneios constituem os treinos objetivando dar ritmo de jogo aos atletas. Nesse caso, os amistosos internacionais eram melhores, conforme Ademar Júnior afirmou, por serem mais proximais aos confrontos da competição. Por fim, o jornalista disse que esse ciclo sobrepujou o precedente, porque a CBF estava apoiando a equipe, com a manutenção do técnico, o patrocínio da Maisena e investimentos próprios.

Ainda nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “As mulheres brilham e os homens voltam”,⁶¹ Fromer e Reis (1995, p. 4) opinaram sobre a seleção brasileira e as suas jogadoras. Eles disseram:

E quem não tem absolutamente desperdiçado chances nem oportunidades são as meninas da seleção brasileira de futebol. A saraivada de gols desferidos contra nossas adversárias sul-americanas e a habilidade de nossas craques têm chamado atenção por sua plasticidade.
Os gols não têm sido apenas e somente a confirmação de nossa infinita superioridade, e sim verdadeiras pinturas.
Toda trama, as metidas de bola, os dribles de corpo, as cobranças e execuções de faltas e pênaltis, enfim, até se converter em bola na rede, o trajeto todo tem sido coroado de belíssimas jogadas.
A categoria de Sissi resgatando o brilho de uma camisa 10, o oportunismo em gol de Pretinha, a ginga de Michael Jackson fazem crer que não devem em nada a uma seleção composta por homens.
O futebol que vem apresentando a nossa feminina seleção nos enche de orgulho e esperança. Tomara que ganhem espaço definitivo no cenário mundial do futebol estas seleções formadas por elas.

⁶¹ Este texto não foi considerado na tabulação dos dados por abordar os futebolis masculino clubístico e feminino da seleção nacional.

A exaltação do estilo de jogo artístico da seleção, das habilidades e das qualidades técnicas das jogadoras, designadas “craques”, no Sul-Americano, foi evidente. Ademais, os colonistas se alicerçaram nos *habitus* performáticos de Michael Jackson, Pretinha e Sissi, para afirmar que essas mulheres não eram inferiores aos homens no futebol. O elogio a esta jogadora, que estava “resgatando o brilho de uma camisa 10”, também significou crítica aos futebolistas que a utilizaram na seleção masculina, nos últimos anos.

Esse elogio foi considerável pelo significado cultural da camiseta 10, no Brasil. Essa foi mitificada por Pelé, na seleção brasileira, e o número reteve algo do carisma dele, sendo então capaz de o atribuir ao utilizador seguinte, Helal e Coelho (1996) disseram. A mitificação e o sucesso dos sucessores de Pelé atribuíram valor cultural a essa vestimenta, associando os seus utilizadores ao *status* de craques, ídolos. Essa associação tem sido propagada pelos veículos de comunicação, que, por conseguinte, sentenciaram que os jogadores com poucas qualidades técnicas não a deveriam utilizar,⁶² conforme Abrahão, Di Blasi e Salvador (2007) completaram.

No dia 24, um texto, titulado “Título rende R\$ 1.000 a jogadoras da seleção”, informou que todas as jogadoras ganharam R\$ 1.000,00 em premiação. E que a Maizena, então patrocinadora da seleção brasileira, estava estudando outro bônus e buscando renovar os contratos delas. (TÍTULO..., 1995).

Em **fevereiro**, no dia 22, um texto, titulado “Seleção feminina é convocada no Rio”, informou que a seleção feminina foi convocada. Mais especificamente, 25 jogadoras começariam a treinar para a Copa do Mundo, que aconteceria em julho, na Suécia. (SELEÇÃO..., 1995, p. 1).

Em **abril**, no dia 06, um texto, titulado “Seleção feminina disputa torneio”, informou que a equipe feminina iria disputar uma competição internacional preparatória nesse mês, em Uberlândia (MG). (SELEÇÃO..., 1995, p. 5). Austrália, Argentina e a Seleção Paulista a disputaram.

No dia 08, um texto, titulado “Zagueira da seleção sofre fratura”, informou que a zagueira Solange sofreu fratura do osso frontal depois de levar um chute de Kátia, companheira

⁶² Um texto de 2001, do Jornal do Brasil, titulado “Maradona é camisa 10. Para sempre.”, disse que a CBF deveria eternizar a camiseta 10 da seleção brasileira. Isso evitaria que ‘inquilinos indevidos’, jogadores com técnica e talento duvidosos a utilizassem, como Edu Marangon, Edu Manga, Mazinho Oliveira, Palhinha e Sérgio Manoel. Silas, o 10 da Copa do Mundo de 1990, foi também alocado nessa categoria. Quando isso aconteceu com frequência, a camiseta 10 começou a perder capital simbólico, magia, brilho, identidade. Sobre esse e outros exemplos, ver Abrahão, Di Blasi e Salvador (2007).

de equipe, durante um dos treinos para o Torneio Internacional, em tentativa de realizar uma bicicleta. (ZAGUEIRA..., 1995, p. 1).

Brasil e Austrália chegaram à final do Torneio Internacional. Todavia, a competição não foi coberta pelo caderno Esporte do jornal.

Em **maio**, no dia 12, um texto, titulado “Seleção feminina enfrenta hoje os EUA”, informou que o Brasil enfrentaria os Estados Unidos, em amistoso, nessa data (SELEÇÃO..., 1995, p. 1). As americanas o venceram por 3 a 0.

No dia 24, um texto, titulado “Seleção feminina joga no Pacaembu”, informou que a seleção enfrentaria o Torino, da Itália, às 20h desse dia. A TV Bandeirantes transmitiria o amistoso. (SELEÇÃO..., 1995, p. 1).

No dia 27, um texto, titulado “Brasil vence Torino no Pacaembu”, informou que a “seleção feminina” venceu o Torino por 1 a 0. Sissi marcou o gol da vitória. (BRASIL..., 1995, p. 1).

Em **junho**, no dia 05, um texto, titulado “Seleção feminina estréia no Mundial”, informou que o Brasil estrearia no Mundial contra a Suécia. Assumpção (1995c, p. 8) escreveu:

A seleção brasileira de futebol feminino estréia, em Helsingborg, Suécia, contra o time sueco, no segundo Mundial da categoria.
Brasil e Suécia estão no grupo A. Alemanha e Japão, os outros integrantes da chave, também jogam hoje, mas em Karlstad.
Noruega, Nigéria, Inglaterra e Canadá fazem parte do Grupo B.
Estados Unidos, que venceram o Mundial de 91, disputado na China, são favoritos para conquistar o título na Suécia.
As norte-americanas estão no grupo C, com as seleções de China, Dinamarca e Austrália.
Os dois primeiros de cada chave e os dois melhores classificados entre os terceiros colocados passam para a etapa seguinte.
Os oito classificados garantem presença na Olimpíada de 96, em Atlanta, nos EUA.

Essa competição tinha, então, os Estados Unidos como “favoritos” ao título, e não o Brasil, como outrora, *status* alicerçado nas *performances* precedentes daqueles, estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira no processo rodízio em séries, subdividida em três grupos (A, B e C), todos com quatro seleções. As duas melhores equipes e os dois melhores terceiros desses se classificariam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final, e os perdedores não teriam outra chance de disputar o título dessa edição. Ademais, as oito melhores equipes classificar-se-iam para os Jogos Olímpicos de 1996, lei adicional dessa competição.

No dia 06, um texto, titulado “Futebol Feminino vence em estréia do Mundial”, informou que o Brasil venceu a Suécia por 1 a 0. Vejamos:

A seleção brasileira de futebol feminino venceu a Suécia por 1 a 0, na estréia da equipe no Campeonato Mundial da categoria.
Com o resultado, a seleção lidera o Grupo A, com três pontos, ao lado da Alemanha, que derrotou o Japão por 1 a 0.
A Suécia, atual campeã europeia e anfitriã do torneio, é apontada como uma das favoritas, ao lado dos EUA.
Mesmo contando com o favoritismo e com o apoio de quase 15 mil torcedores, a Suécia não conseguiu superar a defesa brasileira.
O gol que definiu a partida foi marcado pela atacante Roseli, aos 37min do primeiro tempo.
O Brasil, que já jogava fechado, recuou ainda mais após a marcação do gol, anulando as principais jogadas do time sueco.
O destaque da vitória do Brasil foi a goleira Meg, que garantiu o resultado com boas defesas. (FUTEBOL..., 1995, p. 3).

A vitória sobre uma das favoritas ao título, atribuição baseada em *performances* precedentes e na sede da competição, foi destacada. As brasileiras jogaram retrancadas, isto é, elas priorizaram a marcação para não sofrer gols,⁶³ reconhecendo a superioridade técnica das adversárias, sendo exitosas. Isso talvez tenha influído na não modificação do *status* dessa equipe.

No dia 07, um texto, titulado “Brasileiras enfrentam Japão no Mundial”, informou o Brasil enfrentaria o Japão nesse dia. (BRASILEIRAS..., 1995, p. 1). Já no dia 08, um texto, titulado “Japão bate o Brasil no Mundial feminino”, informou que a “seleção feminina” perdeu por 2 a 1. Vejamos:

A seleção feminina brasileira de futebol perdeu ontem por 2 a 1 para o Japão, em jogo válido pelo Mundial da modalidade, na Suécia.
As brasileiras saíram na frente no placar, com gol da atacante Pretinha, aos 7min do primeiro tempo.
As japonesas, entretanto, reagiram e, com dois gols de Akemi Moda, aos 14min e 45min, viraram a partida.
[...]
No outro jogo do Grupo A, a Suécia venceu a Alemanha por 3 a 2. (JAPÃO..., 1995, p. 3).

As japonesas venceram de virada, mas o texto não qualificou os desempenhos das equipes, ressaltou apenas o resultado do jogo. Como as alemãs venceram as suecas por 3 a 2, as posições do grupo ficaram indefinidas, pois todas as seleções tinham três pontos e saldo de gols 0.

⁶³ Sobre o significado de retranca no futebol, incorporado pela imprensa escrita, ver Queiroz (2005).

No dia 09, um texto, titulado “Brasileiras tentam classificação hoje”, informou que o Brasil enfrentaria a Alemanha nesse dia, dependendo de uma vitória para se classificar as quartas de final e aos Jogos Olímpicos. (BRASILEIRAS..., 1995, p. 1). As brasileiras foram goleadas por 6 a 1 e perderam a vaga adicional no saldo de gols para o Japão, que perdeu da Suécia (2 a 0).

Adiante, as classificações foram definidas. Os jogos das quartas de final seriam Alemanha (1ª do Grupo A) *versus* Inglaterra (2ª do Grupo B), Suécia (2ª do Grupo A) *versus* China (2ª do Grupo C), Estados Unidos (1º do Grupo C) *versus* Japão (3º do Grupo A) e Noruega (1ª do Grupo B) *versus* Dinamarca (3ª do Grupo C).

No dia 12, um texto, titulado “Brasileiras têm vaga de futebol em Olimpíada”, informou que a seleção brasileira tinha conquistado a oitava vaga nos “Jogos Olímpicos”. Vejamos:

A seleção brasileira de futebol feminino, mesmo eliminada da Copa do Mundo da Suécia, classificou-se para os Jogos Olímpicos de Atlanta, EUA, em 1996.

O Brasil ficou na nona colocação, mas levou a oitava vaga para a Olimpíada por decisão do Comitê Olímpico Internacional.

[...]

O COI não permitiu que a Inglaterra, no caso de classificação, fosse a representante da Grã-Bretanha, já que o seu Comitê Olímpico congrega ainda a Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales.

Mesmo sem poder ir para a Olimpíada, a Inglaterra prossegue na Copa do Mundo. (BRASILEIRAS..., 1995, p. 6).

A seleção brasileira teve a melhor campanha entre os eliminados da Copa do Mundo, nona colocação, o que não a garantia nos Jogos Olímpicos de 1996. A equipe conquistou a vaga da Inglaterra, que, mesmo classificada as quartas de final, foi impossibilitada pelo COI de representar a Grã-Bretanha.

Nas quartas de final, a Inglaterra foi goleada pela Alemanha por 0 a 3. Os outros resultados foram Suécia (1 - 3) *versus* (1 - 4) China, Estados Unidos (4) *versus* (0) Japão, e Noruega (3) *versus* (1) Dinamarca.

Os resultados das semifinais foram Alemanha (1) *versus* (0) China e Noruega (1) *versus* (0) Estados Unidos. Já na final, as norueguesas venceram as alemãs por 2 a 0.

Em 1996, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos, sediados em Atlanta, de 19 de **julho** a 04 de **agosto**. Durante esse ano, 42 textos foram publicados, dispostos em sete categorias. (TABELA 3).

Tabela 3 – Categorização dos textos publicados em 1996

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Administração	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	3
Adversárias	1	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	3
Com. Técnica	-	-	-	-	1	-	4	-	-	-	-	1	6
Equipe	2	-	-	-	3	2	15	4	-	-	1	-	27
Família	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Torcedores	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2
Total	3	-	-	-	4	2	23	8	-	-	1	1	42

Fonte: O autor

Em **janeiro**, no dia 14, um texto, titulado “Seleção feminina inicia hoje série de testes para os Jogos Olímpicos”, informou que o Brasil, com outro técnico, Zé Duarte, começaria a disputar o Torneio Internacional, em Campinas, nesse dia. Os Estados Unidos, “favoritos ao título”, a Ucrânia e a Rússia também o disputariam. (SELEÇÃO..., 1996, p. 4).

O Brasil venceu a Ucrânia, 7 a 0, no dia 14, perdeu dos Estados Unidos, 2 a 3, no dia 16, e venceu a Rússia, 4 a 0, no dia 18. No dia 20, em um texto, titulado “Brasil enfrenta EUA no futebol feminino hoje”, Baldini Júnior (1996, p. 3) informou que Brasil e Estados Unidos disputariam o título dessa competição. O jogo seria às 16h30min, no estádio Brinco de Ouro. As americanas confirmaram o favoritismo delas, vencendo as brasileiras nos pênaltis, 2 a 3, após empate em 1 a 1, no tempo regulamentar.

Em **maio**, no dia 06, um texto, titulado “Feminino pegará vice-campeãs”, informou que o Brasil estava no grupo F dos Jogos Olímpicos. Os seus adversários seriam a Noruega, “principal força na chave”,⁶⁴ Alemanha e Japão, “times com melhor retrospecto”. No grupo A, estavam Estados Unidos, Dinamarca, Suécia e China. (FEMININO..., 1996, p. 5).

O texto significou que o Brasil disputaria o torneio de futebol feminino dos Jogos Olímpicos como azarão, *status* inalterado em relação a 1995, baseado nas *performances* precedentes dele e dos adversários. No subcampo futebolístico, azarão é a equipe com poucas possibilidades de classificação ou título, conforme Queiroz (2005). Essa prática é também uma manifestação frequente dos *habitus* dos jornalistas esportivos, sobretudo dos que cobrem o futebol.

⁶⁴ O texto alicerçou a força da Noruega no suposto vice-campeonato da Copa do Mundo de 1995. No entanto, esse país foi campeão, vencendo a Alemanha por 2 a 0.

Essa competição seria organizada em processo de combinações, isto é, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira no processo rodízio em séries, subdividida em dois grupos, o E, (China, Dinamarca, Estados Unidos e Suécia), e o F, anteriormente mencionado, ambos com quatro seleções. As duas melhores classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 12, um texto, titulado “Seleção feminina peregrina pelo Brasil”, informou que a equipe nacional estava “peregrinando” por cidades interioranas atrás de ajuda objetivando a Olimpíada. Bertolotto (1996a, p. 6) escreveu:

A seleção feminina de futebol prepara-se para a Olimpíada de Atlanta peregrinando pelo interior do país atrás da ajuda de prefeituras e clubes.

O itinerário das jogadoras já passou por seis cidades paulistas (Águas de Lindóia, Rio Claro, Capivari, Campinas, Indaiatuba e Monte Alegre do Sul) e uma mineira (Monte Sião).

A rota inclui ainda Itaporanga (SP) antes de as jogadoras se tornarem os primeiros membros da delegação olímpica do Brasil a chegar aos EUA, dia 14 de junho.

As prefeituras vêm garantindo hospedagem, alimentação, transporte, além de cessão de campos e piscinas para treinamento.

A Sport Promotion, empresa que detém os direitos de transmissões dos jogos do time, calcula em US\$ 1 milhão o custo da preparação.

As jogadoras acabaram por se adaptar com as mudanças.

‘Em cada cidade, eu arrumo uma paquera nova’, diz a lateral esquerda Fanta, que rompeu um noivado no Rio de Janeiro por falta de tempo para visitar o noivo.

A seleção treina desde novembro passado visando a Atlanta.

O jornalista claramente explicitou dificuldades da seleção feminina, prática já efetivada de modo ocasional pelos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo em 1991 e 1995, que precisava da ajuda para treinar, mesmo patrocinada pela Sport Promotion. Todavia, ele cometeu uma prática falha ao exemplificar a adaptação das jogadoras a essa situação com a orientação sexual de Fanta, que, solteira após terminar o noivado, arrumava paqueras nas cidades em que o grupo treinava. Um tipo de dominação simbólica de gênero propagado pela mídia, conforme Duncan e Messner (1998).

Nesse dia, o outro texto, titulado “Bel fica fora da Olimpíada”, foi uma entrevista com Bel. Ela respondeu a três indagações para Bertolotto (1996b, p. 6), que abordaram a carreira dela, entre outros temas, das quais uma foi escolhida como representativa.

Folha - Essa contusão pode encerrar sua carreira?

Bel - Acho que não vou à Atlanta. Pelo menos, posso dizer que fazia parte da equipe que foi para a Olimpíada. Mas quero disputar o Campeonato Paulista do próximo ano. Estou no futebol há 18 anos. Vou jogar mais dois, depois quero ir morar em Florianópolis, casar, e ensinar meninas a jogar bola.

Essa foi sobre a possibilidade de a “tendinite na região pubiana” encerrar a carreira dela. O repórter provavelmente se embasou na opinião da jogadora sobre as dores após os treinos “duros”, pois ela tinha um plano esportivo seguinte definido.

Em **junho**, no dia 01, um texto, titulado “Bel é cortada da seleção”, informou que essa jogadora foi cortada da seleção devido à “inflamação no púbis” (BEL..., 1996, p. 9), como ela suspeitava outrora.

No dia 13, outro texto, titulado “Seleção feminina viaja na sexta para os EUA”, informou que a equipe viajaria para Rapid City, onde ficaria por “30 dias” e faria “seis jogos preparatórios.” (SELEÇÃO..., 1996, p. 16).

Em **julho**, no dia 09, em um texto, titulado “Time feminino faz amistosos”, Bertolotto (1996c, p. 8) informou que o “futebol feminino” estava liderando a “aclimatação” da “delegação brasileira” nos EUA. A seleção já tinha feito “vários amistosos contra equipes locais”, em Rapid City.

No dia 21, outro texto, titulado “Brasil enfrenta ‘jogo aéreo’ da Noruega”, informou que a equipe nacional queria evitar as jogadas aéreas das norueguesas na estreia olímpica.

A seleção brasileira feminina de futebol quer evitar os cruzamentos da seleção olímpica da Noruega na estréia da equipe nos Jogos.
O jogo, às 16 horas de Brasília, será no estádio Robert Kennedy, em Washington, com capacidade para 56 mil torcedores.
‘Fiz o time analisar vídeos de jogos da Noruega’, afirmou o técnico José Duarte.
‘A principal jogada que elas têm é o cruzamento para a área’, disse o técnico.
A receita, segundo o treinador, é apertar a marcação.
‘É melhor matar o problema antes que ele surja.’
José Duarte acha que a defesa brasileira não está suficientemente preparada para ‘ganhar da Noruega nas bolas altas’. ‘Elas cabeceiam melhor.’ [...] (BRASIL..., 1996, p. 4).

Para tanto, José Duarte definiu como estratégia “apertar a marcação”, evitando os cruzamentos laterais. Essa foi coerente, porque as norueguesas eram muito melhores nesse fundamento, que, além disso, era um dos principais problemas dos *habitus* coletivos das seleções brasileiras.

No dia 22, um texto, titulado “Brasileiras festejam empate na estréia”, informou que a equipe nacional empatou com a Noruega (2 a 2), favorita, e, por isso, as jogadoras comemoraram.

A seleção brasileira feminina de futebol saiu do estádio Robert Kennedy, em Washington, comemorando o empate de 2 a 2 contra as norueguesas.
Campeã mundial em 1995, a Noruega era considerada a favorita.

A partida teve dois tempos distintos. No primeiro, as brasileiras limitaram-se a defender. No segundo, mais ousadas, foram mais perigosas do que as adversárias. A tática do técnico José Duarte, de apertar a marcação nas laterais para evitar cruzamentos para a área, mostrou-se infrutífera. Confusas, as atletas brasileiras congestionaram a lateral esquerda, cedendo espaço para a Noruega no miolo de zaga. Entrando na etapa final em desvantagem no placar, após o gol de Medalen, no primeiro tempo, o Brasil mudou de postura. Mais habilidosas do que as norueguesas, as brasileiras começaram a explorar os lançamentos, criando situações de perigo para as norueguesas. O empate do Brasil aconteceu após jogada rápida de Roseli, que cruzou para Pretinha, dentro da área, marcar. Em seguida, no entanto, falhas da defesa, ineficiente em bolas altas, proporcionaram o segundo gol para a Noruega, assinalado por Aarones, em falha da goleira Meg. [...]

No final do jogo, Pretinha, em jogada individual, empatou. (BRASILEIRAS..., 1996, p. 10)

As brasileiras jogaram muito retrancadas no primeiro tempo, reconhecendo a superioridade das adversárias. Na etapa final, elas foram ofensivas, empatando o jogo duas vezes. Já no geral, a estratégia de apertar a marcação para evitar os cruzamentos das norueguesas foi infrutífera, sendo o segundo gol delas resultante de uma jogada aérea.

No dia 23, um texto, titulado “Feminino pega o Japão em clima de vingança”, informou que o Brasil enfrentaria o Japão nesse dia. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol faz às 18h30, em Birmingham, contra o Japão, sua segunda partida na Olimpíada. Motivada pelo empate contra a Noruega, atual campeã do mundo, o Brasil tem dois motivos para derrotar as japonesas: vingar a derrota do masculino e se aproximar da classificação para as semifinais. Com um ponto na classificação, a equipe divide o segundo lugar com a Noruega. A Alemanha lidera o Grupo F com três pontos. (FEMININO..., 1996, p. 5).

A equipe teria dois motivos para vencer as japonesas, o texto completou: 1) Vingar a derrota da seleção masculina para o mesmo Japão; 2) Se aproximar da classificação, atingindo quatro pontos.

No dia 24, um texto, titulado “Feminino supera japonesas por 2 a 0”, informou que o Brasil venceu o Japão, vingando a equipe masculina. Vejamos.

A seleção brasileira feminina de futebol vingou a derrota da masculina ao derrotar o Japão por 2 a 0 ontem, em Birmingham. Com o resultado, as brasileiras precisam de um empate amanhã, contra a Alemanha, para passar às semifinais [...]

A partida contra as japonesas mostrou evolução do Brasil em relação ao futebol apresentado na estréia, quando empatou por 2 a 2 com a Noruega. No primeiro tempo, o time dirigido pelo técnico José Duarte dominou as ações, mas apresentou dificuldades para criar jogadas. [...]

No final do primeiro tempo, José Duarte substituiu a meia-atacante Sonia por Katia. A alteração deu certo. Katia deu maior velocidade ao ataque brasileiro, que passou a explorar as laterais do campo e os lançamentos em profundidade.

Aos 23min, a própria Kátia marcou após cobrança de escanteio.

[...]

Aos 32min, a atacante Pretinha aproveitou cruzamento de Roseli para fazer, de cabeça, o segundo gol brasileiro.

[...]

Pretinha, que marcou os dois gols na estréia da seleção, é a artilheira da equipe no torneio olímpico, com três gols. (FEMININO..., 1996, p. 5).

As brasileiras dominaram o jogo, o vencendo por méritos, e mostraram evolução em relação ao desempenho precedente. De fato, a vitória aproximou a equipe das semifinais, pois essa precisaria apenas empatar com a Alemanha no encerramento da fase grupal. Isso porque, depois dos resultados da segunda rodada, a classificação do Grupo F era Brasil (4 pontos / 2 gols de saldo), Noruega (4 pontos / 1 gol de saldo), Alemanha (3 pontos / 0 de saldo) e Japão (0 ponto / - 3 de saldo).

No dia 26, um texto, titulado “Brasileiras passam às semifinais”, informou que o Brasil empatou com a Alemanha, classificando-se para as semifinais.

A seleção brasileira feminina de futebol classificou-se para as semifinais dos Jogos Olímpicos ao empatar com a Alemanha por 1 a 1.

A Noruega, que goleou o Japão (4 a 0), ficou em primeiro no Grupo F. O Brasil, em segundo. Alemãs e japonesas foram eliminadas.

O jogo

O Brasil, que precisava empatar ontem em Birmingham (Alabama), sofreu o gol logo aos 4min. Wunderlich chutou no canto esquerdo de Meg, que pulou atrasada e não conseguiu defender.

[...]

Na primeira metade da etapa inicial, o meio-campo do Brasil apresentava problemas, não conseguindo lançar as atacantes Pretinha e Roseli.

[...]

No segundo tempo, o Brasil voltou melhor. Mais ofensivo, chegou ao empate aos 8min. Roseli tocou para Sissi, que chutou no canto esquerdo de Goller, fazendo 1 a 1. Depois do empate, as brasileiras tiveram 15 minutos de bom futebol, criando boas chances. No final, o time recuou para segurar o resultado. (BRASILEIRAS..., 1996, p. 5).

O Brasil não foi muito bem no início do primeiro tempo, sobretudo na criação de jogadas no “meio-campo”. Já na segunda etapa esse retornou melhor, mais “ofensivo”, conseguindo empatar o jogo e manter esse placar até o fim. Nas semifinais, o Brasil (2º do Grupo F) enfrentaria a China (1ª do Grupo E), e a Noruega (1ª do Grupo F) enfrentaria os Estados Unidos (2º do Grupo E).

No dia 27, um texto, titulado “Sob emoção, feminino vai para a Vila”, informou que a equipe feminina seria hospedada na Vila Olímpica pela primeira vez nesse ano. Assumpção (1996a, p. 4) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol entra hoje em clima de Olimpíada. Classificada para a semifinal, as jogadoras viajaram ontem para Atlanta (Geórgia) para se concentrar na Vila Olímpica. Amanhã, às 16h (horário de Brasília), enfrentam a China em Athens (a 104 km de Atlanta).

A expectativa

A campanha do Brasil na primeira fase foi considerada surpreendente. Norueguesas e alemãs, atuais campeãs e vice do mundo, respectivamente, eram tidas como favoritas. Apesar de ter conseguido o segundo lugar do Grupo F (a Noruega foi a primeira), as jogadoras acham que podem ir mais longe.

Isso porque as jogadoras treinaram em Rapid City antes do torneio olímpico e, após o início dessa competição, elas jogaram em Washington, D.C., e Birmingham. Nessas cidades, elas conseguiram realizar uma campanha classificada como “surpreendente”, atribuição coerente para quem as atribuiu o *status* de azarão.

Nesse dia, outro texto, titulado “Brasileiras são as mais velhas”, informou que a equipe feminina era constituída por duas gerações de jogadoras. As novatas estavam na “faixa etária de 18 a 21 anos”. Já as “experientes” tinham entre 27 e 40 anos, e, por isso, algumas dessa geração deixariam a equipe após os Jogos Olímpicos. (BRASILEIRAS..., 1996, p. 4). A prática de pressionar o encerramento de ciclos na seleção brasileira devido à idade era também uma das manifestações frequentes dos *habitus* dos jornalistas esportivos, sobretudo dos que cobriam futebol.

No dia 28, em um texto, titulado “Futebol de salão dá auxílio ao feminino contra a China”, Assumpção (1996b, p. 8) informou que a seleção feminina teria a “experiência no futebol de salão” como “arma” contra a China, nesse dia. “A maioria das nossas jogadoras veio do salão. Quem joga salão sabe dar dribles curtos e aproveitar cada espaço”, Sissi disse, e Pretinha confirmou.

O futsal é uma das práticas iniciais das mulheres no futebol. Ademais, o futsal era praticado pelas atletas do futebol feminino de rendimento por necessidade, devido à precária realidade desse esporte, completando o capital econômico mensal delas, conforme Knijnik (2006) constatou.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Média salarial da seleção é de R\$ 1.000 por mês”, Assumpção (1996c, p. 8) informou que essa média salarial e os benefícios adicionais eram pagos pela Sport Promotion, o que permitia que as jogadoras “se dediquem em tempo integral

à equipe”. No entanto, elas tinham dificuldades “para se manter só praticando o esporte”, no Brasil. Então, algumas estavam emigrando.

As dificuldades das futebolistas, no Brasil, foram novamente enfatizadas. Essa prática já estava se tornando uma manifestação dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo mais frequente.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “Falsa Surpresa” Amor (1996, p.8), Sissi opinou discordando do *status* de azarão atribuído à equipe feminina, ressaltando que a sua campanha era “surpresa para muita gente”, mas não para as jogadoras, que treinaram muito. Ela ainda salientou que a seleção as salvou, pois elas, contratadas pela Sport Promotion, puderam ter dedicação exclusiva ao esporte, contrastando parcialmente com a informação anterior.

No dia 29, um texto, titulado “Brasileiras cedem vitória à China e disputam o bronze”, informou que o Brasil perdeu da China por 2 a 3 e então disputaria a medalha de bronze contra a Noruega. Gonçalves (1996a, p. 4) escreveu:

Mais uma vez o Brasil se curva diante do Oriente: depois da derrota do time masculino contra o Japão, na estréia olímpica, ontem foi a vez da China.

[...]

A derrota por 3 a 2 deixou as brasileiras na disputa pelo bronze, em partida contra a Noruega na próxima quinta-feira.

É verdade que a China, no futebol feminino, ocupa uma posição internacional incomparável com a do Japão na versão masculina [...]

‘Chegamos até muito longe’, avalia Meg, a goleira do Brasil. ‘Essa foi a primeira vez que contamos realmente com uma estrutura de preparação.’

‘Ainda assim, depois do Mundial de 95, as nossas adversárias fizeram muito mais jogos contra equipes fortes do que nós,’ diz.

De qualquer forma, a partida foi movimentada, houve cinco gols e algumas jogadas dignas de nota.

A mais dramática - e frustrante - delas, já passado o tempo final de jogo, quando a China vencia por 3 a 2, foi uma investida de Roseli, que dominou a bola pela meia direita do ataque e saiu livre para dentro da área.

A brasileira tinha um corredor deserto à sua frente e poderia ter levado o jogo à prorrogação por ‘morte súbita’, caso não decidisse aplicar um corte na defesa chinesa para o interior da área, exatamente onde concentrava-se as rivais.

‘Aquela jogada foi puro desequilíbrio emocional’, disse Marcos Aurélio Costa, assessor do técnico José Duarte, logo depois da partida.

Ele acredita que a inexperiência e a responsabilidade de disputar uma semifinal olímpica foram, tanto quanto a China, fortes adversárias do Brasil.

‘Elas nunca chegaram num nível tão alto, e isso teve reflexos no desempenho do time. Houve um descontrole de cabeça. Elas já estavam nervosas quando perdiam, quando passaram a ganhar, parece que ficaram mais ainda.’

O Brasil começou a partida da pior maneira possível: levou um gol aos 5min, num chute forte de fora da área de Quingmei Sun.

[...]

Com o jogo reequilibrado, o Brasil chegou ao empate e virou, em jogadas de Roseli e Pretinha.

Mas acabou deixando a China empatar e, no último minuto, acabar com o sonho da medalha de ouro.

A linguagem do jornalista significou, mesmo ele considerando as opiniões da goleira Meg e do assessor Marcos Aurélio Costa, que, apesar da força da China no subcampo futebolístico feminino, as jogadoras foram culpadas pela derrota. Elas viraram o placar, mas deixaram que as chinesas o reverterem novamente por falhas técnicas.

Nesse dia, outro texto, titulado “Pretinha não vê decepção”, foi uma entrevista com Pretinha. Ela respondeu a seis questões para Gonçalves (1996b, p. 4), que abordaram esse jogo e a campanha brasileira, das quais duas foram destacadas.

Folha - Vocês vieram para cá acreditando que poderiam ganhar o ouro?

Pretinha - Nós viemos pensando em conquistar uma medalha. Nós estamos trabalhando e enfrentando adversárias muito fortes. Eu acho que mostramos nosso valor.

Folha - Então não é uma decepção disputar bronze?

Pretinha - De jeito nenhum. Queremos uma medalha, seja qual for.

A primeira foi sobre a crença das jogadoras na competição. Ela respondeu que o objetivo delas era conquistar uma medalha.

A segunda indagação foi sobre a possível “decepção” com a derrota nas semifinais. Pretinha foi coerente ao negar esse sentimento. Afinal, o objetivo coletivo ainda poderia ser alcançado.

No dia 31, um texto, titulado “Feminino já teme desemprego”, informou que as jogadoras temiam o desemprego, pois a Sport Promotion admitiu que não renovaria os contratos de todas elas depois dos Jogos Olímpicos. A ideia da empresa era “iniciar o processo de renovação da seleção feminina”, que tinha a mais elevada média de idade, 27 anos, entre as semifinalistas da competição. (FEMININO..., 1996, p. 4).

Nesse dia, outro texto, titulado “Brasileiras fazem preliminar”, informou que o Brasil enfrentaria a Noruega no dia seguinte, às 19h. Esse jogo seria a “preliminar” da final, Estados Unidos e China. (BRASILEIRAS..., 1996, p. 6).

Em **agosto**, no dia 01, um, titulado “Brasileiras jogam por ‘divulgação’”, informou que as brasileiras lutariam pelo bronze e pelos seus efeitos. Assumpção (1996d, p. 4) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol luta pela medalha de bronze às 19h (horário de Brasília), em Athens, contra a Noruega.

A esperança das jogadoras é que a conquista do bronze traga maior atenção ao futebol feminino no Brasil

‘É a chance de tentar mudar alguma coisa’, comentou a goleira Meg. ‘Com uma medalha, a imprensa e os torcedores passarão a valorizar as mulheres no futebol.’

As atacantes Roseli e Pretinha, as duas melhores do time, também acham que a medalha de bronze daria maior visibilidade ao esporte no Brasil.

‘Ninguém gosta de torcer para um time que só perde’, disse Roseli.

‘Se ficarmos em terceiro, os brasileiros vão nos valorizar.’

Para Pretinha, ‘o bronze vale ouro’. ‘Vamos jogar um trabalho de 7 meses em 90 minutos.’

As jogadoras tinham “esperança” de que a conquista da medalha de bronze proporcionaria mais valor e visibilidade ao futebol feminino no Brasil. A associação entre resultados considerados positivos e melhorias para esse esporte constituiu o *habitus* coletivo delas por muito tempo.

Nesse dia, outro texto, titulado “Equipe antecipa ida para Athens”, informou que a seleção feminina “antecipou” a viagem para essa cidade, onde enfrentaria, devido às condições do trânsito, “caótico”. (EQUIPE..., 1996, p. 4).

No dia 02, um texto, titulado “Brasileiras sofrem derrota e acabam em quarto lugar”, informou que o Brasil perdeu da Noruega (0 a 2). Damato e Magalhães (1996, p. 3) escreveram:

A seleção brasileira perdeu ontem por 2 a 0 para a Noruega na disputa da medalha de bronze do futebol feminino.

[...]

No primeiro tempo o placar só não mais elástico porque a goleira Meg fez quatro defesas difíceis.

[...]

A Noruega, com uma equipe mais forte, dominou desde o início.

Aos 20min, Medalen fez jogada na ponta direita e passou para trás. A defesa do Brasil falhou e Aarones, livre, fez 1 a 0.

Cinco minutos depois, Aarones recebeu lançamento, venceu a defesa brasileira na corrida e, de fora da área, chutou cruzado no ângulo, aumentando para 2 a 0.

[...]

No segundo tempo, o Brasil melhorou um pouco.

Pretinha marcou aos 5min, mas a arbitragem anulou apontando toque de mão, inexistente.

Mas logo depois, as norueguesas, atuais campeãs mundiais, voltaram a dominar o meio-campo, pressionando e criando novas chances. Meg, outra vez, evitou mais gols do adversário.

Durante toda a Olimpíada, a seleção feminina jamais recebeu o tratamento dispensado à equipe masculina.

Enquanto os homens ficaram em hotéis de luxo, isolados dos concorrentes, as mulheres se acomodaram em vilas olímpicas.

[...]

A campanha no último Mundial, quando ficou em nono lugar, credenciava a equipe a ser eliminada na primeira fase.

O quarto lugar acabou comemorado. ‘Nem nós esperávamos chegar tão longe’, disse a atacante Pretinha.

‘A partir de agora vão dar valor ao futebol feminino no Brasil’, disse a também atacante Michael Jackson.

Por um lado, os jornalistas reconheceram a força superior das norueguesas, que dominaram o jogo, e não golearam pela atuação relevante da goleira Meg. Por outro, ao final, eles atribuíram positividade à campanha das brasileiras, ressaltando que a equipe não teve o

mesmo “tratamento” que a seleção masculina, e, além disso, aquela tinha sido credenciada à eliminação na fase grupal.

Em **novembro**, no dia 27, um texto, titulado “Futebol feminino volta aos campos para jogos”, informou que a seleção brasileira iniciou a preparação para uma “série melhor de três partidas, a partir do dia 10, contra a Escócia”. Nove jogadoras que disputaram os Jogos Olímpicos foram mantidas na equipe pelo técnico José Duarte. (FUTEBOL..., 1996, p. 16).

Em 1997 e 1998, o número de publicações decresceu significativamente. Dois e cinco textos, respectivamente.

Em 1999, o Brasil disputou a Copa do Mundo, sediada nos Estados Unidos, de 19 de **junho** a 10 de **julho**. Durante esse ano, 36 textos foram publicados, alocados em oito categorias. (TABELA 4).

Tabela 4 – Categorização dos textos publicados em 1999

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	1	-	-	2	-	5	-	-	-	-	2	10
Brinquedo	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Competições	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	6
Equipe	-	-	-	-	1	6	6	-	-	1	-	-	14
Esporte	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Instituições	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
País	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Transmissão	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Total	-	4	1	-	3	7	18	-	-	1	-	2	36

Fonte: O autor

Em **fevereiro**, no dia 16, um texto, titulado “Sorteio põe Brasil no ‘grupo da morte’”, informou que o sorteio da Copa do Mundo, realizado no dia 14, “deixou o Brasil com poucas chances de passar à segunda fase”. Alemanha e Itália, que decidiram o último Campeonato Europeu, em 1997, e o México, que não tinha “resultados expressivos”, seriam os seus adversários no “Grupo B”. A competição seria disputada por “16 seleções” pela primeira vez, então apenas os dois primeiros colocados de cada grupo classificar-se-iam, o que contribuiu para a “diminuição das chances da seleção brasileira.” (SORTEIO..., 1999, p. 8).

Ou seja, essa linguagem significou que o Brasil continuava azarão em uma das duas competições mais significantes do subcampo futebolístico feminino, apesar da quarta colocação nos Jogos Olímpicos de 1996. As *performances* precedentes dos adversários foram também

consideradas, sendo Alemanha e Itália superiores pelas campanhas no Campeonato Europeu de 1997.

A Copa do Mundo estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira organizada no processo rodízio em séries, subdividida em quatro grupos, o A (Coréia do Norte, Estados Unidos, Dinamarca e Nigéria), o B, supracitado, o C (Canadá, Japão, Noruega e Rússia) e o D (Austrália, China, Gana e Suécia), todos com quatro seleções. As duas melhores de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

Em **maio**, no dia 22, um texto, titulado “Seleção faz preparação contra homens”, informou que a equipe feminina treinou contra equipes masculinas antes de viajar aos Estados Unidos. Bueno (1999a, p. 11) escreveu:

A seleção brasileira de futebol feminino chegou na quarta-feira aos EUA para iniciar sua preparação final para o Mundial.

A equipe, que integra o Grupo B do torneio, com Alemanha, Itália e México, treinou no Brasil contra equipes masculinas. Perdeu de 2 a 0 do juvenil do Fluminense. Empatou em 1 a 1 outro jogo. E venceu por 3 a 0 um time de Teresópolis.

‘Jogamos contra homens, pois não há um rival à altura entre mulheres’, disse Luiz Miguel Estevão.

Depois do amistoso de hoje, a seleção enfrenta equipes norte-americanas e as seleções de Austrália e Canadá, antes do Mundial.

A seleção, dirigida pelo técnico Wilson Riça, está reunida desde março, quando fez testes físicos em São Paulo. Em abril, o time começou a treinar na Granja Comary. A estréia no Mundial será no dia 19, contra o México.

Os amistosos constituem os treinos preparatórios, objetivando dar ritmo de jogo as jogadoras. Nesses jogos, a seleção feminina frequentemente enfrentava times masculinos porque o seu nível era considerado muito superior aos níveis dos times femininos do Brasil pelos dirigentes da CBF. Alguns cediam quase todas as suas jogadoras titulares, o que os enfraquecia mais, como o São Paulo e a Portuguesa que cederam oito cada, nesse ano.

Nesse dia, já em território americano, as brasileiras, sob o comando de Wilson Riça, que substituiu José Duarte em março, enfrentariam as anfitriãs, favoritas ao título,⁶⁵ e perderiam por 0 a 3. Elas ainda jogariam contra times locais, Austrália e Canadá, antes de enfrentar o México na estreia da Copa do Mundo.

Em **junho**, no dia 19, em um texto, titulado “Paulistas são base do Brasil”, Bueno (1999c, p. 11) informou que a seleção era “formada basicamente” por jogadoras do São Paulo

⁶⁵ Sobre o favoritismo dos Estados Unidos, ver Bueno (1999b).

e da Portuguesa, oito de cada. No entanto, os “nomes mais badalados”, Sissi e Pretinha, jogavam no Palmeiras e no Vasco.

No dia 20, um texto, titulado “Brasil dá 1ª goleada no Mundial feminino”, informou que o Brasil venceu o México por 7 a 1. Vejamos:

O Brasil conseguiu ontem sua primeira goleada na história do Mundial feminino. A seleção brasileira venceu o México por 7 a 1 em sua estréia na competição. Somando as duas primeiras edições do Mundial feminino, em 1991 e 95, o Brasil havia feito quatro gols. Em nenhuma partida, a equipe havia feito mais de um gol. Com a goleada de ontem, o Brasil lidera o Grupo B do Mundial, que acontece este ano nos EUA. A seleção pega agora Itália e Alemanha. (BRASIL..., 1999, p. 6).

Esse amplo resultado foi considerado marcante, a primeira goleada da equipe em Copas do Mundo, que terminou essa rodada com três pontos, na liderança do Grupo B. Alemanha e Itália empataram em 1 a 1, e dividiram, com 1 ponto cada, a segunda e a terceira colocações. Já o México ficou sem ponto, na lanterna.

No dia 21, um texto, titulado “Brasileiras vencem em estréia no Mundial”, informou que “seleção feminina” venceu na estreia por “7 a 1”. “Pretinha e Sissi fizeram três gols cada.” A próxima adversária seria a Itália. (BRASILEIRAS..., 1999, p. 6), no dia 24.

No dia 24, um texto, titulado “Seleção feminina tenta vaga nos EUA”, informou que seleção poderia se classificar antecipadamente para a eliminatória da competição. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol pode conseguir hoje, de forma antecipada, a classificação para as quartas-de-final do Mundial, que acontece nos EUA. A equipe, que goleou na estréia o México por 7 a 1, enfrenta a Itália em Chicago. Se conseguir uma vitória e a partida entre México e Alemanha terminar empatada, o Brasil estará matematicamente classificado para a segunda fase. [...] A meia Sissi e a atacante Pretinha são as artilheiras. Ambas fizeram três gols na estréia. Os próximos jogos do Brasil, porém, serão contra rivais mais difíceis [...] (SELEÇÃO..., 1999, p. 15).

O Brasil venceu a Itália por 2 a 0, e a Alemanha venceu o México por 6 a 0, resultados que o classificaram antecipadamente para a fase eliminatória. As brasileiras mantiveram a liderança (6 pontos, 8 gols de saldo), seguidas por alemãs (4 pontos, 6 gols de saldo), italianas (1 ponto, - 2 de saldo) e mexicanas (sem ponto, - 12 de saldo).

No dia 27, um texto, titulado “Brasil busca 1º lugar hoje contra alemãs”, informou que o Brasil enfrentaria a Alemanha objetivando a primeira colocação do Grupo B. Vejamos:

A seleção brasileira tenta hoje assegurar a primeira colocação do Grupo B do Mundial feminino de futebol, que acontece nos EUA.

No encerramento da primeira fase, enfrenta a Alemanha, em Washington, precisando apenas de um empate para terminar como primeira colocada de sua chave. Com seis pontos ganhos e duas vitórias (7 a 1 contra o México e 2 a 0 contra a Itália), o destaque da equipe brasileira vem sendo a meia Sissi, artilheira da competição, com cinco gols marcados. A passagem para as quartas de final da competição ficou garantida com a vitória sobre as italianas, assim como uma vaga para os Jogos de Sydney, em 2000. (BRASIL..., 1999, p. 5).

O empate já a garantiria para a equipe, que tinha Sissi, “artilheira” da competição, como “destaque”, e também classificaria as alemãs. Como o segundo colocado do Grupo B enfrentaria o primeiro do Grupo A, possivelmente os Estados Unidos, favoritos ao título, a vitória adquiriu mais significância.

A lei do subcampo futebolístico que determinava a Copa do Mundo como classificatória para os Jogos Olímpicos foi mantida, mas sete equipes se classificariam para esta, pois a Austrália, anfitriã, já estava garantida, conforme Gabriel (2015). Então, a vaga olímpica ainda não tinha sido conquistada, ao contrário do que foi dito no último parágrafo.

No dia 28, um texto, titulado “Brasil garante primeiro lugar e ‘escapa’ dos EUA no Mundial”, informou que o Brasil empatou com a Alemanha (3 a 3), garantindo a primeira colocação do Grupo B e evitando os Estados Unidos. Vejamos:

O Brasil empatou ontem com a Alemanha por 3 a 3 em Maryland, no Mundial feminino de futebol, disputado nos EUA.
Com o resultado, que garantiu o primeiro lugar no Grupo B, o Brasil evita o confronto com a temida equipe da casa, favorita ao título, nas quartas-de-final.
[...]
A seleção brasileira, que pela primeira vez avançou à segunda fase da competição, deve enfrentar agora a segunda classificada do Grupo A, a Nigéria.
A Alemanha, que terminou a primeira fase na vice-liderança do Grupo B, enfrentará os EUA.
[...]
No jogo de ontem, a Alemanha abriu a contagem aos 8 min, com um gol de Birgit Prinz. Sete minutos depois, o time brasileiro empatou com um chute longo de Kátia. Jogando no ataque, o Brasil virou o placar aos 20min, numa cobrança de falta bem executada por Sissi.
O time alemão voltou melhor no segundo tempo e em 15 minutos passou novamente à frente no placar, com gols marcados por Bettina Wiegmann (cobrando pênalti) e Steffi Jones.
Aos 45 min, Sissi cobrou falta e lançou a bola na área. Após dois toques de cabeça, a bola sobrou para Maicon, que chutou no canto do gol de Silke Rottenberg. (BRASIL..., 1999, p. 3).

A linguagem do texto significou o jogo teve alternâncias performáticas, e o Brasil conseguiu o empatar no final, modificando os confrontos seguintes. Um alívio para quem enfrentaria a “temida” anfitriã. As brasileiras, então 1^{as} do Grupo B, enfrentariam a Nigéria, 2^a do Grupo B, e a Alemanha (2^a do Grupo B) os Estados Unidos (1^{os} do Grupo A). Os outros

confrontos seriam Noruega (1º do Grupo C) *versus* Suécia (2º do Grupo D) e Rússia (2º do Grupo C) *versus* China (1º do Grupo D).

Em **julho**, no dia 01, um texto, titulado “Seleção feminina define hoje vaga para Olimpíada de 2000”, informou que o Brasil enfrentaria a Nigéria por vagas nas semifinais da Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos, em 2000. Bueno (1999d, p. 13) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol enfrenta hoje a Nigéria, em Washington, pelas quartas-de-final do Mundial, que acontece nos EUA. Em jogo, mais do que uma vaga nas semifinais da competição, estará o direito de participar da Olimpíada de Sydney, em 2000.

Disputarão os Jogos do ano que vem oito equipes. A Fifa, entidade que comanda o futebol, decidiu que não haverá Pré-Olímpico e que os oito melhores times do Mundial irão à Olimpíada.

Mas a Austrália, sede dos Jogos, não passou da primeira fase do Mundial. Como o time australiano tem vaga garantida na Olimpíada como anfitrião, o oitavo colocado do Mundial não irá aos Jogos.

O time que sofrer a derrota por maior placar nas quartas será considerado o oitavo colocado.

Por isso, o técnico brasileiro Wilson Riça comemorou muito a primeira colocação de sua equipe no Grupo B do torneio, que evitou um duelo com os EUA nas quartas.

[...] A seleção brasileira terá que enfrentar a seleção mais violenta do Mundial. A Nigéria faz, em média, 25 faltas por partida - o Brasil faz 10,3 faltas por jogo [...]

Três brasileiras foram indicadas para a seleção do Mundial: a meia Sissi, artilheira, com seis gols, e as atacantes Pretinha e Kátia.

Como foi mencionado outrora, sete seleções classificar-se-iam para o torneio olímpico. Com a eliminação das australianas, na fase grupal, essas não foram definidas. A equipe com o pior saldo de gols nas quartas de final estaria fora das duas competições. Por isso, Wilson Riça também “comemorou” que as brasileiras evitaram as americanas nas quartas de final. Elas enfrentariam as nigerianas, as mais violentas até então.

No dia 03, um texto, titulado “Na morte súbita, Brasil garante vaga na semifinal e em Sydney”, informou que as brasileiras venceram as nigerianas por 4 a 3, na prorrogação, as duas vagas supracitadas. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol venceu a Nigéria por 4 a 3, na morte súbita (prorrogação que termina quando acontece um gol), garantindo vaga nas semifinais do Mundial dos EUA e na Olimpíada de Sydney, em 2000.

Após abrir vantagem de 3 a 0 no primeiro tempo, com dois gols de Cidinha e um de Nenê, o Brasil permitiu o empate na segunda etapa. Na prorrogação, Sissi cobrou falta com perfeição aos 14 min da etapa inicial e definiu a classificação, em Washington, anteontem.

Pela primeira vez na história, uma seleção brasileira venceu na morte súbita em torneio importante. Em 1996, nos Jogos de Atlanta, a equipe masculina perdeu da mesma Nigéria, pelo mesmo placar com essa regra.

As semifinais serão amanhã. O Brasil enfrenta os EUA, grande favorita ao título. E a Noruega, atual campeã, joga contra a China. (NA MORTE..., 1999, p. 13).

Apesar da alternância performática do Brasil, que dificultou a sua classificação, uma das positivities desse acontecimento foi enfatizada. A primeira vitória do país “na morte súbita em torneio importante”, relembrando o fracasso masculino contra esse adversário, nas Olimpíadas de Atlanta. A prática de ressaltar as mulheres como remissoras dos fracassos dos homens era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo que cobriam futebol, reincidente de 1996.

Nas semifinais, a China, que venceu a Rússia por 2 a 0, enfrentaria a Noruega, que derrotou a Suécia por 3 a 1. Já os Estados Unidos, que venceram a Alemanha por 3 a 2, enfrentariam o Brasil.

No dia 04, um texto, titulado “Brasil e Sissi buscam consagração no 4 de julho”, informou que a equipe e a jogadora poderiam conseguir a “consagração mundial”, adentrando na “elite” desse esporte. Bueno (1999e, p. 8) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol e, em especial, a meia Sissi podem conseguir hoje, no jogo com os EUA, às 17h30 (horário de Brasília), a consagração mundial. O Brasil já faz a sua melhor campanha em Mundiais, mas ainda não decidiu nenhum torneio importante e não integra o grupo dos melhores do planeta. Uma vitória contra as norte-americanas, principais favoritas ao título, que jogam em casa - no mesmo Stanford Stadium, em San Francisco, onde o Brasil venceu os EUA por 1 a 0 na Copa-94, também em um 4 de julho, dia mais celebrado pelos norte-americanos -, daria ao Brasil o direito de jogar a final contra Noruega ou China, que fazem a outra semifinal hoje, mas, mais do que isso, põe a seleção nacional na elite. Sissi vem sendo o grande destaque individual da competição, rivalizando com a atacante norte-americana Mia Hamm, considerada a melhor do mundo. A brasileira é a artilheira do torneio, com sete gols. Mia Hamm, que soma 110 gols em jogos internacionais, fez seis, somando os três mundiais que disputou. Este ano, marcou só duas vezes.

Para tanto, o Brasil precisaria vencer os Estados Unidos, amplos favoritos e já consolidados nesse subcampo, o repórter disse, embasado no poder do discurso jornalístico, que Gastaldo (2000; 2003) ressaltou, e no capital simbólico da Folha de S.Paulo.

Ou seja, o jogo foi sentenciado como um possível ritual de instituição, evidenciando dois efeitos que o transcendiam. Segundo Bourdieu (1996b), os ritos de instituição são ações efetivadas por agentes socialmente legitimados para instituir diferenças sociais, criando categorias de percepção dicotômicas em outros.

No dia 05, um texto, titulado “EUA batem Brasil no Mundial feminino”, informou que as anfitriãs efetivaram o favoritismo delas, vencendo as brasileiras por 2 a 0. Bueno (1999f, p. 4) escreveu:

Os EUA venceram ontem o Brasil por 2 a 0 nas semifinais do Mundial feminino, no Stanford Stadium, em São Francisco.

A vitória das norte-americanas foi uma espécie de desforra da derrota sofrida pelo time masculino na Copa-94, quando o Brasil venceu por 1 a 0, gol de Bebeto, nas oitavas-de-final. Ambas as partidas aconteceram em 4 de julho, Dia da Independência dos EUA.

[...]

O time dos EUA, que desde o início era apontado como o maior favorito ao título, venceu com gols de Cindy Parlow e Michelle Akers.

Logo aos 5min da primeira etapa, Cindy marcou de cabeça, após aproveitar um cruzamento e uma falha da goleira brasileira Maravilha, que não agarrou a bola.

As brasileiras demonstraram nervosismo. No primeiro tempo, a zagueira Tânia e a meia Sissi, artilheira do torneio com sete gols, levaram cartão amarelo.

No segundo tempo, o Brasil melhorou. A principal chance da equipe aconteceu em um chute de Nenê, salvo pela goleira Scurry, que acabou sendo a grande figura do jogo na etapa final da partida - tirou uma bola quase em cima da linha do gol e suportou a pressão do time brasileiro.

A atacante Mía Hamm, considerada a melhor jogadora do mundo, fez a jogada que resultou no segundo gol dos EUA. Ela invadiu a área e foi derrubada. O juiz deu pênalti, que foi convertido por Michelle, aos 35 minutos do segundo tempo.

Michelle é a maior goleadora da história dos Mundiais - já fez 12 gols e foi a artilheira da primeira edição do evento, com 10 gols.

O Brasil alternou o seu desempenho, atuando nervoso no primeiro tempo, quando levou um gol em falha da goleira Maravilha. Já no segundo tempo, as brasileiras foram melhores do que as americanas, mas a goleira Scurry se tornou a “grande figura” do jogo, suportando a pressão das adversárias. Essa linguagem significou que ela garantiu o resultado, ampliado com a artilheira Michelle Akers, e os Estados Unidos venceram por mérito.

Nesse dia, outro texto, titulado “Brasileiras se contentam com Olimpíada”, informou que a seleção feminina conseguiu o seu principal objetivo na Copa do Mundo, a classificação para os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. Bueno (1999g, p. 4) escreveu:

A seleção brasileira não conseguiu pela terceira vez o título mundial, mas obteve ao menos seu principal objetivo na competição: a classificação para os Jogos Olímpicos de Sydney, no ano que vem.

[...]

O Brasil perdeu para o time que é considerado o melhor do mundo e algoz da seleção. A história registra 11 confrontos entre brasileiras e norte-americanas. Foram nove vitórias dos EUA, um empate e só uma vitória do Brasil - em dezembro de 1997, em São Paulo.

No Mundial de 1991, na China, os EUA golearam a seleção por 5 a 0. No principal amistoso de preparação do Brasil para o Mundial deste ano, poucas semanas antes de começar o torneio, as norte-americanas venceram por 3 a 0.

A linguagem do jornalista significou que ele atribuiu positividade à campanha do Brasil. Além do objetivo mencionado, ele acrescentou que esse perdeu para o “melhor do mundo”, o seu “algoz”. Em onze confrontos, os Estados Unidos foram vencedores nove vezes.

No dia 10, um texto, titulado “Brasil busca terceiro lugar e ascensão”, informou que a equipe lutaria por esse *ranking* na Copa do Mundo contra a Noruega. O êxito representaria ascensão. Bueno (1999h, p. 11) escreveu:

A seleção brasileira de futebol feminino luta hoje pela terceira colocação do Mundial. A equipe enfrenta a Noruega, atual campeã do torneio, em Los Angeles. Apesar da derrota de 2 a 0 para os EUA na semifinal, a equipe está motivada. Já conseguiu vaga na Olimpíada de Sydney, no ano que vem, e obteve a melhor colocação de sua história em Mundiais. O time feminino pode repetir a trajetória da equipe masculina em Mundiais. A seleção só teve destaque em sua terceira Copa - ficou em terceiro lugar no Mundial de 1938, e Leônidas foi o artilheiro.

A ascensão seria efetivada porque as brasileiras repetiriam a trajetória dos homens nessa competição, que também conseguiram o terceiro lugar na terceira Copa do Mundo disputada, em 1938. Essa linguagem claramente significou que a campanha teria mais positividade, agregando esse feito a classificação aos Jogos Olímpicos.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Sissi integra a ‘seleção ideal’”, Bueno (1999i, p. 11) disse que a jogadora foi escolhida como uma das 16 atletas de “mais destaque” da Copa do Mundo. Sissi, que ainda disputava a artilharia, foi escalada na ‘seleção ideal do torneio’, o ‘All-Star Team’ da FIFA, acumulando mais capital simbólico, o qual a faria ser reconhecida como ídolo.

O terceiro lugar e a final terminaram 0 a 0 e foram decididos nos pênaltis. O Brasil venceu a Noruega por 5 a 4. Os Estados Unidos venceram a China pelo mesmo placar.

Em **outubro**, no dia 04, um texto, titulado “EUA vencem Brasil na US Cup feminina”, informou que as brasileiras perderam para as americanas outra vez, na final dessa competição, por 2 a 4. No entanto, o Brasil foi o adversário mais difícil dos Estados Unidos, que tinham goleado a Coreia do Sul, 5 a 0, e a Finlândia, 6 a 0. (EUA..., 1999, p. 4).

4 AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA DÉCADA DOS ANOS 2000

Os objetivos deste capítulo foram descrever e analisar como a seleção brasileira e as suas jogadoras foram representadas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, na primeira década dos anos 2000. Para tanto, o relatório foi organizado em seção única, considerando os anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos (1991, 1995, 1996, 1999), na qual os textos alocados nas categorias **equipe** foram analisados.

Em 2000, o Brasil disputou a Copa Ouro, realizada nos Estados Unidos, entre os dias 23 de **junho** e 03 de **julho**, e os Jogos Olímpicos, sediados em Sydney, de 13 de **setembro** a 01 de **outubro**. Durante esse ano, 53 textos foram publicados, colocados em sete categorias. (TABELA 5).

Tabela 5 – Categorização dos textos publicados em 2000

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	1	-	-	8	1	1	-	11
Comentarista	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Com. Técnica	-	-	3	-	1	-	1	-	2	-	-	-	7
Competições	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Equipe	-	1	3	1	-	2	3	-	20	-	-	-	30
Instituições	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Total	-	1	6	1	1	6	4	-	32	1	1	-	53

Fonte: O autor

Em **fevereiro**, no dia 06, em um texto, titulado “Mulheres”, Bueno (2000, p. 6) opinou que a seleção feminina poderia “sonhar” com o ouro em Sydney. Os seus adversários seriam os Estados Unidos, a Noruega e a China, ambas equipes com problemas.

A linguagem do colunista significou que o Brasil poderia ser campeão do torneio olímpico pela situação complexa dos adversários associada à sua ascensão no subcampo futebolístico. A equipe feminina tinha conquistado a terceira colocação na Copa do Mundo em 1999.

Em **março**, no dia 16, um texto, titulado “Substitutas”, informou que a “seleção feminina” ocuparia a “Granja Comary”, depois que a equipe de Luxemburgo viajasse para Bogotá, de 28 de março a 16 de abril. (SUBSTITUTAS, 2000, p. 2). Nesse dia, outro texto,

titulado “Competição”, informou que a aquela equipe iniciaria “os preparativos” para a Copa Ouro, que seria realizada nos Estados Unidos, em junho. (COMPETIÇÃO, 2000, p. 2).

No dia 29, um texto, titulado “Seleção feminina se apresenta no Rio”, informou que o grupo convocado “para disputar a Copa Ouro” se apresentaria ontem ao técnico Wilsinho. Elas treinariam na “Granja Comary” até o dia 16 de abril. (SELEÇÃO..., 2000, p. 3).

Em **abril**, no dia 06, um texto, titulado “Seleção feminina faz amistoso no Rio”, informou que a equipe, em “preparação para a disputa da Copa Ouro”, jogaria contra a equipe juvenil masculina do CFZ, nesse dia. (SELEÇÃO..., 2000, p. 5).

Em **junho**, no dia 02, um texto, titulado “Tietagem”, informou que as jogadoras da seleção feminina estavam “decepcionadas” com os jogadores da masculina. Apenas Amoroso tinha demonstrado simpatia. “Os demais praticamente as ignoraram.” (TIETAGEM, 2000, p. D2). Se a informação for verdadeira, essa demonstra a falta de humildade que eles tiveram com elas.

Depois do período de treinos no Rio de Janeiro, o Brasil estreou na Copa Ouro,⁶⁶ no dia 23 de junho, vencendo a Costa Rica por 8 a 0. Dois dias depois, a vítima foi Trinidad e Tobago, 11 a 0. Já no dia 27, brasileiras e norte-americanas empataram em 0 a 0.

No dia 28, um texto, titulado “Brasil perde na moeda para os EUA”, informou que aquela perdeu a “primeira posição do Grupo A na moeda” para esta equipe, critério utilizado como desempate. A China seria provavelmente o adversário da semifinal. (BRASIL..., 2000, p. D8).

Em **julho**, no dia 01, um texto, titulado “Time feminino do Brasil tem decisão com a China”, informou que a seleção brasileira enfrentaria a China em uma das semifinais da Copa Ouro. (TIME..., 2000, p. D3). A outra semifinal seria Estados Unidos *versus* Canadá.

O Brasil venceu a China por 3 a 2, na morte súbita, depois do empate em 2 a 2 no tempo regulamentar. Já os Estados Unidos venceram o Canadá por 2 a 1.

No dia 03, um texto, titulado “Brasil decide Copa Ouro contra EUA”, informou que aquela disputaria a “decisão do torneio” contra esta equipe. O jogo seria realizado nesse dia. (BRASIL..., 2000, p. D6).

⁶⁶ A Copa Ouro seria disputada de 23 de junho a 03 de julho, em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira organizada no processo rodízio em séries, subdividida em dois grupos. No Grupo A estavam Brasil, Costa Rica, Estados Unidos e Trinidad e Tobago. Já no Grupo B estavam Canadá, China, Guatemala e México. As duas melhores classificaram-se para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançaram e continuaram jogando entre si até final e os perdedores não tiveram outra chance de disputar o título.

No dia 04, um texto, titulado “Time feminino do Brasil perde a final da Copa Ouro para os EUA”, informou que a seleção brasileira perdeu o título dessa competição para a americana por 1 a 0. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol perdeu ontem o título da Copa Ouro ao ser derrotada pelos EUA, os anfitriões da competição, por 1 a 0 [...]
 A equipe dirigida pelo técnico Zé Duarte quase não ofereceu perigo ao adversário. No começo do jogo, deu a impressão de que iria atacar e procurar a vitória. Logo aos 6 min, Sissi acertou uma bola no travessão. Mas foi só. Depois disso, o time que tinha enormes dificuldades para tabelar, passou a ser dominado pelas norte-americanas. Mesmo sem jogar bem, os EUA abriram o marcador aos 44min do primeiro tempo, num chute de Milbrett, de dentro da área. A atleta dos EUA aproveitou desatenção de três defensoras brasileiras para anotar o gol [...]
 No segundo tempo, o jogo continuou fraco, provocando bocejos da torcida. Apático, o Brasil voltou recuado, tentando, geralmente sem sucesso, criar jogadas de contra-ataque.
 [...] No final, mesmo necessitando atacar para tentar mudar o marcador, o Brasil continuou mal postado em campo e a torcida, descontente com o ritmo do jogo, a deixar o estádio. (TIME..., 2000, p. D4).

O texto enfatizou a falta de inspiração e a má atuação do Brasil no jogo, mas esse reconheceu os méritos do Estados Unidos, que o dominou, apesar de as norte-americanas também não terem atuado bem. O fraco espetáculo provocou “bocejos” na torcida, que deixou o estádio paulatinamente.

Em **setembro**, no dia 03, um texto, titulado “Seleção feminina perde para EUA por 4 a 0”, informou que o Brasil perdeu dos Estados por 0 a 4, em um amistoso objetivando a “Olimpíada”, realizado “na Califórnia”. (SELEÇÃO..., 2000, p. D6).

Nesse dia, outro texto, titulado “Futebol feminino vai a Sydney atrás do (vil) metal”, informou que as brasileiras competiram os Jogos Olímpicos objetivando a *Women’s United Soccer Association* (WUSA). Bertolotto (2000a, p. D10) escreveu:

O futebol feminino do Brasil compete em Sydney de olho em Atlanta. O que parece uma inversão lógica é a mais pura realidade.
 Explica-se: a Olimpíada deste ano será a vitrine para as brasileiras chegarem à WUSA, a liga profissional norte-americana que começa em 2001 e contará com um de seus oito times na cidade-sede dos Jogos de 1996.
 [...] O campeonato dá sinais de que será um sucesso financeiro.
 [...] Nos EUA, as jogadoras de futebol têm status de popstar, e o maior exemplo é a atacante Mia Hamm, estrela da seleção, que é garota propaganda da Nike. Tudo isso faz com que a migração pareça inevitável, afinal o cenário brasileiro é bem diferente.
 Não há contrato profissional ou lei do passe. Assim, até as jogadoras de seleção trabalham nos clubes recebendo R\$ 300 por partida realizada [...]
 Em Sydney-2000, a perspectiva é de medalha, segundo a comissão técnica. “As medalhas de prata e bronze estão dentro de nossos planos. O Ouro seria um feito.

Enquanto na Olimpíada passada fomos surpresa, agora chegamos como bicho-papão”, diz Zé Duarte, técnico do selecionado, que tenta evitar comparações com Wanderley Luxemburgo.

Ele também já se acostumou com a prioridade de Luxemburgo na Granja Comary, centro de treinamento da CBF em Teresópolis (RJ). Há um mês, o time feminino foi ‘despejado’ de lá para que entrasse o masculino.

Isso é só um indício do tratamento diferenciado que a CBF concede às duas seleções. [...]

Além disso, as jogadoras têm de lavar suas roupas íntimas, porque o serviço de lavanderia não faz isso.

Neste ano, as jogadoras estiveram três vezes na Granja Comary, totalizando 65 dias de concentração [...]

Ao contrário dos homens, não reclamam do tédio na região serrana do Rio. ‘Nossa rotina é comer, dormir e treinar. Não há tempo para pensar em diversão’, diz a volante Formiga, uma das poucas com programa certo para a única folga semanal: passear com o namorado aos domingos.

A maioria acaba ficando no centro de treinamento. Umas correm para o videokê, outras para a Bíblia. As mais vaidosas passam esse tempo no banheiro, pintando a unha ou tratando o cabelo.

A precária realidade do futebol feminino brasileiro, que não era “profissional”, e o tratamento sexista ofertado pela CBF à seleção feminina, secundarizada, foram novamente enfatizados. Por consequência dessas situações, e também considerando a perspectiva de “sucesso” da WUSA, e o *status* de “popstar” das americanas, se as brasileiras tivessem propostas, a “migração” delas parecia “inevitável”. Para tanto, o torneio olímpico seria uma espécie de “vitrine”. Apesar dessas ênfases, o jornalista cometeu um ato falho ao abordar a orientação sexual de Formiga, que passeava com o namorado dela nas folgas, aos domingos.

No dia 12, um texto, titulado “Boa noite, Cinderela”, informou que as futebolistas abririram a “participação mais feminina do Brasil” em Jogos Olímpicos. Vejamos:

No lugar do baile, uma partida. Segregadas no país da bola, as jogadoras da seleção de futebol abrem na próxima madrugada a participação mais feminina do Brasil em Olimpíadas [...]

Serão 94 mulheres de um total de 204 atletas brasileiros (46%) [...]

Festjada como esperança de medalha, a equipe da meia Sissi sai do obscuro mundo do futebol de mulheres do Brasil, salários baixos e pouco apoio, para um quase estrelato. Passados os Jogos Olímpicos, com uma medalha, elas acreditam conseguir reverter a situação.

Sem sucesso, voltarão à realidade de ‘gata borralheira’ ou iniciarão uma debandada rumo à meca da modalidade, os EUA, que abrem sua liga feminina em 2001. No lugar de sapatinho de cristal, chuteiras. (BOA NOITE..., 2000, p. D1).

A mudança de *status* atribuído à equipe de azarão para candidata ou “esperança” foi confirmada, subjacente à precária realidade do futebol feminino brasileiro, que continuaria sendo enfatizada nessa cobertura. As jogadoras também continuavam crendo que os bons resultados a modificariam. Caso contrário, a imigração aos Estados Unidos poderia ser uma possibilidade.

Nesse dia, outro texto, titulado “Brasileiras esquecem adversidades para abrir corrida pelo inédito ouro olímpico”, informou que as jogadoras abririam a participação do Brasil nas Olimpíadas. Victor (2000a, p. D3) escreveu:

Quando entrarem no campo do Melbourne Cricket Ground na madrugada de amanhã (3h de Brasília) para enfrentar a Suécia, as jogadoras da seleção brasileira feminina de futebol se esquecerão de que, apesar de terem um time muito mais experiente que o dos homens, seguem sendo encaradas como amadoras.

Por 90 minutos, elas deixarão de lado a discriminação que ainda sofrem por terem resolvido jogar bola, ignorarão a escassez de recursos e campeonatos no Brasil e se esquecerão dos 4 a 0 que tomaram dos EUA em amistoso na semana passada.

As mulheres do futebol estarão abrindo a participação do Brasil nos Jogos de Sydney, na Olimpíada com a maior presença feminina na delegação brasileira na história, e comecem a corrida pela medalha que, em Atlanta-96, escapou por um triz.

[...]

‘Claro que tem o seu lado positivo. Mostra que, mesmo com tanta discriminação, a gente está cavando o nosso espaço e que temos valor. Mas, no caso do futebol feminino, mostra também que, depois de tanto tempo, ainda temos que superar dificuldades e mostrar que temos condições’, declara a meia vascaína Sissi, 33, do alto dos seus 14 anos de seleção e da condição de craque do time.

Tida como uma das melhores jogadoras do mundo hoje [...] Sissi ainda se submete a situações constrangedoras, como estar se alimentando apenas de pão na Austrália, pois considera a comida do hotel em Melbourne péssima.

Quando fala em dificuldades, Sissi, a mais velha do grupo, sabe melhor que ninguém quão difícil é atuar no Brasil, onde o futebol feminino praticamente se resume a três clubes - São Paulo, Vasco e Lusa Sant’Anna, que, juntos, cederam as 18 convocadas. Na equipe masculina, os 18 jogadores pertencem a 13 clubes (14, se o são-paulino Fábio Aurélio fechar com o Napoli).

No quesito salários, a disparidade é ainda maior: enquanto a média salarial mensal da seleção feminina gira em torno de R\$ 2.500,00, entre os homens, onde ninguém tem mais de 23 anos, salta para cerca de R\$ 60 mil.

É essa realidade que deverá causar uma debandada de brasileiras para a WUSA, a liga profissional norte-americana que começa em 2001 e permitirá a inscrição de duas estrangeiras por equipe.

‘Talvez, se a gente ganhar uma medalha, não precise sair’, diz a atacante Roseli, 31, do Vasco.

Segundo o jornalista, as jogadoras esqueceriam a precária realidade do futebol feminino nacional e as “discriminações” sofridas ao entrarem em campo para enfrentarem as suecas. A alimentação na Austrália foi acrescentada às dificuldades que já eram vivenciadas por elas. Todas essas poderiam “causar uma debandada de brasileiras para a WUSA”, embora elas acreditassem em mudanças, conforme foi ressaltado novamente.

Nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Falta de apoio fez Sissi pensar em se aposentar”, foi uma entrevista com Sissi. Ela respondeu a seis indagações, que abordaram sobre a seleção brasileira e as jogadoras, das quais duas foram destacadas como representativas.

Folha - Quais as chances da seleção feminina?

Sissi - Não pode nunca se apontar a seleção brasileira como favorita, porque não é. Entramos sempre como zebra, porque temos muitas dificuldades. Quem está de fora

não sabe, mas é um sofrimento. Se tivéssemos um pouco mais de apoio, seria diferente. A gente nem sabe o que pode acontecer se a seleção não for bem nos Jogos. Sem dúvida será a minha última Olimpíada. Mas cheguei a ponto de, aqui na Austrália, pensar em parar.

Folha - Em largar tudo e abandonar a seleção?

Sissi - É.

(FALTA..., 2000, p. D3).

A primeira foi sobre as chances da “seleção feminina” na competição. Sissi afirmou que a equipe era “zebra”, que significa equipe mais fraca do que os adversários,⁶⁷ no subcampo futebolístico, diferindo da consideração dessa cobertura esportiva. Esse *status* resultava das dificuldades enfrentadas pelas jogadoras, que quase a fizeram abandonar a delegação brasileira, na Austrália, tal como ela confirmou em resposta à segunda indagação.

Ainda nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Jogadoras estranham comida e ficam só no pão”, informou que as jogadoras estranharam a comida feita na Austrália. Victor (2000b, p. D3) escreveu:

Além dos EUA, da China e da Noruega, a alimentação passou a ser, para a seleção feminina, ameaça à conquista da medalha.

Desde o último dia 4, quando o time chegou a Melbourne, a qualidade da comida virou um suplício para as jogadoras brasileiras.

‘O tempero é totalmente diferente do brasileiro, o arroz é ‘unidos venceremos’. A preparação está boa, mas a dificuldade é a alimentação’, diz a atacante Roseli.

‘A equipe não está aguentando. Ou você fecha os olhos e come ou come só pão e café [...]’

‘Estou comendo pão e nada mais’, afirmou a volante Cidinha.

O jornalista completou o enfoque que antecedeu a estreia do Brasil nos *Olympic Games*, ressaltando que a “alimentação” tinha se tornado outra “ameaça à conquista da medalha”. Já entre os participantes, Estados Unidos, China e Noruega continuaram sendo consideradas os principais adversários, que poderiam ser confrontados apenas nas eliminatórias.

O torneio de futebol feminino estava organizado em processo de combinações, isto é, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em dois grupos, o E (Alemanha, Austrália, Brasil e Suécia) e o F (China, Estados Unidos, Nigéria e Noruega). As duas melhores de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

⁶⁷ Sobre isso, ver Queiroz (2005).

No dia 14, um texto, titulado “Seleção feminina enfrenta peregrinação após vitória”, informou que as brasileiras teriam que peregrinar para enfrentar a Alemanha e a Austrália após vencerem as suecas (2 a 0). Vejamos:

Além da discriminação que ainda enfrentam em relação à seleção masculina, as brasileiras terão um adversário extra nas próximas rodadas dos Jogos Olímpicos, após a estréia com vitória de 2 a 0 sobre a Suécia, na madrugada de ontem, no campo do Melbourne Cricket Ground.

Enquanto o time de Wanderley Luxemburgo terá uma sede fixa, em Brisbane, na primeira fase do torneio de futebol, a equipe do técnico Zé Duarte terá de se deslocar, em menos de uma semana, de Melbourne para Canberra e, depois, para Sydney.

A seleção itinerante volta a campo às 3h30 de sábado para enfrentar a Alemanha na capital australiana. O time desembarca hoje, às 23h, em Canberra. Em Sydney, vai jogar contra a Austrália, no próximo dia 19, no mesmo horário.

O desgaste, além das viagens aéreas, envolve a mudança de hotel a cada dois dias.

[...]

A vitória de ontem foi o primeiro passo na corrida pelo inédito ouro olímpico que as jogadoras da seleção feminina almejam para poder começar a reivindicar os mesmos privilégios dos homens.

Na fase de preparação para os Jogos, as brasileiras chegaram a ser ‘despejadas’ da Granja Comary [...] para dar lugar ao grupo masculino.

Apesar de ter um time muito mais experiente que o dos homens na Olimpíada, o salário médio da equipe feminina é de R\$ 2.500. Na seleção masculina, com atletas abaixo de 23 anos, a média salta para R\$ 60 mil.

Na Austrália, as brasileiras enfrentam problema até com a alimentação [...] o que já não ocorre com os homens, que levaram mantimentos e seus próprios cozinheiros.

[...]

Mesmo tendo de enfrentar a peregrinação, a equipe feminina ficou otimista, após a vitória sobre a Suécia, em relação à possibilidade de conquistar o primeiro lugar do Grupo E, para evitar um possível confronto com os Estados Unidos, favoritos ao ouro, nas semifinais.

[...]

Os gols da partida que representou a estréia do Brasil nos Jogos de Sydney foram marcados por Pretinha, aos 21min do primeiro tempo, e por Kátia Cilene, aos 25min do segundo tempo. (SELEÇÃO..., 2000, p. D8).

Apesar da importante vitória contra as suecas, a “peregrinação” que as brasileiras enfrentariam para os jogos seguintes contra as alemãs e as australianas, diferentemente da seleção masculina, foi destacada. Outra dificuldade acrescida às que já tinham sido mencionadas e foram então lembradas.

Mesmo assim, elas ficaram otimistas com a possibilidade de se classificarem em primeiro do grupo delas, evitando as americanas na semifinal. A prática de preferir enfrentar nas últimas fases eliminatórias, sobretudo na final, os adversários mais temidos, é uma das manifestações comuns dos *habitus* dos agentes que vivenciam o subcampo futebolístico. Esses parecem acreditar que fatores psicológicos e sobrenaturais podem influir nos desempenhos e auxiliar em um resultado positivo.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Reserva, Roseli reclama e causa primeira crise”, Victor (2000c, p. 8) informou que Roseli “reclamou” por ter sido reserva no primeiro jogo, gerando a “primeira crise interna” da seleção. “É a primeira vez que fico na reserva em 15 anos de seleção. E, sinceramente, não sei o motivo.” “Não acho que ele (o técnico Zé Duarte) faria isso, mas a comissão, a diretoria. Quem fala muito, dura pouco, e eu luto pelos meus direitos”, ela completou.

Para completar o enfoque informativo do futebol feminino desse dia, a “crise” de relacionamento entre Roseli, até então uma das principais jogadoras do Brasil, e a comissão técnica e a diretoria. Mais uma dificuldade para a equipe transcender na competição.

No dia 15, um texto, titulado “Brasileiras jogam pela liderança”, informou que, se o Brasil vencesse a Alemanha, esse teria “ótimas chances de garantir o primeiro lugar no Grupo E”. “Terminar na frente a primeira fase seria fundamental pois, assim, a seleção brasileira pegaria nas semifinais a segunda colocada do Grupo F, que reúne as favoritas China e EUA”. (BRASILEIRAS..., 2000, p. D5).

Quem vencesse esse jogo lideraria o grupo, mas as brasileiras enfrentariam as australianas na última rodada, adversárias teoricamente mais fracas, aumentando as chances de efetivar a primeira colocação. Essa seria “fundamental” para fugir das americanas na semifinal, principalmente, o que ressaltou o *habitus* que prefere enfrentar os adversários mais temidos na final.

No dia 17, um texto, titulado “Brasil encanta Canberra, mas perde da Alemanha”, informou que o Brasil perdeu da Alemanha (2 a 1), mas encantou a torcida anfitriã. Bertolotto (2000b, p. D12) escreveu:

O Brasil ganhou a torcida, mas não o jogo. Em Canberra, pela segunda rodada da competição na Olimpíada de Sydney, a seleção feminina de futebol perdeu por 2 a 1 para a Alemanha e agora terá de enfrentar as anfitriãs para passar às semifinais.

[...]

Depois de uma chance para cada lado, a Alemanha abriu o placar aos 32min. Minert escorou uma bola, que a atacante Prinz chutou forte, sem chance de defesa para a goleira Andréia.

[...]

A Alemanha se postava com quatro defensoras e cinco meias, impossibilitando a penetração das brasileiras, que davam dribles e faziam jogadas de efeitos, ganhando o poio da torcida, mas sem efetividade.

Já o Brasil perdia seu desenho tático em muitos momentos. Em uma distração dessas, aos 41min, surgiu o segundo gol alemão. Após cobrança de lateral, Prinz entrou na área e chutou cruzado.

Para o segundo tempo, a seleção fez duas modificações, entrando Nenê e Roseli. Apesar de o Brasil ter melhorado seu jogo, a Alemanha seguiu dominando.

Aos 13min, Prinz mandou a bola na trave. Aos 16min, Wiegmann chutou rente à trave. Aos 21min, foi a vez de Grings finalizar para fora por um triz.

Mas, aos 24min, a meia Raquel entrou no lugar de Cidinha. Passou dois minutos, ela recebeu a bola na entrada da área e chutou no canto esquerdo de Rottenberg. O time se inflou com o gol e os gritos da torcida [...]
As europeias tiveram mais três chances de gol, todas desperdiçadas pela atacante Grings. Aos 47min, ela chutou forte para fora quando estava cara a cara com a goleira brasileira.

As alemãs dominaram o jogo, o vencendo por mérito, mas as brasileiras, com “dribles” e “jogadas de efeito” inefetivos, conquistaram a torcida anfitriã, que aumentou o apoio quando elas fizeram um gol. Apesar desse apoio e da melhoria performática, o placar não foi alterado, tornando essencial que elas derrotassem as australianas para esse efetivar a classificação. Isso porque a Alemanha era a líder do grupo, seis pontos, seguida por Brasil, três pontos, Suécia, um ponto e Austrália, um ponto.

No dia 18, um texto, titulado “Seleção enfrenta as ‘matildas’ na luta por uma vaga”, informou que o Brasil enfrentaria a Austrália pela classificação para a fase eliminatória. Bertolotto (2000c, p. D4) escreveu:

Para passar à semifinal olímpica, as brasileiras terão pela frente nesta próxima madrugada, em Sydney, as ‘matildas’, como são apelidadas as jogadoras da seleção anfitriã de futebol.
As duas equipes nunca se enfrentaram em um jogo oficial, ficando o favoritismo para o Brasil, apesar de jogar na casa das rivais.
[...]
As australianas tiveram sempre atuações fracas em torneios internacionais. Conseguiram vaga porque na Oceania não há adversárias. Nos dois Mundiais que disputaram (China-95 e EUA-99), não passaram da primeira fase; o mesmo aconteceu em Atlanta-96.
Já o Brasil vem em um caminho ascendente. De novo lugar nos Mundiais de 1991 e 1995, a equipe pulou para o quarto lugar em Atlanta-96 e para o terceiro posto no Mundial do ano passado.

As brasileiras foram consideradas favoritas para o jogo decisivo contra a Austrália. Nessa situação, as *performances* precedentes da seleção brasileira, que reverberavam a ascensão da equipe no subcampo futebolístico, sobrepujaram a força australiana, constituída pela sede da competição.

No dia 20, um texto, titulado “Em crise de relacionamento, Brasil vence ‘matildas’ e vai às semifinais em Sydney”, informou que o Brasil venceu a Austrália por 2 a 1, classificando-se para a eliminatória. Todavia, a equipe tinha problemas de relacionamento. Bertolotto (2000d, p. D5) escreveu:

O futebol feminino do Brasil segue em sua corrida por uma medalha após bater a Austrália por 2 a 1, em Sydney, ficar no segundo lugar de seu grupo e passar às semifinais. Mas o clima não é dos melhores entre as atletas.
[...]

A atacante Kátia confirmou que há atritos na equipe. ‘Foi muito tempo juntas na preparação. Agora existe muita pressão pelo resultado. E, depois da Olimpíada, muitas não têm perspectiva de futuro, porque não há torneios no Brasil. Isso acaba desgastando.’

Há exemplos evidentes: a atacante Roseli e a volante Formiga já se queixaram de ter ido para a reserva no torneio olímpico.

Mas o episódio mais claro do ambiente estremecido foi a briga em Melbourne entre a zagueira Mônica e a volante Daniela, por causa da internet. Mônica agarrou o pescoço de Daniela, que, para se desvencilhar, deu um soco na companheira.

O Brasil, porém, não tem só problemas de bastidores. Também tem dentro do campo. A principal armadora da equipe, Sissi, tem um problema físico (desgarro muscular na coxa direita) e vem atuando abaixo de seu nível. ‘Estou a ponto de estourar’, disse, sobre a contusão que sentiu no jogo contra as suecas.

Outro problema é a diferença de porte físico entre as brasileiras e as adversárias [...]

As ‘matildas’, como são chamadas as australianas, fizeram da imposição física sua arma, assim como a Alemanha já havia feito no jogo anterior. As anfitriãs dominaram o primeiro tempo de jogo. Aos 8min e aos 10min, chutaram duas bolas sobre o travessão.

Incentivadas pela torcida [...], elas se lançaram ao ataque.

[...]

As australianas seguiam tentando. Aos 30min, a atacante Hughes recebeu na área, mas chutou sobre a goleira Andréia.

Dois minutos depois, ela se redimiou, fazendo um lindo gol. Dominou a bola, deu um chapéu em Simone, driblou Tânia e chutou forte para marcar.

O Brasil se descontrolou e pareceu ter voltado abatido para o segundo tempo. Nos primeiros três minutos, a Austrália teve duas oportunidades claras de gol.

Mas, aos 10min, uma falha da zaga australiana possibilitou o empate. A goleira Wheeler saiu da área para dividir um lance, e a bola sobrou para a meia Raquel, que chutou alto para encobri-la.

[...]

Aos 18min, o Brasil virou a partida, com Formiga tocando para Kátia entrar na área e marcar.

Além vitória sofrida das favoritas, efetivada mais por descuido das australianas, que dominaram o jogo, mas não o definiram, o jornalista abordou novamente os problemas do Brasil. O “clima” do grupo brasileiro, estressado, era ruim, simbolizado pela briga entre Mônica e Daniela. Ademais, a contusão de Sissi, “principal” jogadora do Brasil, que influía na *performance* dela, e o estilo de jogo das adversárias, mais “físico”, foram destacados e acrescentados aos anteriormente mencionados.

A fase grupal foi encerrada, e, apesar desses problemas, o Brasil (2º do Grupo E) se classificou para a semifinal para enfrentar os temidos Estados Unidos (1º do Grupo F). O outro jogo seria Alemanha (1º do Grupo E) *versus* Noruega (2ª do Grupo F).

No dia 21, um texto, titulado “Time feminino faz treinamento em Canberra”, informou que a seleção feminina “desembarcou” no dia anterior “em Canberra”, local do jogo da semifinal contra os Estados Unidos. Zé Duarte planejava a “preparação para a partida” em “dois períodos diários.” (TIME..., 2000, p. D8).

No dia 23, um texto, titulado “Brasileiras tentam subverter a lógica e eliminar os EUA dos Jogos”, informou que as brasileiras tentariam “subverter a lógica” na semifinal, vencendo os Estados Unidos, “favoritos absolutos”. Victor (2000d, p. D4) escreveu:

Mais do que vencer uma partida de futebol, as jogadoras da seleção brasileira tentarão, na madrugada de amanhã, às 3h30, em Canberra, subverter a lógica.

Segundo colocado na primeira fase, o Brasil irá cruzar já na semifinal com os EUA, campeões olímpicos e mundiais, donos da melhor jogadora do mundo, a atacante Mia Hamm, e favoritos absolutos a mais uma medalha de ouro, principalmente após a eliminação da China.

Para continuar na Olimpíada e disputar o ouro contra as vencedoras de Noruega x Alemanha, as brasileiras terão que derrubar esse ‘monstro’, algo que só conseguiram uma vez na vida.

[...]

Em pelo menos dez confrontos desde o surgimento do futebol feminino [...], o Brasil só venceu os EUA em um amistoso disputado em 1997, em São Paulo, por 1 a 0.

[...]

Entre os revezes estão um 2 a 0 na semifinal do Mundial do ano passado, um 3 a 2 na final da Copa Nike, também em 99, e um 4 a 0 em um amistoso no início do mês.

A última derrota, particularmente, irritou as brasileiras, que consideraram descabido um amistoso contra os EUA às vésperas dos Jogos. ‘A gente nem conta essa partida. Entramos muito mole, com receio de contusões. Estávamos com a cabeça na Olimpíada’, afirma Sissi.

‘Ou a gente entra para a história ou o futebol feminino não vai mudar, vai continuar na mesma, sem apoio, sem campeonatos, como sempre.’

Vencer as norte-americanas e ganhar a inédita medalha olímpica é também a única chance de evitar, ou ao menos amenizar, a debandada de jogadoras brasileiras rumo aos próprios EUA.

Seis brasileiras já assinaram uma carta de intenções com a WUSA, a liga profissional que começa em 2001 e permitirá a inscrição de duas estrangeiras por time.

‘Se a gente conseguir a medalha, as coisas podem melhorar no Brasil, e muitas não irão sair’, afirma Sissi, uma das pretendidas pelos norte-americanos.

O jornalista reforçou o favoritismo absoluto da seleção americana a partir das *performances* precedentes dela, atual campeã olímpica e mundial, dos confrontos entre as adversárias. O Brasil tinha vencido apenas um dos dez confrontos. Essas circunstâncias, considerando as dificuldades já mencionadas das brasileiras, tornariam a vitória delas histórica, o que poderia modificar a precária estrutura do futebol feminino nacional, conforme elas criam.

No dia 25, um texto, titulado “Mesmo melhor, Brasil só disputa a medalha de bronze”, informou o Brasil perdeu dos Estados Unidos (0 a 1) e então disputaria o bronze. Bertolotto (2000e, p. D7) escreveu:

O Brasil jogou como nunca e perdeu como sempre diante das norte-americanas.

Após o 1 a 0, restou para o time [...] disputar na quinta-feira o bronze olímpico do futebol feminino contra as alemãs. A seleção dominou taticamente o jogo e teve várias chances de gol em Canberra.

A estratégia foi marcar fortemente as atacantes rivais, Milbrett e Mia Hamm, e partir em velocidade para o ataque. Na maioria do tempo, os EUA não conseguiram acionar seu ataque.

Mas as atuais campeãs mundiais e olímpicas foram efetivas em uma das três únicas oportunidades de gol que tiveram e enfrentam a Noruega pelo ouro.

[...]

As brasileiras estiveram próximas de um resultado histórico, com boas atuações da lateral Maicon, da volante Formiga e da atacante Kátia. Só no primeiro tempo, criaram cinco lances perigosos, contra apenas um dos EUA.

[...]

No segundo tempo, se repetiu o mesmo cenário. Logo aos 8min, Pretinha foi lançada e partiu para a área, mas a auxiliar neozelandesa Lynn Fox apontou, equivocadamente, um impedimento.

Aos 10min, Kátia sofreu um estiramento na coxa direita e foi substituída por Roseli. Ela ainda chorava de dor [...] quando os EUA marcaram seu gol.

A bola foi lançada na área, e a meia Fair cabeceou. A bola ia em direção da goleira Andréia, mas a atacante Milbrett se chocou com a brasileira na pequena área, o que caracteriza falta. O lance seguiu, e Mia Hamm tocou para o gol.

O Brasil teve três oportunidades para empatar, mas falhou. A mais clara foi aos 24min, com Roseli chutando à queima-roupa.

Segundo o jornalista, as brasileiras dominaram o jogo, atuando como “nunca”, mas, apesar dessa dominância, elas perderam como “sempre” para as americanas devido às falhas delas, à efetividade das adversárias e ao erro pontual da arbitragem. Por conseguinte, o Brasil enfrentaria a Alemanha, que perdeu da Noruega (0 a 1), pelo bronze.

Nesse dia, outro texto, titulado “Atletas reclamam da arbitragem”, informou que as brasileiras reclamaram muito da arbitragem. Bertolotto (2000f, p. D7) escreveu:

As brasileiras acusaram a juíza suíça Nicole Petignat de ter favorecido os EUA. As principais reclamações foram uma falta no lance do gol e um impedimento de Pretinha que não aconteceu.

‘É brincadeira. Só acontece com a gente’, lamentava a goleira Andréia, que sofreu uma falta antes de Mia Hamm marcar seu gol. Andréia fez a juíza olhar o lance sendo reprisado no telão do Bruce Stadium. ‘Ela viu a falta, mas preferiu ignorar’, disse.

A meia Sissi também se queixou. ‘Fizemos nosso melhor, mas a juíza prejudicou nossa equipe.’ A volante Formiga concordou com as colegas: ‘Ralamos muito para uma juíza tirar a medalha (de ouro ou prata, pois o Brasil ainda disputa o bronze).’

Ao contrário do que esse jornalista disse no outro texto, as brasileiras culpavam a árbitra Nicole Petigna pela derrota. Para elas, o erro dela no gol das americanas foi o condicionante principal desse resultado, as beneficiando.

No dia 27, um texto, titulado “Pioneiras da seleção têm última chance de subir ao pódio”, informou que dois dos “maiores símbolos do futebol feminino brasileiro” teriam a “derradeira oportunidade de conquistar uma medalha olímpica”. Victor (2000e, p. D5) escreveu:

Dois dos maiores símbolos do futebol feminino brasileiro terão a derradeira oportunidade de conquistar uma medalha olímpica.

Principais artilheiras da história da seleção, a atacante Roseli e a meia Sissi podem, inclusive, encerrar o seu ciclo de 12 anos no time nacional no jogo contra a Alemanha, às 3h (de Brasília), no Sydney Football Stadium, na disputa da medalha de bronze.

Sisleide Lima de Amor, a Sissi, 34, e Roseli de Belo, 31, são as mais velhas e experientes entre as 18 jogadoras inscritas para a Olimpíada [...]

Ambas estão na seleção desde 1988, quando a CBF convocou ‘oficialmente’ pela primeira vez o grupo feminino.

[...]

Das duas, apenas Sissi admite que seus dias na seleção estão chegando ao fim. Em Atenas-2004, ela terá 37 anos, e Roseli, 35, idades incompatíveis com o projeto de renovação planejado - e já iniciado - pela CBF.

‘Não depende somente de nós. Com a idade que eu tenho, com as dificuldades que tenho de enfrentar, é difícil’, afirmou a meia.

O futuro de Sissi e Roseli, porém, está muito relacionado a uma eventual mudança no comando técnico da seleção.

A renovação do grupo da seleção deu força ao auxiliar técnico Wilson Riça, cotado para substituir José Duarte, trazido de volta ao cargo pelo supervisor da CBF Paulo Dutra, mas tido como cansado pela cúpula da entidade.

Se tem o apoio da ‘jovem guarda’ da seleção (formada por jogadoras como Daniela, 16, e Maicon, 23), Riça é fortemente contestado pela ‘velha guarda’.

A conturbada relação dessa ala e do técnico José Duarte com o auxiliar motivaram os principais entes no grupo na Olimpíada.

José Duarte e Sissi, chegaram a dizer, sem citar nome, que havia uma pessoa dentro da comissão técnica prejudicando o ambiente.

Sissi e Roseli também poderiam encerrar os ciclos delas na seleção brasileira nessa disputa, devido às idades delas, “incompatíveis com o projeto de renovação planejado – e já iniciado pela CBF”. No entanto, o jornalista completou dizendo que o futuro das jogadoras estava mais relacionado com a possibilidade de Wilson Riça assumir o comando técnico da equipe depois dos Jogos Olímpicos. O então auxiliar não tinha boa relação com elas.

Todos os atletas, entre esses os ídolos, têm ciclos na ativa. Ainda que a idolatria dificilmente seja revogada *a posteriori*, ao findar o ciclo do ídolo, ele é substituído por outro normalmente designado de “promessa” (GABRIEL, 2015, p. 188). O último ocorre por vários motivos, mas esse está geralmente relacionado com o declínio performático do agente a um nível incompatível com esse *status*, conforme Giglio (2007) salientou. Nesse caso, as relações interpessoais pareciam predominar as limitações dos desempenhos pelas faixas etárias delas.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Mulheres jogam pela reputação da modalidade”, Victor e Bertolotto (2000, p. D5) informaram que as futebolistas teriam duas motivações para ganhar o bronze: “tentar melhorar as condições do futebol feminino no Brasil”, efeito sem garantia que elas criam; 2) “defender a reputação nacional do esporte, combatido após a humilhante eliminação da seleção masculina por Camarões”⁶⁸. Já está era uma prática ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo, que atribuíam a elas a remissão dos fracassos dos futebolistas.

⁶⁸ O Brasil perdeu para Camarões por 2 a 1, na prorrogação, que tinha dois jogadores a menos, expulsos.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “Treino do Brasil traz música e dança”, Victor (2000f, p. D5) informou que o clima da equipe brasileira para o jogo contra a Alemanha era de “animação”, “apesar da derrota para os Estados Unidos e das brigas internas”. As “jogadoras cantaram e fizeram o técnico Zé Duarte acompanhá-las dançando” no último treino. Elas estavam animadas com o “prêmio prometido pela CBF em caso da conquista do bronze: US\$ 25 mil para cada jogadora”, o jornalista completou.

No dia 29, um texto, titulado “Brasil perde jogo, bronze, e receio de abafar crise”, informou que o Brasil perdeu da Alemanha (0 a 2), tendo a crise dele escancarada. Victor (2000g, p. D4) escreveu:

Bastou que o Brasil perdesse a medalha de bronze, ao ser derrotado por 2 a 0 pela Alemanha na madrugada de ontem, para vir à tona a crise que afetou a seleção feminina durante a Olimpíada.

Após o jogo, as atletas e o técnico José Duarte contaram que havia um conflito interno no grupo.

De um lado, estavam Duarte e a maioria das jogadoras; do outro, o auxiliar técnico Wilson Riça e uma minoria de atletas da ‘jovem guarda’ do time - como revelou a Folha no último domingo.

Treinador da seleção no ano passado, Riça caiu por não ter a simpatia das jogadoras. Mas foi chamado pela CBF para ser assistente de Duarte, que retornou este ano ao comando do time (já fora técnico de 1995 a 1998).

De fato, conforme foi mencionado outrora, José Duarte e as jogadoras tentaram minimizar a divisão do grupo brasileiro em dois subgrupos, o que “afetou” o desempenho da equipe na competição. Diante da perda da medalha de bronze, eles optaram por assumir a existência desse “conflito”, que também já tinha sido visibilizado por essa cobertura, demonstrando que alguma fonte interna passou informações fidedignas para os jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

Nesse dia, outro texto, titulado “Para atletas, derrota pode frustrar ida aos EUA”, informou que a perda da medalha de bronze poderia prejudicar a “transferência” das brasileiras para a “liga” americana. Victor (2000h) escreveu:

A segunda derrota consecutiva do Brasil em disputas de medalha de bronze (em Atlanta-96, a seleção caiu diante da Noruega) poderá atrapalhar a transferência de jogadoras do país para a liga profissional dos EUA, que começa em 2001 e permitirá a inscrição de duas estrangeiras por time.

Pelo menos seis atletas da seleção assinaram uma carta de intenções com empresários da liga, mas agora surgiu um receio de que possa haver um recuo.

‘Se formos analisadas pelas duas partidas abaixo da crítica que fizemos contra a Alemanha, não sei não’, disse a meia Sissi, uma das pré-contratadas.

O receito manifestado pelo jornalista não foi efetivado. Quatro brasileiras, Kátia Cilene, Sissi, Pretinha e Roseli, disputaram a primeira edição da WUSA, em 2001. As duas primeiras pelo Bay Area CyberRays, campeão, e as duas últimas pelo Washington Freedom.

Em 2001 e 2002, o número de publicações decresceu significativamente. Seis e cinco textos, respectivamente.

Em 2003, o Brasil disputou o Sul-Americano, realizado no Peru, entre os dias 09 e 27 de **abril**. O Pan-Americano, sediado pela República Dominicana, de 01 a 17 de **agosto**, e a Copa do Mundo, organizada entre os dias 20 de **setembro** e 12 de **outubro**, nos Estados Unidos. Durante esse ano, 78 textos foram publicados, dispostos em onze categorias. (TABELA 6).

Tabela 6 – Categorização dos textos publicados em 2003

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	1	-	-	-	-	2	2	4	1	-	10
Com. Técnica	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	-	-	7
Competições	-	-	-	-	1	-	-	2	1	-	-	1	5
Dirigentes	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Equipe	-	-	-	3	-	-	-	9	25	2	-	-	39
Instituições	-	-	-	2	-	-	1	-	1	3	-	-	7
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	3
País	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Patrocínio	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Torecedores	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Transmissão	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Total	-	-	1	5	2	-	1	15	39	13	1	1	78

Fonte: O autor

Em **abril**, no dia 20, em um texto, titulado “Sem ter rivais, atletas treinam contra homens”, Westin (2003, p. D4) informou que nos treinos para o “Sul-Americano Feminino”, classificatória para o “Mundial”, diante da “dificuldade de encontrar uma equipe feminina competitiva, a seleção feminina teve que disputar amistosos contra times masculinos”. “Quando enfrentamos equipes de mulheres, chegamos a vencer por 20 a 0”, Solange afirmou. O jornalista também escreveu que, nesse período, as jogadoras convenceram o “médico da CBF a liberar o uso de anéis, brincos e pulseiras”. “Todo mundo leva uma bolsinha com creme, batom e perfume para o vestiário. É bom entrar no campo cheirosa e bonita”, reiterou Formiga.

Ele cometeu uma prática falha ao ressaltar os objetos e os *habitus* estéticos das jogadoras. Isso reforça o objetivo, já observado outrora, de atrelar a feminilidade hegemônica

a esse esporte, ancorada em um *habitus* feminino universal que desconhece a pluralidade do gênero, conforme Salvini e Marchi Júnior (2013c) afirmaram.

O Sul-Americano estava sendo realizado no Peru.⁶⁹ O Brasil entrou nessa competição no quadrangular final, quando venceu a Argentina (3 a 2), na primeira rodada, no dia 23 de abril, e o Peru (3 a 0), na rodada seguinte, no dia 25 de abril.

No dia 27, um texto, titulado “Após vaga no Mundial, Brasil pega Colômbia”, informou que, pela “última rodada do Sul-Americano feminino”, a “seleção brasileira”, já classificada para o Mundial, enfrentaria a Colômbia. (APÓS VAGA..., 2003, p. D5).

Na verdade, as duas vagas para a Copa do Mundo de 2003 não estavam definidas. O Brasil tinha seis pontos (4 gols de saldo), a Argentina tinha três pontos (0 gol de saldo), a Colômbia tinha três pontos (0 gol de saldo), e o Peru, sem pontuação (-4 gols de saldo). Como na terceira rodada as brasileiras jogariam contra as colombianas, e as argentinas as peruanas, estas eram as únicas eliminadas da disputa.

No dia 28, um texto, titulado “Brasileiras conquistam Sul-Americano”, informou que o Brasil goleou a Colômbia (12 a 0) e “sagrou-se campeã do Sul-Americano de futebol”. “As brasileiras conseguiram uma das duas vagas para o Mundial-2003, na China”. (BRASILEIRAS..., 2003, p. D5).

Em **agosto**, no dia 02, um, titulado “Time feminino atua de olho no Mundial”, informou que o Brasil estrearia no Pan-Americano, “preparatório” para o “Mundial da Fifa”, “às 16h”, nesse dia, contra o “frágil Haiti”. “Tânia Maranhão, Maycon, Formiga e Kelly” eram “as principais estrelas da equipe”. (TIME..., 2003, p. D2).

A segunda edição do torneio de futebol feminino desse megaevento estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em dois grupos, o A (Brasil, Canadá e Haiti) e o B (Argentina, México e Costa Rica). As duas melhores de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

O Brasil venceu o Haiti (5 a 0), na primeira rodada do grupo. Já o Canadá venceu o Haiti por 4 a 1, na segunda rodada, o eliminando. Brasileiras e canadenses disputariam o primeiro lugar, na última rodada, realizada no dia 08.

⁶⁹ A primeira fase foi realizada entre os dias 09 e 13 de abril, subdividida em três grupos (A, B e C), com três seleções em cada. No Grupo A estavam Bolívia, Chile e Peru. No Grupo B estavam Equador, Colômbia e Venezuela. Já no Grupo C estavam Argentina, Uruguai e Paraguai. As primeiras colocadas de cada grupo, Argentina, Colômbia e Peru, se classificaram para o quadrangular final. O Brasil, campeão da última edição, em 1998, o completou.

No dia 09, um texto, titulado “Equipe feminina goleia e está a uma partida da final”, informou que o Brasil venceu o Canadá (5 a 0) “com gols de Formiga (dois), Marta, Maicon e Elaine (um cada uma).” (EQUIPE..., 2003, p. D3). Por conseguinte, o Brasil (1º do Grupo A) jogaria contra a Argentina (2ª do Grupo B). Já o México (1º do Grupo B) enfrentaria o Canadá (2º do Grupo A).

No dia 11, um texto, titulado “Brasil disputa vaga contra argentinas”, informou que a equipe enfrentaria a “arqui-rival Argentina” nesse dia. As brasileiras terminaram na “liderança” do Grupo B após não terem “trabalho para golear as canadenses, por 5 a 0”. A volante Formiga, que fez dois gols, foi o destaque brasileiro.” (BRASIL..., 2003, p. D4).

Na semifinal, o Canadá venceu o México (3 a 2). Já o Brasil venceu a Argentina por 2 a 1. Assim, brasileiras e canadenses reeditariam o jogo ocorrido da primeira fase.

No dia 14, um texto, titulado “Atletas pegam Canadá pelo ouro no futebol”, informou que o Brasil enfrentaria o Canadá pela “medalha de ouro inédita” do Pan-Americano. “O adversário de hoje não assusta a equipe brasileira.” Na fase grupal, essa “não teve trabalho para golear as canadenses por 5 a 0”, o texto completou. (ATLETAS..., 2003, p. D3). Ou seja, o favoritismo foi indiretamente atribuído ao Brasil.

No dia 16, um texto, titulado “Gol de ouro cumpre a última meta do COB”, informou que o Brasil venceu o Canadá (2 a 1), quebrando o recorde de ouros brasileiro do Pan-Americano precedente. Ohata, Roseguini e Assumpção (2003, p. D3) escreveram:

Foi com a seleção feminina de futebol que o Brasil chegou ontem à 26ª medalha de ouro no Pan de Santo Domingo. Com ela, bateu o número de títulos obtidos em 1999 nos Jogos de Winnipeg - foram 25 ouros no Canadá.

[...]

Dirigida por Paulo Gonçalves, a equipe não jogou bem e venceu as canadenses apenas na morte súbita, com um gol de Cristiane, conhecida como Zoinho, que marcou a 1min da prorrogação.

No tempo regulamentar, a partida havia terminado empatada em 1 a 1. ‘Meu time não foi nem sombra do que poderia ser. As atletas estavam nervosas. Elas ficaram muito ansiosas à noite, ainda mais quando o jogo foi adiado’, explicou o treinador, em referência à forte chuva que caiu em Santo Domingo, impedindo que a partida acontecesse anteontem.

A volante Formiga concordou com o técnico. ‘Vacilamos um pouco. É aquela velha história do futebol brasileiro. O jogo parece fácil, e a gente dá uma relaxada. Mas na hora em que acorda, decide a partida’, analisou ela.

Autora do primeiro gol brasileiro, aos 43min do primeiro tempo, Formiga espera que, com a vitória, a estrutura do futebol feminino melhore um pouco.

[...]

Cristiane, que atuou apenas dois minutos e fez o gol decisivo, também acha que falta muito para o esporte deslancar no país. ‘Primeiro lugar existe o fator financeiro. Quase não existem equipes no Brasil. Então, você tem que chegar à seleção para sobreviver’, disse a atacante, que contou que a diária para quem defendeu a seleção foi de R\$30.

Os jornalistas, Paulo Gonçalves e Formiga coaduram que as brasileiras não jogaram bem a final, independentemente do motivo, seja a ansiedade, o relaxamento, o que não desmereceu os méritos delas pelo título. Por fim, a precária realidade da modalidade e as crenças das jogadoras que essa melhorasse foram novamente ressaltadas, manifestações práticas já frequentes dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 17, em um texto, titulado “A nova Sissi”, Bueno (2003a, p. D6) opinou afirmativamente que Marta “[...] mostrou ter a habilidade que marcou a carreira da mais talentosa jogadora da história do país”, o ídolo Sissi. A opinião dele correspondeu a uma das manifestações ocasionais dos *habitus* dos jornalistas esportivos, principalmente dos que cobrem o futebol, apontando os possíveis substitutos dos ídolos e dos heróis que estão findando os ciclos deles. Freitas Junior e Gabriel (2014) já tinham atestado isso no caso Ronaldinho, sucessor de Romário em 1998, quando constataram que a imprensa esportiva participou ativamente desse processo, influenciando na construção e na substituição do ídolo.

No dia 23, um texto, titulado “Seleção feminina define atletas para o Mundial”, informou que essa equipe, então “ouro no Pan”, que disputaria o “Mundial dos EUA”, foi convocada. Sissi e Kátia Cilene reforçá-lo-iam, conforme o texto completou. (SELEÇÃO..., 2003, p. D2). A Sissi acabou não sendo convocada, deixando a sucessão dela mais fértil.

No dia 28, um texto, titulado “Seleção chama ‘embaixadinha’ de Milene”, informou que a jogadora foi convocada para a equipe brasileira pela primeira vez. Vejamos:

Milene Domingues, mulher de Ronaldo, vestirá pela primeira vez a camisa da seleção brasileira.

A meia-atacante de 24 anos, que defende o Rayo Vallecano (Espanha), foi convocada ontem para a preparação do time nacional para o Mundial, que será disputado nos Estados Unidos entre 20 de setembro e 11 de outubro.

Apesar da convocação, a presença de Milene no Mundial não foi garantida pelo técnico Paulo Gonçalves. De acordo com a CBF, 3 das 27 atletas brasileiras inscritas no torneio serão cortadas.

A mulher de Ronaldo, que teve passagem Corinthians e pelo Fiamamonza (Itália), se juntará às 26 atletas anteriormente convocadas na Granja Comary, concentração da seleção em Teresópolis.

Por meio de sua assessoria, Milene disse ter realizado um sonho. ‘Não é porque sou mulher de Ronaldo que já estou no Mundial. Tenho que mostrar ao técnico que tenho condições de defender a seleção’, afirmou a atleta.

O supervisor da seleção feminina, Paulo Dutra, elogiou a atleta e descartou imposição por sua convocação. ‘Ela vai jogar de meia-esquerda. Estamos observando a Milene desde o ano passado e estamos fazendo um trabalho de renovação na seleção. A presença dela nos Estados Unidos só depende de seu rendimento.’

[...]

Se passar pelo teste, Milene e suas companheiras partirão em busca do inédito Campeonato Mundial. Nas três edições já disputadas, a seleção não chegou à final - a melhor colocação foi um terceiro lugar, em 1999.

As favoritas deste ano são as anfitriãs, atuais campeãs mundiais. China, campeã em Sydney-2000, e Noruega são as outras candidatas ao título. (SELEÇÃO..., 2003, p. D3).

O texto cometeu uma prática falha ao ressaltar o *status* de esposa de Milene Domingues. No entanto, o seu enfoque principal foi a repentina convocação, mas esse significou que a situação tinha algo estranho, latente, desconfiança que foi também destacada pela revista Placar, segundo Salvini e Marchi Júnior (2013b). Apesar de Paulo Dutra descartar a “imposição” dessa prática pela CBF, ela foi convocada após a divulgação da lista oficial e da apresentação do grupo de “26 atletas”, que não teve corte por lesão, justificando outra convocação.

Então, por que Milene Domingues foi convocada nesse momento? Talento? Marketing? Se este fosse o motivo, qual seria o foco dele? A aparência ou a imagem dela, atrelada à de Ronaldo, o fenômeno?

A Federação Paulista de Futebol (FPF) já havia tentado incentivar o futebol feminino de modo sexista, em 2001, o associando à feminilidade hegemônica,⁷⁰ justificando que a sua imagem estava combalida pelo machismo. O discurso machista correlacionava a prática do futebol e a conseguinte masculinização da mulher.⁷¹

No dia 31, em um texto, titulado “O novo Mundial feminino”, Bueno (2003b, p. D6) opinou sobre a convocação de Milene Domingues: “Milene? Brincadeira maior só se Marta for cortada”. O colunista demonstrou oposição a essa prática. Por que ele se opôs? Ele já a tinha visto jogar? Ela era muito fraca tecnicamente?

Em **setembro**, no dia 03, um texto, titulado “Milene vira ‘barbie’ na seleção”, informou que essa jogadora foi apelidada de ‘barbie’ pelas outras no primeiro treino dela. Rangel (2003a, p. D1) escreveu:

Loira, linda e rica, Milene Domingues, 24, perde o apelido de ‘Rainha das Embaixadinhas’ para ser chamada pelas suas companheiras de ‘barbie’, no seu primeiro dia de treinos com a seleção brasileira em Teresópolis (RJ).
[...]

⁷⁰ Segundo Goellner (2005), a representação hegemônica da feminilidade é medida, sobretudo, pela aparência corporal da mulher. A FPF estabeleceu alguns pré-requisitos para as jogadoras disputarem a Paulistana, nesse ano, por uma das doze equipes inscritas. Elas deveriam ter entre 16 e 23 anos de idade, cabelos compridos, usar shorts minúsculos e maquiagem, e serem esteticamente atraentes. Sobre isso, ver Gabriel (2015), Goellner (2005) e Knijnik e Vasconcellos (2003).

⁷¹ Goellner (2005) disse que esse discurso machista está atrelado à representação essencialista dos gêneros, que entende que os sexos têm características inerentes, os definindo. Essa pressupõe, portanto, que existem essências masculina e feminina, consideradas naturais e imutáveis. Scott (1995) a rejeita. A autora reconhece a multiplicidade dos gêneros, entendendo que existem diferentes feminilidades e masculinidades, variantes em função de especificidades sociais.

A pilhéria das colegas é só uma amostra de que, na Granja Comary, onde a seleção feminina se prepara para o Mundial dos EUA, Milene é praticamente uma estranha no ninho. O técnico do time, Paulo Gonçalves, por exemplo, nunca viu a mulher de Ronaldo jogar. Ele disse que a convocou por sugestão da CBF.

‘Na semana passada, eles me perguntaram o que eu achava da idéia [de convocá-la]. Eles acham que a presença dela aumenta a divulgação do nosso trabalho. Isso aconteceu. Hoje, vocês [jornalistas] estão todos aqui. Agora, vamos observá-la’, disse Gonçalves.

Na segunda, a CBF cortará seis jogadoras do grupo que vai à Copa - o torneio começa dia 19.

Ao contrário de suas companheiras, Milene não tem problemas financeiros. Quase 20 das 26 convocadas vive da ajuda de custo paga pela CBF. Quando a seleção está em atividade, a CBF paga R\$ 30 por dia para cada atleta.

[...]

Para Milene, dinheiro não é problema. Ela abriu mão da ajuda de custo da CBF [...] a meia ganha cerca de US\$ 10 mil mensais. Como não bastasse, o seu marido tem um dos salários mais altos do futebol mundial - receberá cerca de US\$ 18 milhões nesta temporada.

Além de Milene, apenas outras duas jogadoras que atuam fora do país (Kátia Cilene e Daniela Alves) ganham bem. Kátia Cilene recebe US\$ 35 mil mensais e teve uma chuteira com seu nome lançada no mercado americano.

Mãe, Milene também não terá o que conversar com suas amigas sobre Ronald, 3. Só a volante Rafa já teve filho.

[...]

Milene também ficou ontem fora do trabalho com as colegas. Enquanto o time realizava um treino tático, ela, com uma chuteira número 35 da grife do marido, corria para aprimorar o condicionamento. Terá menos de uma semana para garantir uma vaga no Mundial - e vai disputá-la com as meias Marta e Formiga, destaques da seleção.

Por um lado, o jornalista cometeu práticas falhas ao utilizar as palavras loira, linda, rica e mãe e o *status* de esposa para abordar a recepção Milene Domingues, apelidada, em brincadeira, porque ela era considerada uma “estranha no ninho”. Além da orientação sexual, essas enfatizaram outro tipo de dominação simbólica de gênero, a estética da mulher, o que muda a atenção do desempenho para a aparência, minimizando a ameaça simbólica que as esportistas representam à hegemonia masculina, segundo Duncan e Messner (1998).

Por outro lado, ele lembrou que a maioria das jogadoras tinha dificuldades financeiras, manifestação prática então frequente dos *habitus* dos jornalistas esportivos do jornal. Ele também esclareceu que a convocação da jogadora foi sugerida pela CBF, objetivando aumentar a visibilidade da equipe. No entanto, o que proporcionaria esse efeito ainda não tinha sido esclarecido.

Nesse dia, outro texto, titulado “‘Gostaria de ter a cintura dela’, brinca jogadora”, foi uma entrevista com Milene Domingues. Ela respondeu a três indagações para Rangel (2003b, p. D1), das quais duas foram destacadas. Vejamos:

Folha - As outras jogadoras lhe apelidaram de ‘barbie’. O que você achou?

Milene Domingues - Queria muito ter a cintura dela [risos]. É engraçado. Quando era pequena nunca brinquei com a boneca. Sempre arrancava a cabeça dela para jogar

bola. Agora, tudo bem. No campo, não posso ser tão barbie assim. Senão, vou apanhar muito.

[...]

Folha - Você vai se encontrar com Ronaldo aqui?

Milene - Não penso nisso. Quando quero namorar, fico em casa. Aqui, só treino.

A primeira foi sobre o apelido “Barbie”, o tema central dos textos desse dia. Ela foi educada, descontraída, ao elogiar a estética da boneca, e dizer que não poderia ter o comportamento dela em campo. Já a segunda indagação foi sobre um possível encontro com Ronaldo na Granja Comary, outra prática falha, enfatizando a orientação sexual da jogadora, que respondeu rispidamente, negando o encontro.

No dia 04, um texto, titulado “Linhas imaginárias”, informou que Milene Domingues disse que tentaria encontrar “Ronaldo num momento de folga”. Questionada se usou um “olhar 43” para paquerar o marido à distância na Granja Comary, surpreendeu: “‘Uso esse olhar entre quatro paredes, não entre as quatro linhas.’” (LINHAS..., 2003, p. D2).

Outra prática falha foi cometida pela cobertura, enfatizando a orientação sexual da jogadora, que se contradisse ao estimular o tema. Isso demonstra a predisposição do caderno, ainda que secundária, por fatos pouco relacionados com a temática puramente esportiva. Tal manifestação do *habitus* jornalístico transcende o entretenimento, sendo constituinte da tendência atual de muitas empresas jornalísticas de obter receitas, Rojas Torillos (2012, p. 85) afirmou.

No dia 05, um texto, titulado “Piriri”, informou que a seleção feminina perdeu do “time masculino sub-17 do CFZ” (3 a 0), sem sete titulares, com “problemas intestinais”. O problema – que atingiu 15 atletas – foi atribuído à comida do hotel em Teresópolis. “Milene foi uma das poucas que se safaram.” (PIRIRI, 2003, p. D2).

No dia 08, um texto, titulado “Perto do adeus”, informou que Milene Domingues jogou 20 minutos do “amistoso” que a seleção feminina perdeu (1 a 0) do juniores do Ceres. A CBF divulgaria as convocadas para o “Mundial” nesse dia. (PERTO..., 2003, p. D2).

No dia 09, um texto, titulado “Fora de forma e dos planos, Milene está inscrita no Mundial dos EUA”, informou que a atleta foi inscrita na Copa do Mundo a contragosto de Paulo Gonçalves. Rangel (2003c, p. D4) escreveu:

Mesmo fora de forma e sem estar nos planos do técnico Paulo Gonçalves, Milene Domingues, 24, foi inscrita ontem à tarde pela CBF para a disputa do Mundial de futebol feminino, que começa no próximo dia 20, nos EUA.

A mulher de Ronaldo foi escolhida pela diretoria da CBF para ser uma espécie de garota-propaganda da seleção feminina. A ‘barbie’, como é chamada por suas companheiras, ganhou a vaga entre as 20 jogadoras mais pelo marketing que

proporciona do que pelo futebol apresentado durante a semana de treinos na Granja Comary, em Teresópolis.

O treinador da seleção reconheceu que a inscrição de Milene no Mundial ‘pode ser um atrativo para o time no exterior’. Anteontem, Gonçalves disse que já havia preparado a sua lista com 18 nomes e deixou claro que a decisão sobre a inclusão da jogadora no Mundial seria da confederação.

‘Ela está abaixo das outras. Existe uma diferença no condicionamento físico, que é básico para jogar. Eu tenho 18 atletas que são imprescindíveis. Sobre o complemento [da lista], não estou por dentro’, disse o treinador, que nunca havia visto a meia do clube espanhol Rayo Vallecano atuar até a semana passada.

[...]

O diretor da seleção feminina, Luiz Miguel Estevão de Oliveira, não foi encontrado pela Folha para falar sobre os critérios para a inscrição. O comunicado dos cortes só seria feito oficialmente às jogadoras na noite de ontem.

A convocação sugerida se tornou uma inscrição imposta pela CBF, por marketing, como essa cobertura já havia informado outrora, o qual não teve o seu foco esclarecido, novamente. Para piorar a situação, Milene Domingues estava mal física e tecnicamente, o que não permitia outras justificativas institucionais.

No dia 12, um texto, titulado “Campeã do Pan é a última a deixar a seleção”, informou que a “lateral Tatiana” foi cortada do grupo de atletas, que disputaria a Copa do Mundo. Milene Domingues, “mulher de Ronaldo”, apesar da forma física, foi inscrita. (CAMPEÃ..., 2003, p. D1).

Os dois textos claramente significaram contrariedade à inscrição de Milene. Esses corroboraram com a afirmação de Cabral (2013, p. 130) os textos do gênero informativo da Folha de S.Paulo também manifestam opiniões, prática vetada pelo Manual de Redação do jornal.

No dia 13, um texto, titulado “Milene critica técnico e provoca rebelião”, informou essa e as outras jogadoras criticaram os “métodos” de Paulo Gonçalves. Rangel (2003d, p. D5) escreveu:

Os métodos do técnico da seleção brasileira feminina, Paulo Gonçalves, provocaram uma rebelião maior do que a inscrição da mulher do atacante Ronaldo, Milene Domingues, no Mundial dos EUA, que começa dia 20.

Ontem, as jogadoras exigiram uma reunião com a comissão técnica para questionar os poucos treinos e a indefinição com relação ao esquema tático.

Na véspera, Milene já havia criticado, pelo mesmo motivo, o trabalho de Gonçalves.

[...]

As críticas da atleta encontraram eco no grupo. Na reunião com o elenco, as outras 19 integrantes do elenco fizeram praticamente as mesmas queixas.

‘Eles se reuniram e resolveram os problemas. Em época de cortes, as jogadoras sempre ficam muito tensas’, disse o diretor da seleção feminina, Luiz Miguel Estevão de Oliveira.

[...]

Ontem, Oliveira disse que pediu ao técnico a permanência da mulher de Ronaldo. ‘No Mundial, as 20 jogadoras não vão jogar. No máximo, jogam 15 atletas. A Milene é

uma legítima representante do futebol brasileiro.’ O dirigente da CBF não nega que ‘o marketing’ da jogadora pesou na decisão de mantê-la no grupo.

O ambiente já estava instável pela inscrição impositiva de Milene Domingues, assumida pelo diretor Luiz Miguel Estevão de Oliveira, e piorou com a insatisfação das jogadoras com as práticas performáticas do técnico. A seleção feminina estava mais uma vez sofrendo com problemas internos, que já constituíam uma parte da sua identidade como problemática.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Jogadoras questionam critérios”, Rangel (2003e, p. D5) informou que a “presença de Milene Domingues no elenco” que iria ao “Mundial” era “outro foco de tensão na seleção”. “As jogadoras que ficaram no grupo lamentaram os critérios utilizados por Paulo Gonçalves, assim como as [...] que foram cortadas.” Aquela jogadora era claramente uma das variáveis que tencionavam o ambiente da seleção.

No dia 16, um texto, titulado “Teens põem Brasil como caçula do Copa feminina”, informou que a equipe brasileira era a mais “jovem” da Copa do Mundo. Cobos (2003a, p. D2) escreveu:

A seleção brasileira feminina, que embarca hoje para a competição, é a equipe mais jovem das 16 que disputam, a partir de sábado, nos EUA, a Copa do Mundo. Em média, as 20 jogadoras chamadas pelo técnico Paulo Gonçalves têm 21,5 anos [...]
Nenhuma outra seleção tem tantas jogadoras adolescentes como a brasileira. Sete das convocadas ainda não completaram 20 anos, incluindo destaques do time, como a meia-atacante Marta, 17, e a atacante Daniela, 19.
[...] O perfil mais jovem do atual time brasileiro difere do de outras participações. Na última edição do Mundial feminino, em 1999, também nos EUA, a principal estrela da equipe era a meia-atacante Sissi, então com 32 anos.
Para se sair bem em campos americanos, as meninas brasileiras terão que descontar a diferença de experiência e porte físico.
[...] Além da desvantagem na experiência, as brasileiras ainda terão pela frente adversárias mais altas e fortes. Com média de 1,67 m, o grupo brasileiro é o quinto mais baixo da competição dos EUA. Todas as favoritas ao título, incluindo as chinesas e americanas, são mais altas.
Jogadas de choque, em que a massa muscular também é essencial, serão um tormento para o leve time brasileiro. Em média, cada jogadora da seleção administrada pela CBF pesa 60 kg.

De fato, a CBF renovou a equipe brasileira, conforme foi divulgado em 2000, modificando a face etária da sua identidade coletiva, outrora veterana, agora “*teen*”, reforçada. O jornalista ainda disse que a inexperiência das jovens, baixas e frazinhas, além do físico das adversárias, seriam outros dificultadores para o Brasil, que continuava sem o favoritismo nas competições mais significantes do subcampo futebolístico feminino.

Nesse dia, outro texto, titulado “Aos 17, Marta já soma 10 anos com a bola no pé”, informou que a jogadora começou a jogar futebol aos 7 anos. Cobos (2003b, p. D2) escreveu:

Ela só tem 17 anos, mas veste a camisa 10 da seleção brasileira e tem o estilo mais vistoso da equipe, com belos passes e dribles.
A alagoana Marta é a principal figura da geração teen do Brasil que vai disputar a Copa dos Estados Unidos.
Seu jogo foi moldado nas quadras de futsal, onde começou a jogar quando tinha apenas sete anos.
Tanta habilidade, entretanto, não rende retorno financeiro para Marta.
Ela é uma das três jogadoras do grupo brasileiro que vai aos Estados Unidos que está sem clube.

O *status* de Marta como “principal” jogadora da seleção, e possível ídolo do futebol, seria construído paulatinamente, destacando aqui a habilidade dela, moldada no futsal a partir dos sete anos. O jornalista não deixou de ressaltar que ela ainda não tinha suplantado a precária realidade futebol feminino brasileiro, estando desempregada. Tal prática coaduna com a assertiva de que as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos esportivos focalizam características que os transformam em heróis, proferida por Helal (2003). As dificuldades vivenciadas por eles e os talentos deles são exemplos profícuos, Helal (2016) completou.

No dia 17, um texto, titulado “Caos toma conta de seleção antes da Copa”, informou que o ambiente da equipe feminina estava muito “conturbado”. Rangel (2003f, p. D4) escreveu:

Com a maioria das jogadoras descontentes com o técnico Paulo Gonçalves, com quatro titulares contundidas e sem um esquema de jogo definido. Neste cenário conturbado, a seleção brasileira embarcou ontem para a disputa do Mundial, nos EUA, que será aberto no próximo sábado.
No último dia da equipe na Granja Comary, várias jogadoras aproveitaram para desabafar e mostrar que a delegação, que sem Milene Domingues ganhou o Pan de Santo Domingo, está dividida.
[...]
Milene, mulher do atacante Ronaldo, é a mais crítica em relação ao trabalho do treinador.
Sem clima com Gonçalves, que não esconde o desconforto com a imposição feita pela CBF para a atleta permanecer no grupo, ela é a porta-voz do grupo.

Jogadoras descontentes com o técnico Paulo Gonçalves, quatro titulares contundidas e esquema tático indefinido eram os motivos dessa situação. O grupo estava novamente dividido, como nos Jogos Olímpicos de 2000, mas dessa vez esse não ocultou a divisão, a expondo à imprensa, tornando o fracasso na Copa do Mundo de 2003 iminente.

No dia 20, em um texto, titulado “Furacão Isabel atrapalha a seleção brasileira”, Bueno (2003c, p. D2) informou que a equipe estava presa “[...] em um hotel em Washington devido ao furacão que chegou à Costa Leste dos EUA”. Por precaução, a delegação não pôde sair por

24 horas, e os seus últimos ajustes antes da estreia contra a Coreia do Sul, no dia seguinte, estavam sendo realizados fora do campo.

A Copa do Mundo estava organizada em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em quatro grupos, o A (Coreia do Norte, Estados Unidos, Nigéria e Suécia), o B (Brasil, Coreia do Sul, França e Noruega), o C (Alemanha, Argentina, Canadá e Japão) e o D (Austrália, China, Gana e Rússia). As duas melhores de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 21, um texto, titulado “Seleção estréia no Mundial em busca da sobrevivência”, informou que a equipe brasileira estrearia nessa competição objetivando “sobrevivência” no futebol. Rangel (2003g, p. D2) escreveu:

Quase todas desempregadas, as jogadoras da seleção brasileira estréiam hoje no Mundial em busca de sobrevivência no futebol. Diferentemente do mundo milionário dos homens, as mulheres da equipe nacional, que enfrentam a Coreia do Sul hoje à tarde, em Washington, vivem outra realidade.

Muitas atletas pensam em abandonar o futebol depois do Mundial. ‘Já pensei várias vezes em desistir. Agora, vamos ver o que vai acontecer no Mundial’, declarou a goleira Andreia, que é obrigada a jogar futsal para ter um rendimento fixo mensal.

A situação é tão grave para as mulheres que neste ano não foi disputado nenhum campeonato regional ou nacional de expressão no Brasil. Para complicar ainda mais, a liga norte-americana, que é o eldorado para as melhores brasileiras, anunciou o fim das suas atividades na segunda-feira.

[...]

Apesar do cenário confuso do futebol feminino, as brasileiras encaram o torneio como última oportunidade para o esporte crescer no país. As jogadoras acreditam que uma excelente campanha na competição poderá espantar a crise e atrair o investimento de clubes e empresas. No último Mundial, a seleção ficou em terceiro lugar, mas o esporte não conseguiu decolar no país.

‘Tomara que dê tudo certo e que as pessoas voltem a apostar no futebol feminino. Todas aqui estão esperando isso. Caso contrário, muitas terão que viver de outra coisa’, disse a goleira, que recebe R\$ 800 mensais para jogar no time de futsal da Sabesp.

O jornalista enfatizou os problemas das brasileiras no dia do jogo contra as sul-coreanas, como o caderno esportivo já tinha feito antes dos Jogos Olímpicos de 2000. Neste texto, ele disse que desemprego da maioria das jogadoras estava fazendo com que elas disputassem a competição objetivando oportunidades no futebol feminino, embora os cenários americano e brasileiro estivessem retraídos. Sobre este, os *habitus* delas ainda criam que “uma excelente campanha” pudesse melhorar a estrutura nacional.

Nesse dia, outro texto, titulado “Zagueira-mãe é exemplo de luta diária das atletas”, informou a rotina da zagueira Mônica, exemplar das “dificuldades” da “maioria das jogadoras da seleção”. Rangel (2003h, p. D2) escreveu:

A vida da zagueira Mônica, 25, é um exemplo típico das dificuldades encontradas pela maioria das jogadoras da seleção. Sem poder se dedicar exclusivamente ao futebol, ela tem uma rotina diária agitada.

‘A minha vida é uma correria. Pela manhã, cuido do meu filho. De tarde, vou treinar. No início da noite, ainda faço faculdade para tentar conseguir um futuro melhor para a minha família. Quase todo mundo aqui vive nessa confusão’, disse a jogadora, que pretende se formar em educação física.

Mônica ganha quase R\$ 800 mensais pagos por uma prefeitura do interior de São Paulo para jogar no time da cidade.

‘Na minha vida, só penso em economizar. A diária [de R\$ 30, paga pela CBF], mando sempre para a minha mãe. O futuro do meu filho e da minha mãe depende do meu. Por isso, sou muito responsável’, disse a zagueira, que foi a única mãe na conquista da medalha de ouro no Pan, no mês passado. Com a entrada de Milene Domingues, mulher de Ronaldo, a seleção tem duas jogadoras com filhos.

[...]

A jogadora não esconde a decepção com o estágio atual do futebol feminino. ‘É a pior fase desde que comecei. A nossa conquista no Pan quase não foi valorizada [...]’

‘Todo mundo encara o Mundial como uma oportunidade para jogar no exterior e ganhar dinheiro de verdade.’

Neste texto, ele sintetizou que a zagueira Mônica, que não se dedicava “exclusivamente” ao futebol, cuidava do filho pela manhã, treinava à tarde e estudava Educação Física à noite, objetivando um “futuro” melhor. Segundo ela, o “estágio” do futebol feminino brasileiro era o pior desde o início dela nesse esporte. Por conseguinte, as jogadoras estavam encarando o Mundial como uma “oportunidade para jogar no exterior e ganhar dinheiro de verdade”.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “Equipe enfrenta crise, contusões e tempestade”, Rangel (2003i, p. D2) informou que, além da “grave situação financeira do futebol feminino, as jogadoras da seleção” disputariam o “Mundial em um clima conturbado”. Elas deixaram o Brasil “descontentes com o técnico Paulo Gonçalves e com quatro titulares contundidas”. “Como se não bastassem esses problemas, o time não pôde treinar nos últimos dois dias antes da estréia devido ao furacão Isabel”.

No dia 22, um texto, titulado “Time feminino vence Coréia, e lidera Mundial”, informou que o Brasil venceu a Coreia do Sul (3 a 0). Vejamos:

A seleção brasileira venceu ontem a Coréia do Sul por 3 a 0 em sua estréia no Mundial feminino e lidera o Grupo B da competição, em Washington, Estados Unidos. O Brasil e a Noruega somam três pontos na chave, mas a equipe treinada por Paulo Gonçalves leva vantagem no saldo de gols - as norueguesas fizeram 2 a 0 nas francesas.

A meia Marta, maior revelação do futebol feminino brasileiro nos últimos tempos, abriu o placar contra as sul-coreanas aos 14min do primeiro tempo cobrando bem uma penalidade máxima - uma zagueira rival havia colocado a mão na bola na área. Na segunda etapa, a atacante Kátia Cilene, que vinha atuando na liga norte-americana, fez dois gols, aos 10min e aos 17min, e é a vice-artilheira do campeonato - a japonesa Otani fez três gols nos 6 a 0 sobre a Argentina. Milene, mulher do atacante Ronaldo, que foi convocada por determinação da CBF, não foi aproveitada na partida [...]

O Brasil volta a jogar agora na quarta-feira, contra a Noruega, também em Washington - decide a classificação no sábado diante da França. (TIME..., 2003, p. D3).

A vitória brasileira na estreia foi aparentemente meritória, com um gol de Marta, “maior revelação do futebol feminino”, e dois de Kátia Cilene, “vice-artilheira”, lances enfatizados pelo texto. Nesse contexto, o resultado foi a liderança do grupo B, com saldo positivo de gols.

No dia 24, um texto, titulado “‘Magical Marta’ desafia força da Noruega”, informou que Marta prometeu melhor desempenho contra a Noruega. Vejamos:

A seleção brasileira feminina faz sua segunda partida no Mundial dos EUA hoje, em Washington. O adversário será a Noruega, atual campeã olímpica e segunda colocada no ranking da Fifa.

O jogo vale a liderança do Grupo B do torneio, pois os dois times venceram na estreia - o Brasil leva vantagem no saldo de gols.

A meia Marta foi apontada por patrocinadores do evento como a melhor jogadora da seleção na vitória de 3 a 0 sobre a Coreia do Sul. Premiada e chamada de ‘Magical’ pela Fifa, a atleta de 17 anos promete melhor desempenho contra as norueguesas.

‘Apesar de nós termos vencido na estreia, eu quero fazer um jogo melhor contra a Noruega’, disse a maior revelação do futebol feminino nos últimos tempos. (‘MAGICAL...’, 2003, p. D1).

Marta foi considerada o destaque do jogo inicial, sendo premiada e chamada de “*Magical*” pela FIFA. Apesar desse elogio, a “maior revelação do futebol feminino”, *status* que estava sendo construído pela cobertura, queria melhorar o desempenho dela contra a forte Noruega, valendo a liderança do grupo, o que demonstrou humildade.

No dia 25, um texto, titulado “Seleção feminina goleia Noruega e está perto das quartas no Mundial”, informou que o Brasil “goleou” a Noruega por 4 a 1. Vejamos:

A seleção brasileira feminina goleou a Noruega por 4 a 1 no Mundial dos EUA e praticamente assegurou a classificação para as quartas-de-final do torneio.

O resultado de ontem em Washington pode ser considerado o mais expressivo da equipe em Mundiais, uma vez que as norueguesas são as atuais campeãs olímpicas – além dos EUA, só a Noruega possui título mundial.

Líder isolado do Grupo B da competição, com seis pontos, o Brasil fecha sua participação na primeira fase no sábado, contra a França. Ontem, as francesas bateram as sul-coreanas por 1 a 0 e ainda lutam pela classificação.

O Brasil pode perder por até três gols de diferença para a França que estará classificado pelo saldo de gols. Um empate garante ao time a primeira posição da chave.

A seleção dirigida pelo técnico Paulo Gonçalves começou melhor a partida de ontem e pressionou a Noruega, surpreendentemente. Daniela abriu o placar aos 26min em um chute da entrada da área. Nordby, a goleira norueguesa, falhou em vários lances no jogo e foi vazada novamente aos 37min, após cabeçada de Rosana.

A Noruega, mesmo jogando mal, conseguiu descontar no final da primeira etapa após um chutão da defesa. Pettersen aproveitou e tocou de cabeça para o gol.

No segundo tempo, o Brasil não diminuiu o ritmo. Marta, chamada de ‘Magical’ pelos organizadores do torneio devido ao seu talento, marcou seu segundo gol na competição aos 14min.

A atacante Kátia Cilene, outro destaque da seleção no torneio, deixou sua marca nove minutos depois ao escorar cruzamento de cabeça - com três gols, ela é uma das artilheiras do evento.

Se ficar em primeiro lugar na chave, o Brasil deve fugir de um confronto nas quartas-de-final contra os EUA, favoritos ao título. (SELEÇÃO..., 2003, p. D2).

As brasileiras jogaram melhor do que as norueguesas, atuais campeãs olímpicas, praticamente garantindo a classificação e efetivando o “resultado mais expressivo” delas em Copas do Mundo. Os gols foram marcados por Daniela, Rosana, Marta, a “*Magical*”, e Kátia Cilene, “artilheira” e outro “destaque” da equipe. Se o Brasil empatasse com a França na sequência, esse seria o primeiro do grupo e possivelmente fugiria dos Estados Unidos, “favoritos ao título”, no início das eliminatórias, demonstrando receio desse adversário.

No dia 27, um texto, titulado “Coqueluche do Mundial, Brasil faz desafio aos EUA e decide vaga”, informou que as brasileiras enfrentariam as francesas, mas essas tinham desafiado as americanas. Duarte (2003a, p. D4) escreveu:

Depois de golear a Noruega - atual campeã olímpica - por 4 a 1, a seleção brasileira virou a coqueluche do Mundial dos EUA.

Hoje, o time volta a campo para enfrentar a França e, com um empate, garante a classificação para as quartas-de-final - e em primeiro lugar em sua chave.

[...]

A goleada sobre um forte rival colocou as brasileiras na mídia. Antes apontada como sparing dos EUA na próxima fase, a seleção conquistou a admiração do público. Seus treinos em Washington são acompanhados por centenas de fãs.

Empolgado, o elenco não teme mais nenhum desafio. Até as anfitriãs, bicampeãs e novamente favoritas, foram desafiadas.

‘Agora, eu aposto que elas [o time norte-americano] não querem enfrentar a gente’, afirmou Daniele, abrindo a guerra de nervos que teve sequência anteontem, depois da vitória dos EUA sobre a Nigéria por 5 a 0.

Com o placar, as donas da casa praticamente garantiram o título de sua chave - e um eventual confronto com o Brasil só aconteceria na decisão do torneio.

‘Minha coleguinha não sabe o que diz. Ela tem apenas 19 anos’, rebateu a meia Julie Foudy, 32.

[...]

Mexer com os brios da seleção americana pode não ser um bom negócio. A equipe perdeu um único jogo em quatro Mundiais, em 1995, para a Noruega, que acabou conquistando o título.

Por isso dizia-se, antes do torneio deste ano começar, que os EUA preferiam enfrentar o Brasil a ter de encarar, de novo, as norueguesas. O desenho atual dos grupos, porém, indica a realização da partida indesejável.

Ao golear as norueguesas, as brasileiras se transformaram na “coqueluche” da competição, elevando autoestima delas. Por conseguinte, elas desafiaram as americanas, que preferiam as enfrentar nas eliminatórias ao invés das norueguesas, o que era arriscado, ratificando o receio das favoritas.

Nesse dia, outro texto, titulado “Seleção prova ‘bandana hightech’”, Duarte (2003b, p. D3) informou que três atletas brasileiras estavam “testando um equipamento de proteção inédito no futebol”. Para tanto, elas foram remuneradas.

No dia 28, um texto, titulado “Brasil é exceção em competição de muitas faltas”, Cobos (2003c, p. D2) informou que essa seleção não tinha “perfil” violento, sendo o “mais leal nas duas jornadas iniciais”, cometendo “16 infrações”. A equipe “jogou limpo mesmo apanhando bastante – teve média de 16 faltas sofridas por duelo”.

Além da juventude, a lealdade foi agregada à identidade seleção brasileira. As brasileiras sofriam muita violência em campo, mas elas não revidavam.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Andreia”, Bueno (2003e, p. D8) opinou sobre a goleira, afirmando que ela era uma das “estrelas” do Mundial. “Contra a Noruega, da fraca Nordby, deu show. Sai que é sua!”

O Brasil de Andreia empatou com a França (1 a 1), sendo líder do grupo B, e, então, enfrentaria a Suécia (2ª do Grupo A) nas quartas de final. Os outros jogos dessa fase seriam Estados Unidos (1º do Grupo A) *versus* Noruega (2ª do Grupo B), Alemanha (1ª do Grupo C) *versus* Rússia (2ª do Grupo D), China (1ª do Grupo D) *versus* Canadá (2º do Grupo C).

No dia 29, um texto, titulado “Brasil e Suécia farão revanche no Mundial”, informou que esse confronto seria “revanche” para ambos.

A Suécia será a adversária da seleção brasileira nas quartas-de-final da Copa do Mundo feminina de futebol. Ontem, o time nórdico derrotou a Nigéria por 3 a 0 e assegurou a segunda colocação do Grupo A da competição.

O confronto contra o Brasil, campeão invicto da chave B, está marcado para quarta-feira, a partir das 20h30, em Boston.

As duas equipes já se enfrentaram duas vezes na história do Mundial, e cada país possui uma vitória. Em 1991, ainda na primeira fase, as suecas venceram por 2 a 0. No torneio seguinte, em 1995, o Brasil deu o troco (1 a 0).

Apesar do equilíbrio no retrospecto, a Suécia tem mais tradição no esporte do que o Brasil. Na história das Copas, o país nunca foi eliminado na primeira fase.

A seleção, ao contrário, foi desclassificada na fase inicial nos dois primeiros mundiais [...]

Desta vez, o favoritismo é do Brasil. Jogando um futebol que encantou os norte-americanos, o time do técnico Paulo Gonçalves marcou oito gols em três partidas – metade deles sobre a Noruega, atual campeã olímpica, na goleada de 4 a 1 registrada na segunda rodada da competição. (BRASIL..., 2003, p. D4).

O jogo teve essa designação porque o histórico de confrontos dessas equipes estava empatado em 1 a 1. No entanto, essa prática é normalmente manifestada pelos *habitus* dos jornalistas esportivos quando duas equipes se enfrentam novamente após uma ter vencido a outra. O Brasil foi apontado como o favorito desse jogo, porque a boa fase então atual sobrepujou a tradição sueca.

No dia 30, um texto, titulado “Barbie sem roupa”, informou que Milene Domingues tinha sido convidada pela Playboy para posar nua. (BARBIE..., 2003, p. D2). Outra prática falha dessa cobertura, a enfatizando como objeto sexual.

Em **outubro**, no dia 01, em um texto, titulado “Duelo põe em destaque matadoras e fair play”, Bueno (2003f, p. D1) informou que o confronto Brasil e Suécia teria outros dois duelos. Kátia Cilene *versus* Svensson, “dois destaques”. Aquela era a primeira em finalizações do torneio, “11 vezes”, e uma das “artilheiras” com “quatro gols”. Já esta era a terceira em finalizações, “nove chutes a gol”, e dois gols. Essa prática de focalizar duas personalidades em um confronto decisivo coletivo é uma das características da imprensa esportiva ‘à brasileira’, conforme Amaro (2014, p. 205) constatou, o que reforça o protagonismo dos futebolistas em questão. No entanto, a coletividade, mais especificamente o *fair play*, dividiu espaço com a individualidade nessa situação. Ambas as equipes estavam “[...] na disputa pelo troféu de jogo limpo dado pela Fifa”, o jornalista completou.

Nesse dia, outro texto, titulado “Sapatinho vermelho”, informou que Milene Domingues, “mulher do principal” patrocinado da Nike no futebol”, estava usando chuteiras vermelhas da Adidas, “maior rival da parceira da CBF” (SAPATINHO..., 2003, p. D2). Outra prática falha foi cometida com essa ênfase em uma possível polêmica da jogadora com a CBF, reverberando a predisposição dessa cobertura por fatos pouco relacionados com a temática puramente esportiva.

No dia 02, um texto, titulado “Juíza erra, e seleção feminina é eliminada do Mundial nos EUA”, informou que o Brasil perdeu da Suécia (2 a 1), sendo eliminada da competição. Vejamos:

A seleção brasileira feminina foi eliminada ontem do Mundial dos EUA após perder por 2 a 1 para a Suécia nas quartas-de-final.

Foi o primeiro revés do time em um jogo oficial na gestão do técnico Paulo Gonçalves (ele estava invicto havia 20 jogos), que foi muito criticado por algumas atletas.

A juíza chinesa Dongqing Zhang prejudicou o Brasil ao não marcar, nos acréscimos, um pênalti na atacante Kátia Cilene.

[...]

O Brasil começou a partida em ritmo lento. As suecas tomaram a iniciativa, e Svensson abriu o placar, aos 23min, de cabeça.

A ação ofensiva brasileira era tímida. A artilheira Kátia Cilene (quatro gols), isolada, quase não teve chances na etapa inicial. Aos poucos, a seleção foi tomando conta do jogo. Na primeira etapa, ficou com a bola 52% do tempo.

A Suécia recuou e cedeu espaço para o Brasil, que chegou ao empate ao 44min. Marta, a mais talentosa jogadora brasileira, foi lançada, driblou a goleira Lundgren e foi derrubada na área. Ela cobrou e converteu o pênalti.

O segundo tempo começou equilibrado, mas uma cobrança de falta deixou de novo as suecas em vantagem. Anderson bateu com perfeição no ângulo esquerdo de Andreia logo aos 8min.

[...]

O Brasil pressionou no final e teve o pênalti não marcado, mas não conseguiu chegar ao empate. (JUÍZA..., 2003, p. D4).

O jogo foi equilibrado, com alternância performática das duas equipes. O Brasil terminou o jogo melhor, pressionando a Suécia, mas não “conseguiu” empatar, considerando o prejuízo causado pela árbitra chinesa Dongqing Zhang, que não marcou um pênalti claro. A superioridade performática final pareceu ter influído no fato de esse erro não ter sido utilizado como o responsável direto pela eliminação brasileira, caracterizando a prática da imprensa nacional que Freitas Junior (2012) chamou de cultura da desculpa.

Já as boas atuações, no geral, podem ter influenciado no fato de os problemas das brasileiras, enfatizados outrora, também não terem sido utilizados para justificar essa eliminação.

Em 2004, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos, sediados em Atenas, de 13 a 29 de **agosto**. Durante esse ano, 84 textos foram publicados, alocados em onze categorias. (TABELA 7).

Tabela 7 – Categorização dos textos publicados em 2004

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Com. Técnica	-	-	3	-	-	1	3	8	4	-	-	-	19
Competições	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Dirigentes	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2
Equipe	1	1	3	1	1	1	6	19	2	-	5	-	40
Esporte	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
Hospedagem	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Instituições	2	-	-	-	-	-	-	3	4	1	-	-	10
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	1	4	-	-	-	-	5
Patrocínio	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
Transmissão	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Total	4	1	9	1	1	2	10	39	11	1	5	-	84

Fonte: O autor

Em **janeiro**, no dia 10, um texto, titulado “Sem vestibular, time feminino vai a Atenas”, informou que a equipe não passaria “pelo ‘vestibular’ para disputar a Olimpíada de Atenas”. A CONMEBOL “decidiu cancelar o Pré-Olímpico da América do Sul” por “falta de dinheiro e de seleções competitivas interessadas” e escolheu o Brasil como “único representante do continente” na competição. As “credenciais” foram as “conquistas do Pan-Americano de Santo Domingo e do Sul-Americano”, em 2003. (SEM VESTIBULAR..., 2004, p. D3).

Se o Pré-Olímpico fosse disputado, essa competição representaria uma modificação na lei de funcionamento do subcampo futebolístico feminino. Para os Jogos Olímpicos de 1996 e 2000, as classificatórias foram as Copas do Mundo de 1995 e 1999.

Em **fevereiro**, no dia 15, um texto, titulado “Seleção feminina marca jogo com os EUA”, informou que as brasileiras, classificadas para a Olimpíada, jogariam um “amistoso em abril”, contra as americanas. Após o “Mundial do ano passado, a seleção não teve mais atividades.” (SELEÇÃO..., 2004, p. D3). Ademais, a CBF ainda não tinha anunciado o novo técnico da equipe. Por isso, os treinos estavam parcialmente indefinidos. Esse jogo amistoso seria apenas uma das etapas da preparação.

Em **março**, no dia 04, um texto, titulado “Convidado, Brasil está no zero para Olimpíada”, informou que a equipe deu o “pontapé inicial” objetivando os Jogos Olímpicos com “menos de seis meses” para o início da competição. Como a vaga foi conquistada por indicação, a “inatividade” era a “marca” do “futebol feminino do país”. Para tornar o cenário mais precário, esse esporte não tinha um “campeonato nacional”. (CONVIDADO..., 2004, p. D4).

O caderno Esporte da Folha de S.Paulo enfocou novamente os problemas das brasileiras, que nem técnico tinham até o dia anterior, e por isso elas não estavam treinando. René Simões, que se ofereceu para o cargo,⁷² fenômeno então oculto do subcampo futebolístico, como designa a teoria bourdieusiana,⁷³ vago após a demissão de Paulo Gonçalves, tinha sido contratado pela CBF.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Renê Simões aceita Milene e cargo”, Rangel (2004a, p. D4) informou que René Simões tinha sido anunciado como técnico da “seleção feminina” no dia anterior. Sem conhecer as atletas, ele foi “obrigado a convocar a [...] Milene Domingues, pivô da saída de Paulo Gonçalves, seu antecessor no cargo” O técnico disse para o jornalista: “‘Não sei nada sobre ela [...]. A lista das convocadas não foi feita por mim. Se a convocação da atleta é jogada de marketing, saberei daqui a dois meses’”. Ele atribuiu a

⁷² Sobre os bastidores da contratação de René Simões pela CBF, ver Simões (2007).

⁷³ Sobre a teoria bourdieusiana e os fenômenos ocultos dos campos, ver Zaremba, Oliveira Junior e Sartori (2013).

convocação a Paulo Dutra, então supervisor da seleção, e não garantiu a presença dela na competição.

Simões (2007) reiterou que Paulo Dutra fez a primeira convocação dessa equipe, chamando Milene Domingues. Ele ainda repetiu que não sabia se ela tinha sido convocada por marketing ou não.

No dia 11, um texto, titulado “Milene renega na seleção a imagem de ‘Ronaldinha’”, informou que a jogadora queria desvincular Ronaldo da imagem dela. Rangel (2004b, p. D2) escreveu:

Convocada pela CBF para tentar popularizar a seleção feminina, Milene Domingues renegou ontem o apelido de ‘Ronaldinha’ ao se apresentar na Granja Comary. A jogadora do Rayo Vallecano, separada do atacante Ronaldo, do Real Madrid, desde o final do ano passado, quer evitar ser relacionada com o seu ex-marido. ‘Além de ser um nome muito feio [Ronaldinha], esse apelido é uma imagem, não é uma pessoa [...] Por isso, gostaria que me chamassem só de Milene’, disse a atleta de 24 anos, a última a se apresentar em Teresópolis, região serrana do Rio. Na segunda, as atletas iniciaram a preparação para a Olimpíada de Atenas, em agosto. Milene adiou sua chegada ao Brasil para participar de um desfile de lingerie, realizado anteontem em Madrid.

[...]

Além de rejeitar o apelido de ‘Ronaldinha’, Milene, que no treino de ontem levou uma pancada no olho esquerdo e acabou as atividades antes das companheiras, também tentou desvincular a sua imagem da do ex-marido em campo. Ela fez questão de treinar com chuteiras Adidas, concorrente da Nike, empresa que patrocina o jogador do Real.

Em 2003, Milene treinava na Granja Comary com chuteiras R9, modelo criado pela Nike especialmente para Ronaldo. ‘Não tenho contrato com nenhuma empresa. Por isso, uso a da Adidas, que tem chuteiras melhores para pés pequenos [34] como o meu’, disse ela, visivelmente fora de forma.

Para tanto, ela renegou o apelido ‘Ronaldinha’, o criticando, e as chuteiras R9, da empresa Nike, então patrocinadora de Ronaldo. Assim, se o marketing que a mantinha na seleção estava relacionado à imagem dele, conforme Mourão e Morel (2005) mostraram, esse perdeu o sentido. Por conseguinte, o caso Milene Domingues estaria próximo do fim.

No dia 25, um texto, titulado “Uvas verdes”, informou que Milene Domingues alfinetou o “ex”, Ronaldo, durante a gravação do programa “Missão Atenas”. Ela disse que o jogador “predileto” dela era o Zidane. (UVAS..., 2004, p. D2). Neste, uma prática falha foi cometida ao abordar a relação entre Milene e Ronaldo, reforçando a inferência de que a cobertura também tem interesse ocasional por pormenores, embora o foco dela seja o desempenho.

Em **abril**, no dia 29, um texto, titulado “Milene fica fora da lista da seleção feminina”, informou que Milene Domingues estava fora na lista de “23 atletas” que fariam a “preparação para os Jogos de Atenas.” (MILENE..., 2004, p. D1). O caso Milene Domingues na seleção

brasileira foi encerrado sem polêmica, ao contrário do início dele. Já as jogadoras convocadas iniciariam outra etapa de treinos preparatórios.

Simões (2007) disse que informou a Milene Domingues que ela provavelmente não seria mais convocada em um hotel, em Birmingham, onde a seleção brasileira jogou o último amistoso de uma excursão preparatória, realizada nos Estados Unidos, contra a seleção americana,⁷⁴ no dia 24 de abril. Segundo ele, a reação dela foi surpreendente, um sorriso.

Em **maio**, no dia 28, um texto, titulado “O tedioso futebol feminino”, Magalhães (2004, p. D3) opinou sobre a “seleção feminina”. Ele escreveu o seguinte:

Fala sério: existe alguém que, sem ser amigo, namorado ou parente das jogadoras da seleção feminina de futebol, roa as unhas na ansiedade da espera pela Olimpíada? Que vá descolar um atestado médico esperto para driblar o trabalho nos dias dos jogos? Ou sair mais cedo? Que planeje matar aula? Que pense nas cervejas a gelar e nas pipocas para o micro?

As garotas mandam bem. Graças ao currículo, conquistaram a vaga automática na Grécia, em contraste com o mico do time masculino. Superaram o descaso com que são tratadas pela CBF, como se estorvo fossem. Sofrem com o atraso da modalidade, por anos banida pelo regime militar. Vivem numa dureza franciscana, mostrada num magistral documentário da ESPN Brasil.

Tantos motivos para torcer pelo sonho delas, tantos para não me entusiasmar com o seu futebol. Nada a ver com a historinha que o João Saldanha contava, sobre o rapaz que apresenta a amiga ao pai. ‘O que você faz?’, pergunta o pai. ‘Sou zagueira do Bangu’, responde a moça.

‘Não dá’, repetia o adorável e preconceituoso João Sem Medo.

O problema é outro. Qualquer pelada de fim de mundo entre homens tem mais ‘craques’ que a melhor partida do mulherio. A qualidade, mesmo das equipes de ponta, é pífia. O embate entre mulheres parece um simulacro do futebol. Nem de longe se compara aos confrontos femininos de vôlei, tênis, judô, atletismo e natação, tão ou mais emocionantes que os masculinos. É como o boxe: não parece ter nascido para elas.

Desconfio que a expansão temporã do velho ludopédico entre as meninas, com exceção de um punhado de rincões pioneiros, tenha contribuído para o desnível entre os sexos. E não se trata exclusivamente da nossa seleção.

[...]

Talvez seja politicamente incorreto expor tal aversão, ainda mais com a seleção maltrada por quem deveria ampará-la e incentivá-la. Machismo seria, contudo, falar que acha bacana o que tedioso parece.

[...] Mesmo assim, os votos são sinceros: sucesso às gurias na busca do ouro inédito.

A crítica, manifestação frequente dos *habitus* dos jornalistas que cobrem o futebol, sobretudo opinando, ao desempenho da seleção feminina foi transcendida. Embora o pluralismo fosse um dos princípios editoriais do jornal, o colunista descaracterizou o futebol feminino, a equipe e as jogadoras perante os homens. Outra prática falha, constituinte do que Lumpkin

⁷⁴ Antes de perder dos Estados Unidos por 5 a 1, o Brasil venceu a A. M. Texas (5 a 1), a Oklahoma University (4 a 1) e a South Methodist University (5 a 1).

(2009) classificou como *práxis* jornalísticas sexistas. Martins e Moraes (2007) também o criticaram por essa descrição negativa.

Em **junho**, no dia 10, um texto, titulado “Seleção feminina conhece as adversárias de Atenas”, informou que o Brasil pegaria, “na primeira fase”, “os EUA, a Austrália e a Grécia.” (SELEÇÃO..., 2004, p. D1).

O torneio de futebol feminino estava organizado em processo de combinações, isto é, em duas fases com leis de funcionamento diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em três grupos, o E (Japão, Nigéria e Suécia), o F (Alemanha, China e México), G (Austrália, Brasil, Estados Unidos e Grécia). As duas melhores seleções e o melhor terceiro colocado dos Grupos E e F e as três melhores do Grupo G classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

Em **julho**, no dia 12, um texto, titulado “Contusão tira Kátia Cilene”, informou que Kátia Cilene estava “fora dos Jogos de Atenas”. “Principal jogadora da seleção”, ela foi cortada por contusão no joelho. “Só posso dizer que é uma perda irreparável. No Brasil, não existe uma atacante como Kátia [...]”, René Simões disse. (CONTUSÃO..., 2004, p. D3).

Kátia Cilene, que assumiu o posto de “principal jogadora” da equipe após se destacar na Copa do Mundo de 2003, não disputaria os Jogos Olímpicos devido a uma contusão no joelho. A atleta rompeu os ligamentos cruzados no Torneio Internacional de Águas de Lindóia,⁷⁵ competição preparatória, necessitando de cirurgia. Alguns médicos foram consultados, e o tratamento de fortalecimento foi tentado, mas não foi suficiente nesse caso, e ela teve que ser cortada, um “baque”, conforme Simões (2007, p. 86) relatou.

Assim como o posto de herói e ídolo, o de principal atleta de uma equipe é também cíclico. Todos esses postos estavam vagos na seleção feminina, esperando pela sucessora de Kátia Cilene, que seria Marta.

No dia 14, um texto, titulado “De esnobada a esnobe”, informou que Sissi “recusou o convite” de René Simões para retornar à “seleção feminina”. “Nos EUA, ela perderia o direito ao ‘green card’ caso retornasse ao Brasil.” (DE ESNOBADA..., 2004, p. D2).

Simões (2007) disse que ligou para Sissi no início da preparação, mas, ao saber que ela tinha problemas de relacionamento com algumas jogadoras, optou por adiar a convocação. A comissão resolveu a chamar depois, mas ela tinha pedido o *Green Card*, e a liberação da

⁷⁵ O Brasil venceu a seleção paulista (10 a 0), a seleção All Star brasileira (5 a 1) e empatou com a seleção sub-19 dos Estados Unidos. Depois as brasileiras venceram as americanas por 1 a 0, sendo campeãs. Sobre essa competição, ver Simões (2007).

imigração dos Estados Unidos permitiria que ela se apresentasse um dia antes da viagem da delegação para a Suécia, onde essa faria um *camping* de 14 dias com quatro amistosos contra times de mulheres, o que não foi aceito pelo técnico.

Por um lado, Simões (2007, p. 107) reconheceu que Sissi ficou “decepcionada”. Por outro, ele afirmou que, “ao contrário do que falaram de que ela não quis vir, ela queria muito estar aqui e ir aos Jogos Olímpicos”, desmentindo a ênfase do texto. Já a jogadora negou essa versão. Sissi disse que foi convidada por René Simões para retornar à seleção, mas ele mudou de ideia.

No dia 16, um texto, titulado “Fim da linha”, informou que, “fora da lista de Simões”, Sissi, “maior craque da história do futebol feminino do país”, admitiu que o “ciclo” dela na “seleção” estava encerrado. “‘Estou magoada porque corri atrás desde o início e fui descartada mais uma vez’”, ela disse. (FIM..., 2004, p. D2). O ciclo de Sissi na seleção brasileira parecia estar encerrado definitivamente. Assim, o posto de ídolo da modalidade também estava vago, esperando pela sucessora.

No dia 18, em um texto, titulado “Seleção faz tratamento para driblar TPM”, Rangel (2004c, p. D6) informou que a equipe brasileira tentaria “domar” a “TPM (tensão pré-menstrual)” nos Jogos Olímpicos. A decisão de a controlar “partiu” de René Simões. “A ideia dele é colocar um fim na fama das mulheres da seleção de serem encenqueiras.” A tensão do ambiente já tinha gerado desentendimentos em 2000 e 2003. A “maioria das atletas está fazendo um tratamento para não menstruar durante a competição”, e esse já estava dando resultado. As 11 jogadoras que optaram por o realizar “tomam um anticoncepcional” diariamente “para interromper a menstruação”. Todas elas elogiaram a iniciativa, conforme o jornalista completou.

A comissão técnica, apoiada pela CBF, conseguiu implantar uma preparação pioneira nesse ano, integrando vários campos sociais. Rogério Neves, médico, e Glydiston Ananias, preparador físico, criaram o “controle global da atleta”, que confrontava dados físicos, nutricionais e médicos, objetivando equilibrar as jogadoras, a base do projeto de René Simões.⁷⁶

Simões (2007, p. 30-31) disse que ele descobriu que algumas atletas nunca tinham consultado com uma ginecologista e os efeitos negativos da TPM no desempenho delas, durante os treinos, reverberando que o objetivo transcendia a identidade problemática da seleção. O

⁷⁶ Simões (2007, p. 8-9) elaborou um projeto para a seleção feminina em 2004, o denominando de “ALQUIMIA OLÍMPICA - transformando sonho em ouro”. Esse foi alicerçado por três itens indagativos: O que somos? O que temos? O que queremos? “O ponto chave, aquele que sustenta todo o planejamento, era a busca do equilíbrio das jogadoras. Esse equilíbrio depende da harmonia entre as partes física, psicológica e espiritual”, ele completou.

médico sugeriu a ele o mapeamento do ciclo menstrual das jogadoras, e, ademais, eles buscaram uma especialista, a médica Lucilene Leite, para auxiliá-los nesse processo. Ela as examinou e as orientou. Cerca de “80% das jogadoras” começaram a “tomar pílula anticoncepcional, ininterruptamente, para evitar a menstruação”. As outras não sentiam os efeitos do ciclo menstrual e preferiram não a utilizar.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Equipe adota terapia e protetor”, Rangel (2004d, p. D6) informou que a comissão técnica também “inovou” ao contratar uma terapeuta corporal para cuidar das jogadoras durante a preparação para a Olimpíada. Já a outra “novidade” para as atletas era o “protetor dentário feito a pedido do técnico Renê Simões”.

Simões (2007, p. 104-105) disse que a fisioterapeuta contratada, Maria Fernanda da Paz, era conhecida por ter participado da recuperação de Ronaldo, em 2002. Ela estava retornando ao Brasil e ofereceu um dos serviços à comissão técnica, a “reeducação postural sistêmica”, que envolve “postura, ritmo e busca interior”, que o aceitou. Ele completou afirmando que, devido a esse serviço, “Mônica, que talvez não fosse titular ou talvez nem fosse a Atenas, virou uma gigante.”

Já sobre o protetor bucal, Simões (2007) disse que algumas jogadoras resistiram ao equipamento inicialmente, mas o aceitaram.⁷⁷ Essas duas práticas coadunavam com o objetivo dele de equilibrar as jogadoras (física, psicológica e espiritualmente) e reverberaram o maior cuidado da comissão técnica com a preparação da seleção brasileira.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “No 3-5-2, atletas usarão Grécia como vitrine”, Rangel (2004e, p. D6) informou que as “mulheres” jogariam com “três zagueiros” nos “Jogos de Atenas” e, “sem mercado”, elas o utilizariam como “trampolim para deixar o Brasil”. Sete jogadoras já tinham contrato com “clubes do exterior”, e as outras viviam com a “ajuda de custo de cerca de R\$ 50 por dia paga pela CBF no período em que o time está no país”.

Vários sistemas táticos tinham sido treinados, mas o 3-4-3 foi aprovado no amistoso contra os Estados Unidos, em abril, segundo Simões (2007). Já a crença de que as *performances* satisfatórias poderiam proporcionar bons contratos em clubes do exterior constituía o *habitus* das atletas, e essa lógica era fortalecida com a estruturação do futebol feminino mundial. Tanto que durante o *camping* na Suécia,⁷⁸ Elaine Baiana foi contratada pelo Umea, Formiga pelo FC Rosengård. Kelly tinha proposta do Kolburt, da Noruega. Já Mônica e Cristiane foram sondadas

⁷⁷ Segundo René Simões, as jogadoras também tiveram tratamento odontológico, e nenhuma delas tinha problemas dentários nesse momento. Sobre isso, ver Simões (2004).

⁷⁸ A delegação viajou no dia 19 de julho e chegou à Suécia dia 21. A equipe empatou com o Umea (1 a 1) e venceu o Sjalevads IK (5 a 0), Orn (4 a 0 - este jogo foi realizado na Noruega), e Sodra Umea (9 a 0). Sobre isso, ver Simões (2007).

pelo Skovbakken, da Dinamarca. Já a situação nacional era ainda precária, sendo manifestada novamente pelos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

Em **agosto**, no dia 07, em um texto, titulado “Atenas fica para trás, e foco vira altura de rivais”, Seixas (2004a, p. D3) informou que a seleção brasileira viajaria para Tessalônica, nesse dia, onde enfrentaria as australianas. René Simões estava preocupado com elas, dizendo: “[...] É um time forte e muito alto. Vamos ter que trabalhar com a bola no chão, já que por cima vai ser bem complicado conseguir alguma coisa.”

Uma das estratégias estabelecidas pelo então técnico para esse jogo inicial, mas também para a competição, era a “bola no chão, tirando a altura das adversárias” (SIMÕES, 2007, p. 120). Ele sabia que a ação aérea defensiva era um dos problemas que constituíam os *habitus* coletivos dessa seleção feminina, igualmente das precedentes.

No dia 11, em um texto, titulado “Brasileiras começam a Olimpíada no escuro”, Seixas (2004b, p. 4) informou que a “seleção feminina” estrearia nos Jogos Olímpicos, contra as australianas, “sem saber como está em relação a suas adversárias”. Simões disse que estava “ansioso” para saber o “nível de preparação da equipe”. “Só fizemos amistosos contra times e combinados. Não enfrentamos nenhuma outra seleção. [...] A equipe não sabe em que nível está em relação às adversárias. Se tivéssemos feito esses jogos, o time estaria mais confiante, saberia onde está”, ele completou.

O então técnico ludibriou o jornalista, tirando pressão da equipe dele, ou mentiu outrora. O Brasil tinha sido derrotado pelos Estados Unidos (0 a 5) em abril. Ao abordar essa derrota, Simões (2007, p. 68) afirmou que as brasileiras eram melhores tecnicamente, mas as americanas tinham mais capacidades físicas, “conhecimento, concentração e movimentação” em campo. Por isso, elas seriam a “referência” e o “alvo” dele, e, portanto, a preparação seguinte seria intensificada, incluindo suplementação alimentar.

Já ao abordar a vitória sobre Orn (4 a 0) no *camping*, equipe que tinha sete jogadoras da seleção norueguesa, Simões (2007, p. 122-123) disse que esse foi o “jogo que faltava” para ele saber o “real potencial” do Brasil. A vitória o animou e indicou que a equipe estava no “caminho certo, com certeza, pois com a aquisição de mais força”, a sua “técnica” poderia “prevalecer”.

No dia 12, um texto, titulado “Goleadas ofuscam vitória magra do Brasil na estréia”, informou que a “seleção feminina” venceu a Austrália por 1 a 0, “resultado ofuscado pelas goleadas” dos outros jogos. Seixas (2004c, p. 7) escreveu:

A seleção feminina de futebol do Brasil saiu, enfim, do escuro.

Após passarem semanas sem saber como estavam em relação às suas adversárias, as comandadas de Renê Simões iniciaram ontem com vitória a participação do país na Olimpíada de Atenas.

Jogando no estádio de Tessalônica, a 517 km da capital, derrotaram a Austrália por 1 a 0. O resultado foi ofuscado pelas goleadas em outras partidas dos torneios masculinos e femininos.

Em quatro jogos entre as mulheres, foram marcados 13 gols. Diante da China, a Alemanha aplicou a maior goleada da história dos torneios olímpicos de futebol: 8 a 0 - ironia, o recorde anterior era das chinesas, 5 a 1, sobre a Dinamarca, em Atlanta-96.

[...]

A julgar pelo que mostrou ontem, a equipe de Renê Simões precisará melhorar a pontaria.

A seleção dominou a Austrália durante todo o jogo. Desde o início, a meia Marta, 18, destacou-se, tomando a iniciativa na armação das jogadas. No ataque, porém, as bolas de Pretinha e Formiga saíram pela linha de fundo ou paravam nas defesas da atrapalhada goleira australiana, Kell.

Até que, aos 32min, Marta resolveu também arriscar a gol. Ela recebeu a bola na grande área, pela direita, driblou uma zagueira adversária e, de perna esquerda, chutou forte, rasteiro, no canto: 1 a 0 para o Brasil, para alívio de Renê Simões, que passou boa parte do jogo à margem do gramado.

A Austrália voltou melhor para o segundo tempo e, por duas vezes, levou perigo ao gol de Andréia. Primeiro, aos 15min, em um cruzamento da meia Garriock, pela esquerda, defendido pela brasileira. Dois minutos depois, as australianas desperdiçaram uma cobrança de falta.

As brasileiras reagiram e voltaram a dominar a partida e só não fizeram 2 a 0 porque Pretinha chutou por cima, de frente para o gol, aos 48min.

No sábado, o Brasil pega os EUA, favoritos à medalha de ouro.

As brasileiras dominaram o jogo, vencido por méritos, com atuação destacada de Marta, sobretudo na “armação das jogadas”. Apesar dessa dominância, o gol único refletiu a imprecisão da equipe nas finalizações, ofuscando o placar perante os outros da rodada, mais elásticos.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Ver para gostar ou não”, Soninha (2004, p. D2) opinou sobre a seleção feminina. Ela escreveu:

Fiquei entusiasmada com os primeiros momentos da seleção feminina na Olimpíada. O jogo começou com boa movimentação, bons passes de primeira, jogadas inteligentes e lances individuais que exibiam habilidade e confiança. O futebol de Marta, muito talentosa, amadureceu bastante na Suécia [...] É visível que os dias de treino intensivo surtiram efeito - o time demonstrou uma organização e um entrosamento que só costumava atingir nas fases finais das competições.

[...]

Semanas atrás, Mário Magalhães admitiu que não gosta de futebol feminino - e apostou que essa é a opinião de muitos, que só não o diriam para não parecerem incorretos. Com razão, lembrou que ninguém sai correndo do trabalho para ver um jogo das mulheres. Só exagerou ao dizer que outros esportes, como basquete e vôlei, estão muitos degraus acima em termos de atração das massas.

[...]

Futebol feminino [...] poder ser bom ou ruim, empolgante ou chato, caprichado ou esculhanbado. O interesse ou desconfiança são compreensíveis, mas é preciso ver um jogo de vez em quando para poder dizer ‘gostei’ ou ‘não gostei’ cheio de motivos. Ontem o Brasil teve ótimos momentos, mas também vacilos irritantes (gols perdidos

no segundo tempo, um por preciosismo, outro por afobação). Gostar do feminino significa xingar as jogadoras também...

A colunista ficou entusiasmada com o desempenho individual e coletivo das brasileiras contra a Austrália, apesar dos “vacilos irritantes”, o que validou a afirmação de Borelli (2001) sobre fatos únicos poderem gerar construções jornalísticas múltiplas. Ela aproveitou o ensejo para rebater Magalhães, dizendo que gostar ou não do futebol feminino é opcional, mas as pessoas deveriam assistir aos jogos para estruturar o gosto delas baseado em critérios.

Ainda nesse dia, outro texto, titulado “Renata”, informou que a “zagueira” não enfrentaria os “EUA”, no dia seguinte. Ela lesionou a “perna esquerda” e seria “poupada” desse jogo. (RENATA, 2004, p. 5).

No dia 15, um texto, titulado “Brasil perde dos EUA, mas segue com chances”, informou que a “seleção feminina” perdeu dos Estados Unidos, mas a equipe tinha chances de se classificar. Vejamos:

Mesmo com a derrota de 2 a 0 para os EUA, em Tessalônica, a seleção feminina de futebol pode se classificar para as oitavas-de-final até com derrota para a Grécia, na terça-feira. Com três pontos, o time de Renê Simões divide a vice-liderança do grupo G com a Austrália, que ontem bateu as donas da casa por 1 a 0. Os EUA lideram com seis. O Brasil teve boa performance na primeira etapa, mas sucumbiu no segundo tempo. Nos 45 minutos iniciais, as brasileiras tiveram pelo menos três chances de gol. Na melhor delas, aos 31 min, Cristiane acertou a trave. A superioridade do Brasil virou pó aos 12min do segundo tempo, quando Mônica cometeu pênalti sem necessidade. A estrela Mia Hamm bateu e converteu. Aos 32min, os EUA ampliaram. Wambach invadiu a área, driblou uma zagueira e bateu cruzado. Antes do fim do jogo, o Brasil perdeu Kelly, que deixou o estádio com o pescoço imobilizado. (BRASIL..., 2004, p. 4).

O Brasil foi superior no primeiro tempo e dominante em mais de 50% do jogo, mas as brasileiras falharam nas finalizações, igualmente na rodada inicial. As americanas transformaram essa superioridade em “pó” no segundo tempo, aproveitando as duas oportunidades, o vencendo justamente, pela efetividade.

Após essa rodada, os Estados Unidos lideravam o Grupo G com seis pontos (5 gols de saldo), seguidos pela Austrália, três pontos (0 de saldo), Brasil, três pontos (-1 de saldo), e Grécia, sem pontuação (-4 gols de saldo). Então, todas as seleções tinham chances de classificação, principalmente porque o Grupo G classificaria as três primeiras.

No dia 16, um texto, titulado “Exame feito”, informou que a atacante Kelly fez um exame que detectou “fratura no ombro direito”. Ela poderia “ficar fora do torneio olímpico de futebol.” (EXAME..., 2004, p. 4). De fato, essa jogadora foi cortada, e Dayane a substituiu.

No dia 17, um texto, titulado “Brasil encara donas da casa e pode até perder”, informou que a “seleção feminina” jogaria contra a Grécia pela classificação para a fase eliminatória. Vejamos:

Com apenas uma modificação em relação ao time que perdeu por 2 a 0 para os EUA, no sábado, a seleção feminina de futebol joga hoje em Patras, ao meio-dia (de Brasília), buscando só escapar de outra derrota pelo mesmo placar. Caso perca para as gregas por 2 a 0, o Brasil se despedirá do torneio olímpico. Derrota por 1 a 0 classifica a equipe de Renê Simões para a fase seguinte, de quartas-de-final - na chave feminina, apenas duas das dez seleções que disputam o torneio são eliminadas na fase inicial. (BRASIL..., 2004, p. 4)

Se o Brasil perdesse por dois gols de diferença, a Grécia reverteria o saldo de gols, obtendo a classificação. Nessa situação, as australianas teriam de ser goleadas pelas americanas para as brasileiras se classificarem.

No dia 18, um texto, titulado “Seleção ganha de sete e pega rival do sonho nas quartas”, informou que a “seleção feminina” goleou a Grécia por 7 a 0, e enfrentaria o México na fase eliminatória. Seixas (2004d, p. 7) escreveu:

A seleção feminina de futebol teve ontem um dia perfeito. Entrou no gramado do estádio Pampeloponnisiako, em Patras (a 218 km de Atenas), podendo perder de 1 a 0. Saiu de campo com vitória de 7 a 0, a segunda maior goleada da história dos Jogos Olímpicos. E garantiu passagem às quartas-de-final.

Mais: soube, ao fim do jogo, que as adversárias na sexta-feira, na ilha de Creta, serão as mexicanas, e não a equipe chinesa, medalha de prata em Atenas-96 e hoje quinta do ranking da Fifa - o Brasil está uma posição atrás.

A seleção brasileira nunca venceu a China. Em cinco jogos, foram quatro empates e uma derrota. Contra o México, no entanto, o retrospecto é excelente: goleou nas duas partidas oficiais que já aconteceram, 11 a 0 e 7 a 1.

[...] O destaque do time foi a atacante Cristiane, que marcou três vezes.

Com a ajuda da goleira grega, Giatakis, de 1,65 m, a seleção fez três gols de cabeça. Explorando principalmente o lado direito, o Brasil abriu o placar logo aos 20min de jogo. A meia Formiga cruzou para Pretinha fazer 1 a 0 - de cabeça.

Marta, Cristiane e Grazielle, que entrou no lugar de Tânia, contundida, ainda perderam boas chances até que, aos 45min, a mesma Cristiane decidiu resolver. Sofreu falta pela direita e, no cruzamento, de cabeça, fez 2 a 0.

Logo aos 3min da segunda etapa, Grazielle fez 3 a 0. Cristiane, aos 9min e aos 31min, Marta, aos 24min e Daniela, aos 26min, definiram o placar.

O Brasil teve desempenho “perfeito”, vencendo a Grécia por méritos, garantindo a segunda colocação do Grupo G, e a classificação, com a atuação destacada de Cristiane, que marcou três gols. A equipe enfrentaria o México (2º do Grupo E) nas quartas de final como favorita, o adversário dos “sonhos”, segundo o jornalista.

Os outros confrontos eliminatórios seriam Alemanha (1ª do Grupo F) *versus* Nigéria (2ª do Grupo E), Estados Unidos (1º do Grupo G) *versus* Japão (3º do Grupo E). Por fim, Suécia (1ª do Grupo E) *versus* Austrália (3ª do Grupo G).

No dia 20, um texto, titulado “Seleção abre mata-mata entre nova semifinal ou decepção”, informou que a “seleção feminina” não teria opção, vitória e classificação ou derrota e “fiasco”. Seixas (2004e, p. 4) escreveu:

Não há meio termo. Ou a seleção feminina de futebol iguala seu melhor resultado em Jogos ou deixa a Grécia sob a marca do fiasco. Mais até do que o México, estreante em Olimpíadas e com pretensões modestas, é esse jogo de tudo ou nada que as comandadas de Renê Simões enfrentarão hoje, às 15h (de Brasília), em Heraklio, na ilha de Creta. O objetivo, a passagem às semifinais.

[...]

Se vencer, o Brasil garantirá o quarto lugar, resultado igual ao de Atlanta-96 - estréia das mulheres nos Jogos - e de Sydney-00. E com boa possibilidade de melhorar na próxima segunda-feira, nas semifinais. O adversário sairá do confronto, também nesta tarde, entre Suécia e Austrália.

O cruzamento foi bom para o Brasil. Favoritas ao ouro, EUA e Alemanha farão a outra semifinal caso vençam hoje. As americanas, ouro em 96 e prata em 2000, pegam o Japão. As alemãs, atuais campeãs mundiais, a Nigéria.

A mensagem foi clara e também coerente para quem atribuiu amplo favoritismo ao Brasil outrora e ressaltou que o cruzamento das eliminatórias foi “bom” para essa equipe. Estados Unidos e Alemanha, ambas favoritas ao ouro, seriam enfrentadas apenas na final. Portanto, se as brasileiras perdessem, a campanha delas seria um “fiasco”, sem “meio termo”.

No dia 21, um texto, titulado “Bola dentro”, informou que o Brasil goleou o México por 5 a 0. Seixas (2004f, p. 3) escreveu:

O time dá show. Cristiane é artilheira do torneio. Andréia, a goleira, só foi vazada duas vezes. Rosana aplicou um chapéu ontem e, em outro lance, matou a bola no peito e tocou para Formiga fazer um de seus gols. Marta pedalou, deixou uma rival no chão, golaço.

Mas elas se sentem sós, carentes. E têm motivos para isso.

Elas jogam futebol e ontem à noite, em Heraklio, na ilha de Creta, com um estádio vazio, igualaram o melhor desempenho do Brasil em Olimpíadas. Com sua segunda goleada consecutiva, 5 a 0 sobre o México, classificaram a seleção feminina às semifinais.

[...]

Pelo que vêm fazendo em campo, porém, a chance de medalha nunca foi tão grande. Alguns tabus elas já quebraram. Nunca nenhum time havia marcado 13 gols num torneio olímpico feminino. Nunca antes o Brasil havia ganho três vezes em Jogos ou sofrido tão poucos gols. Mas há outros a estraçalhar. O maior deles: a solidão.

Desde que começou sua campanha na Grécia, por exemplo, a equipe só foi visitada duas vezes por um dirigente do COB. Chefe de missão do Comitê Olímpico Brasileiro. Marcus Vinícius Freire esteve na estréia, em Tessalônica, dia 10, e reapareceu em Heraklio.

Tratamento semelhante ao recebido da própria CBF. Na Grécia, representando a Fifa na comissão de arbitragem dos Jogos, Ricardo Teixeira viu a primeira partida. No dia

13, assistiu à festa de abertura. No sábado, deixou a Grécia, algo difícil de imaginar caso a seleção masculina tivesse conseguido sua classificação para os Jogos.

[...] O futebol é um tipo de pária olímpico. O feminino, mais ainda. E o do Brasil tem seu adicional de problemas.

Fifa e COI vivem às turras. Há, ainda, o antigo preconceito contra mulheres jogando bola.

E, no Brasil, o futebol feminino, embora ‘menos profissional’ do que outras modalidades olímpicas, recebe menos dinheiro.

Dos esportes que representam o país em Atenas, o futebol é o único que não ganha um centavo da Lei Piva. Ironia do destino, é um dos que vêm mostrando de modo mais flagrante a tal ‘evolução técnica’ decantada pelo discurso de Carlos Artur Nuzman, presidente do COB, para justificar o uso das verbas das loterias.

Na Grécia, há outros agravantes para a solidão. A seleção ainda não atuou em Atenas. E não sentiu - nem vai sentir totalmente - o gostinho da Vila Olímpica.

A delegação ficou três dias na Vila, antes de viajar para Tessalônica. Vai repetir a dose caso vá à final. Antes, porém, terá que passar pela irregular Suécia, que ontem fez 2 a 1 na Austrália.

Caso repita os desempenhos dos 7 a 0 sobre a Grécia, na terça, e do jogo de ontem, o time de Renê Simões não terá grandes problemas para chegar à final. Apenas o de sempre. A solidão.

O Brasil venceu o México por 5 a 0 por méritos, dando “show”, com vários destaques agregados, como a artilharia de Cristiane. Se a equipe repetisse essas *performances*, essa deveria superar a sueca, favorita outrora, e, quiça, alguns outros problemas dela, não todos. A prática de os visibilizar era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo, que, nesse caso, pareceu atribuir mais capital simbólico à campanha brasileira.

No dia 21, um texto, titulado “Goleadora, equipe já é menos vazada que os times masculinos”, informou que “seleção feminina” de 2004 era melhor do que equipes anteriores. Seixas (2004g, p. 3) escreveu:

A seleção feminina do Brasil em Atenas já é melhor do que as de Atlanta e Sydney. Nos números, é melhor até do que os times masculinos do país que disputaram Olimpíadas.

Começando pela defesa. Com dois gols sofridos em quatro jogos, o time de Renê Simões leva, em média, 0,5 gol por partida. A melhor média brasileira antes dessa foi a da zaga masculina de 1988, que revelou Taffarel, Jorginho e André Cruz, entre outros: 0,67 (quatro gols em seis jogos).

[...]

No ataque, as brasileiras são as melhores dos Jogos e da história [...] Resultado: média de 3,25 gols por partida.

Nunca um time feminino havia marcado 13 gols em um torneio olímpico. O recorde anterior, 12, pertencia à Noruega de Atlanta.

No Brasil, o time de Pretinha e cia. quebrou uma marca que durava 52 anos. Nos Jogos de Helsinque, o time masculino foi quinto colocado com uma média de três gols por jogo.

Mais: individualmente, algumas jogadoras se destacam. Andréia é a segunda goleira menos vazada, atrás apenas da alemã Sike Rottenberg. Com os dois gols que marcou ontem, Cristiane chegou a cinco e é a artilheira do torneio. No meio, Marta se destaca na armação das jogadas. E também já marcou três vezes.

Essa equipe estava quebrando recordes, que distinguia a identidade dela de outras, entre essas, as equipes masculinas. A prática de sobrepor a seleção feminina à masculina era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo, e, nesse caso, também pareceu atribuir mais capital simbólico à campanha das mulheres.

No dia 24, um texto, titulado “Elas estão descontroladas”, informou a vitória do Brasil e as práticas das jogadoras brasileiras após o jogo, que foram das explosões as implosões, estas últimas influenciadas por Renê Simões. Seixas (2004h, p. 3) escreveu:

Foram movimentos seguidos. Uma explosão, um princípio de descontrole. E uma implosão.

Assim que a juíza apitou o final do jogo, as atletas brasileiras explodiram em comemoração. Agarradas a bandeira do país, abraçaram-se, jogam-se no chão. Choraram. Extravasaram.

Minutos depois, saindo do vestiário, veio a implosão [...] Calmas, tranquilas, evitaram declarações entusiasmadas ou comparações.

Mas o paralelo é inevitável. A turma de Andréia, Juliana, Rosana, Marta, Formiga, Pretinha, Cristiane e companhia igualou o feito de estrelas como Dunga, Romário, Taffarel, Jorginho, Bebeto. E agora pode superá-las.

Com 1 a 0 sobre a Suécia, ontem à noite, em Patras (a 218 km de Atenas), a seleção feminina de futebol classificou-se para a final do torneio olímpico. Já é medalha de prata, o que os homens conseguiram só duas vezes em dez participações, em Los-Angeles-84 e Seul-88. E, na quinta-feira, poderá conquistar o único título que o país da bola não tem: o ouro.

O adversário na decisão, em Atenas, serão os americanos, vice em Sydney-2000, que ontem eliminaram a Alemanha, campeã mundial, com uma vitória por 2 a 1. E que pela primeira fase dos Jogos, derrotaram o Brasil por 2 a 0.

Foi justamente pela categoria das oponentes que Renê Simões fez questão de esfriar o ânimo das brasileiras após a festa no campo.

[...] Aos 4min, Daniela acertou um chute forte, de fora da área, que passou raspando no travessão. Aos 8min, Cristiane aplicou um chapéu na sueca Marklund, mas foi desarmada no instante do chute.

Mas logo a Suécia reagiu, equilibrou a partida e começou a ameaçar o gol de Andréia, principalmente com jogadas pelo alto.

[...]

A troca de broncas evidenciou o nervosismo com a semifinal. No ataque, o time passou a desperdiçar bolas fáceis. Na defesa, a abrir espaços.

[...]

‘No intervalo, tive que usar o chicote. Elas estavam muito nervosas, brigando entre elas. Acho que funcionou’, contou Renê.

O resultado da bronca veio aos 19min. Marta, a melhor da partida lançou para Pretinha no meio da zaga sueca. A atacante avançou, driblou a goleira e chutou colocado, no alto. Gol. 1 a 0.

Marcando melhor no meio e atrás, a seleção brasileira viu o nervosismo do primeiro tempo mudar de lado. Nos 15 minutos finais, foi a Suécia que passou a atuar de forma confusa.

O Brasil venceu a Suécia, com méritos, jogo que teve alternâncias performáticas, e o resultado poderia ter sido outro. Em oposição às jogadoras, o repórter fez comparações, as enaltecendo perante os futebolistas olímpicos. O alicerce do discurso do ouro estava pronto,

elas poderiam conquistar o título que eles não conseguiram. Já a contenção do entusiasmo pareceu convergente a ambos, afinal, as adversárias da final seriam americanas.

Nesse dia, em outro texto, titulado “‘Veteranas’ vêm final como alívio”, Seixas (2004i, p. 3) informou que a garantia da medalha de prata representava “alívio” para Formiga, Pretinha, Roseli e Tânia. Todas eram remanescentes das Olimpíadas precedentes e sabiam que Atenas seria provavelmente a última chance de “redenção”. “Ontem, enfim, se redimiram.”

No dia 26, um texto, titulado “Marta diz que quer a vitória nem que saia ‘morta’ de campo”, foi uma entrevista com a “estrela” Marta. Ela respondeu a quatro indagações para Seixas (2004j, p. 6), das quais uma foi destacada. Vejamos:

Folha - Você já tinha imaginado estar numa final olímpica?

Marta - Já. Vi a Olimpíada de 2000 pela TV. Tinha 14 anos e dizia: ‘Na próxima vou estar lá e vou fazer diferente’. Garanto que a gente vai dar o máximo, nem que tenha que sair morta de campo, carregada.

A indagação foi sobre a crença de jogar uma final olímpica, que teve o sim complementado pela promessa de extrapolar os limites físicos para buscar o título.

Nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Alunas enfrentam mestrás, trauma e desemprego na decisão pelo ouro”, informou que o Brasil enfrentaria os Estados Unidos e outras dificuldades pelo ouro. Seixas (2004k, p. 6) escreveu:

A capitã Juliana diz que enfrentou preconceito por jogar futebol e que só não largou o esporte porque o pai não deixou. Andréia, Tânia, Pretinha, Daniela e outras oito, 12 no total, ou dois terços do grupo, enfrentam desemprego. O técnico René Simões, encara a falta de recursos que o impediu de comprar um software para fazer análises de times adversários.

Além de tudo isso, hoje essa delegação quixotesca enfrenta um tabu longo, gigantesco. Um ‘Everest’, na definição do treinador. Como se não bastasse, do outro lado do campo estará a mais bem-sucedida escola da história. Jogadoras que as brasileiras reconhecem como suas mestrás.

Às 15h, as seleções femininas de Brasil e EUA entram no gramado no estádio Karaiskaki, em Atenas, para a final do torneio olímpico.

São dois os traumas que a equipe brasileira tem pela frente:

1) o tabu. O ouro olímpico é o único que o futebol brasileiro, pentacampeão mundial, não tem. Por duas vezes, em 84 e 88, os homens foram prata. Para Atenas, não se classificaram;

2) o histórico. A seleção conta com um retrospecto catastrófico contra as americanas: em 21 jogos, uma vitória [...]

Tabus que aparentemente não preocupam as brasileiras. Ontem, após uma animada roda de samba na Vila Olímpica, o discurso era de confiança. As alunas dizem ter aprendido com as mestrás.

Além das dificuldades estruturais, as brasileiras enfrentariam dois tabus, o título que o país não tem e a melhor equipe do mundo. A prática de as visibilizar era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo. Nesse caso, essa

transpareceu positivar a campanha feminina. Perder seria normal, e vencer seria épico, ambos os resultados superiores às condições de produção da equipe.

No dia 27, um texto, titulado “Mulheres castigam trave, raspam no ouro e caem no final da prorrogação”, informou que o Brasil perdeu dos Estados Unidos por 2 a 1, na prorrogação. Seixas (2004l, p. 4) escreveu:

Mônica já sabe o que dirá ao filho Felipe, 6, quando pisar em São Carlos, no dia 2. ‘Mamãe queria te dar o ouro. Mas só conseguiu a prata. Toma, é sua.’
Mamãe joga na Ferroviária e é zagueira da seleção. E ontem foi vencida pela americana Abby Wambach a nove minutos do fim da prorrogação da final olímpica. Após cobrança de escanteio, a atacante subiu mais do que Mônica e, de cabeça, encobriu a goleira Andréia: 2 a 1 para os EUA.
Foi o fim do sonho de 18 brasileiras. Que chutaram duas bolas na trave e que tentaram fazer o que os homens do país do futebol nunca conseguiram: conquistar uma medalha de ouro nos Jogos. Ontem, o Brasil disputou a terceira final olímpica no futebol.
[...]
Foi a primeira medalha olímpica da seleção feminina do Brasil [...]
O título, pela segunda vez, ficou com as americanas [...] os EUA sofreram. E fizeram, com o Brasil, o melhor jogo de toda a competição feminina.
Uma partida que, apesar do público de apenas 10.416 pessoas no estádio Karaiskaki, começou quente. Aos 3min, o Brasil aplicou o primeiro susto nos EUA.
Rosana recebeu de Marta, passou por duas americanas e chutou de fora da área, resvalando o travessão. Dois minutos depois, Marta mais uma vez avançou, chutou, e a bola sobrou para Elaine disparar. A goleira Scurry jogou para escanteio.
Os EUA retrucaram aos 9min. Lilly serviu Wambach que disparou ao gol. Andréia defendeu.
Com os dois times no ataque, o jogo ficou aberto. E, a exemplo do que ocorreu na fase de classificação, com alguns lances violentos.
Aos 20min, a melhor jogada do primeiro tempo. Marta passou por cinco adversárias, levantou o estádio, mas tocou para Cristiane, em posição de impedimento.
O primeiro gol saiu aos 39min após um erro da juíza. E foi americano. Boxx tocou com a mão na bola e passou para a meia Tarpley, que chutou no canto e fez 1 a 0.
No segundo tempo, nervoso, o Brasil só conseguiu acertar a primeira jogada aos 11min. Com Daniela, que recebeu bom passe de Marta, mas chutou para fora.
O lance empolgou a seleção brasileira. Que empatou após uma bela jogada de Cristiane, aos 27min. Ela avançou pela esquerda, se livrou de Markgraf e Fawcett e cruzou rasteiro. Scurry desviou nos pés de Pretinha: 1 a 1.
E então começou a saga das bolas na trave. Aos 32, Cristiane, em jogada individual, chutou de fora da área, e a bola explodiu na trave com Scurry já vencida. Aos 42min, Marta serviu Pretinha, que limpou a defesa e chutou. Pela segunda vez, na trave dos EUA.
[...]
Com 1 a 1, a prorrogação. Que foi acirrada como todo o jogo até que, aos 6min do segundo tempo, Wambach cabeceou. A bola encobriu Andréia e ainda resvalou em Juliana antes de entrar. Resultado: Felipe vai ganhar a prata.

A síntese do jogo destacou vários lances das brasileiras, inclusive as duas bolas chutadas na trave, quando estava 1 a 1, uma delas aos 42 minutos do segundo tempo, e ressaltou que o gol das americanas tinha sido irregular. Contudo, no final, o repórter o classificou como “acirrado” até o gol da vitória, feito por Wambach, denotando justiça ao resultado, talvez pela

efetividade das americanas. Ele também transpareceu apontar falha da zagueira Mônica no lance desse gol, lhe atribuindo o protagonismo, mas não a culpa da derrota.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Seleção deixará de existir no momento do desembarque”, Seixas e Dias (2004, p. 6) informaram que a “seleção feminina” deixaria de existir “a partir do dia 2”, quando aterrissaria no Brasil. Só voltaria a “se reunir, não se sabe com que técnico ou jogadoras, em 2007, para a disputa do Mundial da China”.

Antes dessa competição, a equipe disputaria o Pan-Americano, no Brasil. Ademais, apesar do tom melancólico, a seleção é cíclica, e algumas jogadoras tinham sido contratadas por times do exterior. Formiga jogaria no Malmö, da Suécia, Elaine no Umea, que já tinha a Marta, também da Suécia, e Rosana no SV Neulengbach, da Áustria.

Nesse dia, em outro texto, titulado “A cara do Brasil”, Magalhães (2004, p. D1) opinou sobre a seleção brasileira. Ele disse:

O Brasil seria muito melhor se tivesse a cara da seleção feminina de futebol que ontem conquistou a prata. A seleção tem a cara do Brasil. O Brasil não tem a cara dela. A seleção tem a cara do Brasil na pobreza atávica das suas jogadoras. Falta ao Brasil a cara da seleção porque o país não descobriu que fracasso não é desatino que não se dribla e desgraça nunca será vocação irremediável.

A medalha inédita, apesar da dor do título escapado dos pés de quem jogou muito mais, tem a cor da vitória e da virada de quem veio do quase nada. As norte-americanas escaparam porque a trave segurou duas bolas e as brasileiras foram garfadas num pênalti.

Quando Renê Simões anunciou o Projeto Alquimia Olímpica, muitas atletas nunca tinham sido apresentadas a um ginecologista.

Elaine só levantara R\$ 90 para pagar a taxa de passaporte por graça da generosidade do dono de uma funerária. Das 18 jogadoras, 16 peitaram parentes e amigos para impor a vontade de jogar. Laços familiares se dilaceraram. São histórias contadas pelo repórter Jorge Luiz Rodrigues.

O repórter Fábio Seixas contabilizou: dois terços estão sem emprego. Algumas abandonaram o ganha-pão na Europa para arriscar o sonho olímpico [...]

O que me importa se a Olimpíada consolidou a impressão de que o futebol das mulheres está anos-luz do alto rendimento que se vê nos homens? Que, para superar o tédio habitual da modalidade, será preciso reinventá-la? Diminuir o peso da bola, o tempo do jogo, as dimensões do campo...

Poderia ser bolinha de gude, o que fosse. Calhou de ser o futebol, a alma do Brasil. Para nossas jogadoras, o ouro está logo ali à frente. A grande história de Cristiane, Marta, Formiga, Pretinha, Juliana e companheiras há de embalar o país que talvez tenha, um dia, a cara do triunfo. E não só no esporte.

O colunista manteve a opinião dele sobre *status* performático da modalidade, que precisaria de modificações para ser mais atrativa, mas ele reconheceu as superações das jogadoras e atribuiu positividade à campanha delas. A seleção feminina era exemplo para o país e, ademais, essa foi melhor e só perdeu pela sincronia do erro da arbitragem com duas bolas chutadas na trave, transparecendo falta de sorte.

No dia 29, um texto, titulado “Decepção dupla”, informou que, um “dia após perderem o ouro no futebol”, as jogadoras foram “torcer pelo basquete contra a Austrália”. “Viram o time de Janeth perder a chance do ouro.” (DECEPÇÃO..., 2004, p. 10). As brasileiras perderam das australianas por 94 a 66.

No dia 31, um texto, titulado “Nova geração promete”, foi uma entrevista com a “estrela ascendente” Cristiane, “revelação” e “co-artilheira” em Atenas. Ela respondeu a cinco indagações para Seixas (2004m, p. 7) das quais uma foi destacada. Vejamos:

Folha - Como você se imagina daqui a quatro anos?

Cristiane - Eu acho que muito melhor, depois de toda essa experiência da primeira Olimpíada. Aprendi muito com as meninas mais velhas e vou tentar passar isso para a próxima geração, o time que hoje é sub-19. Essa turma promete muito.

A indagação foi sobre como a jogadora estaria na Olimpíada subsequente. Cristiane achava que ela estaria muito melhor e tentaria compartilhar conhecimentos com a geração sub-19, que prometia bons frutos.

Em **setembro**, no dia 03, em um texto, titulado “Time feminino é esquecido no livro de 90 anos”, Rangel (2004f, p. D3) informou que as “mulheres foram esquecidas” no “livro sobre a história da seleção”, lançado pela CBF. Isso demonstrava “o verdadeiro prestígio que o time feminino” gozava na instituição. Essa prática de denunciar a distinção entre as seleções masculina e feminina feita pela CBF era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 04, um texto, titulado “Time feminino já é o quarto no ranking da Fifa”, informou que a “seleção brasileira feminina” atingiu a quarta posição no ranking da FIFA, atualizada após os Jogos. Brasil tinha “2.053 pontos”, atrás de “Alemanha (2.184 pontos)”, “Estados Unidos (2.177 pontos)” e “Noruega (2.145)”. (TIME..., 2004, p. D1).

Em **novembro**, cinco textos, três alocados na categoria **equipe** e dois na categoria **jogadoras**, foram publicados. Estes textos não foram analisados porque abordaram a seleção feminina sub-19.

Em 2005 e 2006, o número de publicações decresceu significativamente. Quatro e cinco textos, respectivamente.

Em 2007, o Brasil disputou o Pan-Americano, sediado no Rio de Janeiro, de 13 a 29 de **julho**, e a Copa do Mundo, organizada entre os dias 10 e 30 de **setembro**, na China. Durante esse ano, 61 textos foram publicados, colocados em sete categorias. (TABELA 8).

Tabela 8 – Categorização dos textos publicados em 2007

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	-	1	1	5	-	-	-	7
Competições	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Equipe	-	-	-	3	-	-	12	-	17	5	-	1	38
Esporte	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	3
Instituições	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2
Mídia	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	-	-	8
Total	-	-	-	3	-	-	16	2	30	9	-	1	61

Fonte: O autor

Em **abril**, no dia 06, em um texto, titulado “Sem escala”, Perrone (2007, p. D2) informou que Marta, já a melhor jogadora do mundo, disse que seria chamada para a preparação final do Pan-Americano. O técnico Jorge Barcellos tinha convocado a seleção para treinar objetivando esse megaevento, que seria realizado no Brasil, de 13 a 29 de julho, adquirindo mais significância cultural no país.

No dia 23, um texto, titulado “Brasil cai no grupo da China no Mundial”, informou que, além da “seleção anfitriã”, a equipe enfrentaria a Nova Zelândia e a Dinamarca na fase grupal desse torneio. (BRASIL..., 2007, p. D4). A Copa do Mundo, que seria realizada de 20 a 30 de setembro, estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em três grupos, o A (Alemanha, Argentina, Inglaterra e Japão), o B (Estados Unidos, Coreia do Norte, Nigéria e Suécia), o C (Austrália, Canadá, Gana e Noruega) e o D, supracitado. As duas melhores seleções de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples, então os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 26, um texto, titulado “Lesão tira capitã brasileira do Rio-07”, informou que “Juliana Cabral confirmou que uma lesão sofrida no ligamento cruzado anterior de seu joelho esquerdo” a tiraria do Pan. Ela tinha sido “capitã da seleção no Pan-03 e em Atenas-04.” (LESÃO..., 2007, p. D4).

Em **julho**, no dia 10, um texto, titulado “‘Nada acontece’, diz Kátia Cilene em desabafo”, informou a inconformação dessa jogadora. Vejamos:

Uma das principais jogadoras da seleção, a atacante Kátia Cilene disse ontem não saber explicar a falta de popularidade do futebol feminino no país.

‘De quatro em quatro anos, vocês [jornalistas] aparecem. Já não sei o que falar, o que pedir para o futebol feminino no Brasil. Já ganhamos medalhas, títulos, e nada acontece’, disse em tom de desabafo.

Kátia Cilene joga há seis anos no exterior: quatro temporadas nos Estados Unidos e as últimas duas no Lyon, atual campeão francês. Ela tem até uma marca de chuteira com seu nome, à semelhança de craques como Ronaldo.

‘Mesmo assim [com as dificuldades], continuo jogando na seleção e acreditando que o futebol ainda vá poder crescer aqui’, afirmou ela, para quem o Brasil, em casa, tem a obrigação de conquistar o Pan. (‘NADA...’, 2007, p. D6).

A jogadora era claramente bem-sucedida, atuando no exterior há seis anos, mas ela não deixou de reivindicar pela melhoria da estrutura do futebol feminino brasileiro, incluindo a visibilidade desse na mídia. A crença de que isso fosse ocorrer era manifestada ocasionalmente pelas jogadoras. A prática de visibilizar essas situações era também uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 12, um texto, titulado “Público a favor é desafio para boleiras”, informou o Brasil enfrentaria o Uruguai, mas o público seria o “principal” adversário. Rangel (2007a, p. D3) escreveu:

Elas são famosas no exterior, já ganharam medalha olímpica e títulos internacionais e algumas têm até contratos com multinacionais. Mesmo assim, a seleção brasileira de futebol enfrentará situação inusitada hoje à tarde na abertura do torneio feminino do Pan: a maioria jogará pela primeira vez diante do seu país em um evento internacional. Contra as fracas uruguaias pela frente, no novo e moderno Estádio João Havelange, o Engenhão, o público virou o principal adversário das mulheres na estréia.

‘Não tenho dúvida de que será uma emoção diferente. Vai bater aquele friozinho na barriga e aquela bobeira, mas temos que superar isto tudo’, afirmou a meio-campista Pretinha, 32 anos e 12 de seleção.

No futebol japonês há três anos, a veterana se recorda das poucas partidas em que atuou no país e citou que entrou em campo somente uma vez com o estádio lotado no Brasil, no longínquo ano de 1995, na cidade de Uberlândia.

‘Estamos acostumadas a jogar aqui, nos clubes, quase apenas para a nossa família. Com o estádio inteiro a nosso favor, será realmente especial. Não sei direito nem como vai ser esta sensação’, disse a volante Renata Costa, 25, que participou do grupo medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Ela atua num clube bancado pela prefeitura de Botucatu, no interior paulista.

Apesar da expectativa das jogadoras com a torcida, o público nesta tarde no Engenhão não deverá ser dos melhores.

As jogadoras teriam duas experiências diferentes na estreia no “torneio feminino” no Pan:⁷⁹ 1) jogar no Brasil em um evento internacional; e 2) com mais público, algo que não acontecia nos jogos clubísticos nesse país. Por isso, esse seria o “principal” adversário da equipe contra a “fraca” seleção uruguaia, segundo o repórter.

⁷⁹ Essa competição seria realizada de 12 a 26 de julho e estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em dois grupos, o A (Brasil, Canadá, Equador, Jamaica e Uruguai) e o B (Argentina, Estados Unidos, México, Panamá e Paraguai). As duas melhores seleções de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 13, um texto, titulado “Com Engenhão vazio, boleiras goleiam Uruguai”, informou que o Brasil goleou o Uruguai (4 a 0), com o estádio “vazio”. Rangel (2007b, p. D6) escreveu:

O estádio não estava lotado como as jogadoras temiam. Com o Engenhão vazio, a seleção goleou, com facilidade, o Uruguai por 4 a 0, na partida que virou um passeio de aposentados e adolescentes no Engenhão. O jogo abriu a participação brasileira no Pan, um dia antes da cerimônia de abertura.

Presenciados por somente 4.522 torcedores, os gols foram marcados pela volante Daniela Alves (dois), pela lateral Rosane e pela atacante Cristiane.

[...]

Na véspera da estréia, as jogadoras não escondiam que poderiam sentir a pressão por jogar em casa, caso o estádio estivesse lotado, o que não aconteceu ontem. Com o futebol feminino sem popularidade no país, as atletas, muitas medalha de prata na última Olimpíada, jogaram poucas vezes com um estádio cheio no Brasil.

O Engenhão tem capacidade para 45 mil pessoas.

O esforço das brasileiras em campo animou a torcida.

O público não foi expressivo para um jogo do anfitrião, “somente 4.522” torcedores. Sem esse, que poderia pressionar as jogadoras, tornando-se o “principal” adversário delas, a seleção brasileira venceu a partida facilmente, com méritos, como foi previsto outrora.

No dia 14, um texto, titulado “Marta chega e se diz pronta para jogar”, informou que a melhor do mundo “desembarcou no Rio” e deveria “enfrentar a Jamaica”, nesse dia. (MARTA..., 2007, p, D6). Marta se apresentou à seleção apenas no dia 13 porque ela estava jogando pelo Umeå IK, time da Suécia.

No dia 15, um texto, titulado “Na estréia de Marta, seleção vê mais torcida e goleia Jamaica”, informou que o Brasil goleou a Jamaica por 5 a 0, com Marta em campo e mais público. Vejamos:

Com a melhor jogadora do mundo eleita pela Fifa em campo, a seleção duplicou o público e goleou novamente no Pan. Numa tarde ‘de sonho’, a meia Marta foi a principal atração na vitória contra a Jamaica, por 5 a 0, ontem, no Engenhão.

Além de ter marcado o quarto gol da seleção, de pênalti, a alagoana deu passe para outros dois da equipe, fez belas jogadas e empolgou os torcedores.

‘Não tenho muito o que falar depois de jogar com um público maravilhoso deste a meu favor, num estádio tão lindo. Só posso dizer que foi um sonho’, disse a jogadora, a mais festejada pela torcida do Engenhão.

[...]

Os outros gols da seleção ontem foram marcados pelas atacantes Kátia Cilene (dois) e Cristiane e pela volante Daniela Alves, artilheira da seleção no Pan, com três gols.

A escalção de Marta também atraiu mais torcedores ao jogo. O público ontem foi de 10.265 pessoas. Na quinta, sem Marta, 4.522 torcedores pagaram para ver a seleção golpear as uruguaias, por 4 a 0. (NA ESTRÉIA..., 2007, p. D6).

As brasileiras venceram novamente por goleada, com *performance* destacada de Marta. Na estreia dela, a melhor do mundo, o público aumentou de “4.522” para “10.265”

torcedores, valiendo que os “ídolos”, os “heróis” e as “estrelas” são fundamentais para os “eventos de massa”. Ademais, um “fenômeno de massa” não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença desses agentes. Eles fascinam as pessoas, as influem na identificação com os eventos e representam o grupo social delas, de acordo com Helal (1998, p. 6).

No dia 19, um texto, titulado “Seleção feminina atropela o Equador”, informou que a “seleção feminina” goleou o Equador por 10 a 0. Rangel (2007c, p. D7) escreveu:

Sem ter sofrido nenhum gol, a seleção feminina goleou, com ‘placar de várzea’, o Equador, ontem, no Engenhão, e garantiu vaga na semifinal. O time venceu as equatorianas por 10 a 0, maior goleada da carreira da maioria das atletas.

A meia-atacante Marta, que marcou quatro gols, e a atacante Cristiane, que fez outros quatro, foram os destaques da seleção. Pretinha e Daniela completaram a vitória.

[...]

‘Um placar deste só consegui lá na várzea. Chega a ser até engraçado’, disse Marta.

[...]

Amanhã, as brasileiras decidem com as canadenses a liderança do grupo. Os dois times venceram todos os jogos de goleada. Ontem, o Canadá derrotou as jamaicanas, por 11 a 1. A partida é considerada uma final antecipada.

[...]

Com seis gols, Cristiane é a artilheira da seleção, seguida por Marta. Eleita melhor jogadora do mundo pela Fifa em dezembro, a meia-atacante já marcou cinco vezes no Pan.

A goleada histórica fez a festa dos torcedores no Engenhão, que teve ontem o maior público no torneio de futebol feminino (11.639 pessoas).

Marta e Cristiane, artilheiras, foram os destaques da vitória da seleção, com ‘placar de várzea’. As brasileiras enfrentariam as canadenses, ambas classificadas, para definir a liderança do Grupo A, em clima de final antecipada. Ademais, o público aumentou novamente, de “10.265” para “11.639” torcedores, denotando que a vitória é também uma variável importante, além de ídolos, heróis e estrelas, nesse processo.

No dia 20, um texto, titulado “Feminino faz ‘final’ contra canadenses”, informou que “brasileiras e canadenses”, responsáveis “por aplicar as maiores goleadas da história do Pan-Americano”, fariam nesse dia, “às 15h, no Maracanã”, o jogo que deveria ser o “mais forte da primeira fase.” (FEMININO..., 2007, p. D4).

No dia 21, um texto, titulado “Marta faz cinco gols e encanta o Maracanã”, informou que Marta foi o “destaque” da “seleção feminina” na vitória sobre o Canadá por 7 a 0. Rangel (2007d, p. D5) escreveu:

A meia-atacante Marta fez história ontem na primeira partida da seleção feminina no Maracanã. Destaque do time nacional na goleada contra as canadenses, por 7 a 0, a melhor jogadora do mundo eleita pela Fifa obteve um feito que nem os craques conseguiram com a camisa da seleção.

Com os cinco gols de ontem, ela é a atleta que mais gols marcou no principal palco do futebol brasileiro em uma partida. Nos 110 jogos disputados pelos homens no

Maracanã, nenhum jogador da seleção comemorou tantas vezes como Marta – Evaristo de Macedo é o recordista de gols em um só jogo pela seleção masculina, com cinco gols, mas não no Maracanã.

[...] Mais de 10 mil pessoas assistiram ao jogo no estádio. Oficialmente, os organizadores não divulgaram o público.

Mesmo fora da primeira partida da equipe na competição. Marta já é a artilheira do Pan, com dez gols. Com a quarta goleada consecutiva nos Jogos, a seleção se classificou em primeiro lugar no seu grupo.

A jogadora foi o destaque do jogo, com cinco gols, fazendo história, assumindo as artilharias da competição e do Maracanã, este último feito nenhum homem tinha conseguido. A prática de exaltar as mulheres em relação aos homens futebolistas era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

Com essa vitória, as brasileiras se classificaram em primeiro lugar do grupo. As semifinais seriam Brasil (1º do Grupo A) *versus* México (2º do Grupo B) e Estados Unidos (1º do Grupo B) *versus* Canadá (2º do Grupo A).

No dia 23, um texto, titulado “Sem futuro, boleiras encaram o México”, informou que as brasileiras teriam a “penúltima oportunidade” para se destacarem no Pan, contra o México, e conseguirem times no exterior. Rangel (2007e, p. D6) escreveu:

Sem esperanças de o futebol feminino emplacar no Brasil, as jogadoras da seleção vão ter a penúltima oportunidade de usar o Pan como trampolim para deixar o país. A partir das 15h30, o time comandado por Marta vai enfrentar o México na disputa pela vaga na final do torneio. O jogo será o segundo das mulheres no Maracanã.

Apesar do sucesso do time no Pan, as jogadoras não escondem que buscam o caminho do aeroporto após os Jogos. Só metade das convocadas atua no país, que não tem clubes nem liga profissional. Elas acreditam que só uma transferência imediata para o exterior dará estabilidade para suas carreiras.

‘Sei que nada vai mudar no Brasil [depois dos Jogos]. Já conseguimos medalhas, títulos, e nada mudou. O bom do Pan é que podemos conseguir bons contratos’, declarou a goleira Bárbara Barbosa.

Como metade das jogadoras da seleção atuava no exterior, as remanescentes, então descrentes que a modalidade fosse melhorar no Brasil, objetivavam conseguir bons contratos. A prática de visibilizar as dificuldades das brasileiras também era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos.

No dia 24, um texto, titulado “Seleção tira ‘salto’ e encara os EUA pelo bi”, informou que a “seleção feminina” venceu a mexicana com dificuldade. Rangel (2007f, p. D5) escreveu:

Depois de tirar o ‘sapato alto’, a seleção feminina garantiu ontem vaga na final do Pan ao derrotar as mexicanas, por 2 a 0, no Maracanã. Foi a primeira vitória da equipe sem golear no torneio. Até então, as brasileiras já haviam marcado 26 gols em apenas quatro jogos.

Diante de cerca de 20 mil torcedores, o time abusou das jogadas individuais e encontrou dificuldades para superar a retranca adversária. Destaque da competição, a meia-atacante Marta teve uma atuação discreta. Eleita melhor jogadora do mundo pela Fifa no ano passado, a alagoana de 20 anos é a artilheira da competição, com dez gols em quatro partidas.

‘A dificuldade foi criada pelo nosso próprio time. Havia um individualismo muito grande no primeiro tempo. A hora não era de sapato alto. No intervalo, conversamos, corrigimos algumas coisas, e o resultado saiu. Não viemos para dar espetáculo. O nosso objetivo principal é chegar à final’, disse o técnico do time, Jorge Barcellos.

Os gols da seleção foram marcados em jogadas de bola parada no segundo tempo. Os dois foram marcados pela ala esquerda Rosana. O primeiro na cobrança, com estilo, de uma falta próxima da área mexicana. O último gol saiu ao Rosana completar de cabeça, na primeira trave, um escanteio cobrado pela direita.

As brasileiras venceram o jogo por merecimento, apesar da dificuldade autoimposta, resultante do “salto alto” delas, com atuação “discreta” de Marta, mas decisiva de Rosana. Essa gíria do subcampo futebolístico foi adotada pelos jornalistas esportivos que cobriam futebol masculino e significa prática presunçosa e desinteressada da equipe e ou atletas específicos contra o adversário, conforme Queiroz (2005). Isso por julgamento de superioridade.

Nesse mesmo dia, em um texto, titulado “Brasil x EUA é ditado por contrastes culturais”, informou que a final seria marcada por países com contrastes na cultura futebolística. Rangel (2007g, p. D4) escreveu:

A goleira Andréia fugiu de casa aos 16 anos para jogar futebol. A meia-atacante Marta brigou várias vezes com meninos na infância por causa do esporte. Já Kátia Cilene se vestiu de garoto aos 13 anos para jogar ao lado dos ‘moleques’ o seu primeiro campeonato.

Ao contrário das norte-americanas, que começam a chutar uma bola desde pequenas nas escolas, todas as 18 jogadoras da seleção foram obrigadas a vencer preconceitos para disputar hoje a medalha de ouro do Pan. Às 12h, elas enfrentam os EUA, no Maracanã.

É a chance de vingar a derrota na final olímpica de 2004. Nos Jogos de Atenas, os EUA, uma das potências do futebol feminino, atuaram com força máxima. Para o Pan do Rio, veio um time sub-20. E o Brasil, com um ataque arrasador (28 gols até agora), é favorito.

Na cultura brasileira, ao contrário da americana, o futebol significava um esporte masculino. Apesar disso e das dificuldades provenientes, sobrepujadas, o Brasil era favorito na final, porque estava atuando bem em casa e a seleção americana era sub-20, e não a campeã olímpica. Mesmo assim, o jornalista afirmou que a derrota nos Jogos Olímpicos de Atenas poderia ser vingada.

No dia 27, um texto, titulado “Seleção e torcida dão espetáculo na conquista do bi”, informou que o Brasil goleou os Estados Unidos (5 a 0) diante de aproximadamente 80 mil torcedores. Rangel e Torres (2007a, p. D2) escreveu:

Com milhares de mulheres e crianças no Maracanã lotado, a seleção feminina goleou os EUA, por 5 a 0, ontem à tarde, e ganhou a medalha de ouro no Pan. Em clima de ‘nostalgia’, as brasileiras deram show no gramado do estádio, que até há semana passada nunca havia recebido um jogo da seleção.

Eleita melhor jogadora do mundo pela Fifa, a meia-atacante Marta foi destaque da partida. Ela fez uma série de jogadas de efeito, marcou dois gols de pênalti e teve seu nome gritado em coro pelos cerca de 80 mil torcedores. No final do jogo, a alagoana de 20 anos ainda ganhou homenagem na calçada da fama do estádio. Foi a primeira mulher a gravar os pés no lugar.

[...]

Ela joga há cerca de quatro anos no Umea, na Suécia. Mesmo fora da primeira partida do torneio, a jogadora foi a artilheira da competição, com 12 gols. Os outros gols da seleção na final de ontem foram marcados pela atacante Cristiane, dois, e pela meia Daniela Alves. Uma das potências do esporte, os EUA disputaram o Pan com a seleção sub-20.

As brasileiras venceram de maneira incontestável, dando “show”, com Marta como “destaque”, artilheira e homenageada na calçada da fama do Maracanã. O público, que aumentou de “4.522” para “cerca de 80 mil torcedores” durante a competição, estava de verde e amarelo e a ovacionou a equipe.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Invicta, goleira não acredita em melhorias”, Rangel e Torres (2007b, p. D2) informaram que a goleira Andréia, invicta na competição, demonstrou “contrariedade” com o “quadro” do futebol feminino no Brasil, após a “decisão”. Ela disse que o ouro não melhoraria o esporte. De fato, as jogadoras não criam mais em melhorias da modalidade, no país. E o caderno Esporte da Folha continuava dando visibilidade para os problemas delas.

Em **setembro**, no dia 11, um texto, titulado “Após Pan dos sonhos, Brasil estréia confiante na China”, informou que a seleção feminina estrearia Mundial confiante sobre fazer uma boa campanha. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol, que venceu com tranquilidade o Pan-Americano no Rio, inicia na madrugada de amanhã (6h de Brasília), contra a Nova Zelândia, a sua participação no Mundial da modalidade, na China, almejando um título inédito para o país.

Com Marta como a melhor do mundo, segundo a Fifa, a equipe espera fazer a melhor campanha de sua história - a melhor colocação da equipe foi um terceiro lugar no Mundial dos EUA, em 1999.

[...]

O rival de hoje é considerado o mais fácil da chave, que ainda tem a China, seleção anfitriã, e a Dinamarca. (APÓS PAN..., 2007, p. D1).

O texto transpareceu que a expectativa da equipe brasileira, que tinha Marta já consagrada como ídolo, de fazer a melhor campanha da história era apenas interna. De fato, a Copa do Mundo era uma competição mais difícil, mas o adversário da estreia, a Nova Zelândia, não.

No dia 13, um texto, titulado “Brasil goleia na estréia com três gols de longe”, informou que o Brasil goleou a Nova Zelândia por 5 a 0. Vejamos:

A seleção brasileira iniciou bem sua campanha no Mundial feminino da China ao golear ontem por 5 a 0 a Nova Zelândia.

Como a China venceu a Dinamarca no outro jogo do Grupo D por 3 a 2 (o gol da vitória chinesa saiu aos 43min do segundo tempo), o Brasil lidera a chave pelo saldo de gols.

Dos cinco gols brasileiros, três foram marcados em chutes de fora da área. Marta, a melhor jogadora do mundo segundo a Fifa, esteve bem na partida e anotou duas vezes. O primeiro tempo do jogo, disputado em Wuhan, terminou com um placar magro: 1 a 0, gol de Daniela. Na segunda etapa, além dos gols de Marta, Cristiane e Renata balançaram as redes adversárias. (BRASIL..., 2007, p. D4).

A equipe venceu com méritos, marcando três gols de fora da área, Marta esteve “bem” em campo, e assumiu a liderança pelo saldo de gols. Brasil e China disputariam a liderança isolada do grupo na rodada seguinte, e o vencedor encaminharia a classificação.

No dia 15, um texto, titulado “Brasil encara hoje rival mais complicado na primeira fase”, informou que o Brasil enfrentaria a China, “favorita ao título”. Vejamos:

A seleção brasileira faz hoje seu segundo jogo no Mundial feminino. A partida será contra a China, anfitriã do evento e apontada como uma das favoritas ao título.

[...] O técnico do Brasil, Jorge Barcellos, espera dificuldades no jogo de hoje, que vai acontecer em Wuhan.

‘Será um jogo bem mais complicado. As chinesas jogam com duas linhas, num 4-4-2, e correm muito’, afirmou o treinador, que assistiu ao jogo de estréia das donas da casa - 3 a 2 nos minutos finais contra a Dinamarca.

Barcelos tem pedido mais jogadas pelas laterais. Contra a Nova Zelândia, apesar da goleada, o Brasil teve dificuldades para penetrar na defesa adversária. Três gols foram feitos de fora da área. (BRASIL..., 2007, p. D3).

A China era considerada o adversário mais difícil do grupo por ser uma das “favoritas ao título”, além de anfitriã. De fato, as brasileiras seriam testadas por uma das forças da modalidade pela primeira após vencerem frágeis rivais no Pan-Americano e na estreia da Copa do Mundo.

No dia 16, um texto, titulado “Com show de Marta, Brasil goleia e lidera”, informou que a seleção brasileira venceu a chinesa, por 4 a 0, com desempenho convincente de Marta. Por conseguinte, a equipe liderava do Grupo D.

Depois de ganhar o ouro no Pan e estreiar no Mundial da Fifa contra rivais frágeis, faltava para a seleção feminina de futebol brilhar contra um adversário forte. Não falta mais.

Com dois gols de Marta, que ainda aplicou dribles desconcertantes nas rivais, e outros dois de Cristiane, o Brasil goleou as anfitriãs chinesas, vice-campeãs mundiais em

1999, por 4 a 0. O time nacional segue assim com 100% de aproveitamento e sem ter sua defesa vazada - na estréia havia batido a Nova Zelândia por 5 a 0.

Dessa forma, lidera o Grupo D da competição. Para garantir vaga na próxima fase sem depender de outros resultados, e ainda em primeiro lugar na chave, basta para as brasileiras empatar contra a Dinamarca na rodada derradeira do grupo, na próxima quarta-feira.

Ontem, as estatísticas oficiais da Fifa deixaram claro a supremacia brasileira. Foram 14 finalizações do time comandado por Marta e apenas 3 das anfitriãs. As atletas nacionais tiveram 61% da posse de bola e ainda foram menos faltosas. (COM SHOW..., 2007, p. D2).

O texto foi claro ao afirmar que a seleção precisava “brilhar” contra um adversário forte para legitimar o novo *status* dela. A dupla Marta e Cristiane definiu a vitória e a consequente liderança isolada do Grupo D. O Brasil tinha seis pontos (9 gols de saldo), a Dinamarca, três pontos (1 gol de saldo), China, três pontos (-3 gols de saldo) e Nova Zelândia, sem ponto (-7 gols de saldo). Por isso, as brasileiras precisavam de um empate contra as dinamarquesas na última rodada para não depender da combinação dos resultados.

No dia 19, um texto, titulado “Tufão atinge China e adia jogo do Brasil”, informou que a “aproximação do tufão mais forte a atingir a costa leste da China na última década adiou o jogo do Brasil contra a Dinamarca”, que seria nesse dia, “às 9h (horário de Brasília), em Hangzhou [...]”. A partida seria disputada no dia seguinte, “nos mesmos horários e local iniciais.” (TUFÃO..., 2007, p. D4).

No dia 20, um texto, titulado “Dupla artilheira move o Brasil contra a Dinamarca”, informou que Marta e Cristiane tinham a “missão” de classificar o Brasil. Cobos (2007a, p. D2) escreveu:

Ainda adolescentes, Marta e Cristiane formaram uma dupla que, em quatro anos, acumulou gols em um ritmo de fazer inveja a Pelé e Ronaldo (sem falar nos centroavantes da era Dunga) com a camisa da seleção.

E que hoje, às 9h, contra a Dinamarca, tem a missão de levar o Brasil às quartas-de-final do Mundial feminino, disputado na China. Um empate basta para o time nacional não depender de outros resultados.

A parceria, que deu os primeiros passos em 2003, transformou o Brasil das mulheres de um time mediano a vice-campeão olímpico e um dos favoritos ao título mundial – o time é o único no torneio na Ásia com 100% de aproveitamento.

E fez isso com uma habilidade incrível para anotar gols. Só contando competições oficiais, Marta, hoje com 21 anos, soma 28 gols em apenas 24 jogos pelo Brasil (média de 1,17). Cristiane, 22, assinalou 28 tentos em 31 partidas (0,92).

Mesmo incluindo amistosos, as médias de Pelé e Ronaldo na seleção brasileira ficam longe desses números. O primeiro registrou 0,83 tento por partida, e o segundo, menos: 0,64.

‘Quando uma de nós tem a bola, já sabe para onde vai passá-la, porque nós, instintivamente, sabemos para onde a outra vai correr’, diz Cristiane, que já soma três gols no Mundial. Marta é uma das artilheiras do torneio, com quatro.

Assim, elas respondem por 70% da artilharia brasileira. Desde que passaram a atuar juntas com a camisa amarela, foram responsáveis por quase 50% de todos os tentos nacionais em campeonatos oficiais, mesmo Marta não tendo participado do Sul-Americano no ano passado, quando Cristiane fez 12 gols em apenas sete partidas.

Essa dupla acumulou muitos gols na seleção desde 2003, sendo Marta uma das artilheiras da Copa do Mundo, elevando o *status* dela. A equipe já era considerada uma das favoritas ao título nessa competição. Ademais, os números de Marta e Cristiane faziam inveja a Ronaldo e Pelé porque os superavam, conforme o repórter afirmou. Essa prática de exaltar as mulheres em relação aos homens era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 21, um texto, titulado “Blindado, Brasil vai às quartas no Mundial”, informou que a seleção feminina venceu a Dinamarca por 1 a 0 e se classificou sem sofrer gol. Cobos (2007b, p. D3) escreveu:

Fazer gols a seleção brasileira feminina sabe há muito tempo. Mas, em 2007, o time aprendeu a evitá-los.

Foi o que aconteceu ontem, na rodada derradeira da primeira fase do Mundial da China. Com um gol de Pretinha, aos 45min da etapa final, o time nacional venceu a Dinamarca por 1 a 0 e terminou a etapa como o único time com 100% de aproveitamento. Nas quartas-de-final, no domingo, em Tianjin, a Austrália será a rival.

Pela primeira vez na história dos Mundiais - esta é a quinta edição - o Brasil, que também não foi vazado em seis jogos no Pan, terminou a fase inicial com sua meta intacta.

E as adversárias pouco chegaram perto dela. Levantamento feito pela Folha, com dados oficiais da Fifa, mostra que o Brasil foi disparado a seleção com o menor número de finalizações sofridas até aqui.

Foram apenas 14 conclusões contra a meta de Andréia. Quem chega mais perto disso é a Alemanha, com o dobro, 28. Fora o Brasil, a média da competição ficou em 48 finalizações sofridas por cada equipe, somadas as três partidas na primeira fase.

Os números ofensivos e defensivos da seleção na Copa do Mundo eram muito bons, justificando o seu sucesso nessa competição. A equipe, classificada em primeiro lugar do Grupo D, enfrentaria a Austrália (2ª do Grupo C), nas quartas de final. Os outros jogos dessa fase eliminatória seriam Alemanha (1ª do Grupo A) *versus* Coreia do Norte (2ª do Grupo B), Estados Unidos (1º do Grupo B) *versus* Inglaterra (2ª do Grupo A) e Noruega (1ª do Grupo C) *versus* China (2ª do Grupo D).

No dia 23, um texto, titulado “Por semifinal, ‘baixinhas’ da seleção vão a campo”, informou que o Brasil, com o elenco “mirrado”, enfrentaria a Austrália. Cobos (2007c, D4) escreveu:

O time nacional, que hoje, às 9h, joga contra a Austrália por uma vaga nas semifinais do Mundial da China, brilha com um elenco ‘mirrado’.

Entre as oito seleções que passaram da primeira fase, apenas a Coreia do Norte tem uma média de altura menor do que a das jogadoras brasileiras.

As 21 convocadas pelo técnico Jorge Barcellos têm, em média, 1,67 m, contra, por exemplo, 1,71 m das americanas.

E a marca brasileira só não é menor por causa das defensoras e de muitas reservas. Do meio-campo para frente o time tem corpos ainda menores.

Com exceção da volante Renata Costa (1,71 m), nenhuma brasileira titular do meio-campo e do ataque ultrapassa o 1,68. A menor delas é a meia Maycon, com 1,55 m.

[...]

Contra a Austrália, é melhor as atletas nacionais esquecerem o jogo aéreo. Um dos destaques do time da Oceania, que avançou na sua chave em segundo lugar e com só uma vitória em três jogos, é a zagueira Salisbury, que tem 1,80 m.

Mas a falta de corpos fortes não fez falta até aqui.

A média de altura baixa e os corpos “mirrados” eram características identitárias dessa seleção brasileira, fato que não as tinha prejudicado até então. Essa era favorita, mas o texto transpareceu alertar que as jogadas aéreas ofensivas não seriam profícuas para a equipe conseguir a classificação.

No dia 24, um texto, titulado “Seleção sofre, mas está na semifinal”, informou que o Brasil venceu a Austrália por 3 a 2 com sofrimento. Bueno (2007a, p. D6) escreveu:

Entre Pan-Americano e Mundial da China, sem contar acréscimos, foram 846 minutos sem levar gol. A seleção brasileira e a goleira Andréia passaram ontem sustos que havia muito tempo não viam. Mas, no final, deu Brasil: 3 a 2 na Austrália e vaga nas semifinais.

A equipe do técnico Jorge Barcellos deu a impressão que passearia contra as ‘Matildas’, como são chamadas as jogadoras da seleção australiana.

Logo no quarto minuto, Formiga acertou precioso chute de longa distância e abriu o placar.

Antes da metade do primeiro tempo, Marta convertia um pênalti e fazia história – foi o oitavo gol delas em Mundiais, superando a marca de Sissi, até então recordista de gols do Brasil na competição. Também foi o quinto gol de Marta nesta edição - divide a artilharia com a norueguesa Gulbrandsen.

As estatísticas confirmaram a grande superioridade sobre o oponente. No jogo todo, foram 23 finalizações contra quatro das australianas. As ‘Matildas’ viram o Brasil ficar com a bola durante 63% do tempo da partida.

Aos 36min, porém, um acidente de percurso. Em uma falha individual de Renata, que recuou mal uma bola para Andréia, a Austrália descontou a vantagem. De Vanna passou pela goleira sem problemas e apenas rolou para o gol vazio.

A partir daí a seleção mostrou nervosismo e estimulou as adversárias. No segundo tempo, com esse panorama, o Brasil acabou levando o empate [...] Colthorpe marcou de cabeça. Isso já aos 23min da etapa complementar.

Quando a situação parecia a pior possível, a atacante Cristiane fez um dos gols mais bonitos do Mundial. Recebeu na entrada da área de costas para o gol e, mesmo com várias adversárias por perto, fez giro e acertou um petardo no ângulo esquerdo da goleira Barbieri.

Foi o quarto gol de Cristiane no Mundial, o que a deixa também na disputa pela artilharia.

A seleção brasileira foi superior e mereceu a vitória, com gols de Formiga, Marta, que dividia a “artilharia” da competição com Gulbrandsen, e Cristiane, apesar de ter sofrido pela oscilação performática durante o jogo. O Brasil enfrentaria os Estados Unidos na semifinal, e, apesar do susto e do adversário seguinte, as jogadoras estavam confiantes.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Jogadoras falam sobre nova estrela”, Bueno (2007b, p. D6) informou que as brasileiras estavam ‘confiantes’. “‘Acho que finalmente vamos adicionar uma estrela a mais na nossa camisa. Finalmente vamos ganhar a Copa’, disse Daniela, meia que foi eleita a melhor jogadora da partida.”

No dia 27, um texto, titulado “Brasil muda status; EUA, o time”, informou o Brasil enfrentaria os Estados Unidos com o *status* dele modificado. Cobos (2007d, p. D1) escreveu:

Sempre parecia uma missão impossível, tanto que sempre a seleção brasileira perdeu. Só que hoje, às 9h, quando entra em campo na busca por uma inédita vaga na final do Mundial feminino, que realiza sua quinta edição na China, o time nacional não é zebra em um confronto por uma competição global diante dos EUA.

Foram cinco jogos (três valendo por Mundiais e dois em Olimpíadas), sempre neles a maior craque do duelo vestia a camisa americana, o retrospecto na competição das brasileiras era pior e as casas de apostas europeias pagavam uma fábula para quem apostasse no time nacional. Tudo isso mudou.

[...] Agora a estrela é a brasileira Marta, a atual melhor do planeta e motivo de temor explícito para as americanas no confronto de hoje.

O Brasil é o único time com 100% de aproveitamento na China. Foram duas goleadas (contra neozelandesas e chinesas) e 13 gols marcados. Os EUA empataram com a Coreia do Norte, passaram no sufoco pela apenas mediana Nigéria... E somam modestos oito gols.

Em Atenas-2004, por exemplo, quando os dois países decidiram a medalha de ouro olímpica, as americanas chegaram à decisão invictas e com um triunfo sobre as próprias brasileiras na primeira fase.

O *status* do Brasil, alicerçado nas *performances* individual de Marta, a “estrela” do jogo, e coletiva da equipe, “100%” na competição, foi modificado. Até as casas de apostas tinham reconhecido isso. Ao afirmar que a seleção brasileira não era zebra, foi equiparada à americana e não apontada como favorita. Então, a vencer não era impossível.

No dia 28, um texto, titulado “Seleção brilha e humilha americanas”, informou que o Brasil goleou os Estados Unidos por 4 a 0. Cobos (2007e, p. D1) escreveu:

O Brasil nunca fez tão bonito. Os Estados Unidos, maior potência do futebol feminino, nunca fizeram tão feio.

Com uma goleada de 4 a 0 nas semifinais da edição da China, as brasileiras vão disputar a final de um Mundial, que está na sua quinta edição, pela primeira vez. O adversário será a Alemanha, domingo, às 9h (de Brasília), em Xangai.

[...]

A demolidora atuação brasileira, que venceu o time principal americano apenas pela segunda vez [...] tornou o jogo de ontem uma espécie de ‘Maracanazo’ [...] para as norte-americanas, que não perdiam com sua equipe principal havia 51 partidas.

Famosos pela frieza, o time perdeu a cabeça. Foram três amarelos e um vermelho, mais do que em qualquer dos 28 jogos que os EUA já haviam feito por Mundiais [...]

Nunca os Estados Unidos haviam levado quatro gols numa partida pela maior competição da bola entre as mulheres. A diferença no placar também foi a maior da história da equipe, que acumulava cinco triunfos em cinco confrontos por torneios mundiais contra o Brasil (o último na final da Olimpíada de Atenas, em 2004).

O Brasil venceu de modo incontestável a “maior potência” da modalidade, a “humilhou”, o repórter efusivamente sentenciou, a fazendo perder a “cabeça” e ser violenta, quebrando a invencibilidade de 51 jogos. A Alemanha seria a adversária na final.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Brasileiras dominam jogo e batem menos”, Cobos (2007f, p. D1) informou que o “domínio das brasileiras foi evidente”, conforme as “estatísticas tabuladas pela Fifa”. Elas foram menos violentas, “15” a “16”, finalizaram mais, “19” a “12”, e foram mais eficientes, 42% a 32% nas finalizações corretas, do que as americanas.

Enfim, as estatísticas da FIFA alicerçavam a superioridade da seleção brasileira informada outrora, que já era sugerida pelo elástico placar, 4 a 0. A equipe foi mais agressiva ao atacar a defesa das adversárias constantemente do que no contato físico faltoso com elas.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “Final confrontará Marta, a melhor, e Prinz, a maior”, Cobos (2007g, p. D2) informou que a final confrontaria a “rainha dos gols em termos absolutos” e a goleadora em “eficiência”. Prinz era a “maior artilheira da história do torneio”, “13” gols em “quatro edições disputadas”, “0,62” de média. Já Marta tinha média de “1,11” gols por jogo, média “79%” superior à da alemã.

Essa prática de focalizar duas personalidades em um confronto coletivo decisivo é uma característica da imprensa esportiva ‘à brasileira’, conforme Amaro (2014, p. 205) constatou, principalmente nas coberturas do futebol masculino.

No dia 29, em um texto, titulado “Nem título mudará a realidade, diz seleção”, Lajolo (2007, p. D1) informou que as jogadoras da “seleção feminina” “não acreditavam que a inédita taça”, transformaria “de fato o cenário no Brasil”. O próprio caderno Esporte do jornal já tinha visibilizado a descrença dessas atletas sobre a melhoria da estrutura da modalidade no país. A prática de visibilizar os problemas delas era também uma manifestação ocasional dos *habitus* dos profissionais desse espaço. Na véspera da final soou alicerce para os discursos da vitória ou da derrota após a final.

No dia 30, um texto, titulado “Só talento põe Brasil acima de alemãs”, informou que apenas o talento possibilitaria ao Brasil vencer a Alemanha nesse dia. Lajolo e Cobos (2007a, p. D1) escreveram:

O talento de Marta e companhia vai ter que falar mais alto hoje, às 9h, na China, para o Brasil ganhar o seu primeiro título mundial feminino no futebol. Se não fosse a técnica da mais talentosa geração feminina do país da bola, vencer a Alemanha, que busca o bicampeonato, seria algo utópico. E isso não é somente pela fartura de dinheiro das européias, em contraste com a absoluta penúria das atletas brasileiras. O que sobra em planejamento para a seleção alemã falta para a seleção de Jorge Barcellos.

Desde que foi formado, há quase 30 anos, o time europeu teve apenas três treinadores - a atual comandante, Silvia Neid, tem contrato assinado até 2011.

No caso brasileiro, três é o número de treinadores apenas nos últimos três anos.

A federação alemã lista 298 confrontos contra seleções nacionais nos últimos 25 anos, cinco deles realizados contra o Brasil, com três vitórias para europeias e dois empates. No mesmo período, o Brasil não fez metade desse número de partidas - o time canarinho já chegou a ficar temporadas inteiras sem entrar em campo.

[...]

Mas tudo isso não faz do Brasil um azarão hoje, em Xangai.

A seleção é a única das 16 que começaram a competição a ter 100% de aproveitamento. Conta também com a artilheira do torneio, Marta, com sete gols, e com uma das vices, Cristiane, cinco tentos em cinco jogos.

Hoje elas terão uma dura missão. A Alemanha não foi vazada ainda na Copa do Mundo, que está na quinta edição. O time europeu ainda tem o melhor ataque, com 18 gols, conta inflada pelos 11 tentos que a Alemanha aplicou na Argentina na rodada de abertura.

Os repórteres foram claros, ao contrário da Alemanha, a estrutura da modalidade e a gestão da seleção nacional eram precárias no Brasil. Apesar desses problemas, essa não era “zebra” na final, pois a “técnica da mais talentosa geração feminina da bola” poderia os sobrepujar, igualmente as realidades estrutural, organizacional e performática das alemãs.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Molecas de rua são a cara da seleção”, Lajolo e Cobos (2007b, p. D3) informaram que a “geração” que buscava o “inédito título Mundial” “foi formada bem longe do controle de escolinhas e clubes disseminado” nessa época. “Cresceu jogando bola na rua. Terreno livre para dribles, invenções, improvisos, refletidos no futebol que as jogadoras” apresentavam na competição. O “preconceito” esteve presente nesse processo formativo.

Ou seja, a identidade performática da seleção brasileira, que seria o trunfo contra a Alemanha, foi constituída rua, reforçaram os repórteres. A mesma rua que já tinha formado outras gerações no Brasil.

Em **outubro**, no dia 01, um texto, titulado “Alemanha faz brasileiras acordarem”, informou que a seleção feminina perdeu da Alemanha por 0 a 2. Vejamos:

Não foi como na final Olímpica de Atenas, quando ficou um gosto de injustiça pela derrota para as americanas, e o futuro parecia promissor.

Ontem, ao perder a final do Mundial da China para a Alemanha, por 2 a 0, a seleção brasileira feminina de futebol [...] pareceu distante das rivais, agora bicampeãs mundiais.

No lugar de esperança por dias melhores, como aconteceu há três anos na Grécia, cobranças explícitas – isso dois dias depois de a CBF anunciar que irá organizar uma Copa do Brasil para mulheres.

Após a partida, em um cartaz improvisado, as jogadoras pediam apoio de forma direta. Estrela maior, Marta, que perdeu um pênalti, foi enfática.

‘Nós vamos perder de novo se não lutarmos para melhorar o nível da administração do futebol feminino. Nós não podemos ficar de novo só nas promessas, como aconteceu na Olimpíada’, afirmou a atacante, eleita a melhor da Copa.

Em campo, o Brasil foi até melhor em parte do primeiro tempo, mas, principalmente fisicamente e taticamente, a Alemanha foi superior. O país tem a melhor liga feminina do mundo e um forte investimento da federação na modalidade. (ALEMANHA..., 2007, p. D1).

A derrota da seleção brasileira foi considerada justa. A Alemanha foi “superior” física e taticamente. Ao final, o texto associou a superioridade à estrutura desse esporte no país, coadunando tal discurso com os discursos veiculados antes da final, mas o tornando ambíguo, justificativo. Se o Brasil tivesse estrutura homóloga, seria campeão? Neste contexto, as brasileiras aproveitaram a evidência da equipe para reivindicar por melhorias para a modalidade.

Nesse dia, outro texto, titulado “Jogo de equipe prevalece sobre o brilho individual”, informou que o estilo de jogo coletiva da Alemanha venceu o estilo individual do Brasil. Vejamos:

No ato final, a força coletiva falou mais alto. A Alemanha ganhou do Brasil na Copa da China para fazer história como uma equipe. O Brasil ficou com os louros individuais.

Pela primeira vez em um Mundial, seja masculino ou feminino, uma seleção termina sem ter sua defesa vazada. De quebra, as européias tiveram o melhor ataque (21 gols) e o recorde de assistências (12).

O Brasil ostentou a melhor jogadora, Marta, e também a terceira, Cristiane. A primeira ainda foi a artilheira (7 gols). (JOGO..., 2007, p. D2).

A coletividade alemã e a individualidade brasileira foram comprovadas pelos números. Melhores defesa e ataque *versus* a melhor jogadora e a artilheira, ambas marcas de Marta. Atribuir o título ao estilo de jogo também soa justificativo. Afinal, o estilo artístico do Brasil tinha vencido o futebol-força dos Estados Unidos na semifinal.

Nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Marta passa em branco pela 3ª vez em 4 finais com a camisa do Brasil”, informou que Marta “mais uma vez passou em branco com a camisa da seleção brasileira em uma decisão”. Ela “não balançou as redes” no Pan de 2003 (contra o Canadá), na Olimpíada de Atenas-2004 (contra os EUA) e no “Mundial da China, em duelo contra a Alemanha” (MARTA..., 2007, p. D2).

A jogadora não foi apontada como a vilã, a culpada do jogo, prática que era uma manifestação comum dos *habitus* dos jornalistas esportivos que cobriam futebol masculino. Porém, esse texto transpareceu uma crítica indiretamente para ela. Afinal, a estrela do time não tinha sido decisiva nas finais que ela disputou.

Ainda nesse mesmo dia, outro texto, titulado “Não era dia de Marta”, Kfoury (2007, p. D3) opinou dizendo que Marta não atuou bem na final. Ele escreveu:

De ontem para hoje, muita gente já disse: Pelé jamais perdeu pênalti em final de Copa do Mundo.

E é a mais pura verdade. Mas, também, nunca bateu.

Marta bateu. E perdeu.

Impossível dizer se alteraria o resultado final, embora seja de se imaginar que sim. Mas não foi por isso que a Alemanha é bicampeã e o Brasil, de novo, é prata, reluzente prata mesmo, diga-se desde logo.

Marta nem sequer jogou bem, o que não tirou dela a indicação, justíssima, de melhor jogadora da Copa do Mundo da China, além de ter sido a goleadora máxima, Bola e Chuteira de Ouro.

A seleção brasileira se viu diante de um time alemão organizado, mais forte fisicamente, experiente e confiante, que fez 2 a 0 com todos os méritos em Xangai.

[...]

Desnecessário dizer que uma equipe que passa a Copa do Mundo inteira sem sofrer nem se quer um gol não precisa ser explicada como e por que foi campeã.

Muito menos será preciso mostrar novamente as diferenças de tratamento dado ao futebol feminino na Alemanha e pela CBF.

O pênalti desperdiçado pela 10 brasileira entra para o rol das grandes ironias da história do futebol, mas deve ser encarado como tão decisivo como a bola na trave chutada por Daniela, um pecado.

Não era mesmo o dia de Marta, ou da seleção canarinha, porque talvez fosse pedir demais que o deus dos estádios premiasse mais uma vez a nossa incompetência para fazer do futebol o que o futebol poderia ser no Brasil.

E se é justo e necessário não contestar a límpida vitória alemã, diferentemente do que se deu na decisão olímpica em Atenas diante dos Estados Unidos, quando as brasileiras foram fartaemente prejudicadas por uma arbitragem suspeitíssima, não é de bancar a Poliana saudar mais esta prata nacional.

A Alemanha foi campeã devido às suas qualidades, organização, força física, experiência e confiança. Ou seja, por “méritos”. Neste sentido, o colunista eximiu Marta da culpa pela derrota por ela ter errado um pênalti no jogo, embora o lance tenha sido “decisivo”. A jogadora não atuou bem, assim como a equipe brasileira, e ter a ajuda “deus dos estádios” para suplantar as adversidades e conquistar o título seria talvez uma ação que a CBF não merecesse.

Ainda no dia 01, um texto, titulado “Juntinhas”, Mattos (2007, p. D2) informou que a “seleção feminina” voltaria a se “reunir em dezembro”. A partir de então a equipe ficaria em “concentração permanente até a Olimpíada de Pequim-2008, com ajuda de custo da CBF às atletas”.

No dia 03, em um texto, titulado “‘O povo vai cobrar’, diz vice-campeã mundial”, Nogueira (2007, p. D3) informou que as “jogadoras da seleção feminina” chegaram ao Rio de Janeiro “desconfiadas”. Elas esperavam que as “promessas da Confederação Brasileira de Futebol de melhorar a estrutura do esporte no país e pagar o prêmio destinado à equipe referente ao Mundial e ao ouro no Pan”, fossem cumpridas. Formiga disse: “‘o povo vai cobrar’”.

A CBF protemeu que iria pagar as premiações para as jogadoras, e o valor seria proporcional ao pago aos jogadores pelo título da Copa do Mundo de 2002. Cada atleta recebeu

US\$ 150 mil. A instituição já tinha confirmado que realizaria uma competição clubística, nomeada Copa do Brasil, ainda em 2007.

Em **dezembro**, no dia 08, um texto, disposto na categoria **jogadora(s)** e titulado “Prêmio não foi agradável”, Cobos (2007h, p. D1) informou que a meio-campista “Daniela Alves não ficou satisfeita com o prêmio pago pela CBF pelo vice-campeonato da seleção brasileira no Mundial da China”. Ela disse: “No meu bolso entrou R\$ 16 mil. E não tem mais nada”.

Em 2008, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos, sediados em Pequim, de 08 a 24 de **agosto**. Durante esse ano, 39 textos foram publicados, dispostos em oito categorias. (TABELA 9).

Tabela 9 – Categorização dos textos publicados em 2008

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	3
Com. Técnica	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Competições	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Equipe	-	-	2	5	-	1	-	12	-	-	-	-	20
Família	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2
Ingressos	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Instituições	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Múltiplas	-	-	-	1	-	-	-	6	-	-	-	-	7
Total	-	1	4	10	-	1	-	23	-	-	-	-	39

Fonte: O autor

Em **março**, no dia 09, em um texto, titulado “Seleção não sabe quem lutará por vaga olímpica”, Cobos (2008a, p. D6) informou que o “clima” da “seleção feminina” era de “angústia e apreensão a pouco mais de um mês do jogo único” que decidiria se a equipe defenderia “a medalha de prata conquistada na Olimpíada de Atenas”. A disputa seria no dia 19 de abril, contra “Gana ou Nigéria”. Os clubes europeus nos quais jogavam quase todas as “estrelas” do Brasil “(Marta, Cristiane e Daniela)” não pretendiam as liberar ou as liberariam com “no máximo uma semana de antecedência”, amparados em “decisão da Fifa.”

No dia 11, um texto, titulado “Time terá estrelas em jogo decisivo”, informou que “Marta, Cristiane e Daniela Alves foram convocadas para a partida do dia 19 contra uma equipe africana valendo vaga para a Olimpíada de Pequim”. A data de “apresentação das atletas” não estava “definida”. (TIME..., 2008, p. D1).

Um dos problemas da seleção brasileira estava sanado, as principais jogadoras disputariam o jogo classificatório. Já se elas seriam liberadas no prazo determinado pela FIFA, ou antes, não estava definido. Dias depois, a CBF anunciou que Cristiane, Daniela Alves, Marta, Cristiane, Renata Costa e Rosana se apresentariam no dia 14 abril, ou seja, com cinco dias de antecedência.

Em **abril**, no dia 02, em um texto, titulado “Vão-se os anéis...”, Perrone (2008a, p. D2) informou que a “preparação seleção feminina”, que tentaria a “vaga em Pequim”, custaria à CBF “R\$ 365 mil”.

No dia 13, um texto, titulado “Brasil vai à China para reencontro”, informou que a seleção feminina embarcaria para a China nesse dia. Vejamos:

Quase um mês de treinos. Seria o suficiente numa situação normal. Mas, pelo que aconteceu em Teresópolis, parece pouco para a seleção feminina de futebol, que embarca hoje para a China, onde no próximo sábado decide contra Gana, em jogo único, uma vaga para o torneio dos Jogos de Pequim.

Na Granja Comary, o técnico Jorge Barcellos contou com um grupo desfalcado pelas maiores estrelas da equipe, como Marta, Cristiane e Daniela Alves, que não foram liberadas por seus clubes europeus.

Elas só se apresentam na escala de Madri do vôo que leva o time para a China, com chegada prevista, pelo horário local, para o fim da madrugada do dia 15. Ou quatro dias antes do jogo que decide a sorte do time.

Os rivais nos jogos preparatórios também estiveram longe do desejável. Dois dos três amistosos da seleção [...] foram contra times de garotos.

Em um deles, contra o time sub-15 do Vasco, o Brasil foi goleado por 5 a 1.

‘Jogar contra equipes masculinas é sempre bom, não importa o resultado. As meninas são mais exigidas e é bom para ajustar as falhas no sistema defensivo e de marcação’, disse ao site da CBF o técnico Barcellos. (BRASIL..., 2008, p. D6).

Por um lado, a preparação da equipe foi comprometida, mas a não liberação das “estrelas” foi legal pela lógica do subcampo futebolístico, e não uma falha de gestão. Por outro, ao contrário da crítica do texto, os amistosos contra times masculinos, realizados com frequência, pareciam profícuos nesse processo, conforme o Barcellos disse.

No dia 18, um texto, titulado “Seleção feminina testa hoje gramado olímpico”, informou que a seleção feminina faria o “reconhecimento do gramado do Worker’s Stadium, em Pequim, palco da partida decisiva de amanhã contra Gana”, “que tem pouca tradição na modalidade”. A “delegação completa”, com as “estrelas”, estava treinando em “campo anexo” ao estádio. O “maior temor de Barcellos para o Brasil confirmar seu favoritismo no jogo [...]” era a “adaptação”. Ele aproveitaria a “base que foi vice-campeã no último Mundial, disputa em que Gana não passou da primeira fase.” (SELEÇÃO..., 2008, p. D7).

No dia 19, em um texto, titulado “Time feminino joga futuro diante de fãs”, Lores (2008, p. D1) informou que a seleção feminina jogaria nesse dia contra Gana, às “8h45 de

Brasília”, valendo uma “vaga para a Olimpíada na capital da China”, “país que é fã das jogadoras brasileiras”. No Mundial de 2007, realizado nesse país, a equipe apresentou “futebol atraente”, e “Marta, em especial, mostrou vasto repertório de jogadas de efeito”, o que deveria “render um bom número de torcedores e torcedoras” para o Brasil.

“A equipe vê esse jogo como uma final”, disse a atacante Marta, estrela do time, à **Folha**. No entanto, Gana não era “vista como uma rival forte”, pois era a “45^a” no ranking da “Fifa” e não tinha passado da “primeira fase do Mundial de 2007”. Apesar do discurso de respeito ao adversário, politicamente correto, de Marta, o repórter reforçou o favoritismo do Brasil, noticiado no dia anterior. As ganesas não eram temidas.

No dia 20, um texto, titulado “Brasil goleia em ‘final’ e vai a Pequim”, informou que a “seleção feminina” goleou Gana por 5 a 1. Vejamos:

Em Pequim, a equipe goleou Gana por 5 a 1, na manhã de ontem, e se classificou para o torneio da Olimpíada.

A forte marcação de Gana nos primeiros minutos inibiu as ações da seleção brasileira no início da partida.

Mesmo assim, Marta acertou o travessão após passe de Cristiane. Logo depois, Aline cabeceou na rede pelo lado de fora na sequência de um escanteio.

Foi só questão de tempo furar a retranca das africanas, que pouco arriscavam no ataque até aquela altura do jogo.

A melhor do mundo abriu o placar, em cobrança de falta pela direita aos 18min. De pé esquerdo, Marta alçou a bola na área, e a goleira Suleimana saiu mal: Brasil 1 a 0. A vantagem deu tranquilidade ao time nacional, que passou a explorar mais as jogadas com Marta e Cristiane. O entrosamento da dupla de atacantes começou a falar mais alto, levando perigo à meta de Gana.

Mas só aos 41min o marcador foi aumentado, graças aos pés das duas jogadoras de frente.

Marta avançou pelo meio e, mesmo marcada, encaixou passe para Cristiane, que tocou por cobertura sobre Suleimana.

As atenções das ganeses estavam praticamente concentradas em Marta. Era ela quem sofria a marcação mais forte.

Melhor para o Brasil, que ficava com outras jogadoras livres, em condição de ampliar. Foi o que aconteceu na volta do intervalo. Após escanteio, Aline cabeceou no ângulo para pôr os 3 a 0 no placar.

A cabeça foi a chave para as brasileiras aplicarem goleada nas adversárias [...]

Aos 24min, Cristiane aproveitou falta cobrada por Daniela Alves para cabecear: 4 a 0.

Dois minutos depois, saiu o quinto gol - de cabeça de novo. Rosana aproveitou cruzamento para anotar seu tento.

A equipe de Gana ainda descontou num contra-ataque aos 30min. (BRASIL..., 2008, p. D5)

A equipe efetivou o favoritismo dela, com méritos. Essa teve dificuldades com a “retranca das africanas” no início, mas, após algumas tentativas, o primeiro gol foi marcado pela “melhor do mundo”. A partir de então, o “entrosamento da dupla” Marta e Cristiane se sobressaiu, e, em adição, a marcação sobre aquela jogadora deu liberdade para as outras, que concluíram a goleada.

Em **junho**, no dia 24, um texto, titulado “Seleção de futebol feminino perde sua capitã”, informou que “Aline Pellegrino sofreu lesão nos ligamentos do joelho” e não disputaria os “Jogos de Pequim”. “Ela se machucou em jogo da Copa da Paz, torneio disputado na Coreia do Sul em que o Brasil, sem Marta e outras estrelas, fez campanha decepcionante”, “sendo eliminado na primeira fase.” (SELEÇÃO..., 2008, p. D3).

Em **agosto**, no dia 05, um texto, titulado “Time jovem e sem verba destoa da delegação do país”, informou que a “seleção feminina” era a antítese da delegação olímpica do Brasil. Cobos (2008b, p. D2) escreveu:

Bárbara é recém-saída da adolescência, nordestina, está desempregada e nunca recebeu um tostão do cerca de R\$ 1,2 bilhão que o governo federal e suas estatais despejaram no esporte brasileiro para o ciclo olímpico antes de Pequim.

E a goleira não é caso isolado na seleção feminina de futebol do Brasil, que abre amanhã, às 6h, contra a Alemanha, em Shenyang, a participação do país na Olimpíada chinesa.

Sem dinheiro da Lei Piva, e com investimento pequeno da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), as mulheres do futebol são a antítese do grosso da delegação recorde de 277 atletas montada pelo COB (Comitê Olímpico Brasileiro).

O Brasil gastou muito dinheiro para ir a Pequim com praticamente o dobro de veteranos (competidores que já passaram dos 30) - a maioria deles, grandes azarões - do que novatos promissores (com no máximo 20 anos). Também não foi capaz de levar esporte de alto rendimento para as regiões mais pobres, como o Nordeste - só 12,6% dos atletas são de lá.

Tudo ao contrário do que o miserável futebol das mulheres conseguiu fazer.

O elenco convocado pelo técnico Jorge Barcellos tem, além de Bárbara, 20 anos completados no mês passado, outras três jogadoras com no máximo essa idade. O número de trintonas é só um pouco maior (cinco). E as principais estrelas são bem jovens - Marta, por exemplo, tem somente 22 anos.

São cinco nordestinas, ou 28% do grupo, o que significa participação igual à da região na população do país.

Os problemas da seleção feminina foram novamente visibilizados, prática que era ocasional nessa seção do jornal. A equipe não recebeu “dinheiro da Lei Piva” e teve pouco investimento da CBF, a tornando a “antítese” da delegação olímpica do Brasil. Ademais, as jogadoras representavam o Nordeste, eram jovens, inclusive as “estrelas”, e promissoras.

Nesse dia, outro texto, titulado “Marta x Prinz é duelo à parte no primeiro jogo”, informou que Marta *versus* Prinz seria o duelo particular do jogo Brasil e Alemanha. Cobos (2008c, p. D2) informou:

No duelo particular das duas melhores jogadoras de futebol do mundo, que se reencontrarão amanhã em Shenyang, a brasileira Marta ficou com os louros individuais, e a alemã Birgit Prinz, com títulos. Emparelhadas no mesmo grupo, as campeãs e vices mundiais têm na rivalidade das duas jogadoras seu ingrediente principal.

Marta fez mais gols do que Prinz no Mundial passado. Também ganhou da alemã na eleição da melhor do mundo da Fifa nos últimos dois anos. Ainda foi mais goleadora,

pelo sueco Umea, do que a rival, pelo Frankfurt, na recém-encerrada Copa da Uefa, interclubes mais importante da Europa.

Mas sucumbiu diante da rival na hora decisiva. Com gol de Prinz, a Alemanha bateu o Brasil na final do Mundial da China, em 2007. No torneio de clubes de 2008, com um triunfo de 3 a 2 no jogo decisivo, o Frankfurt, de Prinz, levou a melhor sobre o Umea, de Marta.

A rivalidade entre as duas atletas foi reforçada pelo repórter, destacando os embates particulares que elas já tiveram. A disputa entre elas foi rotulada como coletivo *versus* individual. Essa prática era uma manifestação frequente dos *habitus* dos jornalistas esportivos que cobriam futebol masculino, que discutia a disputa Pelé *versus* Maradona, ou, com o tempo, Cristiano Ronaldo *versus* Messi, entre outros.

Como esse duelo, Marta e Prinz eram contemporâneas e estavam se enfrentando constantemente. Brasil e Alemanha abririam o Grupo F do torneio olímpico, no qual estavam também Coreia do Norte e Nigéria, outro confronto da rodada.

Essa competição seria realizada de 06 a 21 de agosto e estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em três grupos, o E (Argentina, Canadá, China e Suécia), o F, supracitado, e o G (Estados Unidos, Noruega, Nova Zelândia e Japão). As duas melhores seleções de cada grupo e os dois melhores terceiros classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 09, um texto, titulado “Marta puxa o estilo mais individual do feminino”, informou que Marta era a representante da individualidade da seleção feminina. Cobos (2008d, p. D4) escreveu:

Dunga quer a seleção brasileira masculina jogando coletivamente. Já a feminina, que hoje, às 8h45, pega a Coreia do Norte pela segunda rodada da Olimpíada de Pequim, a ordem é apostar na individualidade.

‘Quando você tem uma jogadora como Marta, e ela tem a chance de arrancar sozinha, não pode pedir para ela fazer o passe’, disse o técnico Jorge Barcellos ao responder se a Alemanha, com quem seu time empatou na estréia, era mais organizada como equipe.

As estrelas do time concordam com Barcellos. ‘Cada um tem a sua característica. A nossa é ir para cima. Não dá para tocar a bola’, falou Cristiane. ‘É isso [jogo individual] que faz a gente diferente das outras’, concordou Daniela Alves.

Marta ressalta a importância do aspecto coletivo, mas diz que a individualidade é que faz mesmo a diferença no final.

A equipe tinha empatado (0 a 0) com a Alemanha, e Barcellos foi indagado sobre a melhor organização alemã, um dos discursos adotados após a final da Copa do Mundo de 2007.

Então, ele e as “estrelas” defenderam que a individualidade era uma das principais constituintes da identidade performática da seleção feminina. O jogo seguinte seria contra a Coreia do Norte.

No dia 10, um texto, titulado “Com auxílio da goleira rival, Brasil vence a primeira”, informou que a seleção brasileira venceu o jogo com a colaboração significativa da goleira adversária, Jon Myong. Cobos (2008e, p. D8) escreveu:

A seleção feminina apostava na individualidade para vencer a Coreia do Norte ontem, em Shenyang, e ficar perto de uma vaga nas quartas-de-final dos Jogos Olímpicos de Pequim.

Realmente foi o desempenho de uma só jogadora que decidiu a partida a favor das brasileiras, que venceram por 2 a 1, assumiram a liderança do Grupo F da competição e estão quase garantidas na próxima fase.

Mas ela vestia a camisa das adversárias. [...] a goleira norte-coreana Jon Myong presenteou as brasileiras com dois gols em duas falhas - uma delas bisonha.

Erros que encobriram uma performance ruim da equipe treinada por Jorge Barcellos. [...]

Ontem, erros primários da goleira Jon Myong fizeram a diferença. Primeiro, aos 14min, ela se atrapalhou ao dominar uma bola e permitiu a Daniela Alves, rápida, abrir o placar.

Aos 22min, saiu mal do gol e deu tempo para Marta dominar a bola, girar e chutar com categoria para fazer o segundo. Jon Myong errava feio nas reposições de bola, o que dava chance de contra-ataque ao Brasil.

Na volta do intervalo, mais uma vez a Coreia do Norte [...] dominava. [...]

Lento, o Brasil ainda abusava de lances violentos, reclamações e atos de indisciplina, como um chute de Daniela Alves quando a bola já estava fora de jogo. O saldo foram cartões amarelos para Marta, Formiga e Daniela Alves. Todas podem ficar fora das quartas-de-final, caso recebam nova advertência diante das nigerianas.

Nos acréscimos, a Coreia ainda descontou com Ri Kum, mas não havia mais tempo para buscar o empate.

O repórter foi claro, direcionando as críticas para a seleção feminina. A Coreia do Norte “dominou” o jogo, mas essa perdeu porque a goleira Jon Myong “presenteou” o Brasil com “dois gols em duas falhas”, que “encobriram” a “performance ruim” dele. Ademais, as brasileiras abusaram dos “lances violentos”.

No dia 11, um texto, titulado “Seleção feminina troca show por indisciplina e partidas amarradas”, informou que a “seleção feminina” adotou uma postura burocrática e indisciplinada, em vez da *performance* artística. Cobos (2008f, p. D4) escreveu:

O time que já foi apontado como a redenção do bom futebol em seleções brasileiras é, na Olimpíada de Pequim, o campeão da falta de bons modos e um dos líderes do jogo com poucas emoções.

A seleção feminina, que joga amanhã, às 6h, por uma vaga nas quartas-de-final diante da Nigéria, em Pequim, é o time mais indisciplinado do torneio.

Segundo as estatísticas oficiais dos Jogos, o time de Marta é o mais faltoso, com 14 infrações por partida, contra média geral de 9,8.

Também é o recordista em cartões amarelos entre as 12 seleções que disputam o torneio olímpico. Soma quatro advertências desse tipo - a média por equipe na competição asiática não passa de 1,4.

O Brasil finalizou até agora apenas 15 vezes, a terceira menor marca. Desempenho que mais uma vez fica longe da média - são 23,1 conclusões até agora por equipe.

Assim, marcou apenas dois gols e fez jogos amarrados e aborrecidos contra Alemanha [...] e Coréia do Norte [...]

O tom crítico foi mantido, reforçando o que o repórter noticiou outrora. A seleção feminina, conhecida pelo futebol artístico, remissivo dos homens, estava perdendo essa constituinte identitária. Para pior, as jogadoras estavam abusando da violência em campo.

No dia 13, um texto, titulado “Cristiane faz 3, Brasil fica em 1º e pega Noruega”, informou que o Brasil venceu a Nigéria por 3 a 0, gols de Cristiane, e enfrentaria a Noruega nas quartas de final. Alves (2008a, p. D8) escreveu:

Três gols da atacante Cristiane carimbaram a classificação do Brasil como primeiro colocado do Grupo F no torneio feminino de futebol.

Artilheira do time em Atenas-2004 (cinco gols), a atacante Cristiane estava abatida por ainda não ter conseguido balançar a rede na China. Desencantou: ontem, marcou todos os gols na vitória de 3 a 1 sobre a Nigéria, no Estádio dos Trabalhadores, em Pequim.

Agora, a seleção brasileira vai enfrentar a Noruega, segunda do Grupo G, vencido pelos Estados Unidos, pelas quartas-de-final (mata-mata) na sexta-feira, às 7h (horário de Brasília)

[...] o jogo começou com o Brasil apresentando maior volume, alguns toques na bola que empolgaram os torcedores, mas também com inúmeros erros de passes.

Aos 19min, a surpresa. Do lado esquerdo, Rosana titubeou e, superada na jogada, cometeu pênalti sobre Uwak. Nkwocha cobrou alto, no lado esquerdo, sem chance de defesa para a goleira Bárbara.

A partir daí, Cristiane tratou de colocar ordem no jogo.

A atacante empatou a partida com um golaço depois que Rosana [...] cruzou da esquerda. Cristiane subiu mais alto do que a defesa, mandando a bola de cabeça para as redes da Nigéria.

As adversárias mal tinham se recuperado do gol de empate e, depois de um bate-rebate dentro da área, Cristiane, de Costas para o gol, numa puxeta encobriu a defesa e a goleira, colocando o Brasil em vantagem.

[...]

Já nos acréscimos do primeiro tempo, um cruzamento de Maycon deixou Cristiane livre para entrar e chutar da altura da marca do pênalti, sem chance de defesa.

A seleção brasileira venceu por méritos, com destaque para Cristiane, que decidiu o jogo com três gols, apesar da inconstância performática da equipe. Essa vitória carimbou a “classificação do Brasil como primeiro colocado do Grupo F”, que, então, enfrentaria a Noruega, segunda do Grupo G. Os outros jogos eliminatórios seriam Suécia (2ª do Grupo E) *versus* Alemanha (2ª do Grupo F), China (1ª do Grupo E) *versus* Japão (3º do Grupo G) e Estados Unidos (1º do Grupo G) *versus* Canadá (3º do Grupo E).

No dia 15, um texto, titulado “Fantasma europeu põe mulheres à prova hoje”, informou que a “seleção feminina” teria de superar o estilo de jogo europeu. Cobos (2008g, p. D4) escreveu:

Para ter uma nova chance de disputar o ouro, como fez há quatro anos, em Atenas, a seleção feminina de futebol terá que superar estilo de jogo que ainda provoca enorme dificuldades para Marta e companhia.

Tanto nas quartas-de-final, fase na qual joga hoje, às 7h, contra a Noruega, e nas semifinais (caso avance terá Alemanha ou Suécia pela frente), o Brasil irá desafiar seleções européias - no outro lado da chave da Olimpíada não há representantes desse continente.

Dado o histórico do time nacional contra rivais europeus, isso preocupa. Nos Mundiais, o Brasil é um gigante contra adversários que não sejam da Europa. Seu aproveitamento nesses confrontos fica em 75%. A média de gols pró é de quase três por jogo, e a sofrida, só um pouco superior a um por partida [...]

Quando do outro lado do campo está um adversário do continente onde o futebol feminino, de um modo geral, é mais desenvolvido, o retrospecto vira. Nos Mundiais, a performance brasileira contra os europeus cai para 45%. O saldo de gols é negativo (1,27 gol pró por partida e 1,55 contra).

Nestes Jogos, o Brasil já empatou com a Alemanha [...] Depois, saiu vitorioso contra um asiático, Coreia do Norte, e um africano, Nigéria. Em todos os jogos o time esteve longe de apresentar futebol brilhante. Jogadoras e treinador reconhecem que a equipe precisa evoluir.

O Brasil teria de superar o estilo de jogo europeu, mais coletivo, o chamado futebol força, o que preocupava o repórter, alicerçado no desfavorável “histórico do time nacional”, demonstrado em números. Para completar, essa equipe não estava apresentando “futebol brilhante”, ao contrário de outrora, na competição.

No dia 16, um texto, titulado “Time feminino alcança a quarta semifinal olímpica”, informou que “seleção feminina” venceu a Noruega por 2 a 1. Alves (2008b, p. D9) escreveu:

A seleção feminina de futebol assegurou uma façanha: chegou às semifinais nas quatro Olimpíadas de que participou.

O feito foi garantido ontem, em Tianjin, a 120 km de Pequim, com a vitória por 2 a 1 sobre a Noruega [...]

O Brasil dominou o confronto em Tianjin. Mesmo assim, só abriu o placar quando Daniela Alves acertou chute forte e certo, de fora da área, encobrendo a goleira Erika Skarbo.

Na volta do intervalo, Marta surpreendeu. Num lançamento longo, a bola praticamente ia em direção à goleira adversária. Ela, no entanto, veio por trás em alta velocidade, superou duas norueguesas e mandou a bola para dentro da rede.

A Noruega reagiu numa escapada livre pela esquerda. Forsberg chegou sozinha dentro da área brasileira, e Barbara saltou nos pés dela, comentendo pênalti, convertido por Nordby.

O Brasil “dominou” o jogo, o venceu por méritos, assegurando a “façanha” de chegar “às semifinais nas quatro Olimpíadas” que disputou. A Alemanha, algoz em 2007, seria novamente o adversário dele. O outro jogo da rodada seria Estados Unidos *versus* Japão.

No dia 18, um texto, titulado “Dependente de estrelas, Brasil tenta vazar alemãs”, informou que a “seleção feminina” precisaria das “estrelas” para vencer a Alemanha. Cobos (2008h, p. D7) escreveu:

Para vencer a Alemanha hoje, às 7h, em Xangai, e passar à final da Olimpíada de Pequim, é bom que a seleção brasileira feminina de futebol tenha um dia inspirado do seu trio de estrelas, formado por Daniela Alves, Marta e Cristiane.

Desde que as três foram efetivadas juntas no time nacional, na Copa de 2003, nunca o Brasil dependeu tanto delas para fazer gols como agora.

O time do técnico Jorge Barcelos marcou sete gols até agora nos Jogos. Todos eles foram de suas estrelas - três com Cristiane, dois com Daniela e outros dois com Marta. A participação de 100% do trio na artilharia da seleção depois de quatro jogos em uma mesma competição é inédita.

E ela vem subindo durante os anos. No Mundial de 2003, elas marcaram 44% dos tentos brasileiros. O índice passou para 60% na Olimpíada de Atenas e chegou a 76% na última Copa.

[...]

Até aqui, a força ofensiva de suas estrelas fez o Brasil avançar às semifinais, mas, sem a ajuda de outras jogadoras, a média de gols marcados do time despencou em relação a outras competições importantes.

Na Olimpíada de Pequim, o Brasil anotou até agora 1,75 gol por partida. No Mundial do ano passado, quando ficou com o vice, balançou as redes 2,83 vezes por partida. Em Atenas, outra campanha que acabou com o vice, também superou com folga o desempenho atual, com 2,5.

Hoje, na semifinal, o Brasil ainda terá que superar sua fragilidade ofensiva em jogos contra a Alemanha, e isso também inclui Marta, Cristiane e Daniela Alves. Nos últimos dois jogos contra as européias, incluindo a decisão do Mundial, o Brasil não conseguiu fazer gols.

O Brasil não foi apontado como azarão, mas, para vencer a Alemanha, as “estrelas” Cristiane, Daniela e Marta, responsáveis por 100% dos gols nessa competição, teriam de brihar. A equipe era dependente delas, que, por outro lado, ainda não tinham feito gols nas alemãs, fatos que denotavam que a preocupação com a *performance* brasileira continuava.

No dia 19, um texto, titulado “Seleção faz quatro em algóz do passado e vai à final”, informou que a seleção feminina venceu a Alemanha por 4 a 1. Ohata (2008, p. D2) escreveu:

De uma maneira quase impecável, a seleção brasileira feminina de futebol se classificou ontem para sua segunda final de Olimpíada, justamente sobre um adversário que jamais havia superado: a Alemanha.

Mais do que a satisfação por derrotar o time que evitou que as brasileiras conquistassem o Mundial-07, a vitória por 4 a 1 - de virada - pôs o Brasil na decisão dos Jogos, feito que a seleção de Dunga ainda procura.

Na quinta, a partir das 10h, disputa o ouro com os EUA.

[...]

O início do primeiro tempo não trouxe um bom prenúncio para as brasileiras, que haviam deixado de impressionar em quatro partidas nesta Olimpíada: um empate com a Alemanha, a virada sobre a Nigéria, e vitórias, ambas por 2 a 1, sobre a Coréia do Norte e Noruega.

Em Pequim, o Brasil havia anotado só 1,75 gol por partida.

Logo aos 10min, em uma falha da zagueira Erika, saiu um gol da alemã Birgit Prinz, que chegava à marca inédita de dez gols em Jogos Olímpicos.

[...]

A seleção brasileira assistiu pelos próximos minutos à Alemanha chegar por diversas vezes em lances perigosos, e à goleira adversária, Nadine Angerer, realizar boas defesas. Até Formiga acertar um chute de dentro da área, empatar aos 43min e alterar tal cenário.

[...]

As brasileiras retornaram renovadas e dominaram totalmente o segundo tempo. Logo aos 4 min, Cristiane, totalmente livre na área, aproveitou um bom passe de Marta, que estava marcada por duas zagueiras, e fez o segundo gol do Brasil

Quatro minutos depois, Marta avançou com velocidade pela direita, passou pelas rivais e chutou quase sem ângulo: 3 a 1.

[...]

As brasileiras anularam qualquer chance de reação que as alemãs pudessem ter e, aos 31min, Cristiane marcou o quarto e último gol do Brasil para fechar o placar.

O Brasil venceu por méritos, de “maneira quase impecável”, porque a equipe, que já havia jogado mal nos outros jogos, não iniciou bem novamente, levando um gol. Após o intervalo, as brasileiras “dominaram totalmente” o jogo, revertendo e fechando o placar. Tanto que duas das estrelas, Cristiane e Marta, marcaram a maioria dos gols, mas esse fato não foi destacado, como foi noticiado na véspera.

No dia 20, um texto, titulado “‘Heroína da resistência’, Formiga honra o nome”, informou que Formiga seria a recordista de jogos em Olimpíadas após a final da edição de 2008. Cobos (2008i, p. D4) escreveu:

Ela ganhou o pelido pelo trabalho incansável em campo.

E, depois dos Jogos de Pequim, também terá, agora de forma isolada, o recorde de jogadora que mais trabalhou na história do futebol feminino nas Olimpíadas.

Amanhã, na final contra os EUA, a volante Formiga, 30, vai completar seu 21º jogo pela competição. Antes da edição de Pequim começar, eram cinco jogadoras com o maior número de partidas, incluindo ela, a compatriota Pretinha e mais três americanas (estas já deixaram a seleção dos EUA).

Como Pretinha só jogou duas vezes nesta Olimpíada, Formiga agora lidera isolada.

Ela esteve em todas as edições em que o futebol feminino fez parte do programa olímpico. E só não atuou em um jogo do Brasil em quatro edições - foi poupada agora, na China, no jogo contra a Nigéria por causa de uma dor na virilha.

Formiga está longe de ser uma volante no estilo brucutu que contamina o futebol masculino. Eficiente na marcação, ela também aparece no ataque - nas semifinais contra a Alemanha, marcou um gol, no único tento brasileiro na Olimpíada não marcado pelo trio de estrelas formado por Daniela Alves, Cristiane e Marta.

Ferretti et al. (2011, p. 123) afirmaram que o texto valorizou o corpo da Formiga, que “se aproxima da feminilidade”. Isso porque ela não era semelhante aos volantes “brucutus”.

Na verdade, ele disse que a jogadora estava fazendo história no futebol feminino, sendo recordista de jogos em Jogos Olímpicos, a reforçando como um ídolo peculiar, marcado pela longevidade. Embora Formiga não fosse uma das “estrelas” brasileiras, ela não era “brucutu”, estilo que tinha contaminado o “futebol masculino”. No subcampo futebolístico, esse termo significava atleta fraco tecnicamente, cuja principal característica era utilizar a

violência para conter o oponente. (QUEIROZ, 2005). Ou seja, o desempenho dela foi elogiado perante os homens que atuavam na posição designada volante.

No dia 21, outro texto, titulado “Para vencer, Marta vira mais raçuda e tranquila”, informou que Marta tinha alterado o seu estilo de jogo. Seixas e Cobos (2008a, p. D8) escreveram:

Quatro anos após a primeira decepção nos gramados, Marta brinca. O que mudou? ‘Estou quatro anos mais velha.’ E emenda: ‘Estou mais tranquila, com um pouco mais de experiência, não sou mais marinheira de primeira viagem em Olimpíada’.

Foi mais do que isso. Uma das líderes do time que caiu diante dos EUA naquele 27 de agosto de 2004, na final olímpica de Atenas, a atacante foi eleita duas vezes melhor do mundo, perdeu uma Copa do Mundo em 2007 e foi até chamada de ‘Pelé de saias’. Por Pelé.

E, no torneio olímpico de Pequim, mostrou ainda uma nova faceta: mais raçuda em campo, está entre as campeãs da falta de fair play. Mais agressiva, mais reclamona, já soma dois cartões amarelos - e safou-se de ser expulsa na semifinal contra a Alemanha após falta violenta, o que a tiraria da final.

[...]

Segundo o serviço de estatísticas de Pequim-2008, é a terceira jogadora mais faltosa do Brasil, com sete infrações, atrás de Daniela Alves e Formiga. Bateu mais do que apanhou - sofreu seis faltas em cinco jogos.

Coincidência ou não, os resultados de Marta no ataque também mudaram. De artilheira, hoje ela se notabiliza pelas assistências às colegas.

Em 2007, ela marcou sete vezes em seis jogos no Mundial, também na China. Agora, em cinco partidas, soma três gols.

Apesar de ainda se dizer ‘engasgada’ com a derrota na final de Atenas, jogadora promete tranquilidade no jogo de hoje.

A mudança da identidade performática da jogadora foi levemente criticada, pois os repórteres reconheceram que ela estava contribuindo com a equipe nessa competição. A consequência de ser mais “raçuda” foi o excesso de violência e a escassez gols nos jogos, características distintas da “artilheira” de outrora.

Nesse dia, outro texto, titulado “Mulheres jogam por ouro e para dar lição em homens”, informou que a seleção feminina jogaria contra o Estados Unidos pelo ouro. Seixas e Cobos (2008b, p. D8) escreveram:

Às 10h (horário de Brasília) de hoje, em Pequim, o time de Marta entra em campo para decidir o ouro olímpico diante dos EUA. A 1.070 km dali, em Xangai, a equipe masculina deve assistir à partida pela TV, na espera para tentar pelo menos um bronze contra a Bélgica.

Sucesso e anticlímax, alto e baixo, que vêm se consolidando ano a ano na comparação entre as mulheres e os homens.

Seja na forma coletiva, do sub-20 aos adultos, seja em façanhas individuais, o Brasil é hoje mais forte no feminino no cenário internacional.

A equipe das mulheres é a atual vice-campeã Mundial e olímpica. O Brasil dos homens foi quinto colocado na última Copa, não disputou os Jogos de Atenas - não conseguiu a classificação na América do Sul. Na China será, na melhor das hipóteses, terceiro colocado.

[...]

Na eleição dos melhores do mundo pela Fifa, em 2007, duas brasileiras - Marta, a vencedora, e Cristiane, terceira - foram top 3. Entre os homens, Kaká, que levou o prêmio, foi o único brasileiro finalista.

Se o fosso que separa os times é grande em dinheiro e visibilidade, outro começa a se insinuar no desempenho em campo. E hoje pode atingir sua amplitude máxima, com as mulheres conquistando o ouro.

O único título que o badalado time masculino nunca teve.

A equipe feminina e as jogadoras foram consideradas superiores aos homólogos masculinos no “cenário internacional”. Se aquelas vencessem a final, a diferença performática entre as duas seleções poderia atingir a “amplitude máxima”, distinção parecida com as estruturais dessas equipes. Essa prática de as exaltar era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 22, um texto, titulado “Retranca americana bate talento brasileiro”, informou que o Brasil perdeu dos Estados Unidos (0 a 1). Seixas (2008a, p. D3) escreveu:

Partiu de uma americana, com boa dose de provocação, o diagnóstico para mais um fracasso do futebol do Brasil nos campos olímpicos. Goleira e musa dos EUA, Hope Solo, 27, foi questionada sobre a aversão brasileira a jogar na retranca. E saiu-se assim: ‘O Brasil deveria gostar mais do jogo defensivo. Olhem só meu ouro aqui’.

Reserva em Pequim, a lateral Rosana arrematou a avaliação da adversária. ‘Mais uma vez foi um jogo do talento contra a eficiência, e a eficiência ganhou de novo’, disse a paulistana.

Foi assim em 2004, quando o Brasil mandou duas bolas na trave dos EUA e caiu no fim. Foi assim em 2008, com o Brasil atacando durante todo o jogo e criando as chances mais agudas. Que não foram suficientes.

Após empate sem gols no Estádio dos Trabalhadores, a partida foi para a prorrogação. E, aos 6min, Carli Lloyd ganhou dividida com a volante Formiga e chutou no canto esquerdo de Bárbara: 1 a 0, placar final.

[...]

A final olímpica do futebol feminino foi um encontro entre um time que soube esperar, o americano, e outro que se lançou ao ataque o tempo todo, mas que esbarrou numa defesa organizada e muito vigorosa.

A primeira chance do Brasil foi aos 12 min. Simone ganhou disputa de bola na lateral e alçou para Marta. No momento da conclusão, porém, a brasileira foi travada por Margraf.

[...]

A primeira chance dos EUA veio apenas aos 40min, com Hucles, bem posicionada, chutando alto, por cima do gol.

No segundo tempo, o bombardeio brasileiro foi ainda mais intenso. E encontrou resposta na forte zaga adversária.

[...]

O time americano só começou a arriscar mais nos últimos minutos do jogo. E, aos 44min, teve sua melhor oportunidade de definir. Rodriguez, sozinha, tentou encobrir Bárbara, que impediu o gol com boa defesa.

Era uma amostra do aumento da intensidade do ataque americano, deflagrado de vez na prorrogação. E que encontrou nos pés de Lloyd o gol do ouro, do prêmio à paciência de atacar na hora certa.

Apesar de dominar o jogo inteiro, criando as chances mais “agudas”, a derrota do Brasil foi considerada justa. A seleção americana, com uma “defesa forte”, “soube esperar” a hora certa para atacar e, nessa, foi efetiva. Ao elogiar esse estilo de jogo burocrático, a linearidade da cobertura foi rompida. As brasileiras foram muito criticadas pela mudança da identidade performática da equipe na competição, e por praticarem a ofensividade, que caracteriza o futebol brasileiro.

Nesse dia, outro texto, titulado “Sem prêmio, atletas vêm sonho longe”, informou que as brasileiras teriam que lutar pelo “prêmio” e que reivindicaram melhorias para o esporte, após a final. Seixas (2008b, p. D3) escreveu:

Medalha de prata no peito, as jogadoras da seleção agora terão que lutar para colocar algum dinheiro no bolso.

Na saída do time do Estádio dos Trabalhadores, ontem, uma jogadora revelou à **Folha** que não houve acerto com a CBF sobre a premiação pelo resultado nos Jogos.

Segundo ela, a entidade prometeu só ‘um prêmio bom’ em caso de ouro.

[...]

As jogadoras voltaram a pedir mais reconhecimento pelos feitos. Não há esperança de um torneio de grande porte no Brasil. A saída é o exterior, onde já atuam 8 das 18 atletas do grupo.

As dificuldades das jogadoras foram novamente visibilizadas, prática que era ocasional no caderno Esporte do jornal. Para elas, atuar em times estrangeiros era ainda a melhor maneira de as suplantarem, como oito delas já tinham conseguido isso.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “À distância”, Perrone (2008b, p. D10) informou que Marta “avisou à família” que iria diretamente da China para a Suécia, onde ela residia. Ela “só viria ao Brasil se a seleção tivesse vencido”.

Em 2009 e 2010, o número de publicações decresceu significativamente, com 5 e 11 textos, respectivamente.

5 AS COBERTURAS ESPORTIVAS DA FOLHA DE S.PAULO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA DÉCADA DOS ANOS 2000, E A VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO

Os objetivos deste capítulo foram descrever e analisar como a seleção brasileira e as suas jogadoras foram representadas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, na segunda década dos anos 2000; assim como a visibilidade do futebol feminino, de 1991 a 2016, e a sua relação com a equipe. Para tanto, o relatório foi organizado uma seção única, considerando os anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos (2011, 2012, 2015 e 2016), na qual os textos alocados nas categorias **equipe** foram analisados.

Em 2011, o Brasil disputou a Copa do Mundo, organizada entre os dias 26 de **junho** e 17 de **julho**, na Alemanha. O Pan-Americano, sediado em Guadalajara, de 14 a 30 de **outubro**, e o Torneio Internacional, realizado em São Paulo, de 8 a 18 de **dezembro**. Durante esse ano, 49 textos foram publicados, alocados em sete categorias. (TABELA 10).

Tabela 10 – Categorização dos textos publicados em 2011

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	3	8	-	-	-	-	-	11
Com. Técnica	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	-	-	4
Competições	1	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3
Equipe	-	-	-	-	4	5	13	-	-	4	-	-	24
Múltiplas	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	5
Torcedores	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Transmissão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Total	1	-	-	-	6	11	26	-	-	5	-	-	49

Fonte: O autor

Em **maio**, no dia 08, um texto, titulado “Tem Copa?”, informou que o Brasil estava treinando para o Mundial praticamente no anonimato. Reis (2011a, p. D8) escreveu:

É ano de Copa do Mundo.

O Brasil é um dos grandes favoritos e a seleção já treina na Granja Comary, em Teresópolis (RJ). Mas não há jornalistas nem torcedores acompanhando a preparação da equipe nacional.

Em 29 de junho, a seleção estreia no Mundial feminino da Alemanha, a sexta edição da competição organizada pela Fifa, contra a Austrália, em Mönchengladbach.

Mas pouca gente sabe disso. O país que em 2010, na África, parou para ver a seleção de Dunga mal sabe quem é o técnico do time feminino.

[...]

Em Teresópolis, não poderia haver tranquilidade maior para as brasileiras. O oposto do frisson causado pela torcida com a equipe de Dunga, durante preparação em Curitiba para a Copa do Mundo de 2010.

DIVISOR

Igualar números e cifras do futebol dos homens, no Brasil, de fato soa como uma batalha inglória para as mulheres. Mas a seleção das meninas caiu um pouco no gosto do brasileiro, motivada pela geração da mundialmente famosa Marta, 25, eleita a melhor do mundo cinco vezes, e esperança do país na Copa.

Ter a melhor jogadora do mundo e ser uma das favoritas ao título não tem sido suficiente para atrair atenção do público brasileiro [...]

Exibições de gala, goleadas, e título do Pan-Americano também ajudaram. Mas falta uma conquista de peso, para colocar o futebol feminino do Brasil em evidência.

O repórter disse que o time brasileiro era “um dos grandes favoritos” na Copa do Mundo. O *status* de “favorito”, a “melhor do mundo”, Marta, e as exibições de “gala” de outrora não foram suficientes para que os “jornalistas” e os “torcedores” acompanhassem a “preparação” da seleção efusivamente. Para que isso talvez mudasse, essa precisaria de uma “conquista de peso”.

Nesse dia, outro texto, titulado “Time terá, ao todo, 44 dias de preparação”, informou que a seleção feminina teria 44 dias de treinos antes de estreiar na competição. Reis (2011b, D9) escreveu:

Enquanto a seleção de Dunga preparou-se para a Copa do Mundo em 24 dias, a equipe feminina de Kleiton Lima terá, ao todo, 44 dias de treinamento. Desses, 25 já foram cumpridos.

Os treinamentos estão sendo feitos por etapas. A próxima será um amistoso no próximo dia 14, contra o Chile. Depois o time se reúne novamente no dia 6 de junho, faz um amistoso contra a Argentina no dia 16 e ficará junto até o embarque para a Alemanha, no dia 21.

Devido à precária estrutura desse esporte, no Brasil, a seleção feminina sempre conseguiu treinar mais tempo do que a masculina, e uma das etapas desse processo eram amistosos. Marta e Maurine não estavam treinando porque o time delas, o Western New York Flash, não as liberou.

No dia 12, um texto, titulado “Com Marta, seleção se reúne para amistosos”, informou que o “time feminino”, acrescido de Marta, se apresentaria em Maceió, local onde essa faria um “amistoso contra o Chile”, no dia 14. (COM MARTA..., 2011, p. D12).

No dia 14, um texto, titulado “Em casa, Marta se junta ao time do Mundial”, informou que Marta, “a melhor jogadora do mundo”, enfim se encontrou com o “grupo”. Ela jogaria o “amistoso contra o Chile”, em Maceió, a primeira vez na “Estado” dela. (EM CASA..., 2011, p. D9).

Após esse amistoso, as jogadoras novamente reunir-se-iam no dia 06 de junho, em Teresópolis. A seleção brasileira jogaria um amistoso contra a Argentina dez dias depois, o último antes da estreia na Copa do Mundo de 2011, contra a Austrália.

No dia 26, um texto, titulado “Por título inédito, seleção cresce e convoca mais velhas”, informou que a seleção brasileira convocada tinha médias de altura e idade superiores às equipes precedentes. Reis (2011c, p. D4-D5) escreveu:

Para vencer as grandalhonas norte-americanas, alemãs e norueguesas, a seleção cresceu e ficou mais velha.
 As 25 jogadoras pré-convocadas (quatro serão cortadas) ontem pelo técnico Kleiton Lima para a Copa do Mundo da Alemanha, em junho e julho, têm, em média, 1,69 m de altura e 26,2 anos.
 A julgar pelo que se viu nos Mundiais anteriores, os números são consideráveis. Na Copa da China, em 2007, e nos EUA, em 2003, o grupo brasileiro tinha 1,67 m de altura e 25,4 anos, em média. No Mundial de 1999, o número não passava de 1,64 m e idade média de 21,4.
 Em 2007, o time brasileiro tinha apenas uma atleta com mais de 1,71. Desta vez, 12 garotas ultrapassam a marca. O aumento desses números não foi por acaso.
 [...] Aumentar a força das brasileiras virou uma das prioridades da comissão técnica. Pois se o Brasil sempre teve um time leve e habilidoso, liderado pela ‘gigante’ Marta (1,62 m), o sistema defensivo sempre penou contra americanas e europeias.
 [...] A experiência para, enfim, vencer uma competição desse porte também pesou nas escolhas do treinador.
 Apesar do discurso de renovação, 11 atletas que participaram da última Copa, quando o Brasil foi vice, estão na lista de 25 atletas.

Tal mudança no perfil identitário da equipe foi planejada pela comissão técnica, que considerava que o perfil anterior influiu nos fracassos de outrora. Se os resultados seriam profícuos, apenas o tempo mostraria.

Em **junho**, no dia 14, em um texto, titulado “Fila de espera”, Ohata e Itri (2011, p. D6) informaram que a “seleção feminina” “ficou hospedada em um hotel de Teresópolis, e não na Granja Comary, para a última etapa de treinos” antes da viagem para a Alemanha. “Já ocupava os alojamentos a seleção sub-17.”

A CBF novamente secundarizou a seleção feminina, agora para a seleção sub-17 masculina. E o caderno Esporte da Folha de S.Paulo a denunciou, prática que era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos dela.

No dia 26, um texto, titulado “Brasil busca pôr fim à síndrome de vice-campeão”, informou que a “seleção brasileira” já estava na Alemanha para disputar o Mundial. Reis (2011d, p. D9) escreveu:

Terceira colocada no ranking da Fifa, atrás dos EUA e da Alemanha, a seleção brasileira chegou ontem a Mönchengladbach, onde fará sua estreia na quarta-feira, contra a Austrália.

Noruega e Nova Guiné são as oponentes seguintes na primeira fase da Copa.

O time de Kleiton Lima, com estrelas como Marta e Cristiane, tenta dar ao Brasil o primeiro título mundial.

[...]

No último Mundial, na China, o time de Marta e cia. perdeu a decisão para a Alemanha. Nas duas últimas Olimpíadas, em Atenas-2004 e Pequim-2008, as brasileiras caíram diante da seleção norte-americana.

O fato de a equipe feminina chegar às finais, mas não as vencer foi reforçado, a rotulando de vice-campeã e a pressionando para transcender esse *status*. Os adversários do Grupo D seriam Austrália, Noruega e Guiné Equatorial.

Essa competição estava organizada em processo de combinações. Ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em quatro grupos, o A (Alemanha, Canadá, França e Nigéria), o B (Inglaterra, Japão, México e a Nova Zelândia), o C (Colômbia, Coreia do Norte, Estados Unidos e Suécia) e o D, supracitado. As duas melhores seleções de cada grupo classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 28, um texto, titulado “Nossa seleção não precisa provar mais nada a ninguém”, foi uma entrevista com Marta. Ela respondeu a dez indagações para Reis (2011e, p. D6-D7), das quais uma foi destacada.

Folha - O Brasil tem chegado nas finais, mas não vence. Sente pressão para ser campeã?

Não. A gente não encara como algo que temos que provar. Já provamos e estamos provando. O Brasil, mesmo com falta de apoio, sempre chega às finais! A gente não tem mais que provar, apenas trabalhar. Podemos ser campeãs do mundo, vencer uma olimpíada.

A indagação foi sobre a identidade de vice-campeã da seleção. Ela respondeu rigidamente novamente que a equipe não tinha mais que “provar”, apenas “trabalhar”.

No dia 29, um texto, titulado “Precavido, Brasil estreia à la Scolari”, informou que a “seleção brasileira” utilizaria o esquema tático 3-5-2 no Mundial. Reis (2011f, p. D12) informou que:

A última vez que a seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo foi com três zagueiros, em 2002. A próxima conquista mundial também poderá ser nesse esquema. O time de Marta estreia hoje, às 13h15, no Mundial da Alemanha, contra a Austrália, em busca do inédito título para o futebol feminino.

A equipe que ficou marcada pela força ofensiva ganhou reforços na defesa, bem ao estilo imposto por Luiz Felipe Scolari na conquista da Copa da Ásia.

O técnico Kleiton Lima optou por um esquema com três zagueiras, reforçando a marcação. Fruto de traumas recentes: na última Copa e nas últimas duas Olimpíadas, o Brasil deu show, mas falhou nas partidas decisivas.

[...]

Mas o treinador avisa: a preocupação com a defesa não significa que o Brasil será menos ofensivo do que se acostumou a ser.

‘Se você olhar, é um [esquema] 3-5-2, mas ele vira um 3-4-3 e, dependendo da situação, até um 3-6-1. O fundamental é que o time não vai perder o estilo brasileiro. O Brasil joga bonito, isso passa pelo talento. E isso nós temos’, afirmou Kleiton.

Kleiton Lima estava preocupado com a defesa e, em acréscimo à elevação da média de altura das jogadoras, adotou o sistema tático 3-5-2, ressaltando que o estilo ofensivo da equipe não seria comprometido. A própria cobertura esportiva da Folha de S.Paulo, em específico, pressionava a seleção feminina para que essa o praticasse.

No dia 30, um texto, titulado “Brasil sofre em Copa com seca de gols”, informou que a seleção brasileira venceu a Austrália por 1 a 0, em rodada de gols exíguos. Vejamos:

Eram 45min do segundo tempo e Marta prendia a bola perto da bandeirinha de escanteio para gastar o tempo.

Retrato da estreia do Brasil na Alemanha, que ontem venceu a Austrália por 1 a 0 e encerrou a primeira rodada mais magra da história das Copas do Mundo.

Esqueça as goleadas homéricas de outros tempos e com direito a show. O que se viu até aqui nos oito primeiros jogos do sexto Mundial da Fifa foram empates inesperados e resultados apertados por todos os cantos.

O placar mais elástico até aqui foi o 2 a 0 dos Estados Unidos sobre a Coreia do Norte. A média de gols, sempre acima de três, por enquanto está em 1,7 por jogo.

Ontem, em Mönchengladbach, o técnico Kleiton Lima cumpriu o que prometeu. Entrou em campo com três zagueiras e reforçou a marcação. Mas o ataque ficou só.

Marta, apagada, mais reclamou do que jogou. Mas a verdade é que o time todo foi mal. Muitos erros de passes e pouca inspiração se uniram ao nervosismo da estreia. E a seleção quase emperrou.

Em um lampejo daquele futebol bonito que as meninas brasileiras costumam mostrar, Cristiane fez boa jogada e a bola sobrou para Rosana, que fintou e bateu de primeira, fazendo o único gol, no segundo tempo. (BRASIL..., 2011, p. D6).

O Brasil venceu com dificuldade, apenas em um “lampejo” de “futebol bonito”. No geral, a equipe jogou “mal”, com “pouca inspiração” e o “nervosismo da estreia”. Como já havia acontecido durante os Jogos Olímpicos de 2008, esse texto criticou a seleção feminina por essa não estar praticando o estilo artístico, o que o revestia de pressão.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Papéis invertidos”, Kfoury (2011a, p. D3) também opinou sobre a vitória do Brasil. Ele escreveu:

Elas vestiam verde e amarelo e pareciam brasileiras jogando bola, mas eram australianas.

A seleção brasileira estava de azul e parecia um time engessado, nada atraente, incapaz de fazer a bola chegar aos pés das excepcionais Marta e Cristiane durante todo o primeiro tempo, quando, apesar de tudo, criou as duas melhores chances de gol.

As terceiras do ranking da Fifa padeceram diante das décimas primeiras, em Borussia, num estádio com afluência de jogo entre homens.

[...]

Como as mulheres, fisicamente, apesar de muito mais belas, ainda não são tão fortes, sobram espaços para que o jogo se desenrole e a arte prevaleça.

Felizmente, o segundo tempo foi diferente e logo de cara as brasileiras marcaram o belo gol que valeu a vitória, com Rosana, em jogada de Cristiane com direito a chapéu na meia-lua da grande área. Verdade que o empate seria mais justo e que Marta ficou devendo, o que talvez explique a má atuação.

Gostaria de saber o que diria hoje o saudoso João Saldanha sobre o futebol das mulheres, ele que um dia foi vaiado num auditório feminista por dizer que acharia chato ver um filho namorando a zagueira central do Bangu...

Porque o futebol feminino está cada vez mais gostoso de se ver. E em todos os sentidos.

O colunista reforçou que o time brasileiro venceu com dificuldade, jogando mal, “engessado” no primeiro tempo, descaracterizando o estilo de futebolístico dele. Por isso, o “empate seria mais justo”. Neste sentido, ele também acabou pressionando a seleção a praticar o estilo artístico, constituinte da identidade performática do futebol feminino, que o tornava “mais gostoso de se ver”.

Em **julho**, no dia 01, um texto, titulado “Seleção brasileira valoriza 1 a 0 ante Austrália na estreia”, informou que, após a “vitória sobre a Austrália (1 a 0) na estreia, as brasileiras minimizaram o futebol vistoso”. “O importante é vencer, independente se o jogo é bonito ou não”, disse Cristiane.” (SELEÇÃO..., 2011, p. D5). A pressão para que a seleção feminina praticasse o estilo artístico continuava, o que gerou uma manifestação comum dos *habitus* dos futebolistas, qual seja, o importante é vencer.

No dia 03, um texto, titulado “Falta de entrosamento”, informou que a “seleção feminina” tentaria mostrar melhor “entrosamento” contra as norueguesas. Reis (2011g, p. D12) escreveu:

A seleção feminina do Brasil tenta mostrar hoje, contra a Noruega, que conseguiu, em três dias, o que não mostrou na fraca estreia ante a Austrália: entrosamento.

A falta de sintonia entre o grupo comandado por Marta ficou visível naquele sofrido 1 a 0 de quarta-feira. Também pudera: das 16 seleções participantes deste Mundial, a brasileira foi uma das que menos se prepararam para a Copa da Alemanha.

Desde o fim do Mundial da China, em setembro de 2007, até o início da Copa-2011, a seleção brasileira disputou 32 amistosos e partidas oficiais, segundo a Fifa.

[...] A Noruega, por exemplo, adversária de hoje, disputou 54 partidas. Os Estados Unidos, 76.

E quanto mais se aproximava o Mundial, menos jogava a seleção do Brasil.

Neste ano, o time treinado por Kleiton Lima fez só dois amistosos, contra o Chile e contra uma improvisada seleção de Pernambuco - venceu ambos sem sustos.

O repórter justificou a má *performance* do Brasil contra a Austrália pela falta de “entrosamento”, efeito dos poucos amistosos organizados pela CBF antes da competição. Então, as críticas foram direcionadas à gestora da seleção, relativizando as feitas ao estilo futebolístico dessa equipe após esse jogo.

No dia 04, um texto, titulado “Melhor”, informou que Marta foi o destaque da vitória do Brasil sobre a Noruega por 3 a 0. Vejamos:

A seleção brasileira repetia aquela má atuação da estreia quando Marta [...] começou a jogar.
Roubou a bola (com falta), disparou, driblou a zagueira e marcou seu primeiro gol no Mundial da Alemanha. Ela estava apenas começando.
No fim, vitória brasileira sobre a Noruega por 3 a 0, classificação antecipada para as quartas-de-final, confirmação de uma defesa sólida, e Marta fazendo dois gols e dando passe para Rosana após jogada brilhante.
[...]
Não foi uma atuação brilhante, mas o time [...] melhorou bastante em relação à vitória sobre a Austrália por 1 a 0, na última quarta-feira.
Até o primeiro gol, aos 22min, o time errava passes e abusava dos chutes. Mas o belo gol de Marta deu tranquilidade à seleção.
O show da camisa 10 continuou no começo do segundo tempo. No primeiro minuto, Marta pegou a bola no meio de campo, a conduziu por todo o ataque, passando pela marcação, e rolou para Rosana marcar o segundo gol. Em seguida, aproveitou sobra na grande área para cortar uma zagueira e marcar seu segundo gol no jogo.
(MELHOR, 2011, p. D12).

As brasileiras venceram, a Marta deu “show”, a defesa foi “sólida”, mas a *performance* coletiva não foi “brilhante”, embora a equipe tenha melhorado “bastante” em relação ao confronto com as australianas. Com o resultado, o Brasil assumiu a liderança isolada e a classificação antecipada no Grupo D, com seis pontos, acima de Austrália, três pontos (0 gol de saldo), Noruega, três pontos (-2 gols de saldo) e Guiné Equatorial, sem pontuação, então eliminada.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Domingão de Marta”, Kfoury (2011b, p. D3) opinou sobre a *performance* da jogadora. Ele escreveu:

NÃO É POR acaso que o Santos é o campeão da Libertadores. Afinal, foi lá que a rainha Marta jogou até outro dia mesmo...
E foi ela quem melhor atuou neste fim de semana de futebol, com Copa do Mundo de futebol feminino e Copa América de futebol masculino.
Na sexta-feira, Lionel Messi foi um fiasco e, no domingo, a mulher Marta brilhou muito mais do que os meninos de Mano Menezes, para não falar do mau desempenho de Ramires e Robinho.
E contra a Venezuela!
Ela! Ela! Ela! Marta é a donzela!
Porque as jogadoras bateram nas nonas colocadas no ranking da Fifa, campeãs mundiais em 1995 e olímpicas em 2000, enquanto os jogadores não passaram pelos sexagésimos nonos e que jamais disputaram uma Copa do Mundo.

AVE, MARTA!

Os noruegueses jamais perderam para os brasileiros nos confrontos entre seleções, com duas vitórias, uma na Copa de 1998, e dois empates.

Já as norueguesas levaram 3 a 0 ontem [...] com um show à parte de Marta, certamente uma das três pessoas que melhor jogam futebol pelo mundo afora.

Pena que o meio de campo da seleção nunca mais tenha encontrado um talento como o de Sisleide de Amor Lima, a fabulosa Sissi, porque com ela e Marta teríamos Didi e Pelé outra vez juntos.

Formiga trabalha, mas está longe de alimentar Marta e Cristiane como ambas merecem.

O colunista exaltou a *performance* de Marta, que deu “um show à parte” contra a Noruega. Ela foi melhor do que Messi e “os meninos de Mano Menezes” no final de semana futebolístico e, ademais, ela era “certamente uma das três pessoas que melhor” jogavam “futebol pelo mundo afora”, ele completou. A prática de exaltar as jogadoras em relação aos jogadores era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 06, um texto, titulado “Quase Ronaldo”, informou que Marta estava caminhando para alcançar Ronaldo, o “maior artilheiro da história das Copas”. Reis (2011h, p. D12) escreveu:

Ronaldo é o maior artilheiro da história das Copas. Marta caminha para alcançá-lo.

A brasileira, cinco vezes melhor do mundo pela Fifa, marcou duas vezes na vitória sobre a Noruega, no último domingo, ultrapassou a chinesa Sun Wen e agora está a dois gols da alemã Birgit Prinz, 33.

Contra a eliminada Guiné Equatorial, hoje, em Franckfurt, Marta terá a chance de perseguir a marca de Prinz.

[...]

Na Alemanha, Marta, 25, disputa seu terceiro Mundial. Marcou, ao todo, 12 gols.

[...]

Mais do que ameaçar a alemã, Marta pode alcançar Ronaldo. O ex-atacante, maior artilheiro de todas as Copas, tem 15 gols em Mundiais. Com mais três gols, ela empata a ‘disputa’.

[...]

Brasil e Alemanha estão classificados para as quartas de final. E até o fim da Copa Prinz e Marta devem continuar duelando pelo posto de maior artilheira de mundiais.

O que pesa a favor da alemã são os títulos que a brasileira não tem. Prinz ajudou sua seleção a ganhar duas Copas do Mundo, título que nem Marta nem o Brasil têm.

A *performance* de Marta, que estava “voando em campo”, continuou em evidência. Antes de alcançar Ronaldo, ela teria que superar Birgit Prinz, uma rivalidade particular, reforçada por essa e pelas coberturas esportivas da Folha de S.Paulo outrora. Para tanto, a Guiné Equatorial seria a adversária seguinte.

No dia 07, um texto, titulado “Antes da hora”, informou que o Brasil venceu Guiné Equatorial por 3 a 0 e enfrentaria os Estados Unidos nas quartas de final. Reis (2011i, p. D12) escreveu:

O maior pesadelo da história do futebol feminino nacional entrou no caminho do Brasil antes do previsto.

[...]

A seleção de Marta e Cristiane fez sua parte. Venceu ontem a já eliminada Guiné Equatorial por 3 a 0 e se assegurou na ponta do Grupo D.

Mas as brasileiras provavelmente não contavam com o tropeço, mais tarde, dos EUA, que perderam da Suécia por 2 a 1 e, em segundo lugar em sua chave, vão enfrentar o Brasil no domingo, em Dresden, pelas quartas-de-final da Copa do Mundo.

Para, enfim, ser campeã do mundo, a seleção precisará espantar esse fantasma.

Em 2004, o Brasil perdeu a final da Olimpíada de Atenas para a seleção americana.

Deu o troco em 2007, nas semifinais da Copa, ao golear as rivais por 4 a 0 [...]

Porém os EUA devolveram mais uma vez. Na Olimpíada de 2008, derrotaram as brasileiras novamente na decisão da medalha de ouro. Sem contar lá atrás, na Copa de 1999, quando os EUA eliminaram o Brasil da semifinal.

Talvez o que mais assuste nem seja o retrospecto, mas a maneira como o Brasil tem jogado na Alemanha.

Ontem, em Frankfurt, o time sofreu para vencer a já eliminada Guiné Equatorial.

O técnico Kleiton Lima disse, com razão, que o primeiro tempo foi sofrível. E que espera ver o Brasil ideal na decisão da Copa do Mundo.

A atuação do Brasil na Alemanha preocupa. Jogadas de efeito, como o golão de Erika ontem, que abriu o caminho da vitória, são exceção.

A estrela Marta, eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo, anda marcada demais - em rara chance, conseguiu cruzar para Cristiane marcar um gol.

Cristiane faria mais um no fim da partida, de pênalti.

O Brasil não “brilhou”, nem a “estrela” Marta, e “sofreu” para vencer a então eliminada Guiné Equatorial. Com esse resultado, as brasileiras (1^{as} do Grupo E) enfrentariam o time americano (2^o do Grupo D), o “maior algoz” delas. O “retrospecto” do confronto talvez nem assustasse tanto o repórter como as *performances* burocráticas das jogadoras, constantes na competição.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Mulheres de apenas”, Kfoury (2011c, p. D3) opinou sobre a *performance* da seleção feminina na fase grupal da competição. Ele escreveu:

A SELEÇÃO FEMININA acabou a fase de grupos da Copa do Mundo na Alemanha com 100% de aproveitamento, sete gols marcados, nenhum sofrido.

E badalada como merece, principalmente pelo inesgotável talento de Marta.

Só mesmo um chato para fazer reparos à campanha das mulheres e, no entanto, o papel do jornalismo nunca foi o de ser simpático.

É preciso que se diga que o futebol das mulheres está aquém do esperado e do já mostrado por elas, que têm se limitado a liquidar os jogos em poucos minutos, como nos casos dos jogos de ontem, nos 3 a 0 sobre a Guiné Equatorial, e de domingo, contra a Noruega, pelo mesmo placar, quando um começo de segundo tempo fulminante resolveu as coisas.

Mas ninguém ganha uma Copa do Mundo jogando apenas dez minutos por jogo com instinto assassino. É preciso mais.

Já foi dito aqui que o meio de campo deixa a desejar porque a nossa Formiga já está cansada, cinco Copas do Mundo nas costas.

[...]

Agora é mata-mata nas quartas-de-final, e as norte americanas que virão, apesar da derrota para a Suécia, serão parada duríssima, não fossem simplesmente as bicampeãs mundiais, tricampeãs olímpicas e primeiras do ranking da Fifa.

Seja como for, resta esperar que os homens tenham visto o segundo tempo delas contra as africanas em Frankfurt, principalmente o golaço de Erika, com direito a chapéu e batida de primeira, de esquerda, no primeiro gol.

Porque por mais que as mulheres venham jogando apenas para o gasto, quando resolvem jogar fazem gols belíssimos, como os homens, antigamente.

O colunista foi mais cordial com a seleção feminina, ressaltando a campanha “100% na fase grupal, sem “nenhum gol sofrido”, e o “talento” de Marta. Todavia, o desempenho da equipe estava “aquém do esperado”. Elas estavam liquidando os jogos com “dez minutos” de bom futebol, nos segundos tempos, o suficiente para inspirar os homens, mas não para conquistar o título. Neste sentido, as americanas seriam adversárias “duríssimas” nas quartas de final. Os outros jogos eliminatórios seriam Inglaterra (1ª do Grupo B) *versus* França (2ª do Grupo A), Suécia (1ª do Grupo B) *versus* Austrália (2ª do Grupo D) e Alemanha (1ª do Grupo A) *versus* Japão (2º do Grupo B).

No dia 08, um texto, titulado “Segundo tempo salva a seleção”, informou que o Brasil atuou melhor nas etapas finais nos três confrontos da fase grupal. Reis (2011j, p. D12) escreveu:

Ignore o primeiro tempo. A seleção brasileira tem feito valer o peso da camisa amarela somente na etapa final.

Foi assim nas três primeiras partidas da primeira fase da Copa. O time de Marta fechou a participação com três vitórias e sete gols marcados - e nenhum sofrido.

Mas, levando em conta o que o Brasil mostrou no primeiro tempo contra a Austrália, Noruega e Guiné Equatorial, o cenário é assombroso.

No domingo, contra os EUA, em Dresden, o time brasileiro terá a quarta oportunidade de mostrar, neste Mundial, um bom futebol já nos primeiros 45 minutos.

Afinal, dos sete gols marcados, seis saíram no segundo tempo. Apenas contra Noruega houve um tento anotado na primeira etapa - e olhe que Marta fez falta, não marcada, no lance.

[...]

O Brasil tem contado com uma precisão cirúrgica para vencer. Contra Noruega e Guiné Equatorial, a seleção liquidou a partida em poucos minutos. Fez um gol atrás do outro e seguiu o placar.

O repórter reforçou que a seleção brasileira venceu os jogos da fase grupal, os liquidando em “poucos minutos”, com “precisão cirúrgica”, nos segundos tempos – seis dos sete gols feitos. Nas etapas iniciais, o cenário foi “assombroso”. Então, a equipe teria outra oportunidade de mostrar “bom futebol” logo de início contra as americanas para seguir em frente.

No dia 09, um texto, titulado “Marta diz que rivais não são temidas pela seleção”, informou que “a melhor jogadora de futebol do mundo, Marta, e a brasileira mais experiente na seleção, Formiga, elogiaram os EUA”. “Mas declararam que as americanas” já não eram “mais as mesmas.” (MARTA..., 2011, p. D5). Ou seja, elas não tinham mais o *status* de bicho-papão,

que significava, no subcampo esportivo, equipes amplamente favoritas, que geravam medo nos adversários.

No dia 10, um texto, titulado “Gerações”, informou que o confronto Brasil e Estados Unidos seria provavelmente o mais imprevisível da “história” entre essas equipes. Reis (2011k, p. D10) escreveu:

A seleção feminina do Brasil não é mais a mesma. A dos EUA tampouco. O 28º confronto da história dos dois times, hoje, em Dresden, que vale uma vaga na semifinal do Mundial, será provavelmente o mais imprevisível.

Para esta edição do torneio, o Brasil manteve sua base que nunca venceu, mas que convencia com um futebol encantador. Mas, na Alemanha, a seleção ganhou todos os jogos de maneira pragmática, com uma zaga firme, sem encher os olhos.

Já as americanas que venceram tudo o que puderam, decidiram se renovar e, por causa disso, amargam um dos piores momentos de sua celebrada história.

[...]

Nas eliminatórias para o Mundial, as americanas perderam do México e só conseguiram a vaga no último jogo, contra a Itália. Das 16 seleções da Copa, foram as últimas a obter vaga no torneio.

[...]

A derrota para a Suécia, na primeira fase, assustou os americanos, que temem mais o Brasil do que o contrário.

Para o repórter, alicerçado nas *performances* precedentes e então atuais das equipes, esse confronto seria “o mais imprevisível” de todos. A seleção brasileira manteve a base que não vencia, mas “convencia”, e nessa competição atuava de “maneira pragmática”. Já a seleção americana foi renovada e, a partir de então, teve algumas atuações inconstantes.

No dia 11, um texto, titulado “Sem título sem arte”, informou que o Brasil perdeu dos Estados Unidos por 5 a 3, nos pênaltis. Reis (2011l, p. D2) escreveu:

A seleção brasileira feminina perdeu como sempre, mas jogou feio como nunca.

Em uma das mais dolorosas derrotas de sua história, o Brasil foi eliminado na decisão por pênaltis contra os EUA, eternos algozes, nas quartas de final da Copa do Mundo da Alemanha, na tarde de ontem, em Dresden.

A queda foi um castigo para quem ficou a maior parte do jogo com uma atleta a mais e vencia por 2 a 1 até os 17min do segundo da prorrogação, quando sofreu o gol de empate em falha generalizada da defesa.

Mas também foi um castigo para uma equipe que se acostumou a exibir um futebol exuberante e que, neste Mundial, optou pelo jogo pragmático, feio, com chutões e pouca inspiração.

Nem Marta, com seus dois gols, nem Cristiane, com toda a sua vontade, ou Érika, quase impecável na zaga, conseguiram levar adiante a seleção brasileira, que mais uma vez caiu e continua sem ter uma grande conquista.

A vilã da vez é a zagueira Daiane, que ontem fez um gol contra, falhou no segundo tento dos EUA e perdeu o único pênalti brasileiro.

Mas a derrota pode se relacionar a várias condicionais: se Daiane não falhasse, se Marta e Cristiane não perdessem as chances nos contra-ataques, se Érika não fizesse cera no fim, se a goleira americana Hope Solo não tivesse brilhado tanto.

[...]

Ontem foi dolorido. As brasileiras saíram perdendo aos 2min de jogo. Empataram após pênalti polêmico cometido em Marta - que resultou na expulsão de Buehler - e cobrado por ela.

A virada veio no início da prorrogação, com Marta. Mas o Brasil recuou demais. Viu os EUA crescerem empurrados pela torcida, maioria absoluta. E levou o empate. Nos pênaltis, Hope Solo brilhou.

Foi o melhor jogo do Brasil neste Mundial. Mas não foi o suficiente. Elas voltam hoje, sem a taça, e com a esperança de um dia mudar de sina.

A derrota foi um “castigo” para o Brasil porque não aproveitou as superioridades de uma atleta e de um gol durante o jogo e “optou pelo jogo pragmático” na competição. O fato de as brasileiras não praticarem o jogo coletivo foi uma das justificativas para a perda do ouro dos Jogos Olímpicos de 2008, uma contradição que reforça a inferência sobre a pressão. Mesmo assim, a zagueira Daiane foi apontada como a principal culpada pela eliminação, a “vilã”, mas as contribuições de Marta, Cristiane e Erika, igualmente os méritos de Hope Solo, foram contabilizados.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Pênalti faz Marta ir do céu ao inferno”, Reis (2011m, p. D3) informou que o nome de Marta foi “o mais celebrado pelo estádio”, no início do jogo. Por reclamação, no final do primeiro tempo, a jogadora “passou a ser vaiada”, ganhando a “antipatia dos torcedores, a maioria americanos”. Após ela sofrer o pênalti e convertê-lo, no início da etapa final, “as vaias tornaram-se perseguição”.

No dia 12, um texto, titulado “Após queda, falta de apoio volta à tona”, informou os problemas que acometeram a “seleção feminina” na Copa do Mundo. Reis (2011n, p. D4) escreveu:

A imagem da seleção feminina do Brasil fracassando tornou-se rotina. O clamor de jogadoras por melhores estruturas e apoio também.

A eliminação na Copa ante os EUA, anteontem, levanta pela enésima vez uma bandeira contra o descaso da CBF, a falta de estrutura no país, muitas promessas e pouquíssimo investimento no futebol feminino.

Marta, há cinco anos a melhor do mundo, não foi suficiente para vencer a organização que Europa e América do Norte mostraram. Neste Mundial na Alemanha, que apoia a modalidade, é fácil notar a adoração que os europeus têm pelo futebol brasileiro e por Marta.

[...]

Mas as jogadoras da seleção, quase todas semiprofissionais, ou até sem clube, embarcaram ontem de volta sem saber o que vai acontecer com o futebol feminino.

Na Alemanha, sentiram na pele a falta de preparo, já que a CBF organizou apenas dois amistosos neste ano.

Sem falar que, na delegação, não havia psicólogos ou até mesmo cozinheiros. As próprias jogadoras preparavam sua comida nos hotéis. Diferentemente do Sul-Americano sub-20 masculino.

Nem mesmo fotógrafo oficial a CBF enviou à Alemanha. No Mundial masculino sub-17, havia tal profissional.

As críticas precedentes à seleção feminina foram relativizadas, ressaltando os problemas que a acometeram, como a precária estrutura desse esporte no Brasil e o “descaso” da CBF com a equipe, o que justificaria a eliminação ante os Estados Unidos. As práticas de os visibilizarem eram manifestações ocasionais dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo.

No dia 16, um texto, titulado “Marta é indicada à Bola de Ouro da Copa alemã”, informou que Marta estava na lista, “anunciada pela Fifa”, de “12 atletas” que concorreriam ao “prêmio Bola de Ouro, de melhor atleta da Copa do Mundo da Alemanha.” (MARTA..., 2011, p. D9).

Em **outubro**, no dia 25, um texto, titulado “Equipe pega mexicanas para avançar à decisão”, informou que a “seleção feminina” enfrentaria nessa data as “mexicanas” por “vaga na final”. O jogo seria “uma revanche da semifinal do Rio-2007, “em que o time de Marta venceu por 2 a 0.” (EQUIPE..., 2011, p. D12).

A primeira fase do torneio futebol feminino⁸⁰ do Pan-Americano⁸¹ estava subdividida em dois grupos, o A (Chile, Colômbia, México e Trinidad e Tobago) e o B (Argentina, Brasil, Canadá e Costa Rica). Os dois primeiros de cada grupo classificar-se-iam e enfrentar-se-iam nas semifinais. Por isso, os jogos das semifinais seriam brasileiras (1^{as} do B) *versus* mexicanas (2^{as} do A) e canadenses (2^{as} do B) *versus* colombianas (1^{as} do A).

No dia 26, um texto, titulado “Seleção feminina vence o México por 1 a 0 e tentará o tri”, informou que a “seleção feminina” venceu o México por 1 a 0 e tentaria “buscar o tri” da competição. O gol foi marcado por Maurine, “aos 33min do segundo tempo”. (SELEÇÃO..., 2011, p. D8).

No dia 27, um texto, titulado “Brasil vira inspiração para seleção”, informou que “Brasil Gonçalves”, “pai da lateral direita Maurine”, seria a inspiração da “seleção feminina” contra o Canadá. Merguizo (2011a, p. D8) escreveu:

Favorita na busca pelo tricampeonato pan-americano hoje, às 20h (de Brasília), contra o Canadá, a seleção feminina tem uma motivação extra para conquistar o ouro. A morte de Brasil Gonçalves, 72, pai da lateral direita Maurine, no domingo passado, tocou as jogadoras. Na semifinal, anteontem, partida em que as atletas jogaram com uma pequena faixa preta de luto na camisa, o gol da vitória por 1 a 0 sobre o México foi de Maurine. Choro no vestiário, choro na concentração. E o ouro prometido para o pai.

⁸⁰ Essa competição foi realizada entre os dias 18 e 27 de outubro.

⁸¹ Esses Jogos foram realizados em Guadalajara, no México, entre os dias 14 e 30 de outubro.

A equipe foi apontada como “favorita” mais pelo seu histórico recente nas competições, pois estava sem oito titulares, incluindo as “estrelas” Marta e Cristiane. Brasileiras e canadenses empataram em 0 a 0 na fase grupal, e aquelas se classificaram em primeiro do Grupo A por sorteio.

No dia 28, um texto, titulado “Brasil perde nos pênaltis ante Canadá”, informou que a seleção feminina perdeu do Canadá por 4 a 3, nos pênaltis. Merguizo (2011b, p. D8) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol [...] perdeu novamente uma final e uma disputa de pênaltis, desta vez em Guadalajara.
A equipe, atual bicampeã do torneio, deixou escapar uma vitória quase certa. Sem as carrascas americanas - que não foram ao Pan [...] as brasileiras perderam ontem a decisão por pênaltis para as canadenses (4 a 3).
Debinha e Grazielle tiveram as cobranças defendidas pela goleira adversária. O futebol brasileiro foi um dos grandes fiascos da delegação nacional no Pan. O masculino, comandado por Ney Franco, caiu ainda na primeira fase, sem vitórias. O título esteve nas mãos das brasileiras desde o início. A atacante Debinha abriu o placar aos 3min de partida, com um belo chute de fora da área, no ângulo da goleira canadense Leblanc.
Depois, o Brasil segurou a pressão das rivais durante quase toda a partida. Mas falhou, e o Canadá empatou o jogo aos 43min do segundo tempo. Depois da cobrança de escanteio, a capitã Sinclair marcou de cabeça: 1 a 1.

Apesar de o Canadá ter pressionado o Brasil durante o jogo, esta equipe “deixou” a vitória praticamente certa “escapar”, denotando que o resultado foi efetivado mais pela incompetência das brasileiras do que pelos méritos das canadenses. Como não concretizaram o favoritismo, a campanha de prata foi rotulada como “fiasco”.

Em 2012, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos, sediados em Londres, de 27 de **julho** a 11 de **agosto**, e o Torneio Internacional, realizados em São Paulo, entre os dias 9 e 19 de **dezembro**. Durante esse ano, 27 textos foram publicados, colocados em cinco categorias. (TABELA 11).

Tabela 11 – Categorização dos textos publicados em 2012

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Equipe	-	-	-	-	-	-	8	3	-	-	-	-	10
Esporte	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Instituições	-	-	-	4	3	2	4	-	-	-	-	-	13
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Total	-	-	-	4	3	2	14	4	-	-	-	-	27

Fonte: O autor

Em **julho**, no dia 19, em um texto, titulado “Sob nova...”, Ohata e Itri (2012a, p. D14) informaram que, “durante o desembarque em Londres”, a “seleção feminina de futebol mostrou estar de novo em sintonia com a CBF”.

Nesse dia, em outro texto, titulado “...direção”, Ohata e Itri (2012b, p. D14) completaram que as “críticas do passado [...] tornaram-se elogios”. “Marta, Cristiane e o técnico Jorge Barcellos disseram que a confederação ficou mais receptiva ao diálogo desde que José Maria Marin assumiu a presidência”. Os repórteres demonstraram incômodo com a sintonia entre a seleção feminina e a CBF. Afinal, a cobertura do caderno Esporte da Folha de S.Paulo ocasionalmente criticava alguns dos tratamentos distintos que a instituição ofertava à modalidade.

Nesse mesmo dia, em outro texto, titulado “Encorpada”, Ohata e Itri (2012c, p. D14) informaram que, para a “Olimpíada, a seleção celebrou o fato de ter uma comissão técnica com mais profissionais do que a dos Jogos anteriores, recendo o suporte de pessoas que trabalham com o time masculino”.

No dia 25, um texto, titulado “Nova direção aproxima CBF do time feminino”, informou que a seleção feminina estava se relacionando melhor com a CBF. Bastos e Fernandez (2012, p. 6) escreveram:

A seleção brasileira que estreia hoje no torneio feminino de futebol da Olimpíada é praticamente a mesma que ganhou a prata em Pequim. Mas tudo o que cerca o time está completamente diferente. A começar pela relação com a CBF - antes conflituosa, agora é de paz e amor. O técnico Jorge Barcellos trouxe para o Reino Unido 13 das 18 jogadoras que ficaram em segundo lugar na última edição dos Jogos - a medalha de ouro ficou com os EUA. [...]

A situação do futebol feminino no país continua difícil. Só há um torneio organizado pela CBF, que dura poucos meses e é disputado por times semiprofissionais, que dependem de ajuda pública. Na seleção, porém, o tratamento dispensado às mulheres mudou muito, segundo depoimento das próprias atletas.

‘Antes era só o treinador e o roupeiro’, disse Marta, ao desembarcar em Londres, na semana passada. ‘Agora, tem uma comissão técnica maior, completa, não falta nada.’ O time feminino ganhou o reforço da psicóloga Maria Helena Rodrigues e de uma equipe de fisiologistas, coordenada por Rogério Neves, o mesmo do time masculino. Marta e Cristiane, estrelas do time, atribuem a mudança ao novo presidente da CBF, José Maria Marin, e ao novo supervisor do departamento, Roberto Valdemar.

Mais do que uma comissão técnica, o que as jogadoras comemoram mesmo é ter um canal aberto com a cúpula da confederação. ‘A gente sente que tem mais espaço para falar e pedir o que é necessário’, acrescentou Marta.

A CBF melhorou momentaneamente a estrutura da seleção feminina para os Jogos Olímpicos de 2012 e se abriu ao diálogo, sedimentando a relação “paz e amor” entre ambas.

Todavia, a realidade da modalidade continuava precária, injustificando a menor criticidade das jogadoras com a instituição, o que incomodou os jornalistas que produziram essa cobertura.

As brasileiras estreariam no torneio olímpico, nesse dia, contra as camaronesas, conforme foi divulgado. Essa competição estava organizada em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em três grupos, o E (Brasil, Camarões, Grã-Bretanha e Nova Zelândia), o F (África do Sul, Canadá, Japão e Suécia) e o G (Colômbia, Coreia do Norte, Estados Unidos e França). As duas melhores seleções de cada grupo e os dois melhores terceiros classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

Nesse dia, outro texto, titulado “Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como ‘normal’”, informou que Formiga seria a recordista de “participações olímpicas” pelo Brasil. Barros Neto (2012, p. D6) escreveu:

Quando o futebol feminino estreou numa Olimpíada, Miraildes Mota já estava lá. ‘Eu me lembro de Atlanta [1996]. Era coisa de outro mundo. E eu só tinha 18 anos’, diz ela, que ganhou o apelido jogando bola no subúrbio de Salvador, aos 12 anos. [...]
Agora com 34 anos, 1,62m, 57 kg e metade da vida na seleção, a baiana - mesmo já veterana - será titular na estreia do Brasil nos Jogos de Londres, contra Camarões. Ao entrar em campo, se tornará a mulher com mais participações olímpicas pelo país, empatada com a jogadora de vôlei Fofão: cinco edições. Apesar disso, Formiga minimiza: ‘Sinceramente, não ligo para essas coisas, não. Claro que é importante para qualquer atleta, mas é algo normal para mim’.

Apesar de ver o feito como “normal”, a jogadora estava marcando o nome dela na história na seleção brasileira e nesse esporte, com o recorde de “participações” em Jogos Olímpicos. Esse feito aliado a visibilidade dele reforçou a idolatria específica da jogadora, caracterizada sobretudo pela longevidade.

No dia 26, um texto, titulado “Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversário”, informou que o Brasil venceu Camarões no campo e na sala entrevista coletiva. Fernandez (2012a, p. D3) escreveu:

O Brasil derrotou Camarões duas vezes ontem, na estreia do torneio feminino de futebol da Olimpíada. A primeira, na bola, durante os 90 minutos. A segunda, no grito, após a partida. [...] as mulheres não tiveram dificuldade para atropelar as africanas. Foi um massacre do início ao fim. Aos 10min do primeiro tempo, o Brasil já vencia por 2 a 0, com dois gols em jogadas de bola parada. Francielle abriu o placar ao cobrar falta, e Renata Costa ampliou de cabeça. A seleção de Camarões pouco ou nada ameaçou as brasileiras.

Os pouco torcedores camaroneses que ficaram para o segundo tempo viram mais um show da dupla formada por Marta e Cristiane - esta iniciou o jogo no banco de reservas e só entrou no intervalo.

Marta sofreu e converteu um pênalti para deixar o placar em 3 a 0. Depois, deu lindo passe para a companheira ampliar o marcador.

[...]

A poucos minutos do fim, Cristiane devolveu a gentileza para Marta, que apenas rolou para o gol vazio: 5 a 0.

A outra batalha, verbal, se deu na acanhada sala de entrevista coletiva onde os técnicos falam após o jogo.

Questionado pela **Folha** sobre o que achou do time brasileiro, o técnico de Camarões, Carl Enow, desandou a falar mal das adversárias que haviam acabado de vencer seu time, e por goleada.

‘O Brasil tem problemas defensivos, porque nós tivemos chances de gol’, começou Enow. ‘Precisa melhorar o posicionamento. Senão, podem sofrer com outros times lá na frente. E algumas jogadoras são pesadas’.

[...]

O técnico do Brasil, Jorge Barcellos, não deixou sem resposta o colega provocador.

‘Eu não posso comentar sobre problemas na defesa se nosso time ganhou por 5 a 0’, afirmou Barcellos, com alguma ironia nas palavras.

Mais: ‘Não sei se a equipe dele está nivelada por baixo. Quando tivermos partidas mais exigentes, vamos estar preparados para elas’.

As brasileiras não tiveram dificuldade para “atropelar as africanas” por 5 a 0, com outro “show da dupla” Marta e Cristiane. Já na “entrevista coletiva”, Jorge Barcellos foi vitorioso ao retrucar Carl Enow, que criticou a *performance* da equipe brasileira e de algumas jogadoras, o que também incomodou o repórter.

No dia 28, em um texto, titulado “Mulheres tentam se aproximar das quartas”, informou que a “seleção feminina” enfrentaria a Nova Zelândia nesse dia. Fernandez (2012b, p. D9) escreveu:

A seleção feminina de futebol enfrenta a Nova Zelândia hoje, às 10h30 (de Brasília), para encaminhar sua classificação ao mata-mata.

Depois de golear Camarões no primeiro jogo (5 a 0), o time de Marta e Cristiane lidera o Grupo E. O adversário de hoje perdeu para a Grã-Bretanha por 1 a 0 e não deve impor resistência à equipe do técnico Jorge Barcelos.

[...]

Ao contrário de outras edições da Olimpíada (e até da Copa do Mundo da categoria), a atual seleção feminina não discursa sobre o ‘abandono’ e a ‘falta de condições’ da modalidade.

Pelo contrário. ‘Queremos deixar toda essa conversa para depois’, disse Marta, estrela do time. ‘Precisamos ganhar essa medalha de ouro, que sempre escapou, para incentivar as meninas que querem jogar no Brasil. Depois vamos discutir estrutura e outros problemas’.

Se o Brasil efetivasse o favoritismo indireto atribuído a ele contra a Nova Zelândia, como foi divulgado, a equipe, com seis pontos, conseguiria uma das duas vagas adicionais à eliminatória. Por fim, o fato de as brasileiras não estarem fazendo reivindicações foi relembrado, reforçando a inferência sobre o incômodo da cobertura, afeita a visibilizar tais ações.

No dia 29, um texto, titulado “Seleção feminina passa aperto, mas já sela a classificação”, informou que a “seleção feminina” venceu a Nova Zelândia por 1 a 0, classificando-se para a fase eliminatória. Vejamos:

A seleção feminina de futebol venceu ontem a Nova Zelândia por 1 a 0, e assegurou sua classificação para as quartas de final dos Jogos Olímpicos de Londres.

[...]

A vitória de ontem contra o time da Oceania não foi fácil como o favoritismo do Brasil fazia crer que seria.

A seleção não encontrou a mesma facilidade que experimentou na estreia, quando goleou Camarões por 5 a 0.

O gol da vitória sobre as neozelandesas foi anotado a menos de cinco minutos do fim, pela atacante Cristiane - seu 12º gol em Olimpíadas.

O Brasil chegou a seis pontos no grupo E. A seleção brasileira vai decidir o primeiro lugar do grupo com a Grã-Bretanha, que ontem derrotou Camarões por 3 a 0. (SELEÇÃO..., 2012, p. D6).

A vitória “não foi fácil”, como havia sido apontado antes do jogo, mas esse resultado, merecido, combinado com o êxito da Grã-Bretanha, classificou o Brasil. Essas seleções (ambas com seis pontos) não poderiam ser alcançadas por Camarões e Nova Zelândia (ambas sem pontuação) e então disputariam a liderança do Grupo E no encerramento da fase grupal.

No dia 31, um texto, titulado “Brasileiras e britânicas se enfrentam pelo 1º lugar”, informou que Brasil e Grã-Bretanha disputariam a liderança do grupo nesse dia. Fernandez (2012c, p. D4) escreveu:

Brasil e Grã-Bretanha decidem hoje, às 15h45, quem avança em primeiro lugar para os mata-matas do futebol feminino. As duas seleções têm campanhas parecidas: em dois jogos, conseguiram duas vitórias, fizeram muitos gols e não sofreram nenhum.

Quem ganhar do Grupo E enfrenta rival em teoria mais fraco no mata-mata. Quem se classificar em segundo deve pegar Suécia ou Japão.

[...]

A boa largada se deve à solidez da defesa. O Brasil tem o melhor saldo de gols da competição até aqui - fez seis gols, não sofreu nenhum. Nos quatro Jogos anteriores, o time sofreu em média 2,5 gols por partida na primeira fase.

Conforme foi divulgado, o Brasil e Grã-Bretanha decidiriam quem seria o líder do Grupo E, que enfrentaria “rival em teoria mais fraco” na eliminatória. A “boa” campanha das brasileiras até então foi também creditada à “solidez da defesa”, conforme o repórter completou.

Em **agosto**, no dia 01, um texto, titulado “Derrota põe Brasil na mira das campeãs do mundo”, informou que a “seleção feminina” perdeu da Grã-Bretanha por 0 a 1 e enfrentaria o Japão na eliminatória. Colon (2012a, p. D7) escreveu:

Uma bronca pública do treinador Jorge Barcellos após o jogo, ainda no gramado do estádio de Wembley, simboliza o clima da seleção feminina pela derrota por 1 a 0 ontem para a Grã-Bretanha.

Com o resultado, o time de Marta e Cristiane vai pegar nas quartas de final as japonesas, campeãs mundiais e uma das favoritas ao ouro.

O jogo será sexta-feira, em Cardiff, às 13h (de Brasília).

O primeiro lugar no grupo E faria o Brasil enfrentar o Canadá no primeiro mata-mata, teoricamente um rival mais fraco, e, assim, trilharia um caminho mais tranquilo na busca pelo inédito ouro.

O clima era de frustração e preocupação em Wembley por causa do confronto com o Japão já na próxima fase. Não era o que o time queria.

[...]

Nervosa e sem um dia brilhante de Marta, a seleção brasileira não conseguiu repetir as atuações dos dois primeiros jogos, quando goleou Camarões, 5 a 0, e derrotou a Nova Zelândia por 1 a 0.

GOL RELÂMPAGO

Empurrada pela maioria dos 70 mil torcedores no estádio de Wembley, a seleção britânica marcou com menos de dois minutos de jogo com a zagueira Houghton.

Assustado, o time brasileiro tentou, em vão, reagir usando Cristiane na frente.

A seleção da casa ainda contou com uma grande atuação da atacante Kelly Smith.

Decisiva, ela ainda perdeu um pênalti, defendido por Andréia no segundo tempo.

A seleção britânica venceu por méritos, com “grande atuação” de Kelly Smith. A equipe brasileira não jogou bem, ao contrário dos jogos precedentes, e então (2ª do Grupo E), enfrentaria a seleção japonesa (2ª do Grupo F), “uma das favoritas”, o que dificultou o “caminho” dela. O Canadá (3º do Grupo F), adversário da Grã-Bretanha (1ª do Grupo E), era teoricamente “mais fraco”. Os outros jogos eliminatórios seriam Estados Unidos (1ºs do Grupo G) *versus* Nova Zelândia (3ª do Grupo E), e Suécia (1ª do Grupo F) *versus* França (2ª do Grupo G).

No dia 03, em um texto, titulado “Seleção pega Japão, e Marta confronta sua sucessora”, informou que a seleção feminina enfrentaria o Japão, confronto que também oporia Marta e Homare Sawa. Fernandez (2012d, p. D11) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol enfrenta hoje seu primeiro grande obstáculo no torneio olímpico. E o primeiro risco de eliminação.

A adversária das quartas de final, às 13h (de Brasília), em Cardiff, é a seleção japonesa, atual campeã mundial.

Todas as 18 jogadoras que o Japão trouxe para a Olimpíada estavam na Copa do Mundo, há um ano, na Alemanha.

Entre elas está Homare Sawa, 33, meia, que ‘roubou’ da meia-atacante Marta o título de melhor do mundo.

[...]

Brasil e Japão fizeram campanhas parecidas na primeira fase destes Jogos - ambas se classificaram em segundo lugar em seus grupos.

Mas houve uma diferença grande de método. O técnico da seleção, Jorge Barcellos, nunca deixou de pôr o que tinha de melhor em campo.

Foi com seu time titular que o Brasil começou arrasador e foi caindo de produção.

[...]

Para chegar às quartas, o rival do Brasil fez uma trajetória bem mais ‘econômica’.

O time marcou apenas dois gols (contra seis da seleção brasileira) e sofreu um.

O técnico Norio Nasaki poupou várias titulares no empate sem gols contra a África do Sul.

Apesar das campanhas parecidas até então, a *performance* do Brasil estava decrescendo, já a do Japão, não. Várias titulares desta equipe foram poupadas na última rodada, justificando o empate sem gols e a trajetória ‘econômica’ delas. Ademais, esse era o mesmo grupo campeão “mundial”, incluindo Homare Sawa, que “roubou” de Marta “o título de melhor do mundo”. Tudo isso dimensionava a dificuldade do “obstáculo” e o “risco de eliminação” das brasileiras, afirmou o repórter, temendo esta situação.

No dia 04, um texto, titulado “Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha”, informou que a “seleção feminina” perdeu do Japão por 0 a 2. Colon (2012b, p. D10) escreveu:

A seleção feminina de futebol vai ter que esperar os Jogos do Rio-2016 para tentar ganhar o primeiro ouro.

O time de Marta está fora da Olimpíada de Londres. Num jogo equilibrado em campo, o Brasil perdeu ontem por 2 a 0 para o Japão, atual campeão do mundo.

A queda nas quartas de final é o pior desempenho da história do time nos Jogos.

Com atuação apenas regular de Marta, prevaleceu a eficiência das japonesas, lideradas por Homare Sawa, 33, que tomou da brasileira em 2011 o prêmio de melhor do mundo concedido pela Fifa.

A seleção feminina deixou o estádio em Cardiff repetindo o pedido de apoio estrutural à modalidade.

‘Tem que ser um projeto a longo prazo, hoje o futebol feminino tem que começar do zero para tentar mudar alguma coisa para 2015 e 2016’, disse a atacante Cristiane.

[...]

Marta, estrela da equipe, que evitou falar sobre participar dos Jogos do Rio, adotou um discurso mais ameno.

‘A gente chegou a uma competição com todos os requisitos para desenvolver bem. E o que a gente cobra é que isso continue, talvez não para mim e para a Cristiane, mas para as meninas que sonham chegar na seleção’.

[...]

O Brasil iniciou bem o jogo de ontem. Tinha desperdiçado duas chances claras de gol quando sofreu o primeiro, aos 26min da etapa inicial. A atacante Ogimi Yuki entrou livre pelo lado esquerdo e tocou na saída de Andréia.

No segundo tempo, a seleção até esboçou pressão.

Mas, aos 27min, Shinobu Ohno ampliou e encerrou a participação do Brasil.

O jogo foi “equilibrado”, mas a “eficiência” do Japão, liderado por Homare Sawa, “prevaleceu”, denotando o mérito dessa equipe pela classificação. O Brasil amargou “o pior desempenho” em Jogos Olímpicos. Mesmo assim, o repórter deu visibilidade à reivindicação efusiva de Cristiane por melhorias. Já Marta adotou discurso mais “ameno”, quiçá coerente, pedindo que o apoio institucional fosse mantido.

Em 2013 e 2014, o número de publicações decresceu significativamente. Sete e quatro textos, respectivamente.

Em 2015, o Brasil disputou a Copa do Mundo, organizada entre os dias 6 de **junho** e 5 de **julho**, no Canadá. O Pan-Americano, sediado em Toronto, de 10 a 26 de **julho**, e o Torneio Internacional, realizado em Natal, de 9 a 20 de **dezembro**. Durante esse ano, 16 textos foram publicados, dispostos em cinco categorias. (TABELA 12).

Tabela 12 – Categorização dos textos publicados em 2015

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Competições	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Equipe	-	-	-	-	-	6	1	1	-	-	-	1	8
Instituições	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	3
Múltiplas	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Total	1	-	-	-	-	8	3	2	-	-	1	1	16

Fonte: O autor

A Copa do Mundo estava organizada em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em seis grupos. O Grupo A (Canadá, China, Holanda e Nova Zelândia), o B (Alemanha, Costa do Marfim, Noruega e Tailândia), o C (Camarões, Equador, Japão e Suíça), o D (Austrália, Estados Unidos, Nigéria e Suécia), o E (Brasil, Coreia do Sul, Costa Rica e Espanha), e o F (Colômbia, França, Inglaterra e México). As duas melhores seleções de cada grupo e os quatro melhores terceiros classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

No dia 10, um texto, titulado “Brasil vence e segue sem tomar gol em estreias”, informou que a seleção feminina ganhou da Coreia do Sul por 2 a 0. Vejamos:

A seleção brasileira feminina manteve a tradição de estreiar na Copa do Mundo com vitória sem sofrer gols ao bater a Coreia do Sul por 2 a 0, em Montreal, no Canadá, pelo grupo E, repetindo feito das outras seis edições da competição.

Comandada pelo técnico Vadão, a seleção brasileira abriu o placar com a experiente Formiga, 37, após erro da defesa coreana. Marta fez o segundo de pênalti e assumiu a artilharia em mundiais femininos, com 15 gols.

No sábado (13), o Brasil enfrenta a Espanha. (BRASIL..., 2015, p. B8).

O Brasil manteve a “tradição da equipe” de estreiar vencendo em Copas do Mundo “sem sofrer gols”, e Marta, que fez um dos dois gols, “assumiu a artilharia” histórica apenas da competição feminina, com “15 gols”. Para se tornar a artilheira absoluta, independentemente do gênero, ela precisaria marcar mais dois gols, porque o alemão Klose tinha 16.

Nesse dia, outro texto, titulado “Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo”, informou que Formiga era uma das “referências” da seleção feminina. Cosenzo (2015a, p. B3) escreveu:

Aos 37 anos e a sexta Copa do Mundo no currículo, Miraildes Maciel Motta, a Formiga, é uma das referências da seleção brasileira feminina de futebol, que pega a Espanha neste sábado (13), em Montreal, no Canadá.

Quarta jogadora mais velha da competição [...] a volante foi o destaque da vitória do Brasil sobre a Coreia do Sul, na terça (9), por 2 a 0. Ela marcou o primeiro gol e sofreu o pênalti convertido por Marta na estreia no torneio.

‘Converso com as meninas que até hoje procuro saber de que mundo eu vim pela energia e disposição que tenho aos 37 anos. Sei que sirvo de referência para o grupo e espero que elas sigam o mesmo caminho. Quando você faz algo bom, se torna espelho’, disse Formiga à **Folha**.

A jogadora era uma das “referências” do Brasil, mais pela longevidade do que pela técnica refinada, o que alguns textos estavam reforçando desde os Jogos Olímpicos de 2008. Isso a tornava um ídolo peculiar. Todavia, ela foi o “destaque” do primeiro jogo e então lideraria a equipe contra a Espanha, na rodada seguinte, como foi divulgado.

No dia 14, um texto, titulado “Seleção feminina vai às oitavas do Mundial”, informou que o Brasil venceu a Espanha por 2 a 0, classificando-se para as oitavas de final. Vejamos:

A seleção brasileira de futebol feminino precisou de apenas dois jogos para garantir a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo de futebol feminino, disputada no Canadá.

Com um gol de Andressa Alves, aos 43min do primeiro tempo, o time comandado por Osvaldo Alvarez, o Vadão, derrotou a Espanha neste sábado (13), por 1 a 0, em Montreal.

Com o resultado, a seleção brasileira chegou aos seis pontos no grupo E do Mundial e agora é líder absoluto. A Coreia do Sul também venceu neste sábado e é a segunda colocada, mas com apenas três pontos. Costa Rica e Espanha, os outros dois times do grupo têm apenas um ponto na competição.

Mesmo se sair derrotado do último confronto da chave, contra a Costa Rica, a seleção brasileira não perderá a segunda posição. Na primeira rodada do Mundial, na última terça-feira (9), o Brasil superou a Coreia do Sul por 2 a 0 com gols de Marta e Andressa Alves.

Com gols nas duas partidas, Andressa é a artilheira do Brasil na competição. Mas ainda está longe do ranking geral. A alemã Mittag é a artilheira com 4 gols ao longo da competição.

Na próxima rodada do Mundial, o Brasil encara a Costa Rica. A partida acontece na próxima quarta-feira (17).

RECORDE ADIADO

Apesar da vitória, Marta não apresentou um bom futebol neste sábado. A meia da seleção brasileira foi bem marcada e pouco fez em um jogo muito duro diante das espanholas.

Como passou em branco, Marta adiou um novo recorde em sua carreira. Caso a brasileira faça mais um gol na competição, ela se torna a maior artilheira da história das Copas do Mundo, tanto no futebol masculino quanto no feminino, junto com Miroslav Klose, da Alemanha. (SELEÇÃO..., 2015, p. B3).

O Brasil venceu o jogo, considerado “muito duro”, gol de Andressa Alves, apontada como a “artilheira” da equipe. Na verdade, ela estava dividindo a artilharia com Formiga e Marta, que marcaram os dois gols na Coreia do Sul.

O texto também enfatizou que Marta adiou o “novo recorde” da carreira. A jogadora precisaria marcar mais um gol para ela se tornar a “maior artilheira da história das Copas do Mundo”, mas, nesse caso, empatada com Klose.

No dia 17, um texto, titulado “Marta pode igualar Klose na artilharia das Copas”, informou que Marta poderia empatar com Klose na artilharia das Copas do Mundo. Vejamos:

Com o Brasil já classificado às oitavas de final da Copa do Mundo feminina de futebol, o duelo de despedida da fase de grupos contra a Costa Rica, nesta quarta-feira (17), no Canadá, tem como atrativo a busca de Marta por uma marca histórica. A atacante tem 15 gols na soma dos Mundiais que disputou. Entre as mulheres, é um recorde. Mas, diante da Costa Rica, ela pode igualar e superar os 16 gols do alemão Klose e assumir a ponta da artilharia em todas as Copas, masculina ou feminina. (MARTA..., 2015, p. B9).

A possibilidade de Marta “igualar” e até mesmo “superar” os 16 gols Klose na “artilharia” das Copas do Mundo foi novamente reiterada. Aliás, essa foi apontada como o “atrativo” do confronto com a Costa Rica, pois o Brasil já estava classificado para as oitavas de final.

O Brasil venceu a Costa Rica por 1 a 0, gol da atacante Raquel Fernandes, efetivando a liderança do Grupo E e o confronto com Austrália (2ª do Grupo C), nas oitavas de final. Os outros jogos dessa fase seriam China (2ª do Grupo A) *versus* Camarões (2ª do Grupo C), Estados Unidos (1ª do Grupo D) *versus* Colômbia (1ª entre os terceiros), Alemanha (1ª do Grupo B) *versus* Suécia (4ª entre os terceiros), França (1ª do Grupo F) *versus* Coreia Sul (2ª do Grupo E), Japão (1ª do Grupo C) *versus* Holanda (2ª entre os terceiros), Noruega (2ª do Grupo B) *versus* Inglaterra (2ª do Grupo F) e Canadá (1ª do Grupo A) *versus* Suíça (3ª entre os terceiros).

No dia 21, um texto, titulado “Melhor da 1ª fase, Brasil pega o maior freguês”, informou que o Brasil enfrentaria a Austrália nas oitavas de final. Cosenzo (2015b, p. B2) escreveu:

Dona da melhor campanha da primeira fase, a seleção brasileira de futebol feminino volta a campo neste domingo (21), às 14h, para cumprir a meta que era considerada ideal quando deixou o país: chegar às quartas de final do Mundial do Canadá. O adversário no caminho não poderia ser melhor, pelo menos no histórico dos confrontos. A Austrália é o maior freguês do Brasil em partidas válidas por Copas do Mundo e pelos Jogos Olímpicos.

O time brasileiro venceu os quatro jogos que disputou contra as australianas. Foram duas vitórias em Copas (China-2007 e Alemanha-2011) e outras duas em Olimpíadas (Sydney-2000 e Atenas-2004).

[...]

A Austrália se classificou com uma vitória sobre Nigéria (2 a 0), um empate com a Suécia (1 a 1) e uma derrota para os Estados Unidos (3 a 1). Já o Brasil obteve três triunfos (Coreia do Sul, Espanha e Costa Rica) e somou nove pontos, assim como o Japão, líder do Grupo C e possível adversário das brasileiras nas quartas de final.

O retrospecto dos “confrontos” entre Brasil e Austrália, “o maior freguês” daquela equipe em Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, foi resgatado. Ademais, as brasileiras tinham a melhor campanha da fase grupal, critérios que indiretamente alocavam as brasileiras como as favoritas do jogo, tal como divulgado.

No dia 22, um texto, titulado “Goleira falha, e Brasil está fora da Copa”, informou que o Brasil perdeu da Austrália por 0 a 1, com “falha” da goleira Luciana. Vejamos:

O sonho da seleção brasileira de conquistar a sua primeira Copa do Mundo feminina de futebol da Fifa foi adiado mais uma vez.

Jogando em Moncton, no Canadá, o Brasil foi derrotado neste domingo (21) pela Austrália por 1 a 0 pelas oitavas de final do Mundial e está eliminado da competição. O gol da vitória das ‘Matildas’, como as australianas são conhecidas - referência a uma canção popular do país -, saiu aos 34 min do segundo tempo, quando Simon aproveitou uma falha no rebote da goleira Luciana.

DE FREQUÊS A ALGOZ

A seleção brasileira, liderada por Marta, eleita cinco vezes pela Fifa a melhor jogadora do mundo, chegou ao duelo com amplo favoritismo.

O time australiano era o maior freguês brasileiro em partidas válidas por Copas do Mundo e Jogos Olímpicos. O Brasil vencera os quatro duelos que havia disputado contra as rivais. Foram duas vitórias em Copas (2007 e 2011) e outras duas em Olimpíadas (Sydney-2000 e Atenas-2004)

Além do retrospecto positivo, o time do técnico Oswaldo Alvarez, o Vadão, fez a melhor campanha da primeira fase do Mundial, com três vitórias e sem levar um gol. Porém, quando a bola rolou neste domingo, o que se viu foi muito equilíbrio entre as duas seleções. O primeiro tempo da partida acabou com poucas chances de gol.

Já na segunda etapa, os times procuraram mais a vitória. Aos 17 min, o Brasil teve a sua melhor chance quando a veterana Formiga, 37, acertou a bola na trave com uma cabeçada. Na sequência, foi a Austrália quem levou perigo ao gol do Brasil em chute rasteiro de Van Egmond.

Quando a partida já caminhava para a prorrogação, a Austrália se aproveitou da falha da goleira Luciana para fazer o gol do triunfo.

RECORDE ADIADO

Com a eliminação, Marta, 29, terá que esperar quatro anos para igualar os 16 gols do alemão Klose como maior artilheiro em Copas. (GOLEIRA..., 2015, p. B2).

As duas ênfases precedentes à eliminação da seleção brasileira foram resgatadas. A primeira, o “favoritismo” do Brasil no jogo, marcado pelo “equilíbrio”, e então decidido pela “falha” da goleira Luciane, considerada a culpada pela derrota. A segunda, o adiamento do

recorde de Marta. Ela teria que esperar até a Copa do Mundo de 2019 para “igualar” Klose na artilharia dessa competição.

Nesse dia, em outro texto, titulado “Vexame afastado”, Kfoury (2015, p. B3) opinou, além do futebol masculino adulto, sobre as derrotas das seleções feminina (adulta) e masculina (sub-20). Ele escreveu:

Tanto a seleção brasileira sub-20 jogou para ser campeã mundial, na Nova Zelândia, quanto a feminina mereceu ir adiante na Copa do Mundo, no Canadá. Mas a bola pune e os gols perdidos contra a Sérvia e Austrália, respectivamente, castigaram os meninos e as mulheres.

Verdade que, nas quartas de final, no sub-20, contra Portugal, nossos meninos foram massacrados e só se classificaram nos pênaltis porque, naquele dia, os deuses dos estádios estavam bravos com os lusitanos.

No futebol feminino, se Marta já não é mais a mesma, Formiga, aos 37, está cada vez melhor.

Para o colunista, a seleção feminina “mereceu ir adiante”. Todavia, a equipe foi castigada pelos gols perdidos, justificativa alicerçada em uma das superstições⁸² presentes no subcampo futebolístico, reforçada pelos *habitus* dos jornalistas esportivos, crente que a “bola pune”.

As descrições da eliminação da seleção feminina na Copa do Mundo de 2015 coadunaram com parte de literatura que analisou as coberturas jornalísticas das derrotas da seleção masculina. A prática de justificar derrotas mediante outros fatores internos ao campo de jogo que não sejam os méritos do adversário, ou fatores externos a esse, era uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos que cobriram a seleção masculina de futebol. Essa, chamada de cultura da desculpa, foi consolidada com a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, e o significado cultural dela, a não afirmação do país entre as nações desenvolvidas, conforme Freitas Junior (2012) afirmou.

Ao analisar o noticiário esportivo⁸³ sobre a derrota do Brasil para a França na final Copa do Mundo de 1998, Helal (1998) disse que era curioso como esse resultado não podia ser explicado pelos méritos do adversário. Para ele, a frequente utilização de justificativas transcendentais ao jogo estava também baseada no significado cultural do futebol masculino. País do futebol, tetracampeão Mundial e berço do atleta do século. Como os brasileiros tinham

⁸² Segundo Daolio (2005), a superstição é um elemento simbólico, praticado pelas pessoas em intenções ou atribuições de sorte ou azar em algumas situações. O autor ainda salientou que essas disposições estão alicerçadas em uma visão de mundo crente de que a ordem pode ser explicada por meio de fenômenos sobrenaturais.

⁸³ O autor citou em nota de rodapé que O Globo e o Jornal do Brasil foram analisados. Ver Helal (1998).

orgulhavam disso, eles depositavam na seleção masculina muito mais do que a vontade de vencer uma partida de futebol. Mais especificamente, desejos e temores.

Adiante, os jogos e os resultados das quartas de final foram China (0) *versus* Estados Unidos (1), Alemanha (1 - 5) *versus* França (1 - 4),⁸⁴ Austrália (0) *versus* Japão (1) e Inglaterra (2) *versus* Canadá (1). Já nas semifinais, americanas (2) *versus* (0) alemãs, japonesas (2) *versus* inglesas (1).

Na final, os Estados Unidos venceram o Japão por 5 a 2. E na disputa pelo terceiro lugar, a Inglaterra derrotou a Alemanha por 1 a 0.

Em **julho**, no dia 23, um texto, titulado “Final com os pés”, informou que o Brasil disputaria a “final do futebol feminino”, contra a Colômbia, “após vitória de 4 a 2 sobre o México.” (FINAL..., 2015, p. B8). Essa final era a última fase da eliminatória do Pan-Americano,⁸⁵ que seria vencida pelas brasileiras por 4 a 0.

Em **agosto**, no dia 02, um texto, titulado “Assaltantes devolvem medalha de ouro que jogadora ganhou no Pan”, informou que os “assaltantes que levaram a medalha de ouro da lateral esquerda Tamires”, conquistada no Pan-Americano de Toronto, a devolveram à atleta. A “medalha foi deixada no portão da casa de uma vizinha dela, em Santo André.” (ASSALTANTES..., 2015, p. B2).

Em **dezembro**, no dia 10, um texto, titulado “Marta se torna a maior artilheira da seleção”, informou que Marta se tornou a “maior da artilheira da seleção brasileira”. Vejamos.

A atacante Marta superou nessa quarta (9) o feito de Pelé e se tornou a maior artilheira da história da seleção brasileira. Ela marcou cinco vezes na goleada do Brasil sobre Trinidad e Tobago por 11 a 0, pelo Torneio Internacional de Natal, e chegou a 98 gols com a camisa amarela. Pelé, por sua vez, marcou 95 vezes durante a sua carreira de tricampeão mundial. Além de Marta, Beatriz, três vezes, Debinha, Raquel e Rilany marcaram os gols da vitória do Brasil, que volta a campo no domingo (13), contra o México. (MARTA..., 2015, p. B11).

Para alcançar esse *status*, Marta “superou” o recorde de Pelé, no Torneio Internacional de Natal, uma competição amistosa, realizada entre 9 e 13 de dezembro, em Natal, capital do Rio Grande do Norte. O Brasil foi campeão dessa edição após esse vencer o Canadá na final.⁸⁶

⁸⁴ A Alemanha venceu o jogo nos pênaltis - o segundo placar.

⁸⁵ O Pan-Americano de 2015 foi disputado de 10 de julho a 26 de julho, no Canadá. Já o torneio de futebol feminino desse megaevento foi disputado entre os dias 11 e 25 de julho. Essa competição foi subdividida em dois grupos, o A (Argentina, Colômbia, México e Trinidad e Tobago) e o B (Brasil, Canadá, Costa Rica e Equador). Na fase grupal, o Brasil venceu a Costa Rica (3 a 0), o Equador (7 a 1) e o Canadá (2 a 0). Na semifinal, as brasileiras venceram as mexicanas por 4 a 2. O Brasil foi campeão, depois de vencer a Colômbia por 4 a 0. Já o México derrotou o Canadá por 2 a 1, sendo o terceiro colocado.

⁸⁶ Na fase grupal, o Brasil venceu Trinidad e Tobago (11 a 0), México (6 a 0) e Canadá (2 a 1). Já na final, as brasileiras venceram as canadenses por 3 a 1.

Em 2016, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos, sediados no Rio de Janeiro, de 5 a 21 de **agosto**, e o Torneio Internacional, realizado em Manaus, entre os dias 7 e 18 de dezembro. Durante esse ano, 27 textos foram publicados, dispostos em cinco categorias. (TABELA 13).

Tabela 13 – Categorização dos textos publicados em 2016

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Adversárias	-	-	-	1	-	-	-	4	-	-	-	-	5
Com. Técnica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Competições	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Equipe	-	-	-	-	-	-	2	12	-	-	-	-	14
Instituições	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Múltiplas	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3
Torcedores	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Total	-	-	-	1	-	-	2	22	-	-	2	-	27

Fonte: O autor

Em **julho**, no dia 13, um texto, titulado “Acusada de entregar jogo fica fora da Rio-2016”, informou que a goleira Luciana não foi convocada para os Jogos Olímpicos. Vejamos:

A goleira Luciana Maria Dionízio, 28, acusada de entregar partidas quando atuava pelo Rio Preto, ficou fora da lista das 18 jogadoras convocadas para a Rio-2016.
[...]

Luciana aparece na lista de suplentes (que serão chamadas caso haja necessidade). Ela foi titular na Copa de 2015, no Canadá ‘Se ela está nessa lista é porque temos plena confiança no caráter dela. O fato de estar entre as suplentes é só pelo momento técnico’, disse o técnico Vadão.

A lista tem nomes tradicionais como Marta, cinco vezes a melhor do mundo, e as atacantes Andressa, do Barcelona, e Cristiane, do PSG. (ACUSADA..., 2016, p. B9).

Os dirigentes do Rio Preto suspeitaram das ações dela nos jogos da final do Campeonato Brasileiro de 2016, contra o Flamengo, que foi campeão, e solicitaram que a CBF investigasse o caso. Luciana foi titular na Copa do Mundo de 2015, e estava concentrada com a seleção permanente, mas ficou entre as quatro suplentes da equipe para o torneio olímpico.

No dia 23, um texto, titulado “Brigo por igualdade desde que comecei a jogar bola”, foi uma entrevista com Marta. Ela respondeu a nove indagações para Cosenzo (2016, p. B15), que abordaram a carreira, os Jogos Olímpicos, a seleção brasileira, as adversárias, o futebol feminino e a CBF, das quais uma foi escolhida como representativa. Vejamos:

As norte-americanas reivindicaram prêmios e salários iguais aos dos homens. Acha possível levantar essa bandeira?

Sou a favor da igualdade. Não apenas no sentido do esporte, mas no sentido da vida. Levanto essa bandeira desde que me entendo por gente, desde que comecei a praticar esse esporte que considero tão discriminatório, tão preconceituoso. Venho brigando por isso desde que falei que queria jogar bola. Na minha infância, eu brigava para jogar bola. Brigava com a família, com os primos.

Cinco jogadoras⁸⁷ representantes da seleção americana tinham acionado a *Equal Employment Opportunity Commission* (EEOC),⁸⁸ contra a *US Soccer*, nesse ano. Elas, superiores em desempenho e títulos significantes, estavam reivindicando equiparação de remuneração com os futebolistas.⁸⁹ Assim, a indagação foi sobre a possibilidade de ela agir de modo semelhante. Marta respondeu que ela lutava por igualdade desde a infância.

As brasileiras sobrepujaram problemas sociais para jogar futebol e, já atletas selecionadas, também fizeram reivindicações por meio da imprensa, como essa seção esportiva já visibilizou outrora. Apesar disso, Ferretti et al. (2011) as criticaram, dizendo que lhes faltava organização política, objetivando lutas coletivas contra desigualdades de gênero. Organização política e lutas coletivas que as americanas já tinham efetivado, além das contribuições individuais das trajetórias de vida delas.

Em **agosto**, no dia 03, um texto, titulado “Sem concorrência de outros esportes, futebol abre Rio-2016”, informou que a seleção feminina estrearia no torneio olímpico como “centro das atenções”. Rizzo (2016a, p. B1) escreveu:

Nem Bolt, Phelps, Djokovic, Nadal ou Neymar.
O mundo hoje estará de olho em Marta, Cristiane, Formiga e Barbara, jogadoras da seleção de futebol do Brasil que estreia na Rio-2016 contra a China, às 16h, no Engenhão. Antes, 13h, Suécia e África do Sul abrem o torneio.
Por causa do calendário, o futebol começa dois dias antes da cerimônia de abertura. Desde Sydney-2000, essa antecipação ocorre sempre com as mulheres - o masculino começa nesta quinta (4).
Sem a concorrência das estrelas das quadras, piscinas e pistas, o futebol feminino acaba sendo o centro das atenções por um dia.
As brasileiras e o técnico Oswaldo Alvarez, o Vadão, 59, admitem que, a partir de sábado (6), só serão lembradas com maior destaque se conseguirem avançar até a semifinal da competição, o que não aconteceu em Londres-12, quando elas caíram nas quartas de final.
‘Sabemos da grande responsabilidade que temos porque ninguém estará competindo nesse dia. Fomos premiados em estar sozinhos e vai ser um momento de muita divulgação’, disse Vadão.

As brasileiras seriam o centro das atenções “por um dia” porque elas estreariam antes das outras modalidades e atletas, que tinham preferência no gosto das pessoas. Essa situação

⁸⁷ Carli Lloyd, Becky Sauerbrunn, Alex Morgan, Megan Rapinoe e Hope Solo representaram a equipe.

⁸⁸ A EEOC é uma agência federal que administra e aplica leis de direitos civis contra a discriminação no local de trabalho.

⁸⁹ Sobre isso, ver Lajolo (2016).

seria uma oportunidade para mostrar trabalho e conquistar apoio, já que os bons resultados dariam mais “destaque” à equipe, tal como as jogadoras e o Vadão acreditavam. As chinesas seriam as primeiras adversárias do Grupo E nesse dia, conforme o repórter divulgou.

O torneio de futebol feminino estava organizado em processo de combinações, ou seja, em duas fases com leis diferentes. A primeira em processo de rodízio em séries, subdividida em três grupos. O Grupo E (África do Sul, Brasil, China e Suécia), o F (Alemanha, Austrália, Canadá e Zimbábue) e o G (Colômbia, Estados Unidos, França e Nova Zelândia). As duas melhores equipes de cada grupo e os dois melhores terceiros classificar-se-iam para a fase seguinte, que seria disputada em processo eliminatório simples. Os vencedores avançariam e continuariam jogando entre si até a final.

Nesse dia, outro texto, titulado “Aos 38, Formiga iguala recorde de participações”, informou que Formiga seria recordista de participações olímpicas junto com outros atletas. Rizzo (2016b, p. B2) escreveu:

A baiana Miraildes Maciel Mota era tão chata jogando futebol que recebeu das adversárias o apelido de Formiga, já que não desgrudava um segundo da adversária que precisava marcar.

A chatice levou à posição perfeita para uma ‘formiguinha’ em campo, a de volante, na qual a jogadora é responsável pela proteção da defesa. Isso aconteceu quando Miraildes tinha 12 anos.

Vinte e seis anos depois, quando entrar em campo com a seleção nesta quarta (3), para enfrentar a China, Formiga, 38, estará iniciando a participação em sua sexta Olimpíada. Ela se tornará, assim, a atleta brasileira com o maior número de presenças no evento, deixando para trás a ex-jogadora de vôlei Fofão, que esteve em cinco Jogos. Mais do que isso, a volante se igualará ao espanhol Manuel Estiarte, do polo aquático, e à russa Evgeniya Artamonova, do vôlei, como a atleta de esportes coletivos com mais participações em Olimpíadas.

E as marcas históricas alcançadas por Formiga não param aí. Com seis edições de Jogos Olímpicos no currículo, Formiga empatará com o iatista Torben Grael, o mesatenista Hugo Hoyama e o cavaleiro Rodrigo Pessoa como os brasileiros que mais vezes estiveram no evento.

Os recordes de longevidade de Formiga, atrelando a história dela à do futebol feminino, então retroalimentando a idolatria específica dela, começaram a ser enfatizados nos Jogos Olímpicos de 2008. Nesse caso, ela estava transcendendo a modalidade, marcando a história do esporte olímpico e da competição, igualando os atletas nacionais e internacionais que mais vezes a disputaram.

No dia 04, um texto, titulado “Com festa, Brasil bate a China na estreia”, informou que a “seleção feminina” venceu a China por 3 a 0, com festa da torcida. Rizzo (2016c, p. B4) escreveu:

O primeiro contato entre atletas e público brasileiros em um evento da Rio-2016 teve aplausos, gritos de olé e a tradicional canção ‘sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor’, que promete virar hit dos Jogos.

A seleção feminina de futebol venceu a China por 3 a 0, nesta quarta-feira (3), no Engenhão, e assumiu a liderança do Grupo E - mais cedo, no mesmo estádio, a Suécia derrotou a equipe da África do Sul por 1 a 0.

O futebol tem início antes das demais modalidades, e até mesmo da festa de abertura da Olimpíada [...]

Por isso, o esporte mais popular do país foi aquele que começou a dar o termômetro de como será a receptividade do torcedor brasileiro à competição. E ela foi positiva.

‘Teve momentos em que a China parecia que iria engrenar no jogo, mas a torcida ia lá, gritava, e nos colocava para frente. O apoio dos torcedores foi sensacional, eles nos abraçaram mesmo’, comentou a meia Marta, cinco vezes eleita pela Fifa a melhor do mundo e principal jogadora da equipe.

CONTROLE TOTAL

O domínio brasileiro na partida, e uma surpreendente fragilidade da China, que está apenas quatro posições abaixo do Brasil no ranking da Fifa (oitava ante 12^a), ajudou a torcida a ‘gostar do jogo’ - foram mais de 27 mil presentes.

O primeiro gol demorou a sair, somente aos 36 minutos da primeira etapa, mas o Brasil criou ao menos quatro boas chances antes disso.

[...]

Depois do gol de Mônica, de cabeça, a partida virou festa. Teve ola, quando os torcedores se levantam com os braços para cima para dar a impressão de criar uma onda no estádio, o grito ‘sou brasileiro’ e aplausos.

[...]

Contra a China, o treinador [Vadão] mostrou ter estrela. Ele colocou Andressinha na vaga de Thaisa e, no primeiro toque na bola da volante, já no segundo tempo, ela lançou Marta, que cruzou para Andressa Alves ampliar a vantagem.

CRAQUE POUPADA

A partida estava a caráter para o Brasil, que jogava com absoluta tranquilidade. Tanta que, aos 35 minutos, Vadão até se permitiu o luxo de poupar Marta.

O treinador tirou sua estrela do gramado e colocou em seu lugar Debinha. Marta, como era esperado, foi muito aplaudida pelos torcedores e entregou a faixa de capitã para Formiga.

[...] ela se tornou a atleta brasileira com mais edições de Jogos Olímpicos no currículo, deixando para trás a ex-jogadora Fofão.

[...]

No minuto final, Cristiane também fez história. De cabeça, ela marcou o seu 13º gol em Olimpíadas - ela é a maior artilheira da história da competição.

O Brasil teve o “domínio” do jogo, o vencendo por méritos, o que influenciou na festa da torcida, que abraçou as futebolistas, inclusive com práticas nacionalistas, cantando “‘eu sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor’”. Devido a essas condições, Vadão se permitiu poupar a “estrela” da seleção, Marta. Ademais, os recordes de Formiga, informados no dia precedente, e Cristiane, que se tornou a maior “artilheira da história da competição”, foram destacados.

No dia 06, um texto, titulado “Futebol feminino pega a Suécia por 1º lugar da chave”, informou que o Brasil enfrentaria a Suécia nesse dia pela liderança do Grupo E. Vejamos:

‘Marta é Marta, Neymar é Neymar’. Essa frase é repetida pela meia brasileira sempre que alguém a compara a Neymar, principalmente quando o tema é a dependência que as duas equipes têm dos seus dois grandes astros.

‘Mas se a seleção dos homens é Neymar e mais dez’, a das mulheres diminuiu, desde Londres-2012, a dependência de Marta.

Neste sábado (6), essa teoria vai a prova quando o Brasil enfrentar a Suécia, pelo Grupo E, às 22h, no Engenhão. Quem vencer praticamente garante o primeiro lugar na chave, já que brasileiras (3 a 0 na China) e suecas (1 a 0 na África do Sul) venceram. Marta teve atuação discreta contra as chinesas. Participou do segundo gol, mas viu o protagonismo das companheiras Mônica, Beatriz e Andressinha. (FUTEBOL..., 2016, p. B9).

A atuação “discreta” de Marta na estreia do Brasil foi utilizada para questionar a “dependência” que a seleção feminina tinha dela, diminuída desde os Jogos Olímpicos de 2012. O jogo seguinte, contra a Suécia, colocaria essa teoria em “prova”. Tal confronto valeria a liderança do Grupo E, porque brasileiras e suecas venceram na primeira rodada.

No dia 07, um texto, titulado “Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil”, informou que a torcida consagrou Marta como a melhor jogadora do Brasil, na vitória da seleção feminina sobre a Suécia por 5 a 1. Rizzo (2016d, p. B9) escreveu:

Marta detesta ser comparada a Neymar. Mas os torcedores que estiveram no Engenhão na noite deste sábado (6) já decidiram: ela é melhor.

Na goleada da seleção brasileira feminina sobre a Suécia por 5 a 1, Marta foi a regente de um time envolvente, que não deu chance à equipe europeia, sexta colocada no ranking da Fifa (o Brasil é o oitavo).

E, das arquibancadas, a camisa dez da seleção feminina ouviu que joga mais do que o camisa dez da seleção masculina: ‘Ah, Marta é melhor do que Neymar! Marta é melhor do que Neymar’, gritavam os torcedores.

O resultado classificou o Brasil para as quartas de final, mas ainda não como primeiro colocado. A posição, porém, deve ser confirmada na terça-feira (9), em Manaus, quando o time de Oswaldo Alvarez, o Vadão, enfrentará a fraca África do Sul.

BAILE DE SÁBADO

Marta, com ótimos dribles e domínio da bola no meio de campo, e Cristiane, fisicamente dominando as suecas, fizeram a diferença no primeiro tempo.

O primeiro gol foi de Beatriz, aproveitando falha de Berglund, que deveria ter chutado a bola para longe e não fez isso.

O segundo foi bonito: Formiga lançou Tamires na esquerda, ela encontrou Marta dentro da área e a meia cruzou para Cristiane, de letra, marcar. Foi o 14º gol em Olimpíadas da maior artilheira da história da competição - a alemã Prinz, já aposentada, marcou dez.

Cristiane ainda sofreu pênalti, duvidoso, que deu a Marta a chance de fazer seu primeiro gol na Rio-2016 - a dez ainda fez mais um, na etapa final. Foi um golaço ‘tabelando’ com a adversária.

Beatriz marcou o quinto gol brasileiro no finalzinho, e o público foi ao delírio com gritos de ‘olé’, mesmo quando Schelin diminuiu a enorme desvantagem das suecas no placar.

Marta foi bem-sucedida na provação dela, sendo a “regente de um time envolvente, que não deu chance” às suecas, superiores no “*ranking* da Fifa”, as goleando por méritos. Como

feito, ela foi eleita pela torcida a melhor futebolista do Brasil, “melhor” do que Neymar, que atuou mal na primeira rodada, tal como a seleção masculina. Cristiane, a “maior artilheira da história” do torneio, também atuou de maneira destacada. Já a seleção feminina assumiu a liderança do grupo, classificando para a eliminatória com uma rodada de antecedência.

No dia 09, um texto, titulado “Xodó da torcida, jogadoras ganham teto de R\$13,5 mil por mês no Brasil”, informou que as jogadoras que estavam na seleção permanente ganhavam até “R\$13,5 mil por mês”. Seto (2016a, p. B9) escreveu:

Um dos xodós da torcida brasileira, a seleção feminina de futebol entra em campo nesta terça (9), às 22h, na Arena da Amazônia, em Manaus, contra a África do Sul, classificada à próxima fase.

Mesmo assim, a seleção deve receber amplo apoio dos torcedores, que têm louvado as mulheres após duas boas vitórias (3 a 0 sobre a China e 5 a 1 na Suécia) até como compensação à frustração com o time masculino, que empatou em 0 a 0 suas duas primeiras partidas - é comum a torcida gritar que ‘Marta é melhor do que Neymar’.

Parte do sucesso do time se deve ao projeto da seleção permanente colocado em prática em janeiro de 2015 pelo técnico Oswaldo Alvarez, o Vadão, e o coordenador Fabrício Maia. Pagando salários às jogadoras, oferecendo as instalações da Granja Comary e recebendo em troca a dedicação diária das atletas, o projeto fez com que o treinador tivesse a oportunidade de entrosar a equipe e deu a elas uma segurança financeira que não teriam em qualquer clube do país.

[...]

Quase todas as jogadoras passaram pelo grupo permanente, mas atualmente só cinco delas continuam no grupo: as goleiras Bárbara e Aline, a zagueira Bruna e as meias Formiga e Thaisa.

A CBF paga um salário entre R\$ 4.000 e R\$ 6.000 brutos, ou seja, sem desconto de impostos. Além disso, paga diárias de R\$250 por dia a serviço da seleção, além de remunerar por uma das folgas do final de semana. Com isso, os salários pagos variam entre R\$ 10.750 e R\$ 13.550.

A previsão das futebolistas e de Vadão de que os bons resultados prolongariam a atenção da primeira rodada estava sendo confirmada, condição amplificada pela “frustração com o time masculino”. A equipe feminina, que enfrentaria a África do Sul nesse dia, se tornou o “xodó” da torcida. Parte desse sucesso estava relacionado à “seleção permanente”, que proporcionou melhor estrutura às jogadoras, com salários de até R\$ 13.550, o repórter afirmou, outrora criticada nessa seção esportiva do jornal.

No dia 10, um texto, titulado “Seleção fica em 1º e pegará a Austrália nas quartas de final”, informou que o Brasil empatou com a África do Sul em 0 a 0 e, primeira do Grupo G, enfrentaria a Austrália na eliminatória. Rodrigues e Pontes (2016, p. B4) escreveram:

A seleção feminina de futebol fez o suficiente para garantir a primeira colocação no Grupo E, nesta terça-feira (9). Diante da África do Sul, o Brasil empatou em 0 a 0, em Manaus, e agora terá uma revanche nas quartas de final.

Com a vitória da Austrália sobre o Zimbábue, por 6 a 1, a equipe da Oceania garantiu um lugar na próxima fase como o melhor terceiro lugar, e os Jogos Olímpicos terão

uma reedição das oitavas de final da Copa do Mundo feminina de 2015 na próxima sexta-feira (12), às 13h, em Brasília [...]

Naquela ocasião, as brasileiras foram derrotadas por 1 a 0 e deram adeus à competição precocemente após uma fase de grupos impecável, com três vitórias em três jogos e nenhum gol sofrido.

A campanha do Brasil até agora também é boa na Olimpíada, mas poderia ser melhor se o técnico Oswaldo Alvarez, o Vadão, não poupasse as principais jogadoras no jogo desta terça.

Sem Marta, Formiga e Cristiane, que iniciaram do banco de reservas, as brasileiras tiveram dificuldades na articulação das jogadas no primeiro tempo e tentaram muitos chutes de fora da área, o que facilitou o jogo para as sul-africanas.

Com a possibilidade de fazer a melhor campanha do Brasil na história dos Jogos, o treinador promoveu a entrada de Marta, que levou as arquibancadas ao êxtase a cada toque na bola.

O jogo melhorou, mas a goleira Marker impediu a terceira vitória seguida da seleção. Foram inúmeros chutes a gol, mas a bola insistiu em não entrar. Nada que fizesse com os torcedores que compareceram na Arena da Amazônia desanimassem.

As brasileiras tiveram desempenho oscilante durante o jogo, o empantando, culpa de Vadão, que poupou as “principais jogadoras” da equipe – Cristiane, Formiga e Marta. O que não diminuiu o apoio da torcida, sendo o “suficiente” para elas efetivarem a liderança do Grupo E, o que proporcionou ao Brasil uma “revanche” com a Austrália (1ª entre os terceiros colocados). Essa prática é uma manifestação ocasional dos *habitus* dos jornalistas esportivos, sobretudo dos que cobrem futebol, quando uma equipe enfrenta o seu algoz do passado.

Os outros confrontos das quartas de final seriam Estados Unidos (1º do Grupo G) *versus* Suécia (2ª entre os terceiros), Canadá (1º do Grupo F) *versus* França (2ª do Grupo G). Por fim, China (2ª do Grupo E) *versus* Alemanha (2ª do Grupo F).

No dia 12, um texto, titulado “Sem Cristiane, Brasil enfrenta a Austrália, algoz na Copa de 2015”, informou que o Brasil enfrentaria a Austrália, sem Cristiane. Vejamos:

Nesta sexta-feira (12), a seleção brasileira enfrenta a Austrália pelas quartas de final do torneio feminino, às 22 (Globo, Record, Fox Sports e SporTV), no Mineirão.

A equipe tem o desfalque da atacante Cristiane, que sofreu lesão na coxa direita na vitória por 5 a 1 sobre a Suécia. Ainda não há previsão de seu retorno.

Em 2015, a Austrália foi responsável por um dos maiores revezes recentes da seleção, eliminando-a nas oitavas da Copa do Mundo do Canadá. (SEM CRISTIANE..., 2016, p. B4).

O Brasil enfrentaria a Austrália, sem Cristiane lesionada, nesse dia. Esta foi “responsável por um dos maiores revezes recentes” daquela equipe, conforme completou o texto à divulgação do jogo.

No dia 13, um texto, titulado “Em decisão dramática, nos pênaltis, Brasil vai à semi”, informou que a “seleção feminina” venceu a Austrália, nos pênaltis (7 a 6). Marques (2016, p. B7) escreveu:

Aos gritos de ‘eu acredito’ da torcida do Mineirão, a seleção feminina de futebol do Brasil ganhou da Austrália nos pênaltis e avançou para a semifinal da Olimpíada. Na terça (16), a equipe brasileira enfrentará a Suécia, no Maracanã, na terça (16).

O gol que sacramentou a vitória foi da lateral esquerda Tamires, que fez o Brasil ficar em 7 a 6 contra as australianas. Depois dela, um pênalti de Kennedy foi defendido pela goleira Bárbara.

O único pênalti brasileiro que não entrou no gol foi da camisa 10 Marta, defendido pela goleira Williams.

A vitória teve gosto de revanche porque o time brasileiro havia sido eliminado da Copa do Mundo pelas australianas, por 1 a 0 no ano passado, nas oitavas de final.

[...]

Apesar de ter maior domínio de jogo e chutando quase três vezes mais ao gol, o time do Brasil não conseguiu marcar no tempo regulamentar e prorrogação e ficou empatado em 0 a 0.

No primeiro tempo, as duas melhores chances de gol da seleção brasileira foram da atacante Debinha.

[...]

O Brasil continuou no segundo tempo com boas chances de chutes a gol, mas não conseguiu acertar a rede.

O Brasil teve o “maior domínio do jogo”, mas a equipe não conseguiu marcar gols, resultando em 0 a 0. A vitória, então, com “gosto de revanche” pelo revés em 2015 e dramática pelas circunstâncias, incluindo o pênalti perdido por Marta, o quinto da série inicial, foi efetivada nesse tipo de desempate.

Os resultados dos outros jogos foram Estado Unidos (1 - 3) *versus* Suécia (1 - 4), Canadá (1) *versus* França (0), e Alemanha (1) *versus* China (0).

No dia 14, um texto, titulado “Defesa até na pele”, informou que além de “salvar a pele de Marta, ao defender um pênalti na disputa contra a Suécia depois da craque brasileira perder sua cobrança, a goleira Bárbara, 28, estampa no seu corpo a paixão de evitar gols”. Uma das pernas dela está tatuada com uma defesa. (DEFESA..., 2016, P. B2).

Se a goleira não tivesse defendido o pênalti de Katrina-Lee, o quinto da série inicial da Austrália, após o erro de Marta, o Brasil seria eliminado e não enfrentaria a Suécia na semifinal. O outro jogo eliminatório seria Alemanha *versus* Canadá.

No dia 16, um texto, titulado “Cristiane é dúvida para jogo contra a Suécia”, informou que a jogadora seria aguardada por Vadão até o último instante para a semifinal. “A principal atacante da seleção lesionou a coxa direita no segundo jogo do torneio, contra a própria Suécia. Na ocasião, o time brasileiro venceu por 5 a 1.” (CRISTIANE..., 2016, p. B5). Apesar desse resultado, o texto não atribuiu o *status* de favorito ao Brasil no reencontro.

No dia 17, um texto, titulado “Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa bronze”, informou que a “seleção feminina” perdeu para a Suécia, nos pênaltis (7 a 6). Mariante (2016, p. B4) escreveu:

De quatro em quatro anos o Brasil lembra que tem uma seleção feminina de futebol. E de quatro em quatro anos o país lembra que a seleção precisa de apoio para vencer. Entre a euforia da véspera e a decepção do resultado, a seleção de Marta repetiu o roteiro nesta terça (16), no Maracanã, para mais de 70 mil pessoas.

Sob sol muito forte, o Brasil caiu para uma retrancada Suécia nos pênaltis. Gastou 120 minutos, como já havia feito na partida anterior contra a Austrália, sem conseguir fazer um único gol - seca que, na verdade, vem desde a fase de grupos, quando também empatou sem gols com a África do Sul após, ironicamente, fazer 5 a 1 na mesma Suécia.

As cobranças de Cristiane e Andressinha foram defendidas. E a reação das duas à derrota ilustra bem o momento difícil, mas desta vez ainda mais complexo, pelo qual passa a seleção.

[...]

Se o país do futebol está em baixa no masculino, tem um problema mais complicado para resolver no feminino.

‘Algumas atletas estão encerrando seu ciclo. Nossa reposição é lenta, se não nos mexermos vamos ter uma lacuna de 5, 10 anos sem a reposição adequada para continuar’, afirmou o técnico Vadão, que prefere isentar seu empregador, a CBF, de maior responsabilidade. ‘A confederação dá todo apoio, mas está no fim da linha. A coisa tem que começar é da base.’

[...]

Alemanha e Suécia, que têm campeonatos regulares e confederações que promovem categorias femininas de base, fazem a final, também na sexta, às 17h30, no Maracanã.

O Brasil não superou a retrans⁹⁰ da Suécia, ficando mais de 120 minutos sem fazer gols. No desempate, dois pênaltis foram perdidos. Apesar disso, o repórter disse que a seleção feminina é esquecida no país e que precisa de apoio para vencer. Mas havia outro “problema mais complicado para resolver”, a renovação das jogadoras, de acordo com jornalista, criticando a CBF, eximida por Vadão, e amenizando as falhas performáticas da derrota. Aliás esses enfoques eram manifestações ocasionais dos *habitus* dos jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo, conforme foi observado em coberturas precedentes.

O outro resultado das semifinais foi Alemanha (2) *versus* (0) Canadá. Portanto, a final seria Alemanha *versus* Suécia. Já o bronze seria disputado por Brasil e Canadá.

No dia 19, um texto, titulado “Ao fim da Rio-2016, renovar time feminino é motivo de preocupação”, informou que a renovação das atletas seria um dos problemas da seleção feminina depois do torneio olímpico. Seto (2016b, p. B6) escreveu:

O tema da falta de apoio às atletas profissionais do futebol volta à baila momentos antes do confronto do Brasil com as canadenses nesta sexta-feira (19) - com transmissão da Band, Globo, Fox Sports 2, ESPN e SporTV 3. A partida, no Itaquerao, vale a medalha de bronze.

⁹⁰ No subcampo futebolístico, retrans significa práticas defensivas, com o objetivo exclusivo de impedir que o adversário faça gols, conforme Queiroz (2015). A equipe que a pratica, em geral, assume que é inferior ao oponente, jogando por uma bola ou pelo desempate. Esse talvez seja o motivo de o êxito do vencedor não ser enfatizado, no futebol, nessa situação, mas sim as falhas do perdedor.

O técnico Vadão afirma ter dificuldades para renovar o grupo. ‘Ficou provado que, se o futebol feminino tiver apoio, como foi o da CBF na seleção permanente, a mulher é capaz de mostrar a evolução que a gente gostaria. A reposição é lenta, porque há poucas atletas.’

Em 2020, quando acontecerá a Olimpíada de Tóquio, Marta terá 34 anos, ao passo que Cristiane terá 35 e Formiga, 42. Até o momento, nenhuma jogadora foi tão importante para o Brasil quanto as três, embora existam apostas de nomes para cumprir o papel delas.

O coordenador da seleção feminina, Marco Aurélio Cunha, afirma ver potencial na zagueira Rafaele, 25, e na meia Andressinha, 21.

O resgate desse tema denotou que a medalha de bronze, que seria disputada com as canadenses nesse dia, não era significativa. Vadão e o texto precedente focaram o futuro, os Jogos Olímpicos de 2020, que seriam sediados por Tóquio. Neste sentido, Marco Aurélio Cunha parecia discordar da necessidade de renovação imediata, apostando nas jovens Rafaele e Andressinha.

No dia 20, um texto, titulado “Nova geração da seleção feminina comprova que merece confiança”, informou que o Brasil perdeu do Canadá por 2 a 1, mas a geração da equipe merecia confiança. Seto (2016c, p. D6) escreveu:

A nova geração que levou o país à quarta colocação do torneio de futebol feminino da Rio-2016 nesta sexta-feira (19), com a derrota por 2 a 1 para o Canadá, é composta por jovens jogadoras que demonstraram merecer a confiança nelas depositada.

A zagueira Rafaele, 25, a meia Debinha, 24, e as atacantes Bia (autora do gol brasileiro nesta sexta), 22, e Andressa Alves, 23, tiveram boas atuações ao longo do campeonato e terão presença constante nas próximas convocações.

O medo da falta de renovação com o envelhecimento de Marta, 30, Cristiane, 31, e Formiga, 38, pode ser amenizado por essas promessas.

Outro problema agora é a dificuldade para encontrar um padrão tático, que ficou evidente contra o Canadá. Após boas vitórias sobre China e Suécia nas duas primeiras rodadas, o time foi improdutivo no resto do torneio.

No Itaquerão, o técnico John Herdman montou um esquema de jogo inteligente, em que dobrava a marcação em Marta e Cristiane e partia em contra-ataques velozes – assim foram construídos os gols da vitória, um aos 25 minutos do primeiro tempo, feito por Rose, e outro aos 7 do segundo tempo, por Sinclair.

Distantes umas das outras, as brasileiras erraram dezenas de vezes ao insistir em passes para atletas marcadas ou fora de alcance.

[...]

A dificuldade tática da equipe não se deve só ao técnico Vadão. Jogando em países de pouca tradição, como China e Coreia do Sul, algumas atletas são obrigadas a treinar em condições abaixo das ideais e se apresentam à seleção fora de forma.

Apesar de criticar o padrão tático do Brasil na competição, os méritos canadenses pela vitória não foram desconsiderados. Por outro lado, o repórter também rompeu com a linha de Mariante (2016), dizendo que as jovens brasileiras mereciam “confiança”. Isso denota que o próprio Vadão se precipitou sobre a renovação da equipe, o que significa que a estrutura do futebol feminino clubístico não precisasse melhorar.

Com os 27 textos publicados nesse ano, constatou-se que 635 (100%) textos sobre o futebol feminino de seleções nacionais foram publicados, de 1991 a 2016. (TABELA 14).

Tabela 14 – Textos publicados e as suas percentagens no caderno Esporte da Folha de S.Paulo sobre futebol feminino (1991 – 2016)

Anos	Número de textos publicados	Percentagens
1991	19	2,99%
1992	1	0,16%
1993	2	0,31%
1994	2	0,31%
1995	45	7,09%
1996	42	6,61%
1997	2	0,31%
1998	5	0,79%
1999	36	5,67%
2000	53	8,35%
2001	6	0,94%
2002	5	0,79%
2003	78	12,28%
2004	84	13,23%
2005	4	0,63%
2006	5	0,79%
2007	61	9,61%
2008	39	6,14%
2009	5	0,79%
2010	11	1,73%
2011	49	7,72%
2012	27	4,25%
2013	7	1,10%
2014	4	0,63%
2015	16	2,52%
2016	27	4,25%
Total	635	100%

Fonte: O autor

A tabela demonstra que visibilidade desse esporte foi preponderante nos anos das competições mais significantes do subcampo futebolístico feminino, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Um efeito de agenda, sobretudo dos meios de comunicação impressos de informação geral, classificação da Folha de S.Paulo, que proporciona mais tratamento aos

esportes alheios ao futebol masculino nos anos das realizações desses megaeventos, conforme Rojas Torrijos (2012).

Dos 26 anos de coberturas esportivas desse jornal delimitados, em 13 (1991, 1995, 1996, 1999, 2000, 2003, 2004, 2007, 2008, 2011, 2012, 2015 e 2016) essas competições foram realizadas. Dos 635 textos coletados, 576 (90,71%) foram publicados nesses anos. Já nos outros 13 anos (1992, 1993, 1994, 1997, 1998, 2001, 2002, 2005, 2006, 2009, 2010, 2013, 2014), foram 59 (9,29%) publicações.

Ao considerar os anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, os subdividindo em três décadas, foi constatado que a década de 1990 (1991, 1995, 1996 e 1999) foi a segunda na qual o futebol feminino teve maior visibilidade. Nesse período, 142 (24,65%) textos foram publicados. A seleção brasileira se legitimou como a melhor equipe da América do Sul, sendo campeã de todos os Sul-Americanos, mas no subcampo futebolístico feminino mundial, a sua ascensão foi somente iniciada na segunda metade desse período histórico, sobretudo pela terceira posição na Copa do Mundo de 1999. Sissi também legitimou o *status* de estrela, ídolo nacional, sendo uma das artilheiras dessa competição.

Na primeira década dos anos 2000 (2000, 2003, 2004, 2007 e 2008), a seleção feminina ratificou a sua ascensão ao conquistar o *status* de uma das principais equipes do mundo, obtendo melhores resultados nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo, estando no *top* cinco em todas as edições dessas competições nesse período. Os mais significativos foram as duas medalhas de prata conquistadas nos torneios olímpicos de 2004 e 2008, e o vice-campeã no Mundial de 2007. Aqui, vale acrescentar o título do Pan-Americano de 2007, sediado pelo Rio de Janeiro.

Marta se legitimou como estrela, ídolo nacional, sucedendo a Sissi no ciclo de idolatria, tendo desempenhos destacados na seleção brasileira, e mundial, sendo eleita quatro vezes (2006, 2007, 2008, 2009) a melhor jogadora do mundo pela FIFA. O Brasil ainda teve outros destaques, mais especificamente Cristiane e Daniela Alves, reverberando o fenômeno chamado de idolatria complementar⁹¹ com aquela jogadora, e Formiga, ídolo pela longevidade. Além disso, o polêmico caso Milene Domingues também gerou holofotes.

A visibilidade do futebol feminino aumentou de 142 textos para 315 (54,69%) na primeira década dos anos 2000, o que demonstrou a correlação entre as variáveis publicações, pódios, ídolos e polêmicas, desse esporte. Sobre essas, Lourenço et al. (2019) e Martins e Moraes (2007) constataram que as vitórias das seleções femininas de futebol em Copas do Mundo e Jogos Olímpicos aumentaram as suas visibilidades em jornais impressos.

⁹¹ Sobre idolatria complementar, ver Helal e Amaro (2011).

Santos et al. (2019) disseram que as medalhas olímpicas, os recordes, outras realizações performáticas,⁹² políticas de aproximação das instituições com os meios de comunicação, organização de megaeventos,⁹³ e capital simbólico⁹⁴ podem gerar esse efeito. Rojas Torrijos (2012) salientou a influência dos autênticos ídolos nacionais.

Já Salvini e Marchi Júnior (2013b) ratificaram o interesse da mídia esportiva nacional por polêmicas. Os autores observaram que o caso Milene Domingues também gerou visibilidade para o futebol feminino na revista Placar.

As estrelas, os heróis, os ídolos e os recordes, sem os pódios, não foram suficientes para manter a visibilidade do futebol feminino, a qual decresceu de 315 textos para 119 (20,66%) na segunda década dos anos 2000. Nesse período, a seleção de Marta e Cristiane foi quinta no Mundial de 2011, ficando entre a nona e a décima sexta posições em 2015. Já nos torneios olímpicos, a equipe ficou na sexta e na quarta colocações, em 2012 e 2016, respectivamente. Marta foi ainda eleita a melhor jogadora do mundo pela FIFA em 2010, posto que ela somente recuperou em 2018.

Já em geral, os 635 textos publicados no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, entre 1991 e 2016, reverberaram a baixa visibilidade jornalística atribuída ao futebol feminino por Almeida (2010), Gabriel e Freitas Junior (2016), Ferretti et al. (2011), Lourenço et al. (2019), Martins e Moraes (2007) e Pereira (2018)?

Para responder esta indagação, outra precisa ser respondida. Qual é a definição de visibilidade jornalística aplicada aos veículos de comunicação impressos? Por um lado, estudiosos das coberturas dos esportes femininos e masculinos, como Bichop (2003), Lumpkin (2009), Souza e Knijnik (2003; 2007) e Knijnik e Souza (2011), e do futebol feminino, como Freitas Junior e Gabriel (2018), Ferretti et al. (2011), Lourenço et al. (2019), Martins e Moraes (2007) e Pereira (2018), não a definiram claramente. Todavia, por meio dos tratamentos dos dados feitos pelos autores, esses a entenderam *a priori* e então a aplicaram⁹⁵ como a aparição⁹⁶ dos produtos⁹⁷ nas páginas desses veículos,⁹⁸ desconsiderando as suas hierarquizações.

⁹² No futebol, a artilharia é um exemplo.

⁹³ Para o futebol feminino, o Brasil precisaria organizar uma Copa do Mundo porque a disputa por espaço na agenda é mais acirrada nos ciclos olímpicos e pan-americanos.

⁹⁴ Os autores utilizaram esse conceito bourdieusiano para designar a significância cultural do esporte.

⁹⁵ A aplicação foi feita pela frequência simples, conforme Bardin (2011) definiu.

⁹⁶ Lourenço et al. (2019) usaram esse termo para definir o que foi publicado no jornal Gazeta do Povo sobre a seleção brasileira nas Copas de Mundo de 2007 e 2015.

⁹⁷ Pontes e Silva (2012) utilizaram esse termo para designar o que o jornalismo produz.

⁹⁸ Santos et al. (2019) apresentaram esse entendimento para analisarem a visibilidade do esporte paraolímpicos. Igualmente Bronoski, Massuchin e Cervi (2011), França Júnior (2006) e Reis (2018) para estudarem as aparições do meio ambiente, da fome, e de cidades do entorno de Imperatriz ou do Maranhão, respectivamente.

Aquela constatação demonstrou a relatividade da visibilidade jornalística, a qual, assim como os seus adjetivos (baixa, média, alta, ou outras designações)⁹⁹, são relativos por dependerem de outras variáveis comparativas e, ademais, das delimitações dos veículos de comunicação.

Outra disposição importante, de acordo com Berger (1997; 2003), é que veículos de comunicação são delimitados pelos fatores escopo,¹⁰⁰ espaço e tempo, entre outros condicionantes. Um condicionante do fator espaço é o limite de páginas, clarificando que não cabe tudo nelas, e então uma das práticas manifestadas pelos *habitus* dos jornalistas é a seleção.

Fausto Neto (2002) e Mezzaroba e Pires (2010) destacaram que a seleção dos fatos esportivos constitui o agendamento midiático aplicado ao campo esportivo. Aqueles que estiveram na agenda da imprensa em um período foram selecionados, subjacente a influências internas e externas. Ao as considerar, Rojas Torrijos (2012) afirmou que a futebolização da informação esportiva não depende tanto de critérios noticiosos como de outros de índole mercantilista, sendo a base do negócio jornalístico contemporâneo.

Então, aplicando os desígnios metodológicos e considerando somente os esportes femininos, o futebol (635 - 8,77%) foi a terceira modalidade em visibilidade entre as 57 aparentes. O voleibol (2423 - 33,47%) e basquetebol (1290 - 17,82%) a sobrepujaram. (TABELA 15).

Tabela 15 – Números e percentagens dos textos publicados no caderno Esporte da Folha de S.Paulo sobre esportes femininos de 1991 a 2016

(continua)

Posição	Esportes	Número de textos publicados	Percentagens
1º	Voleibol	2423	33,47%
2º	Basquetebol	1290	17,82%
3º	Futebol	636	8,77%
4º	Ginástica Artística	554	7,65%
5º	Atletismo	477	6,59%
6º	Vôlei de Praia	303	4,19%
7º	Natação	262	3,62%
8º	Tênis	220	3,04%

⁹⁹ Martins e Moraes (2007) utilizaram um substantivo, silêncio, para definir os momentos nos quais eles consideraram que o futebol feminino teve pouca visibilidade. Já Lourenço et al. (2019) empregaram o termo pequena repercussão.

¹⁰⁰ Os veículos de comunicação constituem a relatividade da visibilidade. Assim, naqueles que são designados especializados a hierarquia de aparição poderá existir somente em um nível mais restrito. Por exemplo, a revista Racing é especializada em automobilismo. Qual é o esporte automobilístico mais aparente nesse veículo? Fórmula 1, Fórmula 3, Fórmula Indy, Stock Car?

Tabela 15 – Números e percentagens dos textos publicados no caderno Esporte da Folha de S.Paulo sobre esportes femininos de 1991 a 2016

(continuação)

Posição	Esportes	Número de textos publicados	Percentagens
9º	Judô	195	2,69%
10º	Handebol	175	2,42%
11º	Ginástica Rítmica	80	1,10%
12º	Nado Sincronizado	67	0,93%
13º	Polo Aquático	46	0,64%
14º	Patinação	41	0,57%
15º	Saltos Ornamentais	39	0,54%
16º	Triatlo	38	0,52%
17º	Esqui	37	0,51%
18º	Vela	34	0,47%
19º	Ciclismo	30	0,41%
20º	Taekwondo	29	0,40%
21º	Boxe	28	0,39%
22º	Canoagem	22	0,30%
23º	Esgrima	19	0,26%
24º	Pentatlo	18	0,25%
25º	Softbol	18	0,25%
26º	Snowboarding	17	0,23%
27º	Levantamento de Peso	14	0,19%
28º	Remo	14	0,19%
29º	Tiro	14	0,19%
30º	Caratê	13	0,18%
31º	Tênis de Mesa	13	0,18%
32º	Hóquei sobre a Grama	8	0,11%
33º	Luta Olímpica	6	0,08%
34º	Tiro com Arco	6	0,08%
35º	Badminton	5	0,07%
36º	Biatlo	4	0,07%
37º	Futsal	4	0,06%
38º	Luta Livre	4	0,06%
39º	Bobsled	3	0,06%
40º	Ginástica de Trampolim	3	0,04%
41º	Halterofilismo	3	0,04%
42º	Arco e Flexa	2	0,03%
43º	Beisebol	2	0,03%

Tabela 15 – Números e percentagens dos textos publicados no caderno Esporte da Folha de S.Paulo sobre esportes femininos de 1991 a 2016

(conclusão)

Posição	Esportes	Número de textos publicados	Percentagens
44º	Boliche	2	0,03%
45º	Golfe	2	0,03%
46º	Hóquei sobre Patins	2	0,03%
47º	Rúgbi	2	0,03%
48º	Squash	2	0,03%
49º	Sumô	2	0,03%
50º	Boxa	1	0,01%
51º	Futebol de Praia	1	0,01%
52º	Hóquei sobre o Gelo	1	0,01%
53º	Kayaksurf	1	0,01%
54º	Luge	1	0,01%
55º	Lutas	1	0,01%
56º	Pelora Basca	1	0,01%
57º	Windsurf	1	0,01%
Total	-	7241	100%

Fonte: O autor

Dito de outro modo, o voleibol e o basquetebol tiveram 382% e 203% a mais de visibilidade do que o futebol. Já este sobrepujou a ginástica artística, 15%, e o atletismo, 33%. O vôlei de praia, 110%, a natação, 142%, o tênis, 189%, o judô, 226%, o handebol, 263%, a ginástica rítmica, 694%, o nado sincronizado, 848%. O polo aquático, 1280%, a patinação, 1449%, os saltos ornamentais, 1528%, o triatlo, 1571%, o esqui, 1616%, a vela, 1768%, o ciclismo, 2017%, o taekwondo, 2090%, o boxe, 2168%, a canoagem, 2786%, a esgrima, 3242%, o petatlo e o softbol, 3428%, o snowboarding, 3635%, o levantamento de peso, o remo e o tiro, 4436%, o caratê e o tênis de mesa, 4785%, o hóquei sobre a grama, 7838%.

A luta olímpica e o tiro com arco, 10483%, o badminton, 12600%, o biatlo, o futsal e a luta livre, 15775%, o bobslead, a ginástica de trampolim e o halterofilismo, 21067%, o arco e flexa, o beisebol, o boliche, o golfe, o hóquei sobre patins, o rúgbi, o squash e o sumô, 31650%. A boxa, o futebol de praia, o hóquei sobre o gelo, o kayaksurf, o luge, as lutas, a pelota basca e o windsurfe, 63400%.

Por um lado, esses números tensionam a constatação coerente de que o esporte feminino tem muito menos visibilidade do que o masculino nos veículos impressos, o que representaria uma aniquilação simbólica das atletas, conforme Duncan e Messner (1998) afirmaram. Souza e Knijnik (2003) constataram que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo, entre 26 de agosto e 09 de setembro de 2002, publicou 387 textos. 315 (81,39%) abordaram esportes masculinos, e 55 (14,21%), femininos.

Souza e Knijnik (2007) observaram que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo, entre 09 de agosto e 09 de setembro de 2002, e entre 03 de fevereiro e 03 de abril de 2003, publicaram 2125 textos. Em 2002, 689 (85,16%) retrataram esportes masculinos, e 93 (11,49%), femininos, diferença de 700%, ainda de acordo com os autores.

Em fevereiro de 2003, 503 (88,4%) foram sobre os homens, e 23 (4,04%) sobre as mulheres. Já em março desse ano, 657 (87,95%) abordaram modalidades masculinas, e 35 (4,68%), femininas. Knijnik e Souza (2011) ratificaram esses resultados.

Já Lumpkin (2009) detectou que a revista *Sports Illustrated*, na década de 1990, publicou 1.625 *feature articles*. 1461 (89,9%) abordaram esportes masculinos, e 157 (9,7%), femininos, o que a autora denominou de dominação masculina.

Todavia, os dados mencionados, homogeneizados de maneira generificada, têm limites, como quaisquer outros, obscurecendo as clivagens interespecíficas das visibilidades jornalísticas dos esportes. Algumas modalidades femininas são mais visíveis do que outras masculinas.

A própria Lumpkin (2009) constatou que o tênis, a patinação artística e a ginástica femininos foram mais visíveis do que as suas versões masculinas. A autora também mostrou que o tênis feminino foi mais publicado do que o esqui, a ginástica, a natação, a patinação artística, o *soccer* e a natação masculinos.

Habinoski, Oliveira e Freitas Junior (2020) detectaram que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo publicou 45 textos sobre o futsal masculino de seleções nacionais, em 2008, e 11 em 2012, totalizando 56 textos. Já em 2016, nenhum texto foi publicado. A mesma seção desse jornal publicou 42, 12 e 15 textos sobre o futebol feminino de seleção nacionais nesses anos, respectivamente, totalizando 69. Já sobre o voleibol feminino, 105, 57 e 28 textos foram publicados, também respectivamente, totalizando 190.

Isso não significa que os dados foram contraditos,¹⁰¹ e o desequilíbrio geral entre as visibilidades dos esportes masculino e feminino não deva ser criticado e combatido. Ao

¹⁰¹ Como Brotto (1999, p. 43) salientou: “Muitas vezes, o simples fato de questionar algo já estabelecido, implica na falsa impressão da obrigatoriedade de, ao fazê-lo, contradizê-lo, negá-lo ou modificá-lo.”

contrário, mas essa condição também precisa ser particularizada, porque muitos esportes masculinos são também pouco visíveis, muito pouco aparentes, ou até invisíveis, mas isso é despercebido, sobretudo pelo excesso de futebol masculino na mídia,¹⁰² em geral.

O futebol masculino é um desvio padrão na constituição da visibilidade dos esportes masculinos, no Brasil e em países europeus, nos periódicos de informação geral, e diários especializados, adotando os termos utilizados por Rojas Torrijos (2012, p. 77, tradução nossa). O autor alertou que, apesar da designação imprensa esportiva,

[...] a maior parte dos conteúdos que aparecem nesses meios de comunicação versam sobre futebol, que se tornou a base do negócio jornalístico por sua enorme capacidade para atrair a atenção do público e anunciantes. O futebol por excesso tornou-se um elemento chave da espetacularização do jornalismo, o que deslocou outros conteúdos mais puramente informáticos referentes a outras disciplinas.¹⁰³

Os outros esportes foram deslocados ao secundarismo, sendo algumas vezes quase invisíveis.¹⁰⁴ A futebolização da informação é apenas posta “questionada temporalmente quando há o aparecimento esporádico de grandes campeões em outras disciplinas que se convertem, pelo que representam, autênticos ídolos nacionais.” Isso aconteceu na Espanha com a emergência de figuras como Rafael Nadal (tênis), Fernando Alonso (fórmula 1), Pau Gasol (basquete) e Alberto Contador (ciclismo), Rojas Torrijos (2012, p. 84) completou.

Os dizeres desse autor denotam que uma parcela da visibilidade dos esportes nos veículos de comunicação é dependente dos resultados exitosos, sobretudo dos títulos, e dos conseguintes ídolos. Ademais, conforme as aparências esportivas femininas no caderno Esporte da Folha de S.Paulo permitem inferir, essa parcela relativiza a influência do gênero.

Rojas Torrijos (2012) reverberou a futebolização da informação esportiva na prática, analisando as capas dos jornais *A Bola*, *Marca*, *La Gazzetta dello Sport* e *L'Équipe*. O futebol foi absoluto dominador dos temas de abertura das capas no primeiro jornal, 100%, no segundo, 96%, e no terceiro, 90%. No quarto houve maior equilíbrio, 51%.

¹⁰² Betti (2004) utilizou o termo ‘mídias’ porque ele entende que esse designa os meios de comunicação eletrônicos (televisão, cinema, internet) e os impressos (jornais, revistas), os quais possuem características similares, mas também distintas.

¹⁰³ “[...] la mayor parte de los contenidos que aparecen en estos medios versan sobre fútbol, el cual se ha convertido en la base del negocio periodístico por su enorme capacidad para atraer la atención del público y anunciantes. El fútbol por exceso se ha convertido en un elemento clave de la espectacularización del periodismo, lo que ha desplazado otros contenidos más puramente informativos referentes a otras disciplinas.” (ROJAS TORRIJOS, 2012, p. 77).

¹⁰⁴ “[...] puesta en entredicho temporalmente cuando se produce la aparición esporádica de grandes campeones en otras disciplinas que se convierten, por lo que representan, en auténticos ídolos nacionales.” (ROJAS TORRIJOS, 2012, p. 84).

Ao estender essa análise para as informações secundárias das capas, a mesma tendência foi encontrada. No jornal português, 100%, no espanhol, 90%, no italiano, 80%, decrescendo para 58% no francês. Igualmente nas informações de classificação inferior. No jornal *A Bola*, 94%, no *Marca* 72%, no *La Gazzetta dello Sport*, 67%. Já no *L'Équipe* 36%.

Por um lado, então, atribuir a visibilidade do futebol feminino nos veículos de comunicação impressos à adjetivação baixa ou baixíssima em relação à aparição do futebol masculino é coerente. Freitas Junior e Gabriel (2018), Ferretti et al. (2011), Lourenço et al. (2019), Martins e Moraes (2007) e Pereira (2018) fizeram isso, consciente ou inconscientemente. Tal condição é efeito da futebolização da informação esportiva, ou da futebolização do esporte, como Finger e Oselame (2014) denominaram a realidade do Brasil.

Por outro lado, o futebol feminino teve mais ou muito mais aparição no caderno Esporte da Folha de S.Paulo, de 1991 a 2016, do que outros esportes e futebóis masculinos. Futsal e futebol de praia são exemplos profícuos.

Vale também ressaltar que a relatividade da visibilidade jornalística tencionou, igualmente, a futebolização do esporte, porque essa condição tem clivagens intraespecíficas. Quais são os futebóis masculinos que mais aparecem nos jornais? Os profissionais das principais divisões? E os das séries inferiores? Embora Finger e Oselame (2014) tenham analisado a televisão, elas constataram que o Corinthians, o Palmeiras e o São Paulo predominaram no Globo Esporte de São Paulo. Já no programa do Rio Grande do Sul, o Grêmio e o Internacional foram predominantes.

Rojas Torrijos (2012) constatou que o Benfica apareceu 58% nas *portadas* do jornal *A Bola*, o Real Madrid 90% no *Marca*, Milan e Inter 62% no *Gazzetta dello Sport*. Todos esses são times das principais divisões dos seus respectivos países.

Nessa análise é preciso também considerar abrangências dos veículos (municipal, regional, estadual, nacional), os seus territórios e os locais aos quais esses são direcionados. Este autor abordou esse tema salientando que o *Mundo Deportivo*, jornal de Barcelona, tem uma edição especial no País Vasco, a qual prioriza os resultados do Athletic de Bilbao e do Real Sociedad. Já a edição de Madrid enfatiza a exaltação dos logros do Atlético de Madrid.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesses dados, conclui-se que o caderno Esporte da Folha de S.Paulo, de 1991 a 2016, enfatiza o desempenho da seleção brasileira e das jogadoras, e não a aparência física delas. Elas também não são inferiorizadas perante os futebolistas, confirmando a 1ª hipótese deste estudo.

Em 1991, os treinos da seleção, facilitados pela precária realidade desse esporte no país, favorita ao título, para a Copa do Mundo são abordados. O foco é, então, direcionado para a divulgação e os resultados dos jogos do torneio. A eliminação brasileira na fase grupal é considerada incompatível com o *status* da equipe.

Em 1995, os treinos da seleção para o Sul-Americano, afirmando que essa preserva o estilo artístico do futebol brasileiro, ao contrária da masculina, e que as jogadoras sofreram preconceitos nesse processo, são inicialmente visibilizados. Depois, as divulgações e os resultados dos jogos, quando a equipe goleou os adversários, com destaque de Sissi, artilheira, e foi campeã, adquirindo o *status* de principal força da América do Sul, mas não mundial.

Após essa competição, o estilo de jogo e o desempenho das brasileiras, especialmente Michael Jackson, Pretinha e Sissi, são novamente elogiados. A convocação, os treinos para a Copa do Mundo, ressaltando as suas lógicas e a precária realidade do futebol feminino nacional, a divulgação e os resultados dos jogos terminam as abordagens desse ano.

Em 1996, os treinos da seleção para os Jogos Olímpicos, clarificando as suas lógicas e as dificuldades da equipe, que precisava da ajuda estrutural, e a viagem para os Estados Unidos, onde essa disputaria a competição como zebra, são visibilizados. O foco é, então, direcionado para a divulgação e os resultados dos jogos, descrevendo fatos táticos e técnicos, situações classificatórias, novamente dificuldades estruturais e as identidades coletivas.

Antes do jogo contra o Japão, na segunda rodada, as mulheres são apontadas como possíveis compensadoras do fracasso dos homens, que perderam desse adversário, o que foi efetivado. Por fim, a quarta colocação delas é positivada em relação ao bronze deles, outrora favoritos, considerando os tratamentos distintos ofertados às equipes pela CBF.

Em 1999, os treinos do Brasil para a Copa do Mundo, mostrando as suas lógicas e o *status* de zebra da equipe, são inicialmente abordados. Na sequência, a divulgação e os resultados dos jogos, salientando fatos táticos e técnicos e possibilidades classificatórias. Ao vencer a Nigéria nas quartas de final, a seleção feminina novamente compensa um fracasso da masculina, que perdeu desse adversário nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, um *habitus* dos

jornalistas esportivos da Folha de S.Paulo. A equipe conquistou o terceiro lugar, resultado histórico, com Sissi como destaque e uma das artilheiras do torneio.

Em 2000, os treinos da seleção feminina para a Copa Ouro, a divulgação e os resultados dos seus jogos na competição, são abordados. Ao perder o título para as americanas, a estreia do Brasil nos Jogos Olímpicos é enfatizada, ressaltando a chance real de título, diferente de outrora, e as várias dificuldades das jogadoras.

Depois, a divulgação e os resultados dos jogos, ressaltando fatos táticos e técnicos, possibilidades classificatórias e novamente dificuldades que complexificavam a busca pelo ouro. Antes de as brasileiras jogarem pelo bronze, elas foram outra vez apontadas como possíveis compensadoras de um fracasso dos homens, eliminada pelos África do Sul, nas quartas de final. Elas perderam para as alemãs, mas, ao invés de críticas, houve preocupação com o futuro delas no esporte.

Em 2003, os treinos do Brasil para o Sul-Americano, a divulgação e os resultados dos jogos, os quais culminaram com o título, são visibilizados. O foco é, então, direcionado para a participação inédita da equipe no Pan-Americano, ressaltando as suas estrelas, favoritismo, desempenhos técnicos, as dificuldades das jogadoras e a crença dos *habitus* delas de que os bons resultados melhorariam a precária realidade do futebol feminino nacional.

A partir da conquista do ouro, a convocação das jogadoras, sobretudo de Milene Domingues, que treinariam para a Copa do Mundo, ganham espaço. Essa foi convocada, e mantida na seleção, por imposição da CBF, objetivando marketing, práticas criticadas pelo caderno. Com a proximidade da estreia no torneio, as dificuldades das jogadoras, assim como em 1996 e a identidade *teen* da equipe, renovada, que tinha Marta como principal promessa.

Durante a competição, a divulgação e os resultados dos jogos são enfatizados, ressaltando fatos táticos e técnicos, possibilidades classificatórias e destaques individuais, sobretudo Marta e Kátia Cilene. A equipe foi eliminada pelas Suécia nas quartas de final.

Em 2004, os treinos e as convocações da seleção para as Olimpíadas de Atenas são inicialmente visibilizados, mostrando as suas lógicas, os cortes de Milene Domingues e Kátia Cilene lesionada, e as dificuldades das atletas. Depois, a divulgação e os resultados dos jogos, salientando fatos táticos e técnicos, possibilidades classificatórias e destaques individuais.

Conforme o desempenho coletivo melhorou e a equipe avançou, as mulheres são exaltadas perante aos homens e as dificuldades delas são lembradas. Ao golear o México, nas quartas de final, as brasileiras poderiam ser finalistas, mas elas teriam que também transcender a falta de apoio institucional do COB e da CBF. Até então, elas tinham números históricos,

sobrepunhando as seleções brasileiras masculinas na defesa e no ataque, lideradas por Andréia, goleira menos vazada, Cristiane, artilheira, e Marta, destaque performático.

Ao vencerem as suecas, é ressaltado que elas poderiam conquistar o que eles nunca conseguiram, o ouro olímpico. Para tanto, elas teriam que vencer as americanas, algozes históricos, e a precariedade desse esporte no Brasil. O ouro não foi conquistado por um erro da arbitragem e falta de sorte.

Em 2007, a apresentação tardia de Marta ao grupo que disputaria o Pan-Americano, a lesão da capitã Juliana Cabral, e a crítica de Kátia Cilene sobre a precariedade do futebol feminino nacional são abordados. A partir do início da competição, a divulgação e os resultados dos jogos, ressaltando fatos táticos e técnicos, o apoio da torcida e desempenhos elogiosos, especialmente de Cristiane e Marta.

Marta é artilheira, sobrepunhando os homens por marcar cinco gols no Maracanã, na fase grupal, contra o Canadá, e é homenageada na calçada da fama do estádio. Na semifinal e final, contra México e Estados Unidos, a realidade do esporte é lembrada, descrevendo que as atletas estavam descrentes com possíveis melhorias e objetivavam emigrar.

O foco é, então, direcionado para a divulgação e os resultados dos jogos do Brasil na Copa do Mundo, mostrando fatos táticos e técnicas, possibilidades classificatórias, destaques individuais, novamente Cristiane e Marta, e o estilo artístico da equipe. Ao golpear a China na fase grupal, um adversário forte, o *status* da equipe é alterado, sendo considerada uma das favoritas ao título, e as jogadoras supracitadas são exaltadas por superarem Pelé e Ronaldo em média de gols pela seleção.

Com a classificação para a final, contra a Alemanha, as dificuldades das brasileiras são lembradas. Somente o talento individual delas, carentes em gestão, poderia superar a organização alemã, o que não aconteceu. Esse discurso é retomado para justificar o êxito coletivo sobre o individual, criticando a CBF.

Em 2008, a liberação das estrelas do Brasil para a classificatória dos Jogos Olímpicos, contra Gana, a viagem à China, a divulgação e o resultado do jogo são inicialmente abordados, clarificando que Cristiane, Daniela Alves e Marta treinaram apenas quatro dias com a equipe. Com a vitória, a divulgação e os resultados dos jogos da seleção no torneio olímpico são enfatizados, ressaltando fatos táticos e técnicos e possibilidades classificatórias. Elas são criticadas porque trocaram o estilo artístico pelo futebol feio até o segundo tempo da semifinal, contra a Alemanha, quando o talento preponderou.

Antes da final, as mulheres são novamente apontadas como possíveis compensadoras de um fracasso dos homens, derrotados pela Argentina na semifinal. Elas perderam das americanas, quando a retranca venceu o talento.

Em 2011, os treinos da seleção para a Copa do Mundo são abordados, mostrando a falta de público e da mídia, a apresentação de Marta para a etapa final, quando as atletas foram secundarizadas pela CBF, sendo hospedadas em um hotel para a seleção masculina sub-17 utilizar a Granja Comary. Assim como a sua identidade, mais alta e experiente, objetivando melhorar o sistema defensivo para ser campeã.

O foco é, então, direcionado para a divulgação e os resultados dos jogos do torneio. A equipe é criticada por reforçar o sistema defensivo, sendo pragmática, com apenas alguns lampejos artísticos, especialmente de Marta, jogadora elogiada perante Messi e Robinho, e que poderia superar Ronaldo na artilharia histórica dos Mundiais. A eliminação para os Estados Unidos, nas quartas de final, é considerada um castigo pelo futebol feio praticado pelas brasileiras. Essa crítica é arrefecida mais tarde, resgatando a falta de apoio da CBF ao futebol feminino nacional.

Por fim, os resultados dos jogos do Brasil na semifinal e na final do Pan americano, contra México e Canadá, são abordados. A equipe foi medalha de prata, participação considerada um fiasco.

Em 2012, a sintonia entre as jogadoras e a CBF, e a melhor estrutura da delegação feminina, ofertada pela instituição, são visibilizadas. Na sequência, a divulgação e os resultados dos jogos, ressaltando fatos táticos e técnicos e possibilidades classificatórias.

Formiga seria a mulher recordista em participações nos Jogos Olímpicos pelo Brasil após o primeiro jogo. A equipe iniciou bem, goleando Camarões, mas o seu desempenho caiu, até a eliminação para o Japão, nas quartas de final, a pior campanha na história da competição. Ainda assim, a reivindicação das jogadoras por apoio é visibilizada.

Em 2015, a divulgação e os resultados dos jogos da seleção na Copa do Mundo são abordados, ressaltando fatos técnicos e táticos e possibilidades classificatórias. Formiga é considerada a referência da equipe pela experiência, e Marta tenta quebrar outro recorde, sendo a artilheira histórica dos Mundiais masculino e feminino.

O Brasil enfrentou a Austrália, então freguês histórico, nas oitavas de final. O freguês se tornou algoz por culpa da goleira Luciana, que falhou no único gol do jogo, e o recorde de Marta é adiado para o torneio seguinte. Por outro lado, a jogadora superou Pelé em gols pela seleção brasileira durante o Torneio Internacional de Natal.

Em 2016, a convocação da seleção para os Jogos Olímpicos, com a goleira Luciana na lista de suplentes, é visibilizada. Depois, a divulgação e os resultados dos jogos, ressaltando fatos táticos e técnicos e possibilidades classificatórias. Formiga se tornou a brasileira com mais participações olímpicas, e Cristiane a artilheira histórica do torneio. Marta é considerada melhor do que Neymar pela torcida após a equipe golear a Suécia, e ela ser o destaque do jogo.

Até a semifinal, o Brasil piorou o desempenho, não marcou gols, sendo eliminado pelas mesmas suecas. Após a eliminação e a perda do bronze para as canadenses, a renovação da equipe é discutida. Cristiane, Formiga e Marta tinham envelhecido, mas algumas promessas do próprio grupo poderiam amenizar essa situação.

A visibilidade do futebol feminino é predominante nos anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, um efeito da agenda midiática. Dos 635 (100%) textos, 577 (90,72) foram publicados nesses anos, e 59 (9,28%) nos outros.

A subdivisão dos anos dessas competições em três décadas mostra que a maior visibilidade desse esporte, na primeira década dos anos 2000, é resultante da ascensão dos resultados, das estrelas, dos heróis, dos ídolos e também das polêmicas da seleção brasileira. Isso significa que uma parcela da aparição do futebol feminino é condicionada pela própria modalidade.

A aparição de produtos nas páginas dos jornais impressos, desconsiderando as hierarquizações deles, aliás, é a definição de visibilidade jornalística. A visibilidade e os adjetivos dela (alta, média, alta, ou quaisquer outras designações) são relativas porque dependem de variáveis comparativas.

Dos esportes femininos, o futebol (635 - 8,78%) é o terceiro mais visível, sendo sobrepujado somente pelo voleibol (2423 - 33,46%) e pelo basquetebol (1290 - 17,82%), entre 57 esportes aparentes. Essa condição refuta a 2ª H deste estudo, alicerçando a tese de que essa cobertura do caderno Esporte da Folha de S.Paulo, não é sexista.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, B. O. L.; DI BLASI, F.; SALVADOR, M. A. S. A “camisa 10” do futebol brasileiro como um símbolo na manutenção da identidade nacional - o discurso da mídia. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano. 2, n. 6, p. 1-15, jul./out. 2007.
- ACUSADA de entregar jogo fica fora da Rio-2016. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2016. Caderno Esporte. p. B9.
- ALABARCES, P. “Los estudios sobre deporte y sociedad: objetos, miradas, agendas.” *In*: ALABARCES, P. (org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 11-30.
- ALMEIDA, R. S. Futebol feminino no Brasil: memórias e discursos da mídia impressa. *In*: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8.
- ALEMANHA faz brasileiras acordarem. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Caderno Esporte. p. D1.
- ALSINA, R. M. **La construcción de la noticia**. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1989.
- ALTMANN, H. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157-173, jul./dez. 1999.
- ALVES, E. Cristiane faz 3, Brasil fica em 1º e pega Noruega. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2008a. Caderno Pequim 2008. p. D8.
- ALVES, E. Time feminino alcança a quarta semifinal olímpica. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2008b. Caderno Pequim 2008. p. D9.
- AMARO, F. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. *In*: HELAL, R.; CABO, A. (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 195-224.
- AMOR, S. L. Falsa surpresa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 8.
- APÓS PAN dos sonhos, Brasil estréia confiante na China. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 set. 2007. Caderno Esporte. p. D1.
- APÓS VAGA no Mundial, Brasil pega Colômbia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 abr. 2003. Esporte. p. D5.
- ASSALTANTES devolvem medalha de ouro que jogadora ganhou no Pan. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 ago. 2015. Esporte. p. B2.
- ASSIS, F. Jornalismo, desenvolvimento e cidadania: pensar conteúdo e forma para promover uma imprensa comprometida com a sociedade. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 14, p. 132-149, jan./jun. 2012.

ASSUMPÇÃO, J. C. Sissi acha que preconceito diminuiu. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1995a. Caderno Esporte. p. 5.

ASSUMPÇÃO, J. C. Brasil busca confirmar o favoritismo no feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 jan. 1995b. Caderno Esporte. p. 6.

ASSUMPÇÃO, J. C. Seleção feminina estréia no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 jun. 1995c. Caderno Esporte. p. 8.

ASSUMPÇÃO, J. C. Sob emoção, feminino vai para a Vila. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 1996a. Caderno Atlanta-96. p. 4.

ASSUMPÇÃO, J. C. Futebol de salão dá auxílio ao feminino contra a China. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996b. Caderno Atlanta-96. p. 8.

ASSUMPÇÃO, J. C. Média salarial da seleção é de R\$ 1.000. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996c. Caderno Atlanta-96. p. 8.

ASSUMPÇÃO, J. C. Brasileiras jogaram por “divulgação”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 ago. 1996d. Atlanta-96. p. 4.

ATLETAS pegam Canadá pelo ouro no futebol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 ago. 2003. Esporte. p. D3.

BALDINI JÚNIOR, W. Brasil enfrenta EUA no futebol feminino hoje. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1996. Caderno Esporte. p. 3.

BARBIE sem roupa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 set. 2003. Caderno Esporte. p. D2.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS NETO, N. Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como normal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Caderno Londres 2012. p. D6.

BASTOS, M.; FERNANDEZ, M. Nova direção aproxima CBF do time feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Caderno Londres 2012. p. D6.

BEL é cortada da seleção brasileira. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 jun. 1996. **Caderno Esporte**. p. 9.

BERGER, C. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 273-284.

BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BERTOLOTTO, R. Seleção feminina evita a tática do tetra. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 jan. 1995a. Caderno Esporte. p. 4.

BERTOLOTTO, R. Brasileiras estréiam em busca de vaga no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1995b. Caderno Esporte. p. 8.

BERTOLOTTO, R. Atacante acha que o time está organizado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1995c. Caderno Esporte. p. 8.

BERTOLOTTO, R. Feminino do Brasil bate o Equador por 13 a 0. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 jan. 1995d. Caderno Esporte. p. 6.

BERTOLOTTO, R. Capitã brasileira é a ‘mãe’ do time. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jan. 1995e. Caderno Esporte. p. 4.

BERTOLOTTO, R. Brasil faz jogo mais difícil contra chilenas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jan. 1995f. Caderno Esporte. p. 4.

BERTOLOTTO, R. Brasileiras e argentinas revivem rivalidade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jan. 1995g. Caderno Esporte. p. 4.

BERTOLOTTO, R. Seleção feminina já estuda preparação para Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 jan. 1995h. Caderno Esporte. p. 4.

BERTOLOTTO, R. Brasileiras desconhecem adversários no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jan. 1995i. Caderno Esporte. p. 8.

BERTOLOTTO, R. Preparação terá 3 meses de treino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jan. 1995j. Caderno Esporte. p. 8.

BERTOLOTTO, R. Seleção feminina peregrina pelo Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 mai. 1996a. Caderno Esporte. p. 6.

BERTOLOTTO, R. Bel fica fora da Olimpíada. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 mai. 1996b. Caderno Esporte. p. 6.

BERTOLOTTO, R. Time feminino faz amistosos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 jul. 1996c. Caderno Esporte. p. 8.

BERTOLOTTO, R. Futebol feminino vai à Sydney atrás do (vil) metal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 set. 2000a. Esporte. p. D10.

BERTOLOTTO, R. Brasil encanta Canberra, mas perde da Alemanha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 set. 2000b. Sydney 2000. p. D12.

BERTOLOTTO, R. Seleção enfrenta as ‘matildas’ na luta por uma vaga na semifinal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 set. 2000c. Sydney 2000. p. D4.

BERTOLOTTO, R. Em crise de relacionamento, Brasil vence ‘matildas’ e vai às semifinais em Sydney. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 set. 2000d. Sydney 2000. p. D5.

BERTOLOTTO, R. Mesmo melhor, Brasil só disputa a medalha de bronze. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 set. 2000e. Sydney 2000. p. D7.

BERTOLOTTO, R. Atletas reclamam da arbitragem. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 set. 2000f. Folha Sydney 2000. p. D7.

BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo, **EFDeportes**, Buenos Aires, Año. 10, n. 79, p. 1-1, dez. 2004.

BICHOP, R. Missing in action: feature coverage of women's sports in Sports Illustrated. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 27, n. 2, p. 184-194, may. 2003.

BOA NOITE, Cinderela. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000. p. D1.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais[...]** Campo Grande: INTERCOM, 2001. p. 1-15.

BORELLI, V. O esporte como uma construção específica do campo jornalístico. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002. p. 1-22.

BORELLI, V. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996a.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996b.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL busca 1º lugar hoje contra alemãs. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1999. Esporte. p. 5.

BRASIL dá 1ª goleada no Mundial feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 jun. 1999. Esporte. p. 6.

BRASIL decide Copa Ouro contra EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 jul. 2000. Esporte. p. D6.

BRASIL disputa vaga contra argentinas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2003. Esporte. p. D4.

BRASIL é eliminado do 1º Mundial Feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 9.

BRASILEIRAS conquistam Sul-Americano. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 abr. 2003. Esporte. p. D5.

BRASILEIRAS enfrentam Japão no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 jun. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

BRASILEIRAS fazem preliminar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 6.

BRASILEIRAS festejam empate na estréia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 10.

BRASILEIRAS jogam pela liderança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 set. 2000. Sydney 2000. p. D5.

BRASILEIRAS são bicampeãs sul-americanas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jan. 1995. Caderno Esporte. p. 9.

BRASILEIRAS têm vaga em Olimpíada. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1995. Caderno Esporte. p. 6.

BRASILEIRAS tentam classificação hoje. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 jun. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

BRASILEIRAS passam às semifinais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 5.

BRASILEIRAS são as mais velhas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 4.

BRASILEIRAS vão à China para disputar Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 4.

BRASILEIRAS vencem em estréia no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 jun. 1999. Esporte. p. 6.

BRASIL encara donas da casa e pode até perder. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 4.

BRASIL encara hoje rival mais complicado na primeira fase. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 set. 2007. Caderno Esporte. p. D3.

BRASIL enfrenta ‘jogo aéreo’ da Noruega. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 4.

BRASIL enfrenta os EUA na 2ª rodada do Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 5.

BRASIL garante primeiro lugar e ‘escapa’ dos EUA no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Esporte. p. 3.

BRASIL goleia em ‘final’ e vai a Pequim. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2008. Caderno Esporte. p. D5.

BRASIL goleia na estréia com três gols de longe. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 set. 2007. Caderno Esporte. p. D4.

BRASIL perde dos EUA, mas segue com chances. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 4.

BRASIL perde na moeda para os EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2000. Esporte. p. D8.

BRASIL perde para os EUA no Mundial feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 11.

BRASIL e Suécia farão revanche no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 set. 2003. Caderno Esporte. p. D4.

BRASIL sofre em Copa com seca de gols. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2011. Caderno Esporte. p. D6.

BRASIL vai à China para reencontro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2008. Caderno Esporte. p. D6.

BRASIL vence a segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Caderno Esporte. p. B8.

BRASIL vence Torino no Pacaembu. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 mai. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

BRONOSKI, B.; MASSUCHIN, M. G.; CERVI, E. U. Meio ambiente e Folha de S.Paulo: a construção de notícias no periódico diário, **Iniciacom**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-25, jan./jun. 2011.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999, 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BUENO, R. Seleção faz preparação contra homens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 mai. 1999a. Esporte. p. 11.

BUENO, R. Norte-americana busca virar ‘Pelé’ em jogo contra o Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 mai. 1999b. Esporte. p. 11.

BUENO, R. Paulistas são base do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jun. 1999c. Esporte. p. 11.

BUENO, R. Seleção feminina decide hoje vaga para Olimpíada de 2000. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1999d. Esporte. p. 13.

BUENO, R. Brasil e Sissi buscam consagração no 4 de julho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 jul. 1999e. Esporte. p. 8.

BUENO, R. EUA batem Brasil no Mundial feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 jul. 1999f. Esporte. p. 4.

BUENO, R. Brasileiras se contentam com Olimpíada. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 jul. 1999g. Esporte. p. 4.

BUENO, R. Brasil busca terceiro lugar e ascensão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jul. 1999h. Esporte. p. 11.

BUENO, R. Sissi integra a ‘seleção ideal’. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jul. 1999i. Esporte. p. 11.

BUENO, R. Mulheres. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 fev. 2000. Esporte. p. 6.

BUENO, R. A nova Sissi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2003a. Esporte. p. D6.

BUENO, R. O novo Mundial feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 set. 2003b. Esporte. p. D6.

BUENO, R. Furacão Isabel atrapalha a seleção brasileira. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 set. 2003c. Esporte. p. D2.

BUENO, R. Andreia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 set. 2003e. Esporte. p. D8.

BUENO, R. Duelo põe em destaque matadoras e fair play. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2003f. Caderno Esporte. p. D1.

BUENO, R. Seleção sofre, mas está nas semifinais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 set. 2007a. Caderno Esporte. p. D6.

BUENO, R. Jogadoras já falam sobre nova estrela. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 set. 2007b. Caderno Esporte. p. D6.

CABRAL, N. L. S. C. Um jornal a serviço do Brasil? - A Folha de S.Paulo e as rearticulações sobre censura e liberdade de expressão. **Parágrafo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 125-134, jan./jun. 2013.

CAMPEÃ do Pan é a última a deixar a seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 set. 2003. Esporte. p. D1.

CAPINUSSÚ, J. M. **Competições desportivas: organizações e esquemas**. São Paulo: IBRASA, 1986.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. O perfil do caderno de esportes do jornal Folha de São Paulo. **ALESDE**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 24-36, abr. 2014.

COBOS, P. Teens põem Brasil como caçula da Copa feminina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 set. 2003a. Esporte. p. D2.

COBOS, P. Aos 17, Marta já soma 10 anos com a bola no pé. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 set. 2003b. Esporte. p. D2.

COBOS, P. Brasil é exceção em competição de muitas faltas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 set. 2003c. Esporte. p. D2.

COBOS, P. Dupla artilheira move o Brasil contra Dinamarca. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 set. 2007a. Caderno Esporte. p. D2.

COBOS, P. Blindado, Brasil vai às quartas no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2007b. Caderno Esporte. p. D3.

COBOS, P. Por semifinal, ‘baixinhas’ da seleção vão a campo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 set. 2007c. Caderno Esporte. p. D4.

COBOS, P. Brasil muda status; EUA, o time. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2007d. Caderno Esporte. p. D1.

COBOS, P. Seleção brilha e humilha americanas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 set. 2007e. Caderno Esporte. p. D1.

COBOS, P. Brasileiras dominam jogo e batem menos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 set. 2007f. Caderno Esporte. p. D1.

COBOS, P. Final confrontará Marta, a melhor, e Prinz, a maior. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 set. 2007g. Caderno Esporte. p. D2.

COBOS, P. Prêmio não foi agradável, diz Daniela. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 dez. 2007h. Caderno Esporte. p. D1.

COBOS, P. Seleção não sabe quem lutará por vaga olímpica. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 mar. 2008a. Caderno Esporte. p. D6.

COBOS, P. Time jovem e sem verba destoa da delegação do país. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 ago. 2008b. Caderno Pequim 2008. p. D3.

COBOS, P. Marta x Prinz é duelo à parte no primeiro jogo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 ago. 2008c. Pequim 2008. p. D3.

COBOS, P. Marta puxa o estilo mais individual do feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 ago. 2008d. Caderno Pequim 2008. p. D4.

COBOS, P. Com auxílio da goleira rival, Brasil vence a primeira. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2008e. Caderno Pequim 2008. p. D8.

COBOS, P. Seleção troca show por indisciplina e partidas amarradas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2008f. Caderno Pequim 2008. p. D4.

COBOS, P. Fantasma europeu põe mulheres à prova hoje. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2008g. Caderno Pequim 2008. p. D4.

COBOS, P. Dependente de estrelas, Brasil tenta vazar alemãs. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2008h. Caderno Pequim 2008. p. D7.

COBOS, P. 'Heroína da resistência', Formiga honra o nome. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2008i. Caderno Pequim 2008. p. D4.

COLON, L. Derrota põe Brasil na mira das campeãs do mundo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 ago. 2012a. Caderno Londres 2012. p. D7.

COLON, L. Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2012b. Caderno Londres 2012. p. D10.

COM MARTA, seleção se reúne para amistoso. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 mai. 2011. Caderno Esporte. p. D12.

COMPETIÇÃO. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2000. Esporte. p. 2.

COM SHOW de Marta, Brasil goleia e lidera. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 set. 2007. Caderno Esporte. p. D2.

CONTUSÃO tira Kátia Cilene dos Jogos Olímpicos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2004. Caderno Esporte. p. D3.

CONVIDADO, Brasil está no zero para Olimpíada. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 mar. 2004. Caderno Esporte. p. D4.

COPA feminina de futebol tem seus grupos definidos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 set. 1991. Caderno Esporte. p. 8.

COSENZO, L. Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2015a. Caderno Esporte. p. B15.

COSENZO, L. Melhor da 1ª fase, Brasil pega o maior freguês. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 jun. 2015b. Caderno Esporte. p. B2.

COSENZO, L. Brigo por igualdade desde que comecei a jogar bola. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2016. Caderno Esporte. p. B15.

CRISTIANE é dúvida para jogo contra a Suécia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B5.

CROSSMAN, J.; VICENT, J.; SPEED, H. 'The times they are a-changin': gender comparisons in three national newspapers of the 2004 Wimbledon Championships. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 42, n. 1, p. 27-40, 2007.

DAMATO, M.; MAGALHÃES, M. Brasileiras sofrem derrota e acabam em quarto lugar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 ago. 1996. Caderno Esporte. p. 3.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DAMATTA. (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 19-42.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. *In*: DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-19.

DECEPÇÃO dupla. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 10.

DE ESNOBADA a esnobe. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2004. Caderno Esporte. p. D2.

DEFESA até na pele. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B2.

DUARTE, A. Coqueluche do Mundial, Brasil faz desafio aos EUA e decide vaga hoje. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2003a. Esporte. p. D4.

DUARTE, A. Seleção prova 'bandana hightech'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2003b. Esporte. p. D4.

DUNCAN, M. C.; MESSNER, M. A. The media image of sport and gender. *In*: WENNER, L. A. (ed.). **MediaSport**. New York: Routledge, 1998. p. 170-185.

EM CASA, Marta se junta ao time do Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 mai. 2011. Caderno Esporte. p. D9.

EQUIPE antecipa ida para Athens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 ago. 1996. Atlanta-96. p. 4.

EQUIPE feminina goleia e está a uma partida da final. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 ago. 2003. Esporte. p. D3.

EQUIPE pega mexicanas para avançar à decisão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 out. 2011. Caderno Esporte. p. D12.

EUA vencem Brasil na US Cup feminina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 out. 1999. Esporte. p. 4.

EXAME feito. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 4.

FALTA de apoio fez Sissi pensar em se aposentar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000. p. D3.

FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão histórica e conceitual. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]** Salvador: INTERCOM, 2002. p. 1-12.

FEMININO faz ‘final’ contra canadenses. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 jul. 2007. Caderno PAN Rio 2007. p. D4.

FEMININO pega o Japão em clima de vingança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 5.

FEMININO pegará vice-campeãs. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 mai. 1996. Caderno Esporte. p. 5.

FEMININO já teme desemprego. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 4.

FEMININO supera japonesas por 2 a 0. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jul. 1996. Caderno Atlanta-96. p. 5.

FERNANDEZ, M. Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversário. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012a. Caderno Londres 2012. p. D3.

FERNANDEZ, M. Mulheres tentam se aproximar das quartas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jul. 2012b. Caderno Londres 2012. p. D9.

FERNANDEZ, M. Brasileiras e britânicas se enfrentam pelo 1º lugar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 jul. 2012c. Caderno Londres 2012. p. D4.

FERNANDEZ, M. Seleção pega Japão, e Marta confronta sua sucessora. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2012d. Caderno Londres 2012. p. D11.

FERRETTI, M. A. C. et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 117-127, jan./mar. 2011.

FINGER, C.; OSELAME, M. Futebolização do esporte na televisão: compromisso com o jornalismo ou com os números de audiência? **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 459-471, jul./dez. 2014.

FIM da linha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 jul. 2004. Caderno Esporte. p. D2.

FINAL com o pé. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2015. Caderno Esporte. p. B8.

FRANÇA JÚNIOR, L. C. de. A fome na imprensa. Um estudo sobre os critérios de noticiabilidade no jornal **Folha de S.Paulo**. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]** Brasília: INTERCOM, 2006. p. 1-11.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREITAS JUNIOR, M. A. de. Copa do Mundo de 1950: a cultura da desculpa como justificativa de um fracasso. In: FREITAS JUNIOR, M. A. de.; CAPRARO, A. M. (orgs.). **Passe de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira**. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012. p. 118-147.

FREITAS JUNIOR, M. A. de.; GABRIEL, B. J. Quantas vezes, o que e como a seleção brasileira de futebol feminino foi noticiada? Analisando a cobertura esportiva da Folha de S.Paulo em 2015. **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-27, jan./jun. 2018.

FREITAS JUNIOR, M. A. de.; GABRIEL, B. J. Quando o herói se torna humano: a visão do caderno de esportes da Folha de S.Paulo sobre o jogador Ronaldo na Copa do Mundo de 1998. **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 6, p. 47-66, jul./dez. 2014.

FROMER, M.; REIS, N. As mulheres brilham e os homens voltam. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jan. 1995. Caderno Esporte. p. 4.

FUTEBOL feminino pega a Suécia por 1º lugar na chave. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B9.

FUTEBOL feminino vence em estréia do Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 jun. 1995. Caderno Esporte. p. 3.

FUTEBOL feminino volta aos campos para jogos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 nov. 1996. Caderno Esporte. p. 16.

GABRIEL, B. J. A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da **Folha de S.Paulo** (1991-2011). 2015, 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GABRIEL, B. J. Apontamentos sobre a aplicação da Análise de Conteúdo. In: FREITAS JUNIOR, M. A. de.; RAUSKI, E. F. (orgs.). **Possibilidades metodológicas para a abordagem do esporte nas Ciências Sociais**. Ponta Grossa: Editora Texto e Contexto, 2018. p. 215-230.

GABRIEL, B. J.; FREITAS JUNIOR, M. A. de. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “*Germany World Cup*”. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383, abr./jun. 2016.

GABRIEL, B. J. et al. Revisão crítica da literatura brasileira sobre coberturas jornalísticas esportivas do futebol feminino. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 499-512, jul./set. 2020.

GASTALDO, É. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 105-124, set. 2000.

GASTALDO, É. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. Caderno IHU Idéias, São Leopoldo, v. 1, n. 10, p. 1-28. 2003.

GASTALDO, É. Crônicas da pátria amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005.

GASTALDO, É.; LEISTNER, R. “A mais gaúcha de todas as Copas”: identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. **Interin**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2006.

GIGLIO, S. S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

GOLEIRA falha, e Brasil está fora da Copa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Caderno Esporte. p. B2.

GONÇALVES, M. A. Brasileiras cedem vitória à China e disputam o bronze. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 jul. 1996a. Caderno Atlanta-96. p. 4.

GONÇALVES, M. A. Pretinha não vê decepção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 jul. 1996b. Caderno Atlanta-96. p. 4.

HABINOSKI, G.; OLIVEIRA, E. de.; FREITAS JUNIOR, M. A. de. Análise da visibilidade da seleção brasileira masculina de futsal na Folha de S.Paulo em 2008, 2012 e 2016. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Brasil, 2020. No prelo.

HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

HELAL, R. Construindo um ídolo: narrativas sobre Neymar antes da Copa de 2014. **Lúdicamente**, Buenos Aires, v. 5, n. 9, p. 1-11, jul./dez. 2016.

HELAL, R.; COELHO, M. C. Mídia, idolatria e construção da imagem pública: um estudo de caso. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 3-4, p. 79-88, 1996.

HELAL, R.; AMARO, F. Construindo a Nação Arco Íris: esporte e identidade nacional em Invictus. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 1-16, jun. 2011.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C., BENETTI, M. (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

JANUÁRIO, S. M. B. B.; VELOSO, A. M. C.; CARDOSO, L. C. F. Mulher, mídia e esportes: a Copa do Mundo de futebol feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos, **Epetic**, São Cristovão, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan./abr. 2016.

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil, **Fulia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2017.

JAPÃO bate o Brasil no Mundial feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 jun. 1995. Caderno Esporte. p. 3.

JOGO de equipe prevalece sobre brilho individual. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Caderno Esporte. p. D2.

JUÍZA erra, e seleção feminina é eliminada do Mundial nos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 out. 2003. Caderno Esporte. p. D4.

KFOURI, J. Não era o dia de Marta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Caderno Esporte. p. D3.

KFOURI, J. Papéis invertidos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2011a. Caderno Esporte. p. D3.

KFOURI, J. Domingão de Marta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011b. Caderno Esporte. p. D3.

KFOURI, J. Mulheres de apenas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 jul. 2011c. Caderno Esporte. p. D3.

KFOURI, J. Vexame afastado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Caderno Esporte. p. B3.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. (org.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 191-212.

KNIJNIK, J. D.; SOUZA, J. S. S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Editora Aleph, 2004. p. 191-212.

KNIJNIK, J. D. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KNIJNIK, J. D.; SOUZA, J. S. S. Brazilian women in the sports press: A case study, **Journal of Human Sport and Exercise**, Alicante, v. 6, n. 1, p. 12-26, jan./mar. 2011.

LAJOLO, M. Nem título mudará a realidade, diz seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 set. 2007. Caderno Esporte. p. D1.

LAJOLO, M.; COBOS, P. Só talento põe Brasil acima de alemãs. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007a. Caderno Esporte. p. D1.

LAJOLO, M.; COBOS, P. Molecas da rua são a cara da seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007b. Caderno Esporte. p. D3.

LAJOLO, M. Onde futebol é coisa de mulher. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 abr. 2016. Caderno Esporte. p. B9.

LESÃO tira capitã brasileira do Rio-07. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2007. Caderno Esporte. p. D4.

LINHAS imaginárias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 set. 2003. Esporte. p. D2.

LÓPEZ NOGUERO, F. El análisis de contenido como método de investigación. XXI: **Revista de Educación**, Huelva, v. 4, p. 167-179, jan./dez. 2002.

LORES, R. J. Time feminino joga futuro diante de fãs. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 abr. 2008. Caderno Esporte. p. D1.

LOURENÇO, N. L. et al. As mulheres entram em campo? A cobertura do Jornal Gazeta do Povo referente às Copas do Mundo de futebol feminino dos anos de 2007 e 2015. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 27, n. 1, p. 83-94, jan./abr. 2019.

LUMPKIN, A. Female representation in feature articles published by Sports Illustrated in the 1990s. **WSPAJ**, v. 18, n. 2, p. 38-51, fall. 2009.

MAGALHÃES, M. O tedioso futebol feminino. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 ago. 2004. Esporte. p. D3.

MAGALHÃES, M. A cara do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2004. Caderno Esporte. p. D1.

‘MAGICAL Marta’ desafia a força da Noruega. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 set. 2003. Esporte. p. D1.

MANUAL da Redação: Folha de S.Paulo. São Paulo, Publifolha, 2013.

MARIANTE, J. H. Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa o bronze. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B4.

MARQUES, J. Em decisão dramática, nos pênaltis, Brasil vai à semi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B7.

MARTA chega e se diz pronta para jogar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2007. Caderno PAN Rio 2007. p. D6.

MARTA diz que rivais americanas não são temidas pela seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 jul. 2011. Caderno Esporte. p. D5.

MARTA é indicada à Bola de Ouro da Copa alemã. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 jul. 2011. Caderno Esporte. p. D9.

MARTA passa em branco pela 3ª vez em 4 finais com a camisa do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Caderno Esporte. p. D2.

MARTA pode igualar Klose na artilharia das Copas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2015. Caderno Esporte. p. B9.

MARTA se torna a maior artilheira da seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 dez. 2015. Caderno Esporte. p. B11.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 10, n. 1, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MATTOS, R. Juntinhas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Caderno Esporte. p. D2.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MERGUIZO, M. Brasil vira inspiração para seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 out. 2011a. Caderno Esporte. p. D8.

MERGUIZO, M. Brasil perde nos pênaltis ante Canadá. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 out. 2011b. Caderno Esporte. p. D8.

MELHOR. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011. Caderno Esporte. p. D12.

MEZZAROBBA, C.; PIRES, G. L. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-Americanos, **LOGOS**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 124-136, jul./dez. 2010.

MILENE fica fora da lista da seleção feminina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 abr. 2004. Caderno Esporte. p. D1.

MOÇAS do Brasil vencem no Mundial de futebol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 5.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Cien. Esporte, Campinas**, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

MOSKO, J. C. Futebol moderno e a busca pelo capital: o exemplo do Clube Atlético Paranaense. In: RIBEIRO, L. C. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007. p. 83-105.

MOTTA, L. G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 305-320.

‘NADA acontece’. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jul. 2007. Caderno Esporte. p. D5.

NA ESTRÉIA de Marta, seleção vê mais torcida e goleia Jamaica. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 jul. 2007. Caderno PAN Rio 2007. p. D6.

NA MORTE súbita, Brasil garante vaga na semifinal e em Sydney. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 jul. 1999. Esporte. p. 13.

NOGUEIRA, I. ‘O povo vai cobrar’, diz vice-campeã mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 out. 2007. Caderno Esporte. p. D3.

OHATA, E. Seleção faz 4 em algos do passado e vai à final. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2008. Caderno Pequim 2008. p. D2.

OHATA, E.; ITRI, B. Fila de espera. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2011. Caderno Esporte. p. D6.

OHATA, E.; ITRI, B. Sob nova.... **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2012a. Caderno Esporte. p. D14.

OHATA, E.; ITRI, B. ...direção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2012b. Caderno Esporte. p. D14.

OHATA, E.; ITRI, B. Encorpada. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2012c. Caderno Esporte. p. D14.

OHATA, E.; ROSEGUINI, M.; ASSUMPÇÃO, J. C. Gol de ouro cumpre última meta do COB. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2003. Esporte. p. D3.

PARDO, R.; BODIN, D. Análisis de prensa de los casos de dopaje de Marta Domínguez y Alberto Contador: ¿héroes o villanos? **Historia y Comunicación Social**, Madrid, v. 17, p. 297-316. 2012.

PEREIRA, M. C. **Às margens de uma revista esportiva: a seleção brasileira de futebol feminina nas páginas da Placar (1991-2015)**. 2018, 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PERRONE, R. Sem escala. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 abr. 2007. Caderno Esporte. p. D2.

PERRONE, R. Vão-se os anéis... **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 abr. 2008a. Caderno Esporte. p. D2.

PERRONE, R. À distância. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008b. Caderno Esporte. p. D10.

PERTO do adeus. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 set. 2003. Esporte. p. D2.

PILATTI, L. A. **Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro**. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PILATTI, L. A. Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno. **EFDeportes**, Buenos Aires, Ano. 11, n. 97, p. 1-1. 2006.

PIRIRI. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 set. 2003. Esporte. p. D2.

POLI, G.; CARMONA, L. **Almanaque do futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

PONTES, F. S.; SILVA, G. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, J. A.; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. de. (orgs.). **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012. p. 49-77.

PRETINHA pede reconhecimento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 jan. 1995. Caderno Esporte. p. 8.

QUEIROZ, J. M. de. **Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola**. 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras e Ciências de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

RANGEL, S. Milene vira 'barbie' na seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 out. 2003a. Esporte. p. D1.

RANGEL, S. 'Gostaria de ter a cintura dela', brinca jogadora. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 set. 2003b. Esporte. p. D1.

RANGEL, S. Fora de forma e dos planos, Milene está inscrita no Mundial dos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 set. 2003c. Esporte. p. D4.

RANGEL, S. Milene critica técnico e provoca rebelião. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 set. 2003d. Esporte. p. D5.

RANGEL, S. Jogadoras questionam critérios. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 set. 2003e. Esporte. p. D5.

RANGEL, S. Caos toma conta de seleção antes da Copa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 set. 2003f. Esporte. p. D4.

RANGEL, S. Seleção estréia no Mundial em busca da sobrevivência. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003g. Esporte. p. D2.

RANGEL, S. Zagueira-mãe é exemplo da luta diária das atletas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003h. Esporte. p. D2.

RANGEL, S. Equipe enfrenta crise, contusões e tempestade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003i. Esporte. p. D2.

RANGEL, S. Renê Simões aceita Milene e cargo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 mar. 2004a. Caderno Esporte. p. D4.

RANGEL, S. Milene renega na seleção a imagem de "Ronaldinha". **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2004b. Caderno Esporte. p. D2.

RANGEL, S. Seleção faz tratamento para driblar TPM. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2004c. Caderno Esporte. p. D6.

RANGEL, S. EQUIPE adota terapia e protetor. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2004d. Caderno Esporte. p. D6.

RANGEL, S. NO 3-5-2, atletas usarão Grécia como vitrine. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2004e. Caderno Esporte. p. D6.

RANGEL, S. Time feminino é esquecido no livro de 90 anos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 set. 2004f. Caderno Esporte. p. D3.

RANGEL, S. Público a favor é desafio para boleiras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2007a. Caderno PAN Rio 2007. p. D3.

RANGEL, S. Com Engenhão vazio, boleiras goleiam Uruguai. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2007b. Caderno PAN Rio 2007. p. D6.

RANGEL, S. Seleção feminina atropela o Equador. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2007c. Caderno PAN Rio 2007. p. D7.

RANGEL, S. Marta faz cinco gols e encanta o Maracanã. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 jul. 2007d. Caderno PAN Rio 2007. p. D5.

RANGEL, S. Sem futuro, boleiros encaram o México. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2007e. Caderno PAN Rio 2007. p. D6.

RANGEL, S. Seleção tira 'salto' e encara os EUA pelo bi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jul. 2007f. Caderno PAN Rio 2007. p. D5.

RANGEL, S. Brasil x EUA é ditado por contrastes culturais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jul. 2007g. Caderno PAN Rio 2007. p. D4.

RANGEL, S.; TORRES, S. Seleção e torcida dão espetáculo na conquista do bi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2007a. Caderno PAN Rio 2007. p. D2.

RANGEL, S.; TORRES, S. Invicta, goleira não acredita em melhorias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2007b. Caderno PAN Rio 2007. p. D2.

REIS, L. Tem Copa? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 mai. 2011a. Caderno Esporte. p. D8.

REIS, L. Time terá, ao todo, 44 dias de preparação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 mai. 2011b. Caderno Esporte. p. D9.

REIS, L. Por título inédito, seleção cresce e convoca mais velhas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 mai. 2011c. Caderno Esporte. p. D4.

REIS, L. Brasil busca pôr fim à síndrome de vice-campeão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2011d. Caderno Esporte. p. D9.

REIS, L. Nossa seleção não precisa provar mais nada a ninguém. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2011e. Caderno Esporte. p. D6-D7.

REIS, L. Precavido, Brasil estreia à la Scolari. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2011f. Caderno Esporte. p. D12.

REIS, L. Falta de entrosamento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 jul. 2011g. Caderno Esporte. p. D12.

REIS, L. Quase Ronaldo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 jul. 2011h. Caderno Esporte. p. D12.

REIS, L. Antes da hora. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 jul. 2011i. Caderno Esporte. p. D12.

REIS, L. Segundo tempo salva a seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 jul. 2011j. Caderno Esporte. p. D12.

REIS, L. Gerações. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jul. 2011k. Caderno Esporte. p. D10.

REIS, L. Sem título sem arte. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011l. Caderno Esporte. p. D2.

REIS, L. Pênalti faz Marta ir do céu ao inferno em questão de minutos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011m. Caderno Esporte. p. D3.

REIS, L. Após queda, falta de apoio volta à tona. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011n. Caderno Esporte. p. D4.

REIS, T. A. Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 62-72, jan./jun. 2018.

RENATA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 5.

RETORNO das brasileiras demora três dias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 nov. 1991. Caderno Esporte. p. 6.

RIZZO, M. Estrelas por um dia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016a. Caderno Rio 2016. p. B1.

RIZZO, M. Aos 38, Formiga iguala recorde de participações. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016b. Caderno Rio 2016. p. B2.

RIZZO, M. Com festa, Brasil bate a China na estreia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2016c. Caderno Rio 2016. p. B4.

RIZZO, M. Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2016d. Caderno Rio 2016. p. B9.

RODRIGUES, E.; PONTES, F. Seleção fica em 1º e pegará a Austrália nas quartas de final. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B4.

ROJAS TORRIJOS, J. L. La futbolización de la información deportiva: um estudio de casos de cuatro diarios deportivos europeos. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n. 13, p. 77-95, 2012.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas - a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56, jul./dez. 1999.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan./mar. 2013a.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. O futebol de Marta na revista Placar: recortes de uma história. **Espaço Plural**, Cascavel, v. 14, n. 29, p. 298-233, jul./dez. 2013b.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010. **Praxia, Quirinópolis**, v. 1, n. 2, p. 55-56, mai./ago. 2013c.

SANTOS et al. Mídia e jogos Paralímpicos: a cobertura da Folha de S.Paulo entre 1992 e 2016. **Rev Bras Ciênc Esporte**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 190-197, 2019.

SAPATINHO vermelho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 out. 2003. Caderno Esporte. p. D2.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEIXAS, F. Atenas fica para trás, e foco vira altura de rivais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2004a. Caderno Esporte. p. D3.

SEIXAS, F. Brasileiras começam a Olimpíada no escuro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2004b. Caderno Atenas 2004. p. 4.

SEIXAS, F. Goleadas ofuscam vitória magra do Brasil na estréia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2004c. Caderno Atenas 2004. p. 7.

SEIXAS, F. Seleção ganha de sete e pega rival de sonho nas quartas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2004d. Caderno Atenas 2004. p. 7.

SEIXAS, F. Seleção abre mata-mata entre nova semifinal ou decepção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2004e. Caderno Atenas 2004. p. 4.

SEIXAS, F. Bola dentro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2004f. Caderno Atenas 2004. p. 3.

SEIXAS, F. Goleadora, equipe já é menos vazada que os times masculinos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2004g. Caderno Atenas 2004. p. 3.

SEIXAS, F. Elas estão descontroladas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004h. Caderno Atenas 2004. p. 3.

SEIXAS, F. ‘Veteranas’ vêm final como alívio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004i. Caderno Atenas 2004. p. 3.

SEIXAS, F. Marta diz que quer a vitória nem que saia ‘morta’ de campo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2004j. Caderno Atenas 2004. p. 6.

SEIXAS, F. Alunas enfrentam mestras, trauma e desemprego na decisão pelo ouro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2004k. Caderno Atenas 2004. p. 6.

SEIXAS, F. Mulheres castigam trave, raspam no ouro e caem no final da prorrogação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2004l. Caderno Atenas 2004. p. 4.

SEIXAS, F. Nova geração ‘promete’ afirma revelação do futebol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 ago. 2004m. Caderno Atenas 2004. p. 7.

SEIXAS, F. Retranca americana bate talento brasileiro de novo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008a. Caderno Pequim 2008. p. D3.

SEIXAS, F. Sem prêmio, atletas vêm sonho longe. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008b. Caderno Pequim 2008. p. D3.

SEIXAS, F.; COBOS, P. Para vencer, Marta vira mais raçuda e tranquila. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2008a. Caderno Pequim 2008. p. D8.

SEIXAS, F.; COBOS, P. Mulheres jogam por ouro e para dar lição a homens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2008b. Caderno Pequim 2008. p. D8.

SEIXAS, F.; DIAS, R. Seleção deixará de existir no momento do desembarque. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2004. Caderno Atenas 2004. p. 4.

SELEÇÃO brasileira valoriza 1 a 0 ante Austrália na estreia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 jul. 2011. Caderno Esporte. p. D5.

SELEÇÃO chama ‘embaixadinha’ de Milene. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 ago. 2003. Esporte. p. D3.

SELEÇÃO de futebol feminino perde sua capitã. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2008. Caderno Esporte. p. D3.

SELEÇÃO feminina de futebol disputa torneio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1995. Caderno Esporte. p. 5.

SELEÇÃO feminina conhece as adversárias de Atenas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2004. Caderno Esporte. p. D1.

SELEÇÃO feminina define atletas para o Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 ago. 2003. Esporte. p. D2.

SELEÇÃO feminina é convocada no Rio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 fev. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

SELEÇÃO feminina enfrenta hoje os EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 mai. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

SELEÇÃO feminina enfrenta peregrinação após vitória. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 set. 2000. Folha Sydney 2000. p. D8.

SELEÇÃO feminina faz amistoso. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 abr. 2000. Esporte. p. 5.

SELEÇÃO feminina goleia Noruega e está perto das quartas no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 set. 2003. Esporte. p. D2.

SELEÇÃO feminina inicia hoje série de testes para os Jogos Olímpicos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jan. 1996. Caderno Esporte. p. 4.

SELEÇÃO feminina joga no Pacaembu. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 mai. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

SELEÇÃO feminina marca jogo com os EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2004. Caderno Esporte. p. D3.

SELEÇÃO feminina passa aperto, mas já sela a classificação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2012. Caderno Londres 2012. p. D6.

SELEÇÃO feminina perde para EUA por 4 a 0. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 set. 2000. Esporte. p. D6.

SELEÇÃO feminina se apresenta no Rio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2000. Esporte. p. 3.

SELEÇÃO feminina tenta vaga nos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jun. 1999. Esporte. p. 15.

SELEÇÃO feminina testa hoje gramado olímpico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 abr. 2008. Caderno Esporte. p. D7.

SELEÇÃO feminina vai às oitavas do Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2015. Caderno Esporte. p. B3.

SELEÇÃO feminina vence o México por 1 a 0 e tentará o tri. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 out. 2011. Caderno Esporte. p. D8.

SELEÇÃO feminina viaja na sexta para os EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 jun. 1996. Caderno Esporte. p. 16.

SEM CRISTIANE, Brasil enfrenta a Austrália, algoz na Copa de 2015. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B4.

SEM VESTIBULAR, time feminino vai a Atenas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2004. Caderno Esporte. p. D3.

SETO, G. Xodó da torcida, jogadoras ganham teto de R\$ 13,5 mil por mês no Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 ago. 2016a. Caderno Rio 2016. p. B9.

SETO, G. Ao fim da Rio-2016, renovar time feminino é motivo de preocupação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2016. Caderno Rio 2016. p. B6.

SETO, G. Nova geração da seleção feminina comprova que merece confiança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2016c. Caderno Rio 2016. p. D6.

SILVEIRA, R. da. Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 10, n. 1, p. 133-152, jan./jun. 2007.

SIMÕES, R. **O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

SONINHA. Ver para gostar ou não. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2004. Caderno Esporte. p. D2.

SORTEIO põe Brasil no 'grupo da morte'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 fev. 1999. Esporte. p. 8.

SOUZA, J. S. S. de.; KINIJNIK, J. D. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais[...]** Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. p. 1-10.

SOUZA, J. S. S. de.; KINIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan./mar. 2007.

SUBSTITUTAS. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2000. Esporte. p. 2.

TIETAGEM. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 jun. 2000. Esporte. p. D2.

TIME feminino atua de olho no Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 02 ago. 2003. Esporte. p. D2.

TIME feminino do Brasil perde a final da Copa Ouro para os EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2000. Esporte. p. D4.

TIME feminino do Brasil tem decisão com a China. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 jul. 2000. Esporte. p. D3.

TIME feminino faz treinamento em Canberra. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2000. Sydney 2000. p. D8.

TIME feminino já é o quarto no ranking da Fifa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 04 set. 2004. Caderno Esporte. p. D1.

TIME feminino vence Coréia e lidera Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003. Esporte. p. D3.

TIME terá estrelas em jogo decisivo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2008. Caderno Esporte. p. D1.

TÍTULO rende R\$ 1.000 a jogadoras da seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1995. Caderno Esporte. p. 6.

TORRES, S. Falta de torneios ajuda treinos da seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 nov. 1991a. Caderno Esporte. p. 8.

TORRES, S. Fifa acelera “invasão” da Ásia com o 1º Mundial Feminino na China. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 nov. 1991b. Caderno Esporte. p. 8.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUGGLE, Charlie A.; HUFFMAN, Suzanne.; ROSENGARD, Dana. A descriptive analysis of NBC's coverage of the 2004 Summer Olympics. **Journal of Sports Media**, v. 2, n. 1, p. 53-75, spring. 2007.

TUFÃO atinge a China e adia jogo do Brasil para amanhã. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 set. 2007. Caderno Esporte. p. D4.

UVAS verdes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 mar. 2004. Caderno Esporte. p. D2.

VICTOR, F. Brasileiras esquecem adversidades para abrir corrida pelo inédito ouro olímpico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000a. Folha Sydney 2000. p. D3.

VICTOR, F. Jogadoras estranham comida e ficam só no pão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000b. Folha Sydney 2000. p. D3.

VICTOR, F. Reserva, Roseli reclama e causa primeira crise. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 set. 2000c. Sydney 2000. p. D8.

VICTOR, F. Brasileiras tentam subverter a lógica e eliminar EUA dos Jogos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 set. 2000d. Sydney 2000. p. D4.

VICTOR, F. Pioneiras da seleção têm última chance de subir ao pódio olímpico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2000e. Folha Sydney 2000. p. D5.

VICTOR, F. Treino do Brasil traz música e dança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2000f. Folha Sydney 2000. p. D5.

VICTOR, F. Brasil perde jogo, bronze e receio de abafar a crise. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 set. 2000g. Folha Sydney 2000. p. D4.

VICTOR, F. Para atletas, derrota pode frustrar ida aos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 set. 2000h. Folha Sydney 2000. p. D4.

VICTOR, F.; BERTOLOTTO, R. Mulheres jogam pela reputação da modalidade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2000. Folha Sydney 2000. p. D5.

WESTIN, R. Sem ter rivais, atletas treinam contra homens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2003. Esporte. p. D4.

ZAGUEIRA da seleção sofre fratura. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 abr. 1995. Caderno Esporte. p. 1.

ZAREMBA, C. M.; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. de.; SARTORI, B. G. Políticas Públicas para o esporte no Estado do Paraná: um modelo de análise conceitual sob a luz da “teoria dos campos” de Pierre Bourdieu. *In*: ANTUNES, A. C.; LEVANDOSKI, G.; FREITAS JUNIOR, M. A. de. (orgs.). **Educação Física, esporte e qualidade de vida**. Curitiba: CRV, 2013. p. 45-56.